



Gabriel Martins da Silva

Um crítico na província ultramarina: Silviano Santiago

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras/Literatura, Cultura e Contemporaneidade

Orientador: Prof. Júlio Cesar Valladão Diniz

Rio de Janeiro

Abril de 2023



GABRIEL MARTINS DA SILVA

**UM CRÍTICO NA PROVÍNCIA ULTRAMARINA:
Silviano Santiago**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

Prof. Júlio Cesar Valladão Diniz

Presidente

Departamento de Letras – PUC-Rio

Prof. Frederico Oliveira Coelho

PUC-Rio

Prof. André Pereira Botelho

UFRJ

Rio de Janeiro, 28 de abril de 2023.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e do orientador.

Gabriel Martins da Silva

Graduou-se em Ciências Sociais (Licenciatura e Bacharelado) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, onde desenvolveu Pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq) sob orientação da Profa. Déborah Danowski e monografia sob orientação do Prof. Felipe Süssekind. Foi assistente de curadoria da mostra de cinema “Ecos de 1922: Modernismo no Cinema Brasileiro” realizada no primeiro semestre de 2022 pelo Centro Cultural Banco do Brasil do Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília. Atualmente é professor de sociologia do ensino básico e doutorando em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pelo Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Ficha Catalográfica

Silva, Gabriel Martins da

Um crítico na província ultramarina : Silvano Santiago / Gabriel Martins da Silva ; orientador: Júlio Cesar Valladão Diniz. – 2023.
204 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2023.
Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Silvano Santiago. 3. Crítica Biográfica. 4. Cosmopolitismo. 5. Crítica Cultural. 6. Pensamento Social Brasileiro. 7. Ensaio. I. Diniz, Júlio Cesar Valladão. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD: 800

Às minhas irmãs, Manuela e Olívia, por darem sentido
a tudo o que faço.

Agradecimentos

Em primeiro lugar gostaria de agradecer xs trabalhadorxs da PUC-Rio, aquelxs que de fato ocupam a universidade. Xs ascensoristxs, xs professorxs, xs secretárixs, xs funcionárixs da limpeza, o alunato das pós-graduações, xs bibliotecárixs e todxs xs que garantem o funcionamento pleno do ensino superior. A elxs o meu mais sincero agradecimento.

Ao meu orientador, Júlio Diniz, pela amizade e parceria, por me encorajar e garantir com que eu finalizasse essa caminhada com segurança. Por receber sempre meus pedidos de socorro com calma e paciência, transformando minhas inseguranças em potência. Também pelos inúmeros encontros, pelos conselhos para a vida e por me ajudar a tomar as decisões mais difíceis. Antes de um orientador — com honras ao título —, um amigo de coração e para a vida. Devo a ele toda a habilidade de lidar com as adversidades que surgem na dura trajetória acadêmica e existencial.

A Marília Rothier Cardoso, pela atenção, pela disponibilidade, pelo carinho, por me ajudar a encontrar meu estilo de escrita e por me ensinar tanto sobre a arte da docência e das incursões em arquivos literários. Obrigado também pelas horas de conversa em torno dos mais diversos temas, sobretudo sobre minhas aflições de pesquisa, pela contribuição incomensurável ao meu processo de formação intelectual. Devo a ela todos os meus acertos como pesquisador.

Ao Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade, ao Departamento de Letras e aos professores que participaram ativamente da minha formação: Ana Kiffer, Rosana Kohl Bines, Helena Martins, Aline Leal, Alexandre Montauray e Luiz Camillo Osorio. À minha turma de mestrado, pela companhia e pelo fortalecimento em grupo.

Aos membros da banca, agradeço o aceite em participar da arguição da dissertação. Ao Fred Coelho, por me contemplar nas suas questões de pensamento e pelas conversas sobre Silvano Santiago. Aos recentes colegas da sociologia, André Botelho e Maurício Hoelz, que dividem parte das minhas inquietações como pesquisador e pela atenção que tiveram aos meus pedidos. E ao professor João Camillo Penna, por participar da qualificação de mestrado e pelos comentários preciosos.

A Silvano Santiago, pelo carinho com que me recebeu, por acolher minhas dúvidas e questões sobre a sua obra e por possibilitar toda a pesquisa em seu arquivo.

Aos meus pais e família, por garantirem as condições afetivas e materiais para a minha construção enquanto pessoa. Às minhas irmãs, Manuela e Olívia, a quem dedico este trabalho. E aos meus avós e avôs, por serem o meu passado e o meu futuro.

Aos meus amigos e amigas, músicos, cineastas, escritores, tatuadores, professores e pesquisadores, meus irmãos e irmãs de vida, obrigado por me fazerem seguir em frente. Um agradecimento especial ao Teto Tattoo, onde escrevi parte grande deste trabalho em meio a conversas descontraídas, que garantiram leveza na escrita e na revisão final.

À minha companheira, Gabriela Gargaglione, pelo afeto e por saber exatamente o que fazer sempre da maneira mais inteligente e carinhosa possível.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001

Resumo

Silva, Gabriel Martins da; Diniz, Júlio Cesar Valladão. **Um crítico na província ultramarina: Silviano Santiago**. Rio de Janeiro, 2023, 204p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta dissertação investiga o pensamento de Silviano Santiago a partir da relação entre sua vida e obra, levando em conta a repetição de certos temas com suas respectivas formas escriturais. Nosso percurso inicia-se pela infância de Silviano no interior de Minas Gerais, com destaque para suas leituras, em especial a poesia de Carlos Drummond de Andrade. Em seguida, o foco passa à maturidade do crítico, quando volta ao Brasil para ensinar na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro na década de 1970. Nessa época, Silviano investe na construção ficcional e teórico-crítica enquanto incorpora em sua escrita o resultado da leitura de pensadores como Jacques Derrida e Claude Lévi-Strauss, interessado em destacar e discutir as tensões entre estruturalismo e pós-estruturalismo, tema que penetra seu repertório desde sua temporada de pesquisa e ensino em instituições francesas e norte-americanas. Incorporando a grafia-de-vida de Silviano à investigação de sua obra teórica e ficcional, delineada em sua formação cosmopolita, esta pesquisa deseja oferecer uma outra inteligibilidade ao universo crítico do autor.

Palavras-chave:

Silviano Santiago; crítica biográfica; cosmopolitismo; crítica cultural; pensamento social brasileiro; ensaio

Abstract

Silva, Gabriel Martins da; Diniz, Júlio Cesar Valladão. **A critic in the overseas province: Silviano Santiago**. Rio de Janeiro, 2023, 204p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This dissertation investigates Silviano Santiago's thought from the relationship between his life and work, taking into account the repetition of certain themes and their respective writing forms. Our work begins with Silviano's childhood in the countryside of Minas Gerais, highlighting his readings, especially the poetry of Carlos Drummond de Andrade. Then, the focus moves to the critic's maturity, when he returns to Brazil to teach at the Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro in the 1970s. At that time, Silviano invests in fiction and theoretical-critical writing while incorporating the results of reading thinkers such as Jacques Derrida and Claude Lévi-Strauss into his work. He is interested in highlighting and discussing the tensions between structuralism and post-structuralism, a theme that permeates his repertoire since his research and teaching stints in French and North American institutions. Incorporating Silviano's life-writing into the investigation of his theoretical and fictional work, outlined in his cosmopolitan formation, this research aims to offer another understanding to the author's critical universe.

Key words:

Silviano Santiago; biographical critique; cosmopolitanism; cultural criticism; brazilian social thought; essay

Sumário

Cosmopolitismo do sofista	12
Os capítulos.....	32
1. Os enxertos de Silviano Santiago: Nas tábuas da lei mineira de família	36
1.1 O pai e o jardim.....	38
1.2 O enxerto e o bisturi.....	40
1.3 Genealogia desarvorada	46
1.4 Infâncias de mineiros	52
1.5 Memórias do pequeno Proust no interior de Minas Gerais.....	54
2. Por que e para que viaja o latino-americano?: Entre gibis e salas de cinema	62
2.1 Viagens do cosmopolita rico.....	62
2.2 As voltas ao Brasil	64
2.3 Kant itabirano.....	72
2.4 Cine Glória, Ponto Chic e o primo Donald	80
2.5 Poeta provinciano.....	86
2.6 Os argonautas do Novo Mundo	93
3. Silviano <i>avec</i> Eneida: O professor e a aluna	96
3.1 PUC-Rio, epicentro do estruturalismo	97
3.2 O amigo e o inimigo Lévi-Strauss	102
3.3 O partido do estruturalismo	108
3.4 Ética da convivência	113
4. A intrusão dos franceses: A boca da história morde a cauda do mito.....	121
4.1 Encontro com Derrida.....	122
4.2 Encontro com Lévi-Strauss.....	127

4.3 Estrutura e desconstrução	134
4.4 Entre-lugar, etnocentrismo e pós-estruturalismo	140
4.5 Ouroboros	144
5. A composição de Em liberdade: Encontro em mise-en-abyme	147
5.1 O sonho e a prisão.....	147
5.2 A descoberta do árcade	152
5.3 Literatura engajada.....	154
5.4 O preso político dos anos 1930.....	158
5.5 A rasura cortante da cena escritural	165
5.6 Arquivo de André Gide, diário de Graciliano Ramos.....	170
5.7 A sociedade secreta dos biógrafos	173
Reabertura do Museu da Ideologia Francesa.....	176
Questões para o futuro	181
Referências bibliográficas	190

De que viveriam os livros, que seriam eles se não estivessem sozinhos, tão sozinhos, mundos infinitos e separados?

— Jacques Derrida, *L'écriture et la différence* (1967)

Não podendo ser profissional numa sociedade em que a sua mercadoria não circula e não é rentável, [...] o escritor acaba sendo aquele que dispõe do lazer que a sua classe lhe possibilita, que as suas atividades profissionais (paralelas e rendosas) lhe proporcionam. Autor do romance que o tempo e o leitor lhe permitem. Escravo deles em suma.

— Silviano Santiago, *Vale quanto pesa* (1982)

Silviano Santiago é especialista em literatura francesa, [...] é natural, por consequência, que todos os seus pontos de referência críticos sejam tomados à doutrina parisiense e conformados a sua imagem e semelhança. Ele tem das nossas letras a mesma visão exótica que a torna interessante, enquanto curiosa anomalia, aos olhos dos brilhantes teóricos gauleses; tudo o que nelas possa relacioná-las [...] com o europeu [...] deve ser rejeitado, não apenas como erro, mas também como heresia, e não como fato histórico, [...] mas como prova de baixa moral

— Wilson Martins, *Como diz Derrida...* (1979)

O professor de literatura, se também criador de arte, retira da atividade docente razão de ser e energia para a solidão e o ócio artístico

— Silviano Santiago, *Meditação sobre o ofício de criar* (2008)

Cosmopolitismo do sofista

*Seria talvez bom mandá-lo ao
estudo... porém para que diabo serve
o estudo?*¹

— Manuel Antônio de Almeida,
Memórias de um sargento de milícias
(1853)

*A imaginação foi a companheira de
toda a minha existência, viva, rápida,
inquieta, alguma vez tímida e amiga
de empacar [...]*²

— Machado de Assis, *Dom Casmurro*
(1899)

No presente trabalho, dediquei-me a investigar as noções de *autobiografia* — ou *grafia-de-vida* — e *cosmopolitismo* em Silviano Santiago, enfocando e articulando cenas espaçadas cronologicamente — a infância nos anos 1940 e o período de chegada no Rio de Janeiro na década de 1970 —, tentando aglutinar e dar unidade aos capítulos a partir do método utilizado para as leituras. Por tratar-se de uma pesquisa fundamentalmente inscrita no campo da crítica biográfica, não pude me deter somente nos escritos do autor, mas estive também engajado no exame de sua trajetória existencial, para focar o contexto em que seus textos foram produzidos e a maneira pela qual diversas ideias foram importadas nos anos 1970 da Europa num confronto com os hábitos intelectuais do Brasil de modo a operar transformações atualizadoras nas bases de nosso pensamento. Em outras palavras,

¹ ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013, p. 45.

² ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2016, p. 172.

o escrutínio crítico dos textos, lidos lado a lado com os acontecimentos decisivos da vida do jovem pesquisador, foi o que deu contorno à dissertação. Atentei-me à relação de Silviano com outros escritores e com a tradição memorialista mineira, dando destaque para a poesia de Carlos Drummond de Andrade. Em paralelo, rastreei o encontro desse intelectual com obras de Claude Lévi-Strauss e Jacques Derrida. Não apenas isso, mas também observei a maneira como Silviano se inscreveu no ambiente profissional e acadêmico do Rio de Janeiro, no então recente Mestrado em Literatura Brasileira na PUC-Rio. Escolhi desenvolver esta etapa investigativa observando as reverberações da atividade docente e ensaística de Silviano na construção da dissertação de Eneida Maria de Souza, defendida em 1975. Este foi o ponto de partida para considerar a inserção de Silviano no recém-formado quadro docente do Departamento de Letras da PUC-Rio, com suas inovações teóricas e metodológicas. Em se tratando de um trabalho localizado no limite entre os estudos literários e a sociologia (intelectual e das ideias), precisei me debruçar sobre o arquivo de Silviano. Digo arquivo num sentido amplo, já que os papéis, documentos e livros pessoais do escritor não estão ainda disponíveis³. Portanto, precisei me bastar com aquilo que estava disponível para análise, me contentando, na ausência de um exame aproximado dos materiais privados de Silviano, com a leitura de itens fundamentais em sua bibliografia e investigação sobre teóricos invocados em sua obra. Assim, a gama heterogênea — e um tanto heterodoxa — do arquivo perscrutado permitiu, na medida do possível, desencavar as referências, por vezes escondidas, e, assim, garantir o mínimo de consistência e originalidade ao presente trabalho. Numa busca dos cantos mais obscuros deixados pelo fortuna crítica de Silviano — como, por exemplo, no exame detalhado da biografia junto às fontes de circulação pública mas restritas, como entrevistas em pequenos *blogs*, jornais dos anos 1960, depoimentos e falas em vídeos na internet —, esta dissertação procura amarrar os diversos rastros inscritos nos textos teóricos e ficcionais aliando seu escrutínio a uma leitura de elementos extraliterários, como

³ No que pese a generosidade e a gentileza de Silviano em me conceder, na reta final da redação deste trabalho, uma tarde de investigação em seu escritório onde guarda parte de seus documentos, ainda sem tratamento e catalogação. A incursão no seu arquivo, apesar de breve e um tanto quanto atabalhoada, me serviu enormemente para a confirmação de certas intuições de pesquisa e para um contorno mais bem definido de momentos importantes de sua carreira, além de conseguir ajustar algumas minúcias que dizem respeito a períodos menos trabalhados na fortuna crítica de Silviano — como, por exemplo, o período em Paris e nos Estados Unidos.

a biografia do autor e o contexto crítico e cultural brasileiro, como já foi mencionado.

Grande parte do trabalho foi redigido durante a pandemia, como aconteceu com muitos outros pesquisadores e pesquisadoras que viveram as agruras da escrita num período de confinamento quando a doença e a morte espreitavam. E, para piorar, minha frequência aos cursos de mestrado ocorreu num momento sombrio da história do Brasil, sob a batuta de Bolsonaro e seus avatares. Hoje, durante a finalização da dissertação, quando escrevo esta introdução, vivemos um período um pouco mais esperançoso — apesar de compreender que o desejo autoritário atravessa ainda parte dos brasileiros. Escrevo durante o desenrolar das invasões aos prédios dos Três Poderes em Brasília, onde diversas obras de artes e objetos históricos foram destruídos por manifestantes de extrema-direita, num ataque frontal às políticas de memória e arquivamento da história nacional. Como escrever sobre um autor que se importou tanto com a história do Brasil — certamente não a *oficial*, mas a que estivesse interessada nos imbróglis coloniais e nas relações assimétricas entre nações e culturas —, que pensou de maneira exaustiva a nossa condição de “atraso”⁴, dando a ver a barbárie que nos diz respeito? Porém e apesar de tudo, no horizonte político, a ciência e a produção acadêmica podem respirar, ter uma sobrevida num país que historicamente flerta com a lógica de adesão ao caos.

Se o percurso do mestrado foi perpassado pelo caos político, num nível um pouco mais pessoal isso não foi diferente. Até pelo menos agosto de 2022, eu tinha um outro projeto em mente, centrado nos contos de Franz Kafka narrados, em primeira pessoa, por animais. Esse foi o trabalho com que qualifiquei, como manda o rito, tendo recebido comentários valiosos do professor João Camillo Penna. Porém, a escrita dos capítulos andava a passos de tartaruga, com uma dificuldade imensa em passar as ideias para o papel. Em paralelo, havia sido apresentado à obra teórica de Silviano Santiago — os livros de ficção eu conhecia desde pelo menos a

⁴ A noção de “atraso”, no que se refere às sociedades do “terceiro mundo” — como eram chamadas —, foi utilizada pelas discussões de dependência cultural e nos primeiros debates sobre o sistema-mundo, porém, aqui, este problema ganha outras conotações, que garantem um certo avanço nos debates ditos pós-coloniais, em especial no terreno da crítica literária e cultural, como fez Silviano em muitos de seus escritos dos anos 1960-1970. Se por um lado a situação colonial impede o avanço da produção socioeconômica e cultural de um território, por outro, tem-se de levar em conta o teor avançado das contribuições de povos mantidos em subalternidade — no caso brasileiro, latino-americano, indígena e africano —, que são desconsideradas e desqualificadas.

graduação em Ciências Sociais. Portanto, estava às voltas com tais textos e escrevendo, aqui e ali, pequenos ensaios, fruto de *insights* que tive durante as aulas, vindos de conversas francas com colegas e professores. Após qualificar meu projeto sobre Kafka, durante as férias acadêmicas de meio de ano, resolvi mudar de tema e ir diretamente à obra de Silviano — que, à época, figurava apenas como uma possibilidade de pré-projeto de doutorado. Diferentemente da escrita sobre Kafka, os textos sobre Silviano corriam a todo vapor, escritos com uma facilidade tremenda. Antes do começo do segundo semestre universitário, escrevi mais algumas páginas, juntei aos tímidos ensaios que já tinha escrito e propus ao meu orientador — que, naquela altura, retornava de Praga, berço de Kafka — a mudança drástica, que foi acolhida com generosidade, acalmando-me e colocando-me de volta nos trilhos, como é do seu feitio.

O primeiro encontro mais produtivo com a obra de Silviano deu-se quando da leitura de um dos últimos livros publicados até o momento: *Fisiologia da composição* (2020). Ao lê-lo, senti sua atualidade do ponto de vista da forma, já que o livro foi pensado, escrito e publicado durante a pandemia. A oportunidade bateu à porta: a revista *Alter*, ligada ao corpo discente do Departamento de Filosofia da PUC-Rio, abriu uma chamada para um dossiê intitulado “Brasil, brasil”. Escrevi um pequeno ensaio e reuni duas fotos que encontrei no arquivo digital do Núcleo de Memória da PUC e, logo, o texto foi aprovado e publicado⁵. Tratava-se de um debate, a partir do livro, sobre a presença do corpo de Silviano, enquanto intelectual, que revelava os efeitos corrosivos da pandemia. Assim, não só do ponto de vista da matéria literária — o livro versa sobre o corpo em Machado de Assis e Graciliano Ramos —, mas também sob o ângulo da forma, percebi que o texto se aprisionou na grafia-de-vida dos autores analisados, para falar, ao fim e ao cabo, da própria produção ficcional de Silviano. Logo depois, através de uma sugestão da professora Marília Rothier, submeti um trabalho à ABRALIC, num simpósio que homenageou a pesquisadora Eneida Maria de Souza, que havia sido aluna de Silviano no começo da década de 1970. Foi durante a pesquisa para a escrita desse trabalho, ainda no primeiro semestre de 2022, que tomei gosto pelo tom da investigação, quer dizer, pelo trabalho de análise que relaciona as obras a seus autores, com o foco no

⁵ Ver SILVA, Gabriel Martins da. “Silviano Santiago confinado”. *Alter | Revista de filosofia e cultura da PUC-Rio*, v. 16, n. 1, p. 140-144, 2022.

contexto em que aquelas foram escritas, levando em conta os textos lidos pelos mesmos, suas filiações institucionais e, assim, verificando de que maneira as ideias estrangeiras — a saber, no caso de Silviano, o estruturalismo e o pós-estruturalismo — foram importadas para o Departamento de Letras da PUC. Não poderia deixar de mencionar a importância de algumas disciplinas: o professor Júlio Diniz, meu orientador, num curso marcante para minha formação, sobre Machado de Assis, Clarice Lispector e Silviano Santiago; em segundo lugar, Marília Rothier e Aline Leal que, com uma capacidade incrível de articulação de diversos temas, trouxeram alguns textos capitais de Silviano para discutir diferentes temas — sempre alinhados com o presente do mundo, numa atualidade assustadora, para dizer o mínimo —, inclusive seu livro autobiográfico, *Menino sem passado* (2021), essencial para a presente dissertação. Além deles, já na reta final, mas não menos importante, o professor Fred Coelho, dando continuidade a um curso anterior, propôs ler o Brasil como ficção a partir de diversos textos de Silviano, curso que deu a enquadramento de alguns momentos decisivos deste trabalho.

O que tentei fazer, ao longo da compilação de ensaios que compõe este trabalho, ou desta reunião de ensaios em forma de dissertação, foi utilizar os textos de Silviano Santiago, sejam eles teóricos ou ficcionais, como registros autobiográficos e dos expedientes de construção da forma escritural artístico-crítica. Isso porque, localizando-se entre os estudos literários e a sociologia, esta dissertação buscou, a partir dos índices contidos nos textos, apresentar, sob a forma de seu escrutínio crítico, os diversos percursos intelectuais cifrados ou não nas entrelinhas da escritura. Em se tratando de alguém como Silviano, a um só tempo, teórico e ficcionista, não pude separar de maneira tão categórica o *teor de verdade* dos diferentes textos, postura metodológica exigida pelo próprio “objeto” da dissertação. Por mais que alguns deles, como é o caso, por exemplo, de *Menino sem passado* (2021), livro que assume de maneira mais explícita a dívida com o memorialismo mineiro e uma filiação ao gênero autobiográfico, exigisse o enfoque das fricções entre arte e vida, outros textos também precisaram ser lidos sob a mesma batuta. Ao fazer uso dos diversos registros, heterogêneos em si, no limite, precisei me haver com a problematização, quase secular, do estatuto da escrita autobiográfica e com a maneira pela qual esse gênero é acotovelado na obra de Silviano Santiago.

Diante da dificuldade de se definir o que é autobiografia e de localizar sua origem, o movimento mais interessante do ponto de vista crítico é a afirmação positiva da sua impossibilidade enquanto gênero literário ou procedimento poético — sobretudo se por autobiografia entende-se: apresentar narrativamente a verdade de uma vida. Em outras palavras, a *autós-bios-graphhein* — a escrita da vida do eu —, por mais que intuitivamente se apresente como o gênero literário que narra a “verdade da vida de um sujeito por ele mesmo”, encontra obstáculos no campo da teoria e na própria produção literária. É deste axioma que pretendo partir para tecer algumas notas sobre esse complicado gênero literário.

Em ensaio sobre a relação entre o gênero literário autobiográfico e a filosofia, Katia Muricy parte da constatação básica que *a priori* parece nortear esse gênero: “Um eu consciente de sua unicidade parece ser a exigência lógica da autobiografia”⁶. Apesar de uma constatação simples, o problema do *eu consciente* ou, simplesmente, do *sujeito* se configura como um *tópos* complexo na história da filosofia. As diversas tentativas de definição da autobiografia assim como os desdobramentos a partir dos debates sobre autoria, estatuto do sujeito, testemunho e identidade são certamente infundáveis⁷. De Descartes aos chamados pós-estruturalistas, as discussões sobre aquele que fala e a vida narrada daquele que fala — ou simplesmente os (des)encontros entre vida e escrita — encontram na autobiografia uma série de aspectos polêmicos de solução ainda em aberto.

Se o sujeito consciente é condição *sine qua non* para a escrita autobiográfica, logo a anterioridade do sujeito à própria linguagem está contida nesta fórmula. Se a escrita e a vida são dimensões apartadas, a escrita configura-se

⁶ MURICY, Katia. “Ecce homo: a autobiografia como gênero filosófico” In: *Figuras da verdade: Nietzsche, Benjamin e Foucault*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Belo Horizonte: Relicário, 2020, p. 16

⁷ A saber, alguns dos pressupostos abalados pela crítica contemporânea que certamente serviram de sustentáculo para uma certa definição genérica e secular da autobiografia pôde ser brevemente resumida e exemplificada por Elizabeth Duque-Estrada: “[...] a suposição de que cada indivíduo é um *eu* único e autoidêntico; a crença numa ‘humanidade’ que ao mesmo tempo reúne e diferencia os indivíduos, e na qual cada *eu* mostra-se suficientemente estranho para mostrar-se como um outro, mas também suficientemente familiar para que a sua mensagem chegue aos outros *eus*; a presunção de uma exterioridade entre o *eu* e a linguagem, que serviria apenas como meio de expressão e a transmissão de sentido das experiências vividas anteriormente à sua representação linguística; e, finalmente, o caráter de exemplaridade das experiências transmitidas, que pretendem ter validade universal” (DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU/Editora PUC-Rio, 2009, p. 21-22. Grifos da autora).

como um meio pelo qual se registra os testemunhos de experiências singulares, deslizando de maneira “natural” e relativamente incólume do real para a escrita. Essa definição — certamente exagerada para fins retóricos — encontra seu programa na célebre fórmula do “pacto autobiográfico” de Philippe Lejeune. O tema da autobiografia está presente desde os primeiros escritos de Lejeune, mesmo que só venha ganhar densidade conceitual em *Le pacte autobiographique* (1975), o primeiro dos três textos que carregam a expressão “pacto autobiográfico” nos títulos, publicados respectivamente em 1975, 1986 e 2001. É no primeiro livro que a ideia de “pacto” aparece melhor delineada em termos teóricos: “[...] o que define a autobiografia, para quem a lê, é antes de tudo um contrato de identidade selado pelo nome próprio”⁸. Isto é, a condição para a escrita/leitura autobiográfica é a identidade nominal entre narrador, autor e personagem, além da exigência de “contar a verdade” — seja ela pessoal ou histórica —, firmada mediante um “pacto” com o leitor. Acerca dessa definição, escreve Duque-Estrada em seu livro sobre o tema: “Trata-se, pode-se inferir, de uma visão legislativa da autobiografia, postulada a partir de um ponto de vista empírico-imediato, e que assume as noções de ‘pessoa real’, ‘vida individual’ e ‘história da personalidade’ como categorias autoevidentes e universais”⁹. É justamente nesse ponto que a autobiografia colide com a problematização de seus próprios termos. Uma definição como a de Lejeune produz uma separação demasiadamente bem definida entre *eu*, *vida* e *escrita* — *autós-bios-graphein*, segundo os termos que compõem a noção de autobiografia —, uma vez que o pacto autobiográfico exige a identificação entre quem escreve, quem narra e quem vive na escrita os eventos singulares narrados, tudo isso comprometido com a “verdade” de um sujeito; como se a experiência singular vivida ou testemunhada por um sujeito fundador de sentido pudesse ser transportada de maneira integral para o texto, sem ruídos, contaminações, alterações ou apagamentos.

Se partimos da noção de “pacto autobiográfico” de Lejeune como fundamento ontológico do gênero autobiográfico, os textos ficcionais de Silviano

⁸ “[...] ce qui définit l’autobiographie pour celui qui la lit, c’est avant tout un contrat d’identité qui est scellé par le nom propre” (LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1975, p. 33).

⁹ DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU/Editora PUC-Rio, 2009, p. 50.

Santiago deliberadamente transgridem os seus preceitos, isso porque, a maneira como sua ficção se articula com a realidade vivida, a grafia-de-vida do autor, é da ordem da imaginação, menos apegada ao estatuto do documento. Numa fala sobre sua própria produção ficcional, Silviano discute um pouco como chegou na noção de “autoficção”, usada como antídoto à autobiografia tal qual apresentada por Lejeune, sublinhando a amplitude do gênero e os consequentes jogos possíveis na desestabilização de seus pressupostos:

No meu caso, cheguei à autoficção através de um longo processo de diferenciação, preferência e contaminação. [...] Parti da distinção entre discurso autobiográfico e discurso confessional. Os dados autobiográficos percorrem todos meus escritos e, sem dúvida, alavanca-os, deitando por terra a expressão meramente confessional. Os dados autobiográficos servem de alicerce na hora de idealizar e compor meus escritos e, eventualmente, podem servir ao leitor para explicá-los. Traduz o contato reflexivo da subjetividade criadora com os fatos da realidade que me condicionam e os da existência que me conformam. Do ponto de vista da forma e do conteúdo, o discurso autobiográfico *per se* – na sua pureza – é tão proteiforme quanto camaleão e tão escorregadio quanto mercúrio, embora carregue um tremendo legado na literatura brasileira e na ocidental.¹⁰

Tributário da tradição das biografias bastardas, do falseamento do real e da transgressão às características que garantem uma sustentação relativa da noção de autobiografia, Silviano, em sua literatura, propôs, na esteira de seu mestre André Gide, uma maneira de produzir ficção que estivesse num só tempo interessada no mundo e na própria mecânica do texto. Atento às formas e às diversas torções possíveis, lançou-se em empreitadas que aparentemente documentaram sua vida enquanto intelectual e escritor, retornando às histórias familiares e dando densidade aos encontros.

No ano do centenário de Jean-Paul Sartre, Eneida Maria de Souza escreve um pequeno artigo sobre os mecanismos utilizados por Sartre na escrita do seu texto autobiográfico mais importante, *Les mots* (1964). O livro se passa na infância do

¹⁰ SANTIAGO, Silviano. “Meditação sobre o ofício de criar”. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, [S.l.], v. 18, dez. 2008, p. 173-174.

autor, até seus 12 anos, momento no qual a obsessão pela literatura — “Comecei a minha vida como, sem dúvida, irei terminá-la: no meio dos livros”¹¹; “Foi nos livros que encontrei o universo [...] e confundi a desordem de minhas experiências livrescas com o curso aleatório de eventos reais”¹²—, a paixão pelas palavras e o tema familiar ficam evidentes — este último resvalando na posição madura do filósofo em relação ao concerto familiar burguês próprio da sociedade francesa de seu tempo, em especial ligado à literatura do século XIX, chegando ao ápice na sua trilogia sobre Gustave Flaubert, *L'Idiot de la famille* (1971-1972). Nesse sentido, a reinvenção literária da infância do autor — uma retrospectiva a partir da memória e um acerto de contas com o passado (atualizado em presente na materialidade do texto) — marca a escrita como projeto existencial. “A escrita literária, nas mãos de Sartre, tem a liberdade de engendrar autobiografias falsas, instaurar genealogias bastardas e permitir o livre trânsito entre presente, passado e futuro”¹³, escreve Eneida Maria de Souza sobre o texto autobiográfico de Sartre, juízo facilmente generalizável de maneira mais ou menos programática para o estatuto da escrita em diversos (con)textos contemporâneos atravessados pela dimensão autobiográfica, como, por exemplo, os livros de Silviano Santiago. Assim como Sartre, Silviano tem a leitura como ferramenta primordial da escrita, utilizando os livros que interpenetram nas experiências de vida formando um solo comum, hospedando-se na grafia-de-vida alheia, confundindo a própria vida com as histórias que leu.

O pacto autobiográfico de Lejeune se defronta com a característica primordial da escrita literária no século XX: descolar-se da verdade, (re)inventando histórias e cruzando acontecimentos. Diante da proliferação destas produções literárias orientadas por um impulso de estetização da memória e de desestabilização dos referenciais como acontece em grande parte da escrita de Silviano Santiago, ou seja, de uma ficção não mais subordinada à prova de veracidade, a definição de autobiografia começa a ruir já que “nenhum dos termos

¹¹ “J'ai commencé ma vie comme je la finirai sans doute: au milieu des livres” (SARTRE, Jean-Paul. *Les mots*. Paris: Gallimard, 1995, p. 33).

¹² “C'est dans les livres que j'ai rencontré l'univers [...] et j'ai confondu le désordre de mes expériences livresques avec le cours hasardeux des événements réels” (SARTRE, Jean-Paul. *Les mots*. Paris: Gallimard, 1995, p. 43).

¹³ SOUZA, Eneida Maria de. “A traição autobiográfica”. *Margens / Márgenes: Revista de Cultura* (2002-2007), [S.l.], n. 06/07, 2005, p. 28.

a ela associados — história, pessoa, vida, escrita, ‘eu’ — pode ser atualmente tomada em sua autoevidência”¹⁴. Nesse sentido, o papel da teoria volta-se para respostas pontuais que, por sua vez, não conseguem englobar a totalidade da produção autobiográfica, sem dar conta da multiplicidade que ganha corpo cada vez mais em decorrência de um estilçamento do *autós* que compunha a autobiografia enquanto gênero literário. Tendo em vista essa série de paradoxos e problemas que surgem no horizonte da autobiografia, Silviano se filia à noção de “autoficção, [...] a forma pós-moderna da autobiografia”¹⁵, elaborado primeiro por Serge Doubrovsky no final dos anos 1970. Localizada entre o testemunho e a ficção, ela tem como objetivo atualizar a gramática analítica da teoria literária para lidar com as demandas contemporâneas da produção escrita e do sujeito enquanto categoria filosófica, como sublinha Doubrovsky:

É por isso que a palavra “autoficção” me pareceu interessante: ela permite distinguir a sensibilidade moderna da sensibilidade clássica. Isso não é de forma alguma uma rejeição da sensibilidade clássica: simplesmente sentimos o sujeito contemporâneo de maneira diferente. Você tem que encontrar uma escrita que corresponda a essa nova percepção de si mesmo¹⁶

Já que todo testemunho contém suas lacunas, a escrita autoficcional reinventa o vivido. Por mais ancorada que esteja aos detalhes da vida, a ficcionalização configura-se simultaneamente como consequência e condição do literário: “a autoficção é a forma de tentar recuperar, de recriar, de reformular num texto, numa escrita, as experiências vividas da própria vida, que não são de forma alguma uma

¹⁴ DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU/Editora PUC-Rio, 2009, p. 53.

¹⁵ “l’autofiction, [...] la forme postmoderne de l’autobiographie” (DOUBROVSKY, Serge. « Les points sur les ‘i’ » In *Genèse et autofiction*, Jean-Louis Jeannelle et Catherine Viollet (dir.), Louvain-la-Neuve, Academia-Bruylant, coll. « Au coeur des textes », n°6, 2007).

¹⁶ “Voilà la raison pour laquelle le mot d’« autofiction » m’a semblé intéressant : il permet de distinguer la sensibilité moderne de la sensibilité classique. Ce n’est nullement un rejet de la sensibilité classique : nous sentons simplement le sujet contemporain autrement. Il faut bien trouver une écriture qui corresponde à cette nouvelle perception de soi-même” (DOUBROVSKY, Serge. « Les points sur les ‘i’ » In *Genèse et autofiction*, Jean-Louis Jeannelle et Catherine Viollet (dir.), Louvain-la-Neuve, Academia-Bruylant, coll. « Au coeur des textes », n°6, 2007).

reprodução [...] É literal e literariamente uma reinvenção”¹⁷. Assim, tanto o literário entra em jogo quanto a própria realidade, numa tensão entre essas dimensões que aparentemente estariam apartadas, como aponta Silviano: “Inserir alguma coisa (o discurso autobiográfico) noutra diferente (o discurso ficcional) significa relativizar o poder e os limites de ambas, e significa também admitir outras perspectivas de trabalho para o escritor e oferecer-lhe outras facetas de percepção do objeto literário, que se tornou diferenciado e híbrido”¹⁸. Apesar de elaborado em outra ordem, com outros princípios e objetivos em comparação com o pensamento de Silviano, Antonio Candido, na esteira da reflexão de Auerbach, vai sublinhar a complexa associação entre trabalho artístico e realidade, aglutinada na noção de *mimese*, vai insistir na necessidade do crítico “[...] ter consciência da relação arbitrária e deformante que o trabalho artístico estabelece com a realidade, mesmo quando pretende observá-la e transpô-la rigorosamente, pois a *mimese* é sempre uma forma de *poiese*”¹⁹. Interado no debate e atento às tensões, Silviano vai dizer que “não contam mais as respectivas purezas centralizadoras da autobiografia e da ficção; são os processos de hibridização do autobiográfico pelo ficcional, e vice-versa, que contam”²⁰, inscrevendo num só tempo a produção contemporânea e a sua própria obra, altamente interessada no estilhaçamento dos gêneros literários e nas inovações da escrita.

Seguindo a linhagem de Lejeune e as implicações de sua definição do autobiográfico, o texto que se deseja inscrito nesse gênero literário só poderia ser algo da ordem de uma narrativa de si mesmo, da revelação de uma interioridade, de manifestação da subjetividade ou de testemunho no literário. A partir dessa

¹⁷ “l’autofiction, c’est le moyen d’essayer de rattraper, de recréer, de refaçonner dans un texte, dans une écriture, des expériences vécues, de sa propre vie qui ne sont en aucune manière une reproduction [...] C’est littéralement et littérairement une réinvention” (DOUBROVSKY, Serge. « Les points sur les ‘i’ » In *Genèse et autofiction*, Jean-Louis Jeannelle et Catherine Viollet (dir.), Louvain-la-Neuve, Academia-Bruylant, coll. « Au coeur des textes », n°6, 2007).

¹⁸ SANTIAGO, Silviano. “Meditação sobre o ofício de criar”. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, [S.l.], v. 18, dez. 2008, p. 174.

¹⁹ CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006, p. 22.

²⁰ SANTIAGO, Silviano. “Meditação sobre o ofício de criar”. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, [S.l.], v. 18, dez. 2008, p. 174.

introspecção quase cristã²¹, dos movimentos da alma e dos sentimentos, o texto autobiográfico se reduziria a uma revelação do *eu*, sintetizado na máxima: *a obra imita a vida*. Eneida Maria de Souza em “A crítica biográfica” alerta sobre essa correspondência exageradamente imediata entre escrita e vida: “Ainda que determinada cena recriada na ficção remeta a um fato vivenciado pelo autor, deve-se distinguir entre a busca de provas e a confirmação de verdades atribuídas ao acontecimento, do modo como a situação foi metaforizada e deslocada pela ficção”²², e a autora continua o texto tocando especialmente no problema da identidade nominal entre autor, narrador e personagem de que falava Lejeune: “O nome próprio de uma personagem, mesmo que faça referência a pessoas conhecidas do escritor, não impede que sua encenação embaralhe os dados e coloque a verdade biográfica em suspenso”²³. Nesse caso, as “coincidências” entre ficção e vida são mais fruto do impulso da criação literária munida de material biográfico do que uma simples documentação histórica, testemunhal ou introspectiva. A comparação entre vida e obra, unidas por um fio temático comum, seria antes tributária da liberdade criativa do autor diante dos objetos, histórias, conversas, leituras alheias, do que da simples escrita confessional. Certamente os textos de Silviano não se enquadram nem na proposta clássica de autobiografia nem na pretensão dos escritos de confissão, como o próprio autor afirma:

[...] o discurso propriamente confessional está ausente de meus escritos. Nestes não está em jogo a expressão despidorada e profunda de sentimentos e emoções secretos, pessoais e íntimos, julgados como os únicos verdadeiros por tantos escritores de índole romântica ou neo-romântica. Não nos iludamos, a distinção entre os dois discursos tem, portanto, o efeito de marcar minha familiaridade criativa com o autobiográfico e o consequente rebaixamento do confessional ao grau zero da escrita. Em que pese seu legado insuspeito para as culturas nacionais, o discurso autobiográfico jamais transpareceu *per se* em meus escritos, ou seja, não me

²¹ MURICY, Katia. “Ecce homo: a autobiografia como gênero filosófico” In: *Figuras da verdade: Nietzsche, Benjamin e Foucault*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Belo Horizonte: Relicário, 2020, p. 19-20.

²² SOUZA, Eneida Maria de. “A crítica biográfica” In: *Janelas indiscretas: ensaios de crítica biográfica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 19.

²³ SOUZA, Eneida Maria de. “A crítica biográfica” In: *Janelas indiscretas: ensaios de crítica biográfica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 19-20.

apropriiei dele em sua pureza subjetiva e intolerância sentimental. Não escrevi *minha* autobiografia.²⁴

A discussão torna-se mais interessante na medida em que se percebe que o texto, escrito há mais de uma década, antecede a publicação de *Menino sem passado*, livro explicitamente autobiográfico, que se inscreve sob essa rubrica, como deixou claro o autor em entrevista feita em 2020, antes do lançamento do livro: “Recentemente comecei a escrever minhas memórias. Pretendo escrever os volumes que puder e já tenho o rascunho do primeiro, que deverá se chamar *Menino sem passado*”²⁵. Se *O falso mentiroso* (2004) e *Histórias mal contadas* (2005) foram livros que não se proponham a serem autobiografias, apesar de lidos pela crítica sob essa ótica e sugeridos na sua própria composição, *Menino sem passado* se joga nessa empreitada, realizando o programa de Lejeune, quer dizer, coincidindo a assinatura do livro, o personagem principal e a voz que narra. Porém, tal filiação precisa ser lida na minúcia, já que, apesar da aparente proximidade da escrita com o padrão autobiográfico, os fatos narrados não se prestam a uma simples documentação da história pessoal como ela de fato aconteceu, mas a um esforço doído de rememoração lacunar aliado à invenção ficcional. Assim, Silviano preenche as falhas da memória com boa dose de imaginação literária, enxertando a falta com aquilo que a positiva, adensando as lembranças e garantindo sua sobrevivência.

O abandono da forma meramente confessional tem sua origem na infância de Silviano, como ele mesmo afirma. Após a morte prematura da mãe — tema incontornável no livro autobiográfico de 2021 —, o menino formiguense acaba por ter dificuldades de articular ao outro a subjetividade plena. Portanto, ainda na infância, a necessidade de se autobiografar se uniu à dificuldade de expressão e revelação do *eu*:

Acreditei ter de esconder dos ouvidos alheios a personalidade de menino-suicida e menino-predador, escondê-la debaixo de discursos inventados (ficcionais, se me permitem), onde eram

²⁴ SANTIAGO, Silviano. “Meditação sobre o ofício de criar”. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, [S.l.], v. 18, dez. 2008, p. 174.

²⁵ QUEIROZ, Christina. Silviano Santiago: o literato cosmopolita. *Revista FAPESP*, São Paulo, 2020.

criadas subjetividades similares à minha, passíveis de serem jogadas com certa inocência e, principalmente, sem culpa no comércio dos homens. Criava falas autobiográficas que não eram confessionais, embora partissem do *crystal* multifacetado que é o trágico acidente da perda materna. Já eram falas ficcionais e, como tal, co-existiam aos montões. Nenhuma das falas era plena e sinceramente confessional, embora retirassem o poder de fabulação da autobiografia. O dado confessional que poderia chegar à condição plena ficava encoberto [...]. Não tinha interesse em escarafunchá-lo. Os *fatos* autobiográficos fabulam, embora nunca queiram aceitar a cobertura da fala confessional, visto que se deixavam apropriar pelo discurso que vim a conhecer no futuro como ficcional.²⁶

Num certo sentido, as questões levantadas pela discussão teórica sobre a autobiografia dizem respeito tanto à produção ficcional de Silviano quanto ao meu trabalho enquanto pesquisador, que precisou se debruçar sobre esse material. Tentei, na medida em que pude, não separar os materiais de criação literária e os de crítica *stricto sensu*, garantindo-lhes força de expressão na mesma medida. O próprio autor alerta que sua obra é constituída por uma inseparabilidade entre ficção e teoria, na medida em que uma dimensão ilumina a outra e vice-versa, como fica claro nota à segunda edição de *Nas malhas da letra*, no qual adverte o autor que seus quatro livros de ensaios anteriores servem de comentário à sua produção ficcional (prosa e poesia):

Criação e crítica se lançam na minha obra com o mesmo ímpeto e coragem. Criação e crítica são intercambiáveis. A leitura do outro, como está claro nos romances *Em liberdade* e *Viagem ao México*, além de ser uma forma de enclausuramento do escritor na tradição literária nacional e cosmopolita de que extrai sentido, é também o modo mais vivaz que encontra para escapar das armadilhas do sujeito singular e imperioso, mera panqueca pós-moderna, que tem servido de engodo a paladares aflitivos e irresponsáveis.²⁷

²⁶ SANTIAGO, Silviano. “Meditação sobre o ofício de criar”. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, [S.l.], v. 18, dez. 2008, p. 176.

²⁷ SANTIAGO, Silviano. “Nota à segunda edição” In: *Nas malhas da letra: ensaios*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002, p. 10.

Como também vai dizer Silviano, numa ficcionalização de biografia alheia: “A escrita biográfica não comporta balbucio nem titubeio. Seu exercício flui naturalmente do próprio sangue de quem escreve. Inunda o coração, deságua na mente e, ao bater à porta das teclas do computador, já delegou às mãos o direito ao julgamento peremptório”²⁸. Assim, ao pesquisar a biografia de um autor, precisei, aos poucos, contaminar-me daquilo que lia, hospedando-me tanto nos textos quanto no método de Silviano. Tentei, como aparecerá, usar a metodologia de que Silviano se vale para ler textos de modo a tentar garantir uma outra inteligibilidade à sua própria obra.

Faço aqui um breve parêntese em termos metodológicos. Em 2020, ainda em meio a uma rígida quarentena durante a pandemia de COVID-19, Silviano Santiago escreve e publica *Fisiologia da composição* (2020), livro sobre a criação literária em Graciliano Ramos e Machado de Assis. Seu intuito é “expor a relação homológica que se deixa surpreender [...] na análise contrastiva”²⁹ entre a composição artística e a grafia-de-vida desses dois autores. Para evitar a acusação de biografismo (a obra como mero reflexo da vida) ou a ilusão biográfica³⁰, Silviano substitui biografia, termo “semanticamente carregado”³¹, por grafia-de-vida, “de valor neutro”, considerando a vida já sob o signo da escrita, da *bíos* ao *gráphein*. O método utilizado no livro, anunciado na sua introdução, aparece marcado pelos termos do título: *composição* e *fisiologia*. O primeiro, tomado do livro *The philosophy of composition* (1846), de Edgar Allan Poe, refere-se aos procedimentos de criação poética, em outras palavras, a forma e a montagem do texto literário e sua preparação — resumido no que poderíamos chamar de *parte escritural*. Já o segundo termo, “relativo às funções orgânicas”³², nasce de um vocabulário próprio às ciências biológicas, burilado pela presença do corpo (biofisiológico) na literatura — não como representação, mas como metáfora, algo que é coextensivo à escritura.

²⁸ SANTIAGO, Silviano. *Mil rosas roubadas*: romance. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 67.

²⁹ SANTIAGO, Silviano. *Fisiologia da composição*. Recife: Cepe, 2020, p. 14.

³⁰ KOFMAN, Sarah. *L'enfance de l'art: Une interprétation de l'esthétique freudienne*. Paris: Éditions Galilée, 1985, p. 36-39.

³¹ SANTIAGO, Silviano. *Fisiologia da composição*. Recife: Cepe, 2020, p. 14.

³² SANTIAGO, Silviano. *Fisiologia da composição*. Recife: Cepe, 2020, p. 12.

O pulo do gato é que o segundo (a dimensão fisiológica do corpo no texto) parece *suplementar* o primeiro (a composição artística), catapultando Silviano de volta ao centro de uma das grandes querelas dos estudos de literatura, isto é, como lembra Michel Foucault, “uma espécie de costura enigmática entre obra e autor”³³, os limites da contaminação do texto pela vida. Essa “costura enigmática” será tensionada na “relação homológica”³⁴ — expressão cuja origem também advém das ciências biológicas — entre composição literária e grafia-de-vida, ou seja, a lógica da relação entre estas dimensões semelhantes em suas estruturas e origens. Em resumo, o trabalho de Silviano consiste no cuidadoso exame das inscrições fisiológicas dos autores na composição artística de suas obras e como essa condição reverbera no nível da textualidade. Assim, parto desse mesmo método para tentar garantir algum rendimento na leitura da própria vida/obra de Silviano. Quer dizer, se ao invés de optar por uma biografia convencional, que tentaria contar as fases da vida de maneira cronológica e apoiada em documentos que atestariam a veracidade dos fatos, apoio-me em textos fragmentados e declaradamente ficcionais para alcançar algo da matéria biográfica, conjugando-a aos aportes extraliterários, num exame de contexto e dos expedientes de leitura do próprio autor. Dessa forma, faço uso da noção de grafia-de-vida ao longo da dissertação, termo do próprio Silviano, para me valer tanto do léxico do meu “objeto” como para fugir da pretensão inscrita e subentendida no gênero canônico da biografia. Além disso, a noção de grafia-de-vida parece pressupor um olhar atento ao corpo, medindo no miúdo do texto as intermitências do indivíduo contemporâneo, fragmentado em sua condição errante, condenado para o bem e para o mal num entre-lugar e na dissolução das identidades. Em outros termos, Italo Moriconi, em texto que pretende fazer um balanço da discussão biográfica contemporânea no campo da literatura, vai dizer que “A noção de ‘grafia de vida’ projeta o dado sociológico-comunicacional sobre a problemática da *letra*”³⁵, bem ao gosto do presente trabalho.

Silviano irá defender que a boa literatura é sempre fruto de uma história mal contada, advogando dessa maneira em favor dos malabarismos narrativos que

³³ “[...] une sorte de couture énigmatique de l'oeuvre et de l'auteur”. FOUCAULT, Michel. « Qu'est-ce qu'un auteur ? », *Dits et écrits*, vol. I, 1954-1975. Paris: Gallimard, 2001, p. 837.

³⁴ SANTIAGO, Silviano. *Fisiologia da composição*. Recife: Cepe, 2020, p. 14.

³⁵ MORICONI, Italo. O século biográfico. *REVISTA Z CULTURAL* (UFRJ), Ano XVI, v. 2, 2021.

abrem o flanco literário e jogam o leitor para o meio da dinâmica ficcional, sendo agora ele mesmo, e não mais o autor, o mestre da prosa. O exemplo maior é *Dom Casmurro* (1899) de Machado de Assis, livro narrado desde o ponto de vista de Bentinho, que acusa a esposa Capitu de traição. Escreve Silviano: “*Dom Casmurro* é uma história mal contada pelo narrador Bentinho sobre o adultério de sua esposa, Capitu, com Ezequiel, o melhor amigo do casal. Caso narrada da perspectiva do leitor, a estória em primeira pessoa sobre o adultério de Capitu se transforma numa bem contada história sobre o ciúme doentio do personagem Bentinho”³⁶. Dessa maneira, tanto a questão do conteúdo, a história em si, quanto da forma, a maneira pela qual o livro é narrado, são dimensões importantes que garantem densidade da experiência literária. O deslocamento do ponto de vista, que garantiria, por sua vez, uma outra leitura do romance, nesse caso fazendo deslizar o problema de Capitu (e sua suposta traição) para Bentinho (e seu ciúme)³⁷, já havia sido feita por Silviano em “Retórica da verossimilhança”, publicado em 1978 na coletânea *Uma literatura nos trópicos*. O ponto fulcral do argumento de Silviano é que Bentinho, formado no berço da arte oratória, seminarista e bacharel em Direito, é um personagem talhado na retórica. Dessa forma, Bentinho, ao longo do livro, tenta, de qualquer maneira, imputar a Capitu o crime moral da traição, usando dos mais diversos artifícios de persuasão, sem com isso garantir a veracidade das acusações. As linhas de argumentação estão mais ligadas ao estatuto da verossimilhança — daí o título do ensaio, “Retórica da verossimilhança” —, quer dizer, aquilo que, segundo Sócrates, seria a prática sofista por excelência, interessada no convencimento a partir do probabilístico e que deve, inicialmente, *parecer* com a verdade. A retórica sofista foi combatida por Sócrates e a tradição grega a partir do método dialético, em que a busca pela verdade é o objetivo de toda argumentação, como descreve Silviano ao comentar a leitura que Derrida faz do *Fedro* de Platão: “O conflito entre o filósofo e o sofista é proposto por Sócrates em termos de verdade e

³⁶ SANTIAGO, Silviano. “Meditação sobre o ofício de criar”. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, [S.l.], v. 18, dez. 2008, p. 177.

³⁷ O primeiro momento da crítica literária a propor tal gesto interpretativo, a saber, de substituição do epicentro crítico do romance para Bentinho, foi a estrangeira Helen Caldwell. C.f CALDWELL, Helen. *The Brazilian Othello of Machado de Assis*. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 1960.

verossimilhança; dialética e retórica; auto-conhecimento e convencimento”³⁸. Dessa maneira, amparado pelo ponto de vista narrativo do livro, pela voz de Bentinho em primeira pessoa, o narrador acaba por ser parte interessada no convencimento de que Capitu é culpada, como se o réu e o advogado de defesa fossem a mesma pessoa ao mesmo tempo, deixando o juiz (leitor) chegar às conclusões a partir de informações parciais. Silviano, ao colocar em xeque a confiabilidade do narrador, duvidando de suas intenções, esforça-se em pensar, sob a batuta dos estudos de forma, as implicações de tal narração em primeira pessoa. Portanto, se antes a grande discussão girava em torno do problema moral da traição ou não de Capitu — como foi, por exemplo, o modelo do romance em Flaubert, *Madame Bovary*, e seu correspondente lusitano, *O primo Basílio* de Eça de Queirós — agora a questão se volta para o ciúme de Bentinho e a conseqüente tentativa de persuasão do leitor, como vai escrever Silviano: “Ele [narrador-advogado] sabe de antemão o que quer provar e sua peça oratória nada mais é do que o desenvolvimento verossímil de certo raciocínio que nos conduzirá implacavelmente à conclusão por ele ambicionada”³⁹.

Perseguindo um pouco a noção de verossimilhança, ela pode facilmente ser aplicada à própria obra de Silviano, na medida em que nos deparamos com o problema de sua escrita escorregadia, que titubeia diante do real e dos fatos, que prefere ficcionalizar e transgredir as normas ao invés de segui-las. Como vimos, se sua prosa se distancia do pacto autobiográfico, a pergunta central é: numa pesquisa sobre sua vida e obra, de que maneira poder-se-ia usar seus textos autobiográficos como indícios de verdade sem se render rápido demais ao uso documental desses arquivos? Nessa linha de pensamento, a noção de verossimilhança — ou de retórica da verossimilhança — aparece para nos socorrer, ganhando certo rendimento. Silviano é uma figura que, apesar de usar dados biográficos, está constantemente interessado em complexificá-los pela ficção, conjurando o real a partir do falso.

³⁸ SANTIAGO, Silviano. “Desconstrução e descentramento”. In: PORTELLA, Eduardo. *A linguística hoje*. Tempo Brasileiro, (32). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973, p. 92.

³⁹ SANTIAGO, Silviano. “Retórica da verossimilhança”. In: *Uma literatura nos trópicos*. Recife: Cepe, 2019, p. 36.

Bento Prado Jr., em “O relativismo como contraponto”⁴⁰, vai opor Platão, Sócrates e Protágoras, colocando-os em confronto na discussão sobre o relativismo enquanto categoria filosófica. Protágoras, representante dos sofistas, eleito aqui como tipo ideal, vai defender um policentrismo em detrimento de um poliscentrismo, como queriam Platão e Sócrates, este último defensor da dialética e inimigo declarado do sofismo. De modo um tanto quanto contraintuitivo, os filósofos do conhecimento universal e da verdade são alocados na linha de pensamento da polis, enquanto Protágoras, pensador da verossimilhança, portanto o grande pai dos falsos mentirosos, é jogado num “cosmopolitismo do sofista”⁴¹, que, por sua vez, coloca-o em contato com o universal⁴². Silviano, de certa maneira, comunica-se com o universal da instituição literária na medida em que reivindica para si uma espécie de cosmopolitismo do sofista. Como sofista que é, na esteira de Nietzsche, Derrida, Gide e Machado de Assis, Silviano opta por uma relação transversal entre verdade e ficção, que o tire do localismo em que o filósofo universalista obcecado pela verdade se encontra e o lance para a cultura do mundo.

Nesse sentido, como tentei demonstrar, Silviano é partidário da mentira enquanto forma de vida, enquanto meio de ficcionalizar o real e de estetizar a memória, levando às últimas consequências também o papel do leitor diante da história “mal contada”, que, por ser assim, concede lugar privilegiado ao procedimento de leitura: “A boa literatura é uma verdade bem contada... pelo leitor... que delega a si — pelo ato de leitura — a incumbência de decifrar uma história mal contada pelo narrador”⁴³. Nesse fraseado obscuro, que embaralha as posições de autor e leitor e garante ao segundo um papel quase tão importante — para não dizer “mais” — que o primeiro, é que nosso autor vai revelando os

⁴⁰ PRADO JR., Bento. “O relativismo como contraponto”. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 26/06/1994.

⁴¹ A expressão é de J.-P. Caron em CARON, Jean-Pierre. “Vertigens da referência sobre *Formação e desconstrução* de Paulo Arantes”. *Revista Estilhaço*, Janeiro de 2023.

⁴² O termo “universal” usado aqui em oposição ao “local” — i.e. limitado a valores da camada dominante da sociedade —, não deve ser tomado como correspondente ao seu sentido iluminista e moderno, sentido identificado com o pensamento defendido pela cultura ocidental, em garantia de seu projeto imperialista. Assim, o “universal”, no sentido que lhe atribui Silviano, estaria mais próximo de garantir a abrangência das produções do “terceiro mundo”, invertendo a lógica usual da literatura comparada, ligada à noção de influência e de fonte.

⁴³ SANTIAGO, Silviano. “Meditação sobre o ofício de criar”. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, [S.l.], v. 18, dez. 2008, p. 177.

segredos de sua prosa, que dispõe de profundidade interpretativa e engenhosidade de composição. O papel de primeira ordem do leitor vai aparecer, por exemplo, em dado momento de *Mil rosas roubadas*, quando o narrador diz, num gesto de quase autocomplacência: “Como pretendo manter a baliza da infidelidade do narrador no lugar a que ela tem direito, compete ao leitor introduzir a fala surrupiada no lugar que lhe é determinado pela cronologia. Preencha o vazio, por favor”⁴⁴.

No epílogo de *O cosmopolitismo do pobre* (2004), Silviano aciona Clarice Lispector para arrematar seu argumento em torno da função da mentira em sua escrita, citando o texto “Sem aviso”:

Comecei a mentir por precaução, e ninguém me avisou do perigo de ser precavida, e depois nunca mais a mentira descolou de mim. E tanto menti que comecei a mentir até a minha própria mentira. E isso – já atordoada eu sentia – era dizer a verdade. Até que decaí tanto que a mentira eu a dizia crua, simples, curta: eu dizia a verdade bruta⁴⁵

Chamando à luz uma terceira pessoa para elaborar sua primeira pessoa, Silviano diz que, na infância, “[...] começou a mentir por prudência e cautela e, como os mestres me incitavam a ser prudente e cauteloso, continuei a mentir descaradamente”⁴⁶. Nesse caso, a mentira se generaliza primeiro como modo de se inscrever no sistema de confissão religioso — ao padre-alemão na igreja que sua família frequentava — e sociabilidade provinciana para então se desdobrar em princípio e arremata, parafraseando Clarice: “E tanto menti, que já mentia sobre as mentiras que tinha inventado”⁴⁷, e continua num outro texto em que usa a mesma citação de Clarice: “[...] a mentira se torna o meu modo mais radical de ser escritor, de dizer a verdade

⁴⁴ SANTIAGO, Silviano. *Mil rosas roubadas*: romance. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 71.

⁴⁵ LISPECTOR, Clarice. “Sem aviso” *apud* SANTIAGO, Silviano. *O cosmopolitismo do pobre*: Crítica literária e crítica cultural. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004, p. 251.

⁴⁶ SANTIAGO, Silviano. *O cosmopolitismo do pobre*: Crítica literária e crítica cultural. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004, p. 251.

⁴⁷ SANTIAGO, Silviano. *O cosmopolitismo do pobre*: Crítica literária e crítica cultural. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004, p. 251.

que lhe é própria, de dizer a verdade poética”⁴⁸. O escritor se realiza na contação de mentira, que, no limite, torna-se verdade, ao mentir a própria mentira, numa situação paradoxal que lembra o título de um dos seus livros, *O falso mentiroso*, quer dizer, se o mentiroso é aquele que não fala a verdade, um mentiroso falso, portanto, só poderia ser aquele que diz a verdade.

Os capítulos

Como ficou registrado, os capítulos desta dissertação percorrem recortes cronológicos diferentes e distantes uns dos outros, isto se deve, em grande medida, à postura assumida por mim de prepará-los como independentes: (1) durante a escrita, os assuntos e temas começaram a vir à tona, contingência que não consegui organizar de maneira mais cartesiana; (2) assim como pode ser percebido na obra de Silviano, as temporalidades aparecem atravessadas, com justaposições de períodos da vida do escritor que competem nas narrativas e que se suplementam; (3) gostaria de elaborar uma dissertação-desmontável, como fez, de uma forma diferente, Graciliano Ramos ao escrever *Vidas secas* (1938), garantindo que os capítulos tivessem uma unidade comum apesar de pensados e escritos separadamente como contos; (4) que a gama de temporalidades pudesse dar uma visão global da obra do autor, sobrevoando uma série de textos e momentos decisivos da história brasileira pelas lentes da crítica literária.

Assim, segue uma descrição breve de cada etapa da dissertação.

O primeiro capítulo discute a noção de enxerto, que perpassa, de diferentes formas, a obra crítica e ficcional de Silviano Santiago, seguindo o rastro deixado por este conceito, a partir de *Menino sem passado* (2021), no qual o enxerto é tomado como um operador para se entender a composição familiar dos Santiago e também aparece e, assim, se mostra como uma metáfora operatória, pois a prática da enxertia, correspondente à técnica de jardinagem do pai, passa a servir à caracterização das alianças que se insinuam na formação da tradicional família

⁴⁸ SANTIAGO, Silviano. “Meditação sobre o ofício de criar”. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, [S.l.], v. 18, dez. 2008, p. 179.

mineira. Nos anos 1970, com a publicação do *Glossário de Derrida* (1976) e do livro sobre Carlos Drummond de Andrade (1976), o enxerto está presente como tradução da *greffe* de Jacques Derrida — autor que Silviano conheceu ainda no período em que lecionava nos Estados Unidos e sobre o qual se debruçou. Ao fim, o ensaio estabelece uma análise cruzada das produções memorialistas de Drummond e Silviano, mediadas pelo gesto da enxertia, pela apropriação de fragmentos de outros textos e da escrita como consequência da leitura.

O segundo capítulo se demora no tema do deslocamento geográfico, tematizado desde muito cedo na obra de Silviano e que retorna fortemente no primeiro volume de sua autobiografia, *Menino sem passado* (2021), que parece, em alguma medida, reencenar o livro de poemas *Crescendo durante a guerra numa província ultramarina* (1978), pensado e iniciado fora do Brasil. A articulação desses dois livros-irmãos, separados pela distância no tempo e no estilo, revela uma unidade — nem sempre harmoniosa — no tratamento da infância e na insistência do deslocamento da província, à época Formiga, cidade do interior de Minas Gerais, berço do autor.

O terceiro capítulo, a partir de uma “reconstrução” do primeiro contato entre Eneida Maria de Souza e Silviano Santiago em 1972, busca pensar a origem dos diversos encontros potentes que, localizados nos pontos de cruzamento das trajetórias intelectuais desses dois autores, produziram um *corpus* crítico de importância ímpar para a consolidação da literatura comparada e dos estudos culturais no Brasil. Isto é, diante de uma argumentação interessada na articulação de dados biográficos com tópicos da produção teórica desses pesquisadores, procura-se reconstituir as filiações e alianças estabelecidas pelos dois intelectuais na primeira metade da década de 1970. O fio condutor para esta investigação é a recepção no campo das Letras da obra do antropólogo Claude Lévi-Strauss. Com a alta do estruturalismo e com a recente chegada à universidade brasileira do chamado pós-estruturalismo, pretende-se discutir de que maneira Silviano Santiago e Eneida Maria de Souza se relacionaram com a obra de Lévi-Strauss, respectivamente, em *Uma literatura nos trópicos* (1978) e em *A barca dos homens: a viagem e o rito* (1975).

O quarto capítulo discute a maneira como as obras de Jacques Derrida e Claude Lévi-Strauss foram lidas por Silviano Santiago nos anos 1970. Levando em

conta tanto os textos do crítico como o contexto em que tais ideias foram apresentadas, o esforço deste trabalho é compreender as particularidades da recepção dessas obras e os expedientes de leitura levados a cabo por um crítico em franca formação no estrangeiro, momento em que irá “importar” essa série de novas abordagens para inseri-las no horizonte da literatura comparada.

O quinto capítulo apresenta e analisa as circunstâncias da escrita e da elaboração do romance *Em liberdade* de 1981 do escritor Silviano Santiago. Partindo do ano de 1975, onde parece estar a gênese da ideia, discuti as formas de composição e o contexto em que o livro foi escrito. Em meio a uma ditadura militar, já como professor no Brasil após seu retorno da América do Norte, Silviano escreve sobre o regime à sua maneira, contrapondo-se, mesmo que obliquamente, ao chamado romance engajado da época. Retornando também ao período do doutorado em Paris, quando estudou a obra de André Gide, gostaria de salientar as linhas de força de *Em liberdade* e de que maneira Silviano conjugou uma série de interesses e objetivos para a composição do romance. Através da leitura de Graciliano Ramos, autor incontornável da história recente da literatura brasileira, e da apropriação adaptada de noções cunhadas por Jacques Derrida, Silviano resolve escrever um diário apócrifo de um escritor brasileiro cujo mote fosse o corpo encarcerado. Superpondo acontecimentos de períodos históricos diferentes — a morte do poeta árcade Cláudio Manoel da Costa, a do jornalista Vladimir Herzog durante a ditadura e a prisão de Graciliano nos anos 1930 —, Silviano aproxima e evidencia as afinidades entre as grafias-de-vida desses autores de modo a criar um romance experimental e inovador.

Como pode ser visto, esta dissertação busca realizar, inicialmente, um trabalho de memória, com objetivo de juntar os cacos dispersos das *histórias* da história da crítica literária, recompondo, aos poucos, as diversas relações que garantiram a complexa tessitura dos textos e das filiações intelectuais. Assim, num país com um certo *déficit* de memória — vejamos a reincidente violência política que nos assola, com os acenos mais assustadores ao passado autoritário, para não lembrar a nossa dívida com os povos originários e outras tantas minorias —, este trabalho faz coro às diversas tentativas de preencher a lacuna, nesse quadro geral, das ideias no campo das letras, permitindo rascunhar, ainda que de maneira

incipiente, os expedientes de leitura, as filiações institucionais e a maneira pela qual Silvano Santiago se inscreveu na crítica literária brasileira.

1. Os enxertos de Silviano Santiago: Nas tábuas da lei mineira de família

*A heterogeneidade das escrituras é a
própria escritura, o enxerto*⁴⁹

— Jacques Derrida, *La dissémination*
(1969)

*Sou mera cópia da cópia avoenga.
Não sou uma mentira. Digo a
verdade cabeluda, que fere os olhos
do tabu, e esguicha sangue e dor — e
tristeza e alegria*

— Silviano Santiago, *Menino sem
passado* (2021)

A infância aparece como um momento peculiar na escrita ficcional de Silviano Santiago. Isso porque, é nela que, em diferentes textos, o crítico vai apontar para a aparição de certas preocupações teóricas e literárias, como é o caso da recusa da forma confessional e a adesão à prática autoficcional, aclarando os movimentos cifrados de sua prosa. Em diversos escritos, sobretudo em *Menino sem passado* (2021) e em *Crescendo durante a guerra numa província ultramarina* (1978), o período da infância é acionado para esclarecer algumas preferências estilísticas que resvalam na ficcionalização e na estetização da memória, sempre informadas por outros textos, lidos na infância ou posteriormente. Tomo como exemplo, rapidamente, uma cena, que parece se configurar como um dos primeiros gestos de Silviano como ficcionista, momento em que descobre sua afinidade com o *métier* de escritor e como contador nato de mentiras — que, logo mais, será revertida para

⁴⁹ “L’hétérogénéité des écritures, c’est l’écriture elle-même, la greffe” (DERRIDA, Jacques. *La dissémination*. Paris: Seuil, 1972, p. 387).

o lado da contação de verdades sobre si. Em texto sobre a sua própria produção ficcional, como não poderia ser diferente, Silviano retorna à infância num gesto autobiográfico para assentar a distinção que faz entre autoficção e confissão. Assim, relembra que seu pai — a figura quase mítica do patriarca mineiro —, apesar de não praticante do catolicismo, obriga os filhos a irem à igreja e se confessarem. Aos sábados, Silviano, enfronhado no anonimato da confissão, precisava prestar um autoexame diante do padre alemão, daí seu expediente de trazer seus supostos pecados anotados em folha de papel, já inscritos sob o signo da escrita:

[...] não proferia no confessionário uma fala sincera, confessional. Mentia. Ficcionalizava o sujeito — a mim mesmo — ao narrar os pecados constantes da lista. Inventava para mim e para o padre-confessor outra(s) infância(s) menos pecaminosa(s) e mais ajuizada(s), ou pelo menos onde as atitudes e intenções reprováveis permaneciam camufladas pela fala.⁵⁰

No poema “Religião” do livro de 1978, *Crescendo durante a guerra numa província ultramarina*, a figura do padre também aparece, a partir do cumprimento das penitências exigidas por ele de modo a livrar o menino formiguense dos pecados confessados: “Dez Ave-Marias / e três Padre-Nossos / — de joelhos os disse na igreja / obedecendo ao padre-confessor”⁵¹. A partir desse momento, a mentira e a ficcionalização ganham um estatuto crítico, de modo tanto a apresentar o menino camuflando a força avassaladora da confissão do pecado e da onisciência divina como afugentando-se no perdão do padre diante da santidade cristã. Assim, a origem da negação da confissão por Silviano, quando precisava ir à igreja aos sábados obrigado pelo pai e contar seus pecados ao padre, aparece como o momento em que inicia sua longa carreira de ficcionista, como escreve:

Essas mentiras, ou invenções autobiográficas, ou autoficções, tinham estatuto de vivido, tinham consistência de

⁵⁰ SANTIAGO, Silviano. “Meditação sobre o ofício de criar”. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, [S.l.], v. 18, dez. 2008, p. 177.

⁵¹ SANTIAGO, Silviano. *Crescendo durante a guerra numa província ultramarina*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978, p. 88.

experiência, isso graças ao fato maior que lhes antecedia — a morte prematura da mãe — e garantia a veracidade ou autenticidade. Aos sábados, diante do confessor, assumia uma fala híbrida — autobiográfica e ficcional — verossímil. Era “confessional” e “sincero” sem, na verdade, o ser plenamente.⁵²

Já na imagem lacunar e mítica da origem da autoficcionalização, do rechaço à confissão, a noção de verossímil aparece para deixar clara a eficácia da máquina ficcional, que justamente por elaborar algo que *parece* com o real, garante que o padre acredite e lhe conceda o perdão.

Este ensaio, balizado pelas discussões sobre a infância do autor, busca mostrar a maneira como certas ideias — tal como a de enxertia — são aprendidas e usadas ao seu favor, garantindo a inteligibilidade da formação particular de sua família e dando densidade ao trabalho de leitura de outros textos, que, por sua vez, o auxiliam a escrever suas próprias memórias.

1.1 O pai e o jardim

As rosas são plantas constituídas de acúleos, tipo de espinhos, e são encontradas nas formas de arbustos ou trepadeiras. Para cultivar as roseiras, existem duas maneiras difundidas: a estaquia e a enxertia. A primeira pode ser feita a partir de qualquer segmento vegetal que contenha uma gema vegetativa. Simplificadamente, a estaquia é a forma mais comum de plantio, na qual o jardineiro promove o enraizamento de partes da planta, como ramos, raízes ou folhas. Já a enxertia consiste na junção da gema vegetativa de uma rosa já florescida em outra de igual ou semelhante espécie. A partir dessa implantação, surgem variedades da combinação de duas rosas diferentes. Assim, uma rosa é usada como veículo para o melhoramento genético de outra, a partir da união de dois corpos

⁵² SANTIAGO, Silvano. “Meditação sobre o ofício de criar”. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, [S.l.], v. 18, dez. 2008, p. 177.

vegetais já constituídos, num processo de produção de diferenças a partir de diferenças já constituídas.

O pai de Silviano Santiago, Sebastião Santiago, como descrito no primeiro volume da autobiografia do escritor, *Menino sem passado* (2021), era um adepto da enxertia. O viúvo de Noêmia, mãe de Silviano, pai de sete filhos frutos desse casamento, era um aficionado em jardinagem — assim como foi lembrado no poema “Pai”, publicado em *Crescendo durante a guerra numa província ultramarina* (1978): “[...] Cultivava flores no jardim / e esquizofrênicos em casa”⁵³. Morador da Barão de Pium-i, uma das ruas mais antigas da cidade de Formiga, no interior de Minas Gerais, o viúvo cultivava um belo jardim de roseiras nas manhãs de folga de domingo, quando descansava do labor de dentista. Escolhia os diversos tipos de rosas através das imagens do catálogo de floricultura paulista⁵⁴, entregue em sua casa de mês em mês. As mudas de roseira selecionadas vinham de trem até Minas e terminavam assimiladas às outras rosas já florescidas do jardim da rua Barão de Pium-i. Graças a sua profissão de cirurgião-dentista,

Tendo se aprimorado no manejo de várias armas que dependem da habilidade manual, o dentista viúvo aproveita a folga dominical para se entregar ao prazer que lhe é negado pela rotina profissional. Quer enxertar uma e outra roseira para que as rosas — suas pétalas abertas e suas cores originárias — escapem ao código genético previsto pela espécie a que pertencem e atestado pela reprodução fotográfica no catálogo da floricultura. O jardineiro amador quer desafiar o poder natural do pólen e do transporte gratuito de uma rosa para outra, responsabilidade dos insetos voadores⁵⁵.

⁵³ SANTIAGO, Silviano. *Crescendo durante a guerra numa província ultramarina*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978, p. 74.

⁵⁴ O processo minucioso de escolha, compra e recebimento das espécimes de rosas por seu pai é descrito de maneira detalhada em longa passagem no primeiro volume de sua autobiografia, ver SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 135-136.

⁵⁵ SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 136-137.

A homologia entre o trabalho de precisão manual com o bisturi utilizado nos cuidados orais dos pacientes do dentista e o trabalho com o estilete no processo de enxertia das roseiras parece interessar Silviano nas aproximações entre a vida pública e a vida privada de seu pai. O *métier* doméstico e dominical é importante justamente pela atribuição específica das rosas. Grosso modo, o enxerto serve para combinar rosas com características diferentes, produzindo cruzamentos inusitados e gerando novas flores, com cores e formatos distintos. Vamos ao procedimento: um corte é feito no caule, extraíndo a gema vegetativa de uma das rosas; um outro corte é feito na rosa-cavalo; amarra-se a gema da outra rosa em seu caule com uma fita bem firme; rega-se diariamente durante pelo menos uma semana; e dentro de alguns dias o enxerto está pronto. Dali, nasce um pequeno broto, produto da combinação de duas plantas. Tal implantação é descrita por Silviano como uma espécie de “escape ao código genético”, quer dizer, a combinação artificial realizada pelo trabalho humano precipita um desvio na orientação genética determinada pela inseminação natural — feita, por exemplo, pelos insetos voadores. Esse tipo de artificialidade, própria das intervenções antropogênicas, parece cara a Silviano em uma série de outras camadas que se revelam ao longo de sua obra, no seu próprio texto autobiográfico, ou ainda nos autores lidos durante seus anos de formação.

1.2 O enxerto e o bisturi

A partir de 1969, depois de receber seu título de doutor em literatura francesa pela Sorbonne no ano anterior, Silviano Santiago se torna *Associate Professor* do departamento de francês da *State University of New York* (SUNY), em Buffalo, nos Estados Unidos. Agora em um cargo mais alto na hierarquia universitária e alocado em um departamento com maior relevância (Silviano havia trabalhado como professor de literatura brasileira em outras universidades na América do Norte antes de conseguir seu título de doutor em Paris), conhece figuras fundamentais do chamado pós-estruturalismo francês, além de estabelecer um contato importante com os textos dessa emergente tradição teórica, como descreve em recente entrevista: “A sociabilidade se estica a um grau internacional quando,

em 1960, vou ensinar literatura francesa em Buffalo. Aproximo-me de grandes figuras europeias, como René Girard, Eugenio Donato, Michel Foucault, Michel Serres, Jacques Derrida, Greimas, etc.”⁵⁶. Em 1972, é convidado por Affonso Romano Sant’Anna para lecionar na condição de professor visitante da PUC-Rio, onde retorna, como professor efetivo em 1974, e oferece à recém-criada pós-graduação em literatura brasileira, no primeiro semestre de 1975, o seminário “A problemática da interpretação segundo alguns teóricos franceses”⁵⁷. O seminário se tornou importante pois, em 1976, ano seguinte ao curso, Silviano publicou, como professor-supervisor, o *Glossário de Derrida*, obra pioneira de tentativa de sistematização do pensamento de Jacques Derrida publicada fora da França e fruto do trabalho coletivo com aquela primeira turma de pós-graduação — com alunos ingressados em 1972. Importante também por se tratar de um livro coletivo feito a muitas mãos, uma espécie de documento de época do funcionamento das filiações teóricas na *neonata* pós-graduação da PUC-Rio, além de constar como um marco na introdução do pensamento do autor franco-argelino na América Latina.

Realizo essa pequena divagação pois um dos tópicos presente no glossário organizado por Silviano é justamente o de “enxerto”. Ele aparece como uma possibilidade tradutória de *la greffe*, palavra francesa utilizada por Derrida em seus primeiros escritos. As definições do dicionário *Larousse* parecem apontar para a palavra portuguesa “enxerto” na seguinte descrição, que se aproxima do léxico da jardinagem, incluindo ainda a roseira como exemplo: “Processo de propagação vegetativa realizado pela união de uma parte de uma planta (enxerto) e uma parte de outra (porta-enxerto ou sujeito) para obter um único indivíduo. (A enxertia é usada principalmente para reproduzir árvores frutíferas e certas plantas ornamentais [roseiras].)”⁵⁸. O dicionário também revela o uso *littéraire* da palavra *greffe*: “O que se acrescenta, o que se é acrescido para enriquecer, modificar, etc.”⁵⁹. Um outro

⁵⁶ SANTIAGO, Silviano. *Ruptura e tradição: Uma literatura nos trópicos 40 anos*. Entrevista concedida a Andre Bittencourt e Maurício Hoelz. Blog BVPS, [S. l.], 09 set. 2018.

⁵⁷ HOISEL, Evelina. “Silviano Santiago e a disseminação do saber” In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo. *Navegar é preciso, viver: escritos para Silviano Santiago*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Salvador: EDUFBA; Niterói: EDUFF, 1997, p. 45.

⁵⁸ “Procédé de multiplication végétative réalisé par l’union d’une partie d’une plante (greffon) et d’une partie d’une autre (porte-greffe ou sujet) en vue d’obtenir un seul individu. (La greffe est surtout utilisée pour reproduire les arbres fruitiers et certaines plantes ornementales [rosiers].)”

⁵⁹ “Ce qui s’ajoute, qui est ajouté pour enrichir, modifier, etc.”.

uso, lembrado pelo próprio Silvano Santiago, em uma troca de e-mails⁶⁰, é o *greffe du coeur*, “transplante de coração” em francês. Silvano relembrou este uso após confessar sua preferência pela noção de “hospedagem” para o campo da literatura comparada, que retira de Jean-Luc Nancy em *L'intrus* (2000), livro sobre seu transplante de coração. Retornando ao glossário organizado por Silvano, reproduzo aqui uma parte do tópico sobre o enxerto:

O signo escrito rompe com o contexto, isto é, com o conjunto das presenças que organizam o momento de sua inscrição, e antecipa um sintagma escrito fora do encadeamento [...] O presente de sua inscrição permanece como marca, traço. A "força de ruptura" com o contexto anterior atém-se ao espaçamento, que permite ao signo escrito estar separado de outros elementos da cadeia interna e possibilita sua antecipação. Para Derrida, numa acepção mais ampla, o ato de escrever quer dizer enxertar (*greffer*), gravar. [...] Cada camada abrigando outra camada textual, que pode ser enxertada em diferentes momentos, graças a um movimento incessante de substituição de conteúdos⁶¹.

Para Derrida, a noção de *enxerto* está ligada diretamente àquela de *escritura*. “Escrever quer dizer enxertar”⁶², aponta o filósofo em *La dissémination*. E continua numa tentativa de (in)definição: “Violência apoiada e discreta de uma incisão inaparente na espessura do texto; inseminação calculada do alógeno em proliferação pela qual dois textos se transformam, se deformam um pelo outro, se contaminam no seu conteúdo, tendem todavia a se rejeitar”⁶³. Assim, é como se o próprio ato de escrita fosse composto por diversos enxertos, impossibilitando um caminho para a origem do texto, sendo ele, em si mesmo, um enxerto ou um

⁶⁰ SANTIAGO, Silvano. E-mail ao autor de 04/05/2022.

⁶¹ SANTIAGO, Silvano. *Glossário de Derrida*; trabalho realizado pelo Departamento de Letras da PUC/RJ, supervisão geral de Silvano Santiago. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976, p. 29.

⁶² “Écrire veut dire greffer”.

⁶³ A tradução dessa passagem foi emprestada da edição de *Glossário de Derrida* (SANTIAGO, Silvano. *Glossário de Derrida*; trabalho realizado pelo Departamento de Letras da PUC/RJ, supervisão geral de Silvano Santiago. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976, p. 29), no original: “Violence appuyée et discrète d’une incision inapparente dans l’épaisseur du texte, insémination calculée de l’allogène en prolifération par laquelle les deux textes se transforment, se déforment l’un par l’autre, se contaminent dans leur contenu, tendent parfois à se rejeter”.

conjunto de enxertos⁶⁴. A filósofa Sarah Kofman, ex-aluna e colega de Derrida, escreve acerca desse ponto em *Lectures de Derrida* (1984), livro dedicado à obra do pensador: “A prática do enxerto transforma o texto em um tecido de ‘citações’, os textos inseridos são acionados, sacudidos, solicitados [...] Os textos retirados e inseridos não constituem colagens nem ilustrações. O texto não existe sem esses enxertos [...]”⁶⁵. A escrita com suas marcas citacionais e de descolamento da própria textualidade produz esse conjunto heterogêneo de outras textualidades que competem entre si na desarticulação das ideias e no tensionamento mútuo dos signos, afastando a *escritura* da noção de *pureza*: “Isso só é possível na lacuna que separa o texto de si mesmo, permite o corte ou desarticulação de espaços silenciosos (barras, linhas, travessões, números, pontos, aspas, espaços em branco, etc.)”⁶⁶.

Além do livro *La dissémination*, um outro momento aparece no próprio *Glossário de Derrida*, apontando para um dos usos do enxerto (*greffe*) na obra do filósofo. Ele acontece precisamente em *La pharmacie de Platon* (1968), em uma pequena nota de rodapé do oitavo capítulo. A nota pretende complementar a aproximação que Platão faz entre a *escritura* e a *agricultura*, a partir da analogia entre escritura-simulacro e escritura-verdadeira. A nota se presta a comentar uma passagem do sétimo capítulo de *Leis* de Platão, na qual vemos o uso recorrente a uma aproximação entre a semente, o *sêmen* e a enxertia ligada à jardinagem. Não é fortuita a analogia feita por Platão com a agricultura, certamente para desestabilizar a noção de escritura. Os paradoxos criados a partir dessa analogia são, por sua vez, similares àqueles criados pela noção de *enxerto*:

No espaço problemático que reúne a escritura e a agricultura ao opô-las, poderíamos facilmente mostrar que os paradoxos do suplemento como *phármakon* e como escritura, como gravura e como bastardia etc., são os mesmos que aqueles do enxerto [*greffe*], da operação de enxertar [*greffer*] (que

⁶⁴ KOFMAN, Sarah. *Lectures de Derrida*. Paris: Éditions Galilée, 1984, p. 19.

⁶⁵ “La pratique de la greffe transforme le texte en un tissu de « citations » : les textes insérés sont mis en mouvement, ébranlés, sollicités [...] Les textes prélevés et insérés ne constituent ni des collages ni des illustrations. Le texte n'existe pas sans ces greffons [...]” (KOFMAN, Sarah. *Lectures de Derrida*. Paris: Éditions Galilée, 1984, p. 18).

⁶⁶ “Cela n'est possible que dans l'écart qui sépare le texte de lui-même, permet la coupure ou la désarticulation d'espacements silencieux (barres, traits, tirets, chiffres, points, guillemets, blancs, etc.)”.

significa "gravar"), do enxertador [*greffeur*], do escrivão [*greffier*] (em todos os sentidos dessa palavra), da enxertadeira [*greffoir*] e do ramo a ser enxertado [*greffon*]⁶⁷

Nessa acepção, o enxerto seria um signo que, ao associar-se a uma cadeia de signos, altera a própria natureza significante daquilo com o que ele se associa, modificando também a sua própria natureza. Uma abertura do texto sempre a outro texto, como descrito no *Glossário de Derrida*: “Cada camada abrigando outra camada textual, que pode ser enxertada em diferentes momentos, graças a um movimento incessante de substituição de conteúdos”⁶⁸. Essa mudança mútua dos signos é o que nos interessa na interseção entre a formulação de Silviano e sua hospedagem na obra de Derrida.

Passando rapidamente de Derrida a Michel Foucault⁶⁹, não poderia deixar de lembrar uma aproximação entre o trabalho de escrita com a caneta e o trabalho com o bisturi, ligado ao mundo médico. Em conversa com Claude Bonnefoy em 1968, Foucault realiza uma espécie de pequena anamnese — outro termo médico —, já que sabemos que seu pai foi um famoso cirurgião⁷⁰, de modo a retomar na sua infância a “origem” de sua escrita:

Imagino que haja uma velha hereditariedade do bisturi na minha caneta [*porte-plume*]. Talvez, afinal, eu trace na brancura do papel os mesmos sinais agressivos que meu pai traçou nos corpos dos outros quando estava operando? Transformei o bisturi em caneta. Passei da eficácia da cura para a ineficácia da liberdade de expressão; substituí a cicatriz no corpo pelo grafite no papel; substituí o imutável [*ineffaçable*] da cicatriz pelo signo perfeitamente erradicável

⁶⁷ “Dans l'espace problématique qui rassemble en les opposant l'écriture et l'agriculture, on pourrait facilement montrer que les paradoxes du supplément comme *pharmakon* et comme écriture, comme gravure et comme bâtardise, etc. sont les mêmes que ceux de la greffe, de l'opération de greffer (qui veut dire « graver »), du greffeur, du greffier (à tous les sens de ce mot), du greffoir et du greffon” (DERRIDA, Jacques. *La pharmacie de Platon*. Paris: Éditions Flammarion, 1995, p. 402).

⁶⁸ SANTIAGO, Silviano. *Glossário de Derrida*; trabalho realizado pelo Departamento de Letras da PUC/RJ, supervisão geral de Silviano Santiago. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976, p. 29.

⁶⁹ Agradeço ao pesquisador e colega Matheus Ribeiro, especialista na obra de Foucault e Silviano, por este valioso *insight* da aproximação entre as biografias dos dois autores, além de me ter apresentado a entrevista de Bonnefoy com Foucault.

⁷⁰ ERIBON, Didier. *Michel Foucault, 1926-1984*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 20-21.

e expurgável da escrita. Talvez eu devesse ir mais longe. Para mim a folha de papel pode ser o corpo do outro⁷¹.

Em um texto crítico acerca dessa conversa entre Bonnefoy e Foucault, o pesquisador Hervé Couchot sublinha uma dimensão importante da comparação/metáfora feita pelo próprio Foucault acerca dos desdobramentos metodológicos de sua obra em sua fase madura:

A genealogia foucaultiana seria, portanto, uma filosofia a golpes de bisturi, assombrada pelo velho atavismo frustrado de seu ambiente médico, ao invés de uma filosofia a golpes de martelo, no sentido de Nietzsche, fazendo ressoar os ídolos rachados da metafísica. A ‘caixa de ferramentas’ foucaultiana assumiria a aparência de um kit cirúrgico... Permitiria abrir alguns cadáveres de papel exumados em séculos passados para melhor diagnosticar, a partir dos restos de seus tecidos, os problemas ou patologias do presente Tempo⁷².

A aproximação entre a metáfora do labor paterno e da dimensão escritural da vida de Foucault não é fortuita em um ensaio como este. Se Sebastião Santiago se mostrou um bom jardineiro graças à sua experiência com o bisturi, a escrita de Silviano aparece formada e informada também pela enxertia — uma espécie de herança patriarcal e inexorável. O trabalho do pai, as leituras de Derrida e sua hospedagem na obra de um poeta como Carlos Drummond de Andrade parecem compor a constelação que culminará em *Menino sem passado* (2021), livro em que

⁷¹ “J’imagine qu’il y a dans mon porte-plume une vieille hérédité du bistouri. Peut-être, après tout: est-ce que je trace sur la blancheur du papier ces mêmes signes agressifs que mon père traçait dans le corps des autres lorsqu’il opérât? J’ai transformé le bistouri en porte-plume. Je suis passé de l’efficacité de la guérison à l’inefficacité du libre propos; j’ai substitué à la cicatrice sur le corps le graffiti sur le papier; j’ai substitué à l’ineffaçable de la cicatrice le signe parfaitement effaçable et raturable de l’écriture. Peut-être même me faudrait-il aller plus loin. La feuille de papier pour moi c’est peut-être le corps des autres” (FOUCAULT, Michael. *Le beau danger: Entretien avec Claude Bonnefoy*. Édition établie et présentée par Philippe Artières. Paris: éditions EHESS, 2011, p. 35-36).

⁷² “La généalogie foucauldienne serait donc une philosophie à coups de scalpel, hantée par le vieil atavisme contrarié de son milieu médical, plutôt qu’une philosophie à coups de marteau, au sens de Nietzsche, faisant résonner les idoles fêlées de la métaphysique. La « boîte à outils » foucauldienne prendrait des allures de trousse chirurgicale... Elle permettrait d’ouvrir quelques cadavres de papier exhumés dans des siècles passés pour mieux diagnostiquer, à partir des restes de leurs tissus, les problèmes ou les pathologies du temps présent” (COUCHOT, Hervé. Autobiographie et philosophie mêlées — Notes sur un « entretien impossible » de Michel Foucault avec Claude Bonnefoy. *Bulletin of the Faculty of Foreign Studies*, Sophia University, No.47, 2012, p. 124).

consagra a *enxertia* como método primordial da criação literária. No momento em que Foucault, do ponto de vista metodológico, torna-se uma referência de primeira ordem para Silviano nos anos 1970 — lembremos do conjunto de epígrafes bifásicas de “O entre-lugar do discurso latino-americano”, divididas entre Antônio Callado e Michel Foucault —, a dimensão biográfica da ocupação médica do pai surge refratada no labor escritural dos dois autores.

1.3 Genealogia desarvorada

No começo dos anos 1940, graças a um decreto da Câmara Municipal, a rua Barão de Pium-i, já há muito tempo sufocada pelo fluxo intenso de bicicletas, muares, automóveis, pessoas e carroças, precisava ser alargada. O casarão em que a família Santiago morava, cujo jardim invadia a rua, ocupava uma parte considerável da futura calçada ampliada aos moldes europeus. A tópica da demolição de casas históricas que dão lugar aos grandes prédios modernos é tematizada no poema “Progresso municipal” de *Crescendo durante a guerra numa província ultramarina* (1978): “É grande a febre de construção que assoberba atualmente nosso povo. Dia a dia mais avulta o número de velhas casas e pardieiros que desaparecem, para cederem o lugar a bangalôs graciosos e a prédios soberbos de linhas modernas e sóbrias”⁷³. Assim, foi feito o alargamento graças a uma obra pública e o jardim do viúvo foi destruído, “cede-se à comunidade o belo jardim fronteiro à residência, repleto de esplêndidas roseiras compradas em floricultura paulista”⁷⁴. No poema “Perfume e geometria”, também de *Crescendo durante a guerra numa província ultramarina*, Silviano deixa entrever a troca do jardim privado de roseiras pela modernização pública da cidade: “A rua principal / se

⁷³ SANTIAGO, Silviano. *Crescendo durante a guerra numa província ultramarina*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978, p. 73.

⁷⁴ SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 134.

alarga para passar o automóvel, / roubando o jardim das casas. / No alpendre falam / do perdido perfume das rosas. [...]”⁷⁵.

Da jardinagem à constituição da família por enxertia, Sebastião Santiago vai da *semente* ao *sêmen* — palavras de mesma origem latina —, como glosa Silviano: “Ao perder para sempre o jardim e o roseiral, o dentista viúvo [...] dá por terminado o já longo celibato e volta a se casar. Constitui nova família, que suplementa a família nuclear. Do segundo casamento nascerão três filhos e uma filha. Seremos onze no total”⁷⁶. Da família Farnese (de Noêmia, mãe de Silviano) à Cabral (de Jurandy, sua madrasta e segunda esposa de seu pai), Silviano adquire mais brotos, pequenos bonsais, em sua grande árvore genealógica ramificada. A enxertia, feita para suturar a nova esposa à família, *suplementa* o núcleo familiar. Quer dizer, soma e substitui as ausências ali evidentes, como é o caso da figura da mãe (já antes suplementada por Sofia e Etelvina, a babá italiana branca e a empregada negra).

Valendo-se da polissemia da noção de *enxertia* e sua potência metafórica, Silviano, diante da complexidade da restituição de sua própria árvore genealógica, pensa sua ascendência a partir da técnica de jardinagem e da condição da escritura segundo Derrida. A primeira referência, a jardinagem, aparece explicitamente no seu texto autobiográfico. Já o parentesco derridiano é um pouco mais oblíquo e surge cifrado nas entrelinhas que orientam a construção da memória e do corpo a corpo com os textos que compõem a sua grafia-de-vida. A abertura do capítulo “Sobre genealogia e formigas”, cujo mote é a problemática da genealogia familiar, é sintomática para entendermos o uso específico da metáfora da enxertia, cifrada na forma de pergunta: “Como representar com letras impressas a seiva a alimentar o impávido tronco, que se bifurca em galho após galho, que se ramificam e reproduzem a árvore no ovário milagroso de cada flor?”⁷⁷. Isso é, como se filiar à herança do memorialismo mineiro, cuja característica é a montagem da composição genealógica até a sua origem, do esquema arbóreo de teor positivista e do registro

⁷⁵ SANTIAGO, Silviano. *Crescendo durante a guerra numa província ultramarina*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978, p. 72.

⁷⁶ SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 134.

⁷⁷ SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 120.

minucioso de cada membro da família? — para eleger um *tipo ideal* desse memorialismo, poderia mencionar a obra incontornável de Pedro Nava, autor mineiro que se inspira explicitamente em Marcel Proust, símbolo da valorização da tradição familiar⁷⁸. Silviano compreende que a metáfora da grande árvore frutífera, de tronco homogêneo, cujo símbolo é a mangueira, não se adequa à descrição de sua condição familiar⁷⁹. A mangueira é umbrosa, copada e aberta, alta e gigante, a mesma árvore que aparece nos versos nostálgicos do poema “Infância” de Drummond, mestre de um certo tipo de memorialismo mineiro — “eu sozinho menino entre mangueiras [...]”⁸⁰. O mesmo pé de manga-rosa plantado por seu pai ou pelo avô postiço de Silviano, Juca Amarante, chamado de vovô Amarante, no quintal das roseiras da rua Barão de Pium-i, número 31⁸¹. Mesma mangueira frondosa que aparece no primeiro e último verso do poema “Crianças” do seu livro de 1978 — “A mangueira é frondosa. [...] A manga é saborosa”⁸².

Opondo sua ascendência à metáfora da mangueira, Silviano insiste na enxertia rizomática e ramificada para tentar restaurar sua genealogia, opondo-a como uma imitação deficiente: “Minha árvore genealógica, insisto, é duplo arremedo de árvore única e singular. É feita de multidão de galhos que, por enxerto, se multiplicam em inesperadas arvorezinhas suplementares que se reproduzem sob a forma de bonsais”⁸³. Assim, o trabalho manual de seu pai com as roseiras reaparece como metáfora para elaborar sua composição genealógica, que, como as roseiras, não florescem da estaquia, da implantação a partir do enraizamento no

⁷⁸ SOUZA, Eneida Maria de. *Pedro Nava: o risco da memória*. Juiz de Fora: FUNALFA Edições, 2004, p. 46-47. Tal oposição, mesmo que propositalmente caricata, foi sugerida em uma live do 53º Festival de Inverno da UFMG, com Eneida Maria de Souza, Wander de Melo Miranda e Marília Rothier Cardoso, transmitida pelo canal *Minas Mundo* no YouTube com o título “Restauração e enxertia: formas da memória em Pedro Nava e Silviano Santiago”, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=_1_gYQHcdUo

⁷⁹ SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 122.

⁸⁰ ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 83.

⁸¹ SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 122.

⁸² SANTIAGO, Silviano. *Crescendo durante a guerra numa província ultramarina*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978, p. 85.

⁸³ SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 123.

solo, mas da associação com plantas de espécies diferentes com caules já formados, suturando sua gema em uma planta-cavalo: “Nesta folha de papel em branco e estéril, minha árvore genealógica é na verdade um jardim de roseiras a desabrochar flores em rebeldia à lógica da descendência patriarcal”⁸⁴.

A mãe de Sebastião, Maria Thomasia, ou simplesmente Maricota, ex-mulher do imigrante italiano Giuseppe Santiago Amparado — brasileiroado como José Santiago —, juntou-se ao coronel Juca Amarante, fazendeiro e prefeito de Formiga, tornando-se padraсто de Sebastião e avô postiço de Silviano. Os outros três filhos da avó de Silviano, tias Amélia e Zezeca e titio Neném, são dados como bastardos, não tinham em seus documentos o nome do pai, apesar de viverem na casa com Sebastião⁸⁵.

Em passagem emocionante, Silviano reconstrói o encontro de sua avó biológica com seu avô postiço, momento que ecoou no boca-a-boca formiguense durante décadas: “Escrevo o amor de Juca e de Maria no silêncio aberto pelo que desconheço”⁸⁶, confessa o autor seu interesse pela cena original do encontro, que reforça seu desejo de remontá-la. Em Passos, município do interior de Minas Gerais, Giuseppe e Maricota viviam juntos com seu primogênito, cidade que continuará lar do imigrante italiano após a partida de sua esposa. Por sua vez, o jovem Juca Amarante, no caminho de ida e de volta da Feira de Mueres de Sorocaba, passava por Passos num *pit stop* do pequeno grupo de tropeiros. Na saída de Passos, localizava-se o pouso dos Santiago, onde viviam Giuseppe, Maria Thomasia e o filho Sebastião, futuro pai de Silviano. O pouso era sede de descanso dos tropeiros e ponto de encontro para jogar papo fora, fazer amizades e preparar a boia para continuar a viagem. Juca, num tiro certo, apaixonou-se por Maricota, a jovem italiana de nome lusitano já comprometida com outro homem, que, por sua vez, retribuiu o olhar curioso e sugestivo, numa cena remontada ficcionalmente por Silviano: “Os olhos de José Gonçalves [Juca] buscam os olhos de Maria Thomasia

⁸⁴ SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 123.

⁸⁵ SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 25.

⁸⁶ SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 178.

e, sem se entrelaçarem, se encontram no pátio da casa de pouso. Nada dizem. Tudo falam”⁸⁷. A paixão perigosa entre o aventureiro Juca e a mulher casada com o carcamano Santiago aparece formulada no campo ficcional pelo herdeiro e fruto direto da transgressão matrimonial, Silviano. A cena sugere ainda um acontecimento-chave para compreensão da origem — se é que ela é possível — do impulso de rompimento (mesmo que parcial) de Silviano com sua ascendência provinciana, como se a semente da transgressão ao patriarcalismo mineiro estivesse no desrespeito à instituição do casamento. A gênese de sua herança é a própria transgressão no seio da sociedade interiorana mineira. E continua Silviano num esforço de remontar a cena:

A voz masculina arredonda as vogais e esmorece nas consoantes explosivas. O português amineirado de Juca é a língua do chamego sussurrado ao pé do ouvido calabrês de Maria. Não importa que a chispa arda no ouvido onde tem de arder. Cada ocasião é anzol atirado. Ele é atraído para ela, ela é atraída para ele. Pesca-se o amor como o olhar enamorado pesca na bolsa do carteiro a carta de amor.⁸⁸

Ainda nesse enlace, Silviano ensaia, numa manobra desabusada e tímida diante da figura-mor do patriarcalismo, o avô, patriarca por excelência, imaginar o pacto da transgressão, a noite de núpcias que selou, de maneira permanente, a sua genealogia pela enxertia: “São aqueles os laços de sangue que levam o galho da roseira enxertada a explodir numa floração deslumbrante. Isso porque não há vida amorosa robusta e plena que não se comprometa com traições ao passado e aos silêncios”⁸⁹. É assim que a dupla inscrição do nome Santiago/Amarante ocorre mesmo antes do nascimento de Silviano. Além disso, a morte precoce de Noêmia Farnese, mãe de Silviano, em 1938, após o nascimento de seu irmão mais novo, Haroldo, deixa a lacuna materna que será preenchida parcialmente por mulheres

⁸⁷ SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 176-177.

⁸⁸ SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 177.

⁸⁹ SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 179.

que trabalharão na casa dos Santiago, e, ao fim e ao cabo, por Jurandy Cabral, professora que se muda para Formiga e se casa com Sebastião. É na enxertia de Jurandy que outra dupla inscrição ocorre, a Farnese/Cabral. Os diversos enxertos são aqui marcados como essas ramificações desviantes da ordem patriarcal mineira: “Ao contrário da árvore genealógica, cuja seiva parte de solo e de raízes patriarcais únicas e encaminha-se pelo tronco para, por capilaridade, se espalhar pelas partes superiores do vegetal, a história de família que narro cresce por efeito de lances inesperados, zigue-zagues súbitos, entroncamentos rebeldes e suplementos definitivos”⁹⁰.

Em outra cena, ligeiramente ligada a esta última narrada, e que, de certa maneira, a ecoa metaforicamente, é o encontro de Silviano com o avô postiço ainda quando criança. Silviano adentra o bangalô e se acerca de Juca Amarante, numa demonstração de carinho entre homens rara no imaginário patriarcal. A imagem do menino, neto de consideração, sentado na perna esquerda dobrada de seu avô enquanto descansa para o jantar na cadeira de balanço parece típica da relação entre o avô e seu neto mais velho — apesar de se tratar, como já mencionado, de um bastardo, segredo que estigmatizou os Santiago por mais de uma geração. Na descrição acurada de Silviano, uma informação vem à tona: “O vovô não é de sangue Santiago. Sendo de sangue Amarante, não lhe falta coração. Falta-lhe um dedo na mão esquerda”⁹¹. A falta do sobrenome parece sugerir a falta do dedo, espécie de herança maldita que irá assombrar gerações futuras dos Santiago, como Silviano confessa, lembrando das lições de seu pai: “A figura humana de cada Santiago/Amarante — desprovida do nome de família do avô biológico, abandonado pela nossa avó, e associado ao do avô de criação, de quem ela se torna companheira — significa sinal de alerta [...] Em lugar público, enunciar o nome próprio augura sucessivas armadilhas armadas pela intolerância, em que sempre se

⁹⁰ SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 121.

⁹¹ SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 164.

cai. Vida afora.”⁹². O avô chama o neto de “Mané Especula-Cula”⁹³, numa forte alusão ao seu temperamento agitado e curioso, característica que parece vir de sua avó, também andarilha e aventureira, que saiu de Passos para Formiga para ter vida nova, “uma sirigaita”⁹⁴. O pai, Sebastião e filho bastardo de Juca, alerta o filho para tomar cuidado ao falar com o avô, medir palavras — pois, afinal, trata-se do patriarca mineiro —, e pede para que deixe os questionamentos bobos, todos frutos do bicho da curiosidade, de lado. Obedecendo às ordens paternas, Silviano cresce com a dúvida latente do fim levado pelo dedo ausente de seu avô, segredo que provavelmente o acompanhará para sempre graças à impossibilidade de se acessar aquela memória morta. E arremata em passagem final acerca da dimensão metafórica dessa falta e sua relativa proximidade com a origem da genealogia por enxertia:

Morrerei sem saber se lhe falta o dedo por defeito de nascença, ou se por ossos do ofício de jovem e atrevido fazendeiro, tropeiro de muares e negociante de animais de carga. Ou se o cortou de propósito, no final da vida. Desejo de extirpar da mão o dedo que carregaria a aliança de homem casado com mulher casada.⁹⁵

1.4 Infâncias de mineiros

Em 1976, Silviano Santiago assina o livro *Carlos Drummond de Andrade*, quarto número da coleção *Poetas Modernos do Brasil* da Editora Vozes, coordenada por Affonso Ávila. O livro, carregado de referências de teóricos franceses, é um “ensaio derridiano sobre a poesia de Carlos Drummond de

⁹² SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 26.

⁹³ SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 164-165.

⁹⁴ SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 165.

⁹⁵ SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 165.

Andrade”⁹⁶, como define o próprio autor em entrevista. Tanto o livro sobre Drummond como o glossário, organizados de maneira quase simultânea, parecem formar uma dupla importante no campo das Letras, através da articulação entre a filosofia da diferença (no caso, a desconstrução) e a teoria literária. Isso se deve, em alguma medida, pela agitação acadêmica que o desconstrucionismo causou nos departamentos de literatura em que Silviano lecionou nos Estados Unidos na década anterior ao seu retorno definitivo ao Brasil.

Na abertura do livro, após alguns dados biográficos do poeta, com a seção “Portão”⁹⁷, anunciando seu teor, são encadeadas uma série de citações do próprio Drummond e de autores como Edmond Jabés, Foucault, Derrida, Barthes e Guimarães Rosa. Logo após esse prenúncio, aparece “Entre o velho e o novo mito”, uma espécie de segundo portão de entrada que tem como objetivo justificar o ensaio sobre Drummond. Como escrever após tantas leituras especializadas e escrutínios que garantiram a canonização do poeta nas rotinas da crítica? Sugere até que seu acúmulo crítico tenha superado, inclusive, o tamanho de sua produção escrita — que, diga-se de passagem, não é curta. Diante da abundância de leituras⁹⁸ que parecem, num primeiro momento, esgotar qualquer possibilidade interpretativa, Silviano nos alerta que “seus poemas [de Drummond] já vêm carregados de significação suplementar”⁹⁹. Quer dizer, a partir de uma abordagem relativamente nova nos anos 1970 do texto literário, Silviano produz uma abertura dos poemas à intertextualidade, de modo a conceber, como sugere Barthes em *S/Z*, um texto crítico que seja tão criativo e poético quanto o texto literário, fazendo do leitor não mais um mero consumidor, mas um produtor do texto (*producteur du texte*):

⁹⁶ SANTIAGO, Silviano. *Ruptura e tradição: Uma literatura nos trópicos 40 anos*. Entrevista concedida a Andre Bittencourt e Maurício Hoelz. Blog BVPS, [S. l.], 09 set. 2018.

⁹⁷ SANTIAGO, Silviano. *Carlos Drummond de Andrade*. Petrópolis: Editora Vozes, 1976, p. 17-21.

⁹⁸ Representadas, inclusive, no interior do próprio ensaio no capítulo “Os nomes mágicos”, com a revisão das leituras de Drummond realizadas pelos seus colegas de Departamento da PUC-Rio Affonso Romano Sant’Anna, Luiz Costa Lima e Gilberto Mendonça Teles, respectivamente em *Drummond, o gauche no tempo* (1970), *Lira e antilira* (1968) e *Drummond, a estilística da repetição* (1970).

⁹⁹ SANTIAGO, Silviano. *Carlos Drummond de Andrade*. Petrópolis: Editora Vozes, 1976, p. 26.

A crítica só pôde se apresentar como possuidora de um discurso próprio e semi-independente nesta época em que o poema perde sua opacidade analítica, isto é, em que o poema deixa de ser analisado como objeto único e exclusivo, independente, e passa a ser compreendido na sua relação com outros textos, relação a que se chama intertextual.¹⁰⁰

A noção de enxerto (*greffe*) surge nesse enclave para pensar a escrita proveniente de leituras, colocando o autor na posição de leitor. Assim, a imagem da escrita como *enxertia*, ambas coextensivas, implica o texto drummondiano — e, por consequência, todo texto literário — no estatuto também de enxerto, abrindo-o para as suturas com outras textualidades. Essa abertura crítica insinua um diálogo com a economia interna da fortuna de Silviano, entre o ensaio sobre Drummond e sua autobiografia, escrita quase meio século depois — e até com a própria obra de Drummond. Ora, se o poema é produzido antes por um leitor do que por um autor, qualquer texto é fruto da infinidade de leituras que compõem um espaço como *La biblioteca de Babel* de Borges, referência importante para Silviano. O que é próprio da escrita enquanto enxerto, via Derrida, avaliza a leitura cruzada entre Drummond e Silviano, fazendo com que o feitiço se volte contra o feiticeiro.

1.5 Memórias do pequeno Proust no interior de Minas Gerais

Em artigo escrito para o jornal *O Estado de S. Paulo*, reunido em livro posteriormente, Silviano Santiago remonta a cena de escritura do poema “Infância” de Drummond:

Não é por acaso que, no poema “Infância”, Drummond aponta para a história narrada por Daniel Defoe em *Robinson Crusoe* (lido, repita-se, no interior de Minas Gerais). Aponta-a para privilegiá-la. A camaradagem entre Robinson e Sexta-Feira na ilha deserta contribui para o menino ganhar outros olhos em Itabira. Não só se distancia dos valores patriarcais e escravocratas da família fazendeira, sua herança real, como

¹⁰⁰ SANTIAGO, Silviano. *Carlos Drummond de Andrade*. Petrópolis: Editora Vozes, 1976, p. 27.

endossa carinhosamente a herança perceptível e imaginária que recebe dos vários serviçais na casa e na fazenda paterna¹⁰¹

O menino mineiro, sozinho entre as mangueiras frondosas, metáfora das grandes linhagens patriarcais, lê a história de Robinson Crusoe. A opção pela leitura de Robinson Crusoe e Sexta-feira, que criam seu mundo do zero, pela sociogênese a partir do texto, indica a vontade do menino do poema em querer se distanciar da herança genealógica mineira e patriarcal, aproximando-se do cosmopolitismo do “primeiro mundo”. O poema abre assim: “Meu pai montava a cavalo, ia para o campo. / Minha mãe ficava sentada cosendo. / Meu irmão pequeno dormia”¹⁰², e logo após quebra-se a descendência, executada por pontos finais. A troca da *família* pela *leitura* acontece pois “a aventura no livro é vivida, na vida, pelo menino. Serve-lhe e servirá de suplemento vital a compensar o desarranjo da vida familiar e provinciana”¹⁰³, escreve Silviano em maio de 2020 para o *Suplemento Pernambuco*.

Silviano, ainda em seu texto autobiográfico, narra sua viagem de 1983 para a casa de tia Léonie em Illiers-Combray — mesma viagem feita por Pedro Nava em 1969, que estimulou seu projeto de autobiografia épica e monumental¹⁰⁴. Combray é o cenário onde se passam momentos importantes de *Du côté de chez Swann* (1913), primeiro volume de *À la recherche du temps perdu* (1913-1927), de Marcel Proust. É naquela casa que Proust retorna à sua infância através de *réminiscences*, após comer a *madeleine* com a infusão de chá. A visita afeta Silviano no trem de volta à *Gare Montparnasse*, despertando-lhe a nostalgia de Formiga, sua cidade natal. Antes de chegar a Paris, o trem faz uma pequena parada de passagem em Chartres, e, ali, Silviano se depara com o grande vitral da catedral da cidade, cuja imagem é reproduzida na abertura de *Menino sem passado*. A fragmentariedade com que se representa a Santa Ceia no vitral, com a incomunicabilidade das partes,

¹⁰¹ SANTIAGO, Silviano. "Elogio da literatura". In: *Aos sábados, pela manhã: sobre autores & livros*; organização e prefácio de Frederico Coelho. Rio de Janeiro: Rocco, 2013, p. 108.

¹⁰² ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 83.

¹⁰³ SANTIAGO, Silviano. Literatura e confinamento, a solidão. *Suplemento Pernambuco*, 2020.

¹⁰⁴ SOUZA, Eneida Maria de. *Pedro Nava: o risco da memória*. Juiz de Fora: FUNALFA Edições, 2004, p. 24. Para uma aproximação entre o memorialismo de Nava e a obra de Proust ver BOTELHO, André. “A Paixão segundo Nava”. In: BOTELHO, André; HOELZ, Maurício; BITTENCOURT, Andre. *A sociedade dos textos*. Belo Horizonte: Relicário, 2022, p. 171.

mas que garante uma totalidade sem unidade, relembram Silviano de seu esquema familiar. Tocado pelo encontro imaginário com Proust na pacata cidade onde cresceu o paradigmático escritor francês, recorda também da sua pacata cidade mineira e da igreja de São Vicente Férrer. É no intervalo entre a nostalgia do passado e a necessidade de superá-lo que Silviano se vê encruzilhado.

Em “Drummond: mito de começo, mito de origem”, texto apresentado na abertura da décima edição da *Festa Literária Internacional de Paraty* (Flip), em 2012, que homenageou Carlos Drummond de Andrade, Silviano problematiza a oposição, em princípio contraditória, na poesia drummondiana entre Marx e Proust¹⁰⁵. Quer dizer, “entre a revolução político-social, instauradora de uma Nova Ordem Universal, e o gosto pelos valores tradicionais do clã familiar dos Andrades, seus valores socioeconômicos e culturais”¹⁰⁶. Tal oposição estaria escondida na economia interna do texto drummondiano que, segundo Silviano, passaria dos poemas dos anos 1930 e 1940 até o seu memorialismo “decadente” no final da vida. A postura aparentemente paradoxal entre ruptura e tradição nesse interregno poético é iluminada por Silviano a partir da distinção entre o *mito de começo* e o *mito de origem*, ambos portadores de opções poéticas distintas. O *mito de começo*, filiado a Marx, é o que rompe com os laços familiares e vislumbra fundar uma nova sociedade, “mito de negação do Pai como transmissor da cultura, e da Família como determinante da situação socioeconômica do indivíduo na sociedade. O passado não conta, só o presente”¹⁰⁷. Já o *mito de origem*, filiado a Proust, revela a vontade de “inscrever seu projeto de vida numa ordem sociocultural mineira, em que os valores fortes da individualidade e da rebeldia perdem a razão de ser, já que são meros indícios de insubordinação passageira”¹⁰⁸. A síntese dessa “passagem” é quando Drummond retira a máscara de Robinson Crusóe e se descobre herdeiro dos

¹⁰⁵ A discussão retoma os termos do ensaio “Vale quanto pesa (A ficção brasileira modernista)”, publicado no livro homônimo de 1982. Ver SANTIAGO, Silviano. “Vale quanto pesa (A ficção brasileira modernista)”. In: *Vale quanto pesa: ensaios sobre questões político-teóricas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 31-32.

¹⁰⁶ SANTIAGO, Silviano. Drummond: mito de começo, mito de origem. *Suplemento Pernambuco*, 2020.

¹⁰⁷ SANTIAGO, Silviano. Drummond: mito de começo, mito de origem. *Suplemento Pernambuco*, 2020.

¹⁰⁸ SANTIAGO, Silviano. Drummond: mito de começo, mito de origem. *Suplemento Pernambuco*, 2020.

Andrades, clã que o legitima no mundo. Tal oposição é cristalizada por Silviano: “Rebeldia, insubordinação e aventura revolucionária, de um lado; arrependimento, reconhecimento tardio e obediência aos valores familiares, do outro”¹⁰⁹. Os dois mitos não se sucedem numa leitura erroneamente histórica ou positivista, mas coexistem na poética drummondiana e garantem a tensão dramática que parece se equilibrar nos textos.

A análise dos dois mitos de Drummond é feita precisamente em *Menino sem passado*, entrecortando suas divagações sobre sua própria árvore genealógica e suas reminiscências da infância em Formiga. Nela, Silviano opõe o impulso desagregador de “Infância” com o conservadorismo e a nostalgia da tradição em “A mesa” e em “Comunhão”, numa espécie de leitura suplementar. Se no primeiro poema o menino se distancia da família e foge do provincianismo mineiro se hospedando em Robinson Crusóé, nos outros dois surge o “desejo de o filho ocupar o lugar do pai. Não foi o centro no passado. Quer ser o centro no presente. Quer apresentar-se ao grupo como falocêntrico”¹¹⁰.

Em dado momento de *Menino sem passado*, Silviano discute, a partir da noção de monólogo-a-dois, o contato com os super-heróis dos quadrinhos e como aqueles seres “[...] perdidos no espaço e no tempo da História universal”¹¹¹ ajudaram a dar consistência à sua imaginação e garantiram o pontapé inicial do ímpeto ficcionista. A vida provinciana e o cotidiano esvaziado da experiência urbana interiorana são suplementados pela leitura das histórias cosmopolitas informadas pelas discussões do primeiro mundo:

Em conversa com os heróis que admirava, eu movimentava o corpo e a imaginação sem fim, preenchendo e reorganizando minha vida diária em monólogos-a-dois. Durante os anos de infância que me tocaram viver, a conversa de mim para comigo era renovada a cada dia. Para revigorá-la, eu dependia menos do script da minha vida a ser

¹⁰⁹ SANTIAGO, Silviano. Drummond: mito de começo, mito de origem. *Suplemento Pernambuco*, 2020.

¹¹⁰ SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 130.

¹¹¹ SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 52.

desenrolada que do script das leituras que se desenrolavam na minha imaginação.

Às vezes me assusto com o vasto repertório de gibis e de filmes que levanto em tão curta experiência de vida. Carrego às costas uma tralha de pessoas, de objetos e de acontecimentos históricos que, na verdade, me embarçam o crescimento e estão sempre a assustar o dia de amanhã, reinventando-o.

Na conversa íntima, vivo a abrir espaço para os novos e desconhecidos companheiros de aventura. Habito o espaço entreaberto pelos olhos, habitado pelo que é visto ou lido. Da brecha entreaberta contemplo e absorvo a mescla de tempos históricos que me chegam de supetão e que, depois de deixar o lastro na saudade aprisionada na memória, se vão no dia seguinte. Cresço solitário e sonambulamente. Não amplio o horizonte das expectativas paternas.¹¹²

Num só tempo se agigantam as perspectivas de mundo, transgridem-se os ditames do patriarcalismo e norteia-se a vida pacata do interior, num diálogo imaginário e fantasioso com os heróis inanimados. O monólogo-a-dois é aperfeiçoado pelo menino formiguense até ser canalizado para a escrita autoral, apenas sua, forçando a predisposição imaginativa da mocidade aos esquemas ficcionais que nortearam a escrita de ficção: “É a razão da minha vida que finalmente se explicita no monólogo autoral? Ou é ali que, na personalidade em construção do artista, se esgota e se renova a ausência da exteriorização em palavra dos sentimentos mais autênticos?”¹¹³. A distância dos familiares habitantes, assim como ele, do mundo provinciano é suplementada pelos heróis de quadrinhos, que por sua vez também não respondem na conversa a dois, servindo, no limite, apenas como companheiros que tornam a vida interiorana mais agradável, provocando uma fuga da clausura e um contato, mesmo que imaginário, com a vida cosmopolita:

Performado por mim, o monólogo-a-dois com desconhecidos não comporta a réplica dos interlocutores em carne e osso, ou seja, dos familiares, dos vizinhos e dos colegas de escola. São meras sombras a habitar o dia a dia consumido pelas leituras e pelas rumações de boi no campo. O monólogo-a-dois

¹¹² SANTIAGO, Silvano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 50-51.

¹¹³ SANTIAGO, Silvano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 52.

tampouco comporta a réplica dos verdadeiros interlocutores. Eles vivem indiferentes à minha vida na província mineira. Chegam-me reproduzidos em letra, desenho e papel ou são interpretados por imagens e palavras em película de celuloide.¹¹⁴

Ao lado dos quadrinhos, o cinema exerce função análoga: “Na infância, curtir (o gibi ou o filme) é a forma mais adorável e perversa de reconstruir e amar a vida sem experimentá-la no corpo”¹¹⁵, sublinhando a dimensão incorpórea dessas experiências que dão densidade ao dia a dia pacato. O cinema, por sua vez, tem o sentido de amansar as dores do mundo, através da representação daquilo que acontece na Europa — dado que adensa a relação conflituosa com a imagem do primo Donaldo, que lutava na Itália. Diante da enormidade dos acontecimentos apresentados nas telas, Silviano conta: “Não me sinto acuado pela grandiosidade do espetáculo. Admiro-o como admiro o progresso da humanidade a fim de esquecer a inevitável destruição do mundo pela guerra. [...] Sou guiado a outros mundos. [...] No Cine Glória, sou espectador de filmes de guerra. Em casa, leitor de gibis”¹¹⁶. Assim, a partir desse sentido duplo da experiência imagética, tanto de afastar o menino dos horrores da guerra, como de transportá-lo imaginariamente a outros mundos, Silviano se desloca da província sem sair dela: “Ando pelas ruas de Formiga e luto nos campos de batalha da Europa. Rastejo pelas tábuas do assoalho lustradas com a cera Parquetina e pela terra fria italiana, recoberta pela neve”¹¹⁷. E arremata, em outro momento do livro, a dimensão especulativa da viagem pela imagem, de modo a deslocar tanto o interior como o centro do mundo: “O interior provinciano da vivência-memória do menino se confunde com o exterior cosmopolita da leitura das imagens que se lhe oferecem. Em sobreposição [...]

¹¹⁴ SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 52.

¹¹⁵ SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 33.

¹¹⁶ SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 19.

¹¹⁷ SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 54.

vivência e imagem, memória e leitura, provincianismo e cosmopolitismo permanecem sobrecarregados de vida e de significado”¹¹⁸.

É relendo “Infância” de Drummond que Silviano se reconhece no poema. Dois meninos do interior de Minas, estranhos no ninho e brotos desviantes da seiva patriarcal que insiste em correr pelo interior dos troncos genealógicos. Ambos fogem do *real patriarcal* e se alojam nas escritas longínquas. O primeiro se hospeda em Robinson Crusóé, cujo mundo se cria numa ilha deserta. O segundo, nas histórias em quadrinhos e nos filmes de guerra vindos da Europa, num movimento de Formiga ao centro do mundo — como o faz Drummond, vindo de Itabira. Admite o próprio Silviano em *Menino sem passado* — título, aliás, contrabandeado de Murilo Mendes, outro importante memorialista mineiro: “O menino passa a conviver diariamente com o marinheiro Robinson e o indígena Sexta-Feira, assim como eu conviverei, sob a cabeleira ruiva da Sofia, nossa guardiã italiana, com os super-heróis empenhados na Segunda Grande Guerra”¹¹⁹. Dessa forma, Silviano se hospeda autobiograficamente em Drummond para tratar da infância interiorana e o desejo de fuga do provincianismo mineiro e da herança patriarcal¹²⁰: “Mal adivinha Carlos Drummond que a escrita poética sua — de menino leitor de história em quadrinhos na cidade de Itabira — se escreve na futura escrita literária do menino Silviano noutra cidade mineira”¹²¹.

No ato de subversão de Silviano ao patriarcalismo, a tentativa de (d)escrever um memorialismo que constitua uma outra ancestralidade mineira, agora fragmentada, parece ecoar algo presente também no Drummond de “Infância”. A lógica do enxerto aparece tanto na jardinagem de Sebastião como na composição

¹¹⁸ SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 68.

¹¹⁹ SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 56.

¹²⁰ Acerca do rompimento com o pai nesse poema, Silviano escreve em sua autobiografia: “A ruptura do filho com o pai instaura no menino uma forma de saber alternativo que se alimentou — e isso é evidente na poesia de Carlos Drummond de Andrade — de histórias não familiares, como a do marinheiro Robinson Crusóé. Em atitude de desapego à família, o poeta viaja a paragens distantes e desconhecidas e, face ao desastre marítimo, aprende a reconstruir por conta própria o habitat patriarcal numa ilha deserta” (SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 130).

¹²¹ SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 55.

genealógica dos Santiago/Cabral/Amarante/Farnese em *Menino sem passado*. E, ainda, na forma como, hospedando-se em Drummond, Silviano constitui sua autobiografia por intertextos, proliferando as citações e suturando as escrituras por enxertos, essas, por sua vez, já elaboradas por outros mineiros (Drummond, Murilo Mendes, Nava...). Portanto, é também Drummond que parece encenar uma inversão autoral que ecoa o esforço de *Pierre Menard, autor del Quijote*, tal qual descrito por Borges, aludindo, no final de “Infância”, à superioridade narrativa e estética de sua vida em relação à história de Crusoé de Daniel Defoe, autor cosmopolita, como se a vida suplementasse a literatura e o leitor suplementasse o autor: “E eu não sabia que minha história / era mais bonita que a de Robinson Crusoé”¹²².

¹²² ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 83.

2. Por que e para que viaja o latino-americano?: Entre gibis e salas de cinema

*Que vale o lustre da pele escanhoada
de rapaz frente aos fios longos e bem
aparados da barba senhorial?*

— Silviano Santiago em entrevista
sobre Antonio Candido (2009)¹²³

*Como não seria grato à toda minha
vida? Por isso que me contarei minha
existência*

— Friedrich Nietzsche, *Ecce homo*
(1888)¹²⁴

2.1 Viagens do cosmopolita rico

A tópica da viagem é recorrente na história intelectual brasileira. Pensemos brevemente em alguns casos icônicos que marcam a nossa vida cultural, com deslocamentos que produzem descarrilamentos na vida/obra de autores-chave: a ida de Joaquim Nabuco à Europa, momento em que descobriu o Brasil, e, quando voltou, sentiu saudades do primeiro mundo, viagem que produziu "a moléstia de Nabuco", como se lê em carta de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade, em meados da década de 1920; a viagem dos modernistas a Minas Gerais, em 1924, junto ao suíço Blaise Cendrars, momento também de descoberta do Brasil

¹²³ SANTIAGO, Silviano. Silviano Santiago. *Literatura e Sociedade*, [S. l.], v. 14, n. 11, 2009, p. 53.

¹²⁴ "Comment n'en saurais-je pas gré à toute ma vie ? Et c'est pourquoi je me dirai mon existence" (NIETZSCHE, Friedrich. Nietzsche / *Ecce Homo* (1888) Préface et Introduction. *La philosophie à Paris* 8, 2010).

(e do seu passado barroco), ponto incontornável da historiografia sobre modernismo; quando “Oswald de Andrade, numa viagem a Paris, do alto de um atelier da Place Clichy – umbigo do mundo – descobriu, deslumbrado, a sua própria terra”¹²⁵, como escreve Paulo Prado; a viagem de Tarsila do Amaral também a Paris, quando se encontra com mestres da pintura, deslocamento que a retirou dos grandes acontecimentos de 1922 no Teatro Municipal de São Paulo; Gilberto Freyre, que, ao ir aos Estados Unidos estudar na *Columbia University*, trouxe consigo o culturalismo de Franz Boas — substituindo o racionalismo latente a perder de vista das incursões “científicas” —, inflexão decisiva na produção de sua visão sobre o Brasil; Sérgio Buarque de Holanda, quando vai à Alemanha e importa, à sua maneira, a obra de Max Weber, elaborando tipos ideais ibéricos, chegando até o “homem cordial”, figura que ficou conhecida no imaginário nacional. Esses são alguns exemplos do que poderíamos chamar, na esteira de Silviano Santiago, como “cosmopolitismo do rico”¹²⁶, quer dizer, intelectuais importantes da formação nacional cuja viagem ao exterior (centro do mundo) produziu mudanças decisivas no interior de suas obras e biografias. É dessa maneira que o próprio Silviano demarca o tipo de viagem que lhe interessa enquanto categoria para análise literária e cultural: “Não incluo em minha noção de cosmopolitismo a viagem turística. Não me interessa”¹²⁷, e logo mais relembra o deslocamento dos jovens professores de carreira promissora na França para o Brasil (Claude Lévi-Strauss, Jean Maugué e Fernand Braudel), vindos para a fundação da Universidade de São Paulo¹²⁸, saídos da metrópole para se aventurar na província: “Esse tipo de viagem, por exemplo, me interessa muito. São vidas completamente transformadas”¹²⁹. A reincidência, a intensidade e a repetição desses deslocamentos, quando jovens provincianos vão à

¹²⁵ PRADO, Paulo. “Poesia Pau-Brasil”. In: ANDRADE, Oswald de. *Poesias reunidas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 15.

¹²⁶ A expressão é de João Camillo Penna, inspirada em Silviano, em PENNA, João Camillo. Formações do sujeito colonial: suplemento, dependência, cosmopolitismo. *Alea*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, dez. 2012, p. 298.

¹²⁷ “No incluyo en mi noción de cosmopolitismo el viaje turístico. No me interesa” (RAMOS, Julio. Los viajes de Silviano Santiago. Conversación con Julio Ramos. *Zama - Revista del Instituto de Literatura Hispanoamericana*, v. 4, n. 4, 2012, p. 194).

¹²⁸ O caso é também tratado em SANTIAGO, Silviano. “Por que e para que viaja o europeu?”. In: *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 232.

¹²⁹ “Este tipo de viaje, por ejemplo, me interesa mucho. Son vidas completamente transformadas” (RAMOS, Julio. Los viajes de Silviano Santiago. Conversación con Julio Ramos. *Zama - Revista del Instituto de Literatura Hispanoamericana*, v. 4, n. 4, 2012, p. 194).

metrópole, comprova o seu caráter específico, uma forma própria de país periférico, que, devido à dependência cultural em relação à Europa, a formação de sua classe intelectual demanda a viagem para experimentação *in loco* da pujança cosmopolita e das novidades em primeira mão das descobertas teóricas, figurando uma possibilidade tangível na/da periferia.

Bom, o tema da viagem também aparece na obra e na vida de Silviano Santiago, autor altamente afetado pelo deslocamento geográfico e afetivo. O intuito do presente ensaio é mostrar de que maneira a viagem se apresenta nos textos de Silviano, sobretudo aqueles mais ligados ao registro autobiográfico, e que vão, de alguma maneira, em direção à reconstituição da infância, encenando o ceticismo de Anatole France e o pessimismo de Joaquim Nabuco, características do jovem Drummond provinciano.

2.2 As voltas ao Brasil

Silviano nasceu em Formiga, no interior de Minas Gerais, em 1936, uma cidade interiorana num clima reconhecidamente provinciano. É exemplo dessa sociabilidade a ausência de dinheiro no cotidiano do menino formiguense, como descrito em entrevista¹³⁰, segunda a qual o picolé, o ingresso do cinema e outros produtos do dia a dia eram concedidos sem muitos questionamentos: “Quando ia ao cinema, não comprava ingresso, recebia — ou entrava sem ingresso [...]. É curioso, mas quanto mais tento me lembrar de dinheiro, menos consigo. Tinha uma vida de classe média onde o dinheiro não corria”¹³¹. As próprias consultas do pai dentista muitas vezes não eram pagas com dinheiro, mas “[...] recebia galinhas, porco, coisas desse gênero”¹³². Os diversos gastos do pequeno menino formiguense eram devidamente anotados na caderneta de Sebastião Santiago, evidenciando o controle

¹³⁰ SANTIAGO, Silviano. Entrevista a Helena Bomeny e Lúcia Lippi Oliveira. *Estudos Históricos, Arte e História*, Rio de Janeiro, n.30, 2002/2, p. 149-150.

¹³¹ SANTIAGO, Silviano. Entrevista a Helena Bomeny e Lúcia Lippi Oliveira. *Estudos Históricos, Arte e História*, Rio de Janeiro, n.30, 2002/2, p. 149.

¹³² SANTIAGO, Silviano. Entrevista a Helena Bomeny e Lúcia Lippi Oliveira. *Estudos Históricos, Arte e História*, Rio de Janeiro, n.30, 2002/2, p. 150.

monetário do pai na província: “A caderneta do seu Sebastião funciona no armazém do João Branco, no açougue do nhô Campeiro e no Cine Glória”¹³³. Essa “precariedade” — aos olhos cosmopolitas — revela o tempo histórico e as circunstâncias sociais em que a infância de Silviano se desdobrou, marcada, como descreve nosso exemplo, pela ausência do dinheiro que, por excelência, media a vida na grande metrópole, uma espécie de denominador comum de todo cidadão, que garante a experiência moderna “igualitária” nos centros urbanos. Na esteira das discussões de Georg Simmel sobre o estatuto do dinheiro e da moeda nas cidades, a pequenina província mineira de 35 mil habitantes diz a que horas está no tempo do mundo, para que mais tarde possamos apontar o estatuto das inspirações de Silviano ao rememorar a infância e se deslumbrar com o cinema hollywoodiano e os gibis de super-heróis da cultura de massa.

Dada a natureza um tanto quanto recatada da primeira infância de Silviano no interior de Minas Gerais e o problema da viagem e do deslocamento como tema caro à sua obra, as inquietações do autor acabaram por se demorar no imbróglio geográfico. Num curto vídeo publicado no canal do *YouTube* da TV Cultura¹³⁴, provavelmente em virtude do lançamento do livro *Mil rosas roubadas* (2014), Silviano discorre um pouco, em resposta ao entrevistador, sobre a árdua função de um possível biógrafo. O vídeo é apenas um fragmento sem sincronia entre imagem e som, filmado de um ângulo aparentemente amador. Silviano tem sua fala interrompida pelo fim do vídeo, que também não permite revelar o contexto integral da entrevista e muito menos os desdobramentos daquela pergunta tão preciosa para aqueles que pesquisam sua obra. Especulando um pouco sobre o contexto plausível do fragmento, chegamos até *Mil rosas roubadas*, livro lançado no mesmo ano de publicação do vídeo e que, de uma certa maneira, aborda o problema da biografia e do biografado. Uma das dicas assopradas por Silviano e endereçadas fantasmagoricamente ao seu hipotético biógrafo é: “salientar um episódio da minha vida que possa ser emblemático de toda a vida”. Rapidamente, o entrevistador, em tom apressado, pergunta qual seria esse episódio, que fase recortada poderia dar caldo para se falar de toda uma obra? Eis que Silviano responde, de imediato, que

¹³³ SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 32.

¹³⁴ O vídeo/entrevista se encontra neste link <https://www.youtube.com/watch?v=BNaBUc8KvDU>

precisa ser um estudo geograficamente marcado, em que o deslocamento e a viagem tivessem um papel importante. Segue Silviano e ainda acrescenta: “a geografia tem enorme importância na minha vida”. Os problemas da viagem e da geografia aparecem nos personagens em trânsito de *O banquete* (1970) e *Histórias mal contadas* (2005), na diáspora brasileira nos Estados Unidos em *Stella Manhattan* (1985), ou ainda na própria viagem de Artaud em *Viagem ao México* (1996), atestando a maneira pela qual o universo ficcional de Silviano é atravessado pela questão do deslocamento como tema a medir o compasso da forma e os caminhos que a prosa deve percorrer.

Do ângulo biográfico temos pelo menos cinco deslocamentos essenciais para o descarrilamento do escritor: (1) em 1948, quando a família Santiago se deslocou de Formiga para a capital Belo Horizonte, onde Silviano conheceu os companheiros do Centro de Estudos Cinematográficos (CEC) e onde cursou a graduação em Letras Neolatinas na UFMG; (2) em 1960, foi ao Rio de Janeiro para cursar especialização em literatura francesa, período em que descobre manuscritos de André Gide, passaporte para seu doutorado; (3) em 1961, para a França, quando vai estudar na *Université de Paris* (Sorbonne); (4) em 1962, pouco tempo após sua chegada na Europa, parte aos Estados Unidos para iniciar sua carreira como professor universitário — dentro do território norte-americano vai se deslocar diversas vezes para fins intelectuais, tanto para lecionar em outras universidades quanto para proferir conferências; (5) por último, em 1974, tem seu retorno definitivo ao Brasil, quando torna-se professor da PUC-Rio. Esses foram alguns dos deslocamentos que marcaram a trajetória de Silviano, momentos cabais para a compreensão do sentido da viagem e que retornaram de diversas maneiras em sua obra. Cada período, à sua maneira, mostrou, na biografia do escritor, o encontro com correntes teóricas, instituições, intelectuais que garantiram a singularidade de seus escritos, encontros esses que precisam ser recontados e cartografados de modo a garantir a inteligibilidade da obra.

Talvez a viagem mais importante seja aquela análoga a dos cosmopolitas ricos descrita no começo deste ensaio: o deslocamento do Brasil, país periférico, ao centro do capitalismo, Paris, umbigo do mundo. É ali que Silviano vai reunir os materiais e referências que servirão de linhas mestras para seu trabalho crítico, com a descoberta do passado colonial do Brasil durante sua chegada à França da Guerra

da Argélia e com a leitura de Aimé Césaire e outros autores africanos: “Ao ler a revista *Présence Africaine*, nossa desconhecida nos trópicos, eu dou de cara com a vida colonial brasileira refletida no espelho da História que vivo diariamente”¹³⁵, como escreve em *Menino sem passado*. Ou ainda, na querela entre periferia e centro que assombra Silviano e sua herança patriarcal mineira, como revelada em entrevista anexada à versão chilena de *Uma literatura nos trópicos*:

A vida no exterior marcou fortemente a mente daquele jovem brasileiro. E de forma traiçoeira, porque redirecionei minhas boas intenções de sul-americano pequeno-burguês em busca de uma formação intelectual cosmopolita. A vida no exterior sustentou (ou desenvolveu) a formação de uma subjetividade intelectual e política que escapava aos padrões então vigentes na família e na pátria.¹³⁶

O mergulho intenso na cultura cosmopolita foi entrecortado por breves visitas ao Brasil, como se pode notar em investigações de arquivo. Numa matéria de 31 de julho de 1962, do periódico *O Jornal*, do Rio de Janeiro, acerca do Mercado Comum Europeu, anota-se a vinda de Walter Scheel ao Brasil. O jovem político alemão, à época, coordenava a pasta de assuntos econômicos ligados à América Latina do governo da Alemanha ocidental — importante lembrar que, desde 1949, a Alemanha era dividida. Curioso notar como mais tarde, Scheel se tornaria vice-chanceler e depois presidente da Alemanha. Porém, em 1962, visitava o Brasil para assuntos de comércio internacional, como o mesmo disse em depoimento ao jornal: "o Governo da Alemanha Ocidental quer ajudar o Brasil na luta pelo desenvolvimento"¹³⁷. Ele vinha da Alemanha embarcado num *Giulio*

¹³⁵ SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 198.

¹³⁶ “La vida en el extranjero pasó a repercutir de manera fuerte en la mente de aquel joven brasileño. Y de manera traicionera, pues redireccionaba mis buenos propósitos de sudamericano pequeñoburgués en busca de formación intelectual cosmopolita. La vida en el extranjero sustentaba (o desarrollaba) la formación de una subjetividad intelectual y política que escapaba a los patrones entonces vigentes en el seno de la familia y de la patria” (ESTUPIÑÁN, Mary Luz; FREIRE, Raúl Rodríguez. “Crítica y diferencia. Entrevista a Silviano Santiago”. In: SANTIAGO, Silviano. *Una literatura en los trópicos*. Ensayos de Silviano Santiago. Santiago de Chile: Escaparate ediciones, 2012, p. 259).

¹³⁷ MCE suaviza linha e vai reduzir taxas nas relações com terceiros. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 31/07/1962, 1º Caderno, p. 7.

Cesare, estaleiro inglês cuja primeira versão, datada do começo do século (1913) e encomendado à *Swan Hunter & Wigham Richardson*, de *Newcastle* (Inglaterra), pela *Navigazione Generale Italiana* (NGI), trouxe grande leva de imigrantes italianos ao Brasil, aportados em Santos — teria o avô de Silviano, o imigrante Santiago, ou algum outro parente, atracado no Brasil num estaleiro desse? A bordo da segunda versão do *Cesare*, que circulou entre 1951 e 1973, e que desembarcava no Brasil em 1962, estava Silviano Santiago. Esse parece ser o primeiro retorno de que se tem registro, provavelmente vindo de Paris, onde fazia tese, e antes de partir aos Estados Unidos, onde começaria a lecionar literatura brasileira e portuguesa na *University of New Mexico*, em Albuquerque. Na ida à França em 1961, Silviano viajou no navio francês *Provence*¹³⁸ e, no seu primeiro retorno, voltou no *Giulio Cesare*. Talvez devido à penúria de uma viagem transatlântica nos idos de 1960, a parada no Brasil tenha sido estratégica. Sair do continente (Europa) para as províncias ultramarinas (Américas) é uma viagem difícil tanto fisicamente quanto simbolicamente, viagem de primeiro retorno ao solo em que nasceu, que lhe diz respeito.

Outro registro é de 1964. Na seção “Escritores e livros”, do dia 1º de agosto¹³⁹, lê-se os mais recentes eventos culturais e os novos lançamentos do mundo das letras: antologia de poesia árcade; novo livro de Henrique Simas; uma pequena nota sobre Michel Butor, expoente do *nouveau roman* francês; relançamento de um livro de Raul Pompeia; além de homenagem a Silvio Romero n'A *Associação Cultural do Negro*, em São Paulo, cujo nome da pequena nota é "Província do Brasil". As diversas novidades encontram certo eco na produção posterior de Silviano, a leitura do árcade Cláudio Manuel da Costa para feitura de *Em liberdade* (1981), a influência que seu primeiro romance, *O olhar* (1974), teve do *nouveau roman*, o artigo sobre *O ateneu* publicado alguns anos depois, o problema da dependência cultural literária a partir do imbróglio de Silvio Romero. Tudo isso

¹³⁸ “Viro passageiro do navio *Provence* que, em setembro de 1961, me leva a cruzar o Atlântico para chegar ao porto de Marselha, onde tomo o trem Mistral que corre em malha eletrificada até a gare de Lyon, em Paris. Sentado na confortável poltrona do trem que rouba o nome do famoso vento europeu, meu corpo devaneia a experiência da primeira viagem transcontinental.” (SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 20).

¹³⁹ ESCRITORES e livros. *Correio da manhã*, Rio de Janeiro, 01/08/1964, 2º Caderno, p. 4.

ganha uma dimensão interessante com o anúncio da chegada de Silviano, agora na rotina de escritor, a cumprir o itinerário de lançamento de livros, como se lê:

No Rio, tratando da publicação de seu livro de poemas e de uma novela, *O Olhar*, seguida de três contos, o escritor mineiro Silviano Santiago que, até há pouco, ensinava Literatura Brasileira e Portuguesa na Universidade de Novo México. Em setembro, Silviano Santiago retornará aos Estados Unidos a fim de cumprir novo contrato com a Rutgers University¹⁴⁰.

A vinda ao Brasil tinha fins profissionais e literários. Especulo que a notícia se refira ao lançamento, em solo brasileiro, de *4 poetas* (1960) e *O olhar*. Acerca deste último, como explica Silviano por e-mail: “[...] já estava escrito numa primeira forma que tinha submetido à Civilização Brasileira e tinha sido recusado. [...] A edição do romance será posterior [em 1974] e será feita pela Imprensa Oficial de MG, com o selo da [revista] Tendência”¹⁴¹. Já o *4 poetas* havia sido publicado por Silviano em coautoria com Affonso Romano de Sant’Anna, Teresinha Alves Pereira e Domingos Muchon cerca de dois anos antes, em 1960, pelo Diretório Acadêmico da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais (UMG)¹⁴². O livro aparece como a sua estreia de publicação, apesar de já ter publicado alguns contos e textos de crítica, àquela altura, na Revista Complemento em Belo Horizonte. Outra hipótese seria a do lançamento de *Duas faces*, publicado em 1961 junto ao escritor Ivan Ângelo, uma reunião de alguns contos de ambos os autores. Provavelmente o crítico havia acabado de se desligar da *University of New México*, onde dera seus primeiros cursos sobre literatura brasileira e portuguesa. Fazia viagem justamente no interregno entre o antigo emprego em Albuquerque e o novo em Nova Jérsei, agora na *Rutgers University*, onde dará aulas até voltar à França para terminar a redação de sua tese sobre Gide e defender, no ano seguinte 1968, o doutorado na *Sorbonne*.

¹⁴⁰ ESCRITORES e livros. *Correio da manhã*, Rio de Janeiro, 01/08/1964, 2º Caderno, p. 4.

¹⁴¹ SANTIAGO, Silviano. E-mail ao autor de 28/01/2023.

¹⁴² Como era chamada, desde sua criação em 1927, a atual Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Já aqui fica evidente o impulso de retorno do estrangeiro. Deslocado quase forçadamente no início de 1960, pela ausência de pós-graduação em literatura francesa em solo nacional, o crítico viajou ao centro cosmopolita, dando continuidade à sua formação. Por outro lado, Silviano, havia alguns anos, desejava uma carreira como escritor, tarefa difícil no Brasil, em primeiro lugar pela relação constitutiva da classe intelectual com o Estado e pela incipiência do campo ficcional como profissão em país periférico — a primeira causa talvez consequência da segunda. Assim, diante das agruras da vida de escritor, Silviano vai se refugiar na carreira de professor e pesquisador universitário, tarefa que serve de suplemento à de escritor. As idas e vindas na década de 1960 — período formativo de Silviano — são marcadas pelos aportamentos no Brasil em todas as oportunidades, o que revela o desejo do escritor em estar perto do circuito literário brasileiro, dos intelectuais e do mercado editorial. Tal aproximação se tornava mais difícil em posição transatlântica, lembremos que o tempo entre continentes demorava a correr. A inquietação com a distância dos expedientes mais imediatos da vida de escritor foi o que provavelmente fez com que Silviano, na década de 1970, voltasse de maneira definitiva ao Brasil, mais especificamente ao Rio de Janeiro, onde, aliás, reside até hoje.

Se na infância interiorana, a metrópole vinha pelas mãos da cultura de massa, através dos filmes e gibis, na maturidade, Silviano foi até a metrópole, fazendo com que ela também comparecesse em seus escritos, para, no retorno, as referências devidamente apreendidas em território estrangeiro fossem aclimatadas criticamente. Uma aproximação apressada pode ser feita com Carlos Drummond de Andrade em “La possession du monde”, reunido em *Sentimento do mundo* (1940). O título do poema remete ao livro de Georges Duhamel, que havia visitado o Brasil em 1930, após servir como médico na Primeira Guerra Mundial. Se, no que consta da biografia do poeta, ele nunca foi à Europa, logo, no interior da sua produção poética, a Europa vem até ele. Dessa maneira, Drummond, nos primeiros versos, comenta a vinda de homens célebres ao Rio de Janeiro, entre os quais alguns foram ao Pão de Açúcar, visita segura aos turistas, outros se aventuraram no Mangue — provavelmente falava da zona do Mangue¹⁴³, como era chamada a região de

¹⁴³ Para uma discussão sobre os pressupostos sociológicos que regeram a zona do Mangue, entre os quais o turismo sexual de estrangeiros que serviu, no limite, a um propósito civilizacional, ver

prostituição. Para além desses dois grupos, a voz do poema destaca a figura de Duhamel, que opta por passar a manhã daquele dia conversando no quintal do vizinho. Assim, sentado numa pedra e namorando os mamoeiros ao redor, numa cena típica brasileira, papeia com o neurologista, figura eminente que nos remete ao saber científico, tributário de ideias estranhas aos trópicos. Após a breve introdução à cena, Drummond finaliza o poema na terceira estrofe, em tom de *boutade*: “[...] Houve uma hora em que ele se levantou / (em meio a erudita dissertação científica). / Ia, talvez, confiar a mensagem da Europa / aos corações cativos da jovem América... / Mas apontou apenas para a vertical / e pediu *ce cocasse fruit jaune*”¹⁴⁴. Numa quebra de expectativa, Duhamel, médico e escritor notório, que conversava com outro eminente acerca de assuntos nobres, levanta em direção ao latino-americano, a voz do poema. Ao invés de lhe dirigir a palavra, confiando-lhe “a mensagem da Europa”, logo desviou seu olhar para o mamão, “esta fruta amarela engraçada”, como diz em francês, numa conclusão do poema com ar de patuscada. Assim, por mais tentadora e grandiloquente que fosse a conversa sobre os rumos da civilização, sobre a condição humana, sobre as minúcias da produção científica da medicina contemporânea, ou sobre qualquer outro assunto que fosse próprio às ideias do primeiro mundo, a fruta tropical que espreita a conversa é mais tentadora, inevitável, como se o clima acalorado, a pedra feita de assento e o bate-papo no quintal fizessem com que as conversas grandiosas fossem transformadas por esses diversos agentes, tomando uma forma diferente da que era antes. Portanto, o mamão, fruta endêmica das Américas, precisava ser cortejado em bom francês, interrompendo a livre circulação das ideias estrangeiras, fazendo-se presente e avassalador. Num breve momento, a periferia se sobrepunha ao centro.

DUARTE, Mateus Sanches. “Cinemanguear”. In: CAVOUR, Diogo; BARAT, Aïcha; FISZON, Feiga; SILVA, Gabriel Martins da. (Org.). *Ecos de 1922: Modernismo no cinema brasileiro*. Rio de Janeiro: CCBB, 2022, p. 215-230.

¹⁴⁴ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Sentimento do mundo”. In: *Nova reunião: 23 livros de poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 72.

2.3 Kant itabirano

Na leitura que Silviano faz da obra de Drummond, no prefácio à reunião de poemas publicada no centenário do poeta em 2002, pela editora Nova Aguilar, um tema importante vem à tona: o cosmopolitismo do itabirano. Sua poesia, atravessada, sobretudo no início, pelos males da Grande Guerra, é produzida no ambiente provinciano de Itabira do Mato Dentro, no interior de Minas Gerais. Vai notar que “nos poemas de Carlos Drummond, os grandes acontecimentos públicos do século são expressos através duma [...] reflexão poética de ordem pessoal e transferível sobre a vivência do cidadão brasileiro e do intelectual cosmopolita [...]”¹⁴⁵, fazendo com que a “experiência privada e [os] fatos públicos nacionais e estrangeiros, em correlação e sistema de troca entranháveis [...]”¹⁴⁶ compunham uma rede de poemas que por um lado revela a subjetividade do escritor e por outro a consciência coletiva provinciana. Assim, como escreve Silviano, “[...] a confiança — como a que o itabirano diz exalar de vários poemas seus — não é apenas e exclusivamente um modo subjetivo de expressão, mas antes e principalmente um modo coletivo de reconciliação humana pela palavra poética”¹⁴⁷. Em dado momento do prefácio se lê a seguinte provocação:

Como uma poesia que tematiza com insistência e sabedoria a vida provinciana na Itabira do Mato Dentro pode oferecer-se de maneira tão cosmopolita ao seu leitor, passando-lhe a impressão de que o poeta é *un homme du monde*, nascido no século de Voltaire e Rousseau? Como um homem tão pouco viajado (que se saiba apenas saiu do Brasil para dar um pulo até a Argentina, para visitar a filha casada e os netos) pode ter escrito, desde os primeiros livros publicados em Belo

¹⁴⁵ SANTIAGO, Silviano. “Convite à leitura dos poemas de Carlos Drummond de Andrade” In: *Ora (direis) puxar conversa!*: ensaios literários. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 10.

¹⁴⁶ SANTIAGO, Silviano. “Convite à leitura dos poemas de Carlos Drummond de Andrade” In: *Ora (direis) puxar conversa!*: ensaios literários. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 11.

¹⁴⁷ SANTIAGO, Silviano. “Convite à leitura dos poemas de Carlos Drummond de Andrade” In: *Ora (direis) puxar conversa!*: ensaios literários. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 13.

Horizonte, uma poesia tão audaciosa e rigorosamente cosmopolita?¹⁴⁸

Insulado na província, Drummond se associa aos *philosophes* do Iluminismo, que escrevem sobre a natureza humana e sobre a universalidade dos desejos, mesmo que preso no interior de um país periférico. O feito se associa, de maneira oblíqua, ao esforço de Immanuel Kant, pai da filosofia universalista, inaugurador da modernidade e formulador do juízo estético, que, apesar de ter nascido e morrido na pequena cidade de Königsberg, escreveu, por exemplo, *Ideia de uma História Universal de um Ponto de Vista Cosmopolita*. Quer dizer, mesmo sem nunca ter saído da pequena cidade prussiana — Drummond viajou pouco, mas pelo menos viajou —, Kant escreveu sobre os temas que tocavam a humanidade, fundando o programa do cosmopolitismo europeu. Segundo Silviano, “a convivência com a realidade provinciana torna cego o observador e empobrece o analista”¹⁴⁹, dessa maneira, de modo a modelar um antídoto contra o localismo e o enclausuramento, Drummond aciona seu cosmopolitismo, que, também nas palavras de Silviano, trata-se de um processo doloroso: “Por mais nocivo que seja o despaisamento, ele sempre alarga o raio de visão do intelectual para que enxergue de maneira provocadora ou irônica o que não consegue ver na naturalidade do dia-a-dia”¹⁵⁰. Num só tempo o poeta se afasta do rame-rame cotidiano e da realidade familiar e apequenada de cidade do interior e se lança às grandes questões do mundo, que estão na ordem do dia dos autores da literatura universal. No “primeiro” Drummond, mais ligado ao modernismo, vemos essa preocupação, por exemplo, nos versos de “Europa, França e Bahia”:

Meus olhos brasileiros sonhando exotismos.

Paris. A torre Eiffel alastrada de antenas como um caranguejo.

¹⁴⁸ SANTIAGO, Silviano. “Convite à leitura dos poemas de Carlos Drummond de Andrade” In: *Ora (direis) puxar conversa!:* ensaios literários. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 21. Grifo do autor.

¹⁴⁹ SANTIAGO, Silviano. “Convite à leitura dos poemas de Carlos Drummond de Andrade” In: *Ora (direis) puxar conversa!:* ensaios literários. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 26.

¹⁵⁰ SANTIAGO, Silviano. “Convite à leitura dos poemas de Carlos Drummond de Andrade” In: *Ora (direis) puxar conversa!:* ensaios literários. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 26.

Os cais bolorentos de livros judeus
e a água suja do Sena escorrendo sabedoria.

O pulo da Mancha num segundo.
Meus olhos espiam olhos ingleses vigilantes nas docas.
Tarifas bancos fábricas trustes craques.
Milhões de dorsos agachados em colônias longínquas formam
um tapete para sua Graciosa Majestade Britânica pisar.
E a lua de Londres como um remorso.

Submarinos inúteis retalham mares vencidos.
O navio alemão cauteloso exporta dolococéfalos arruinados.
Hamburgo, umbigo do mundo.
Homens de cabeça rachada cismam em rachar a cabeça dos
outros
dentro de alguns anos.

A Itália explora conscienciosamente vulcões apagados,
vulcões que nunca estiveram acesos
a não ser na cabeça de Mussolini.
E a Suíça cândida se oferece
numa coleção de postais de altitudes altíssimas.

Meus olhos brasileiros se enjoam da Europa. [...] ¹⁵¹

O poema aglutina os exotismos brasileiros, a Torre Eiffel e os monumentos europeus, a sabedoria e o conhecimento franceses, o canal da Mancha, a aristocracia e a coroa britânicas, os navios e submarinos alemães, a Itália de Mussolini, o neocolonialismo; tudo isso enquanto vive a realidade da província, a um oceano de distância. Esse é justamente o tipo de intrusão que interessou Silviano em sua leitura da poética de Drummond, além, é claro, do enjoo dos olhos brasileiros em relação à Europa, numa espécie de “evolução” da posição do jovem Drummond na carta a

¹⁵¹ ANDRADE, Carlos Drummond de. “Alguma poesia”. In: *Nova reunião: 23 livros de poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 13-14.

Mário de Andrade de novembro de 1924, quando escreve acometido pela “[...] moléstia de Nabuco”.

Murilo Marcondes de Moura, em texto didático direcionado ao uso em sala de aula, sugere uma imagem interessante para se pensar as linhas gerais do cosmopolitismo drummondiano, formulados ficcionalmente a partir da infância no ambiente escolar, em específico numa aula de geografia — disciplina que, aliás, Drummond lecionou durante alguns meses de sua vida. O crítico examina o conto "Um escritor nasce e morre", publicado no livro *Confissões de Minas* (1944), de forte tom autobiográfico — juízo avalizado por Marcondes através de José Maria Cançado, biógrafo do poeta —, em especial a seguinte passagem:

A aula era de geografia, e a professora traçava no quadro-negro nomes de países distantes. As cidades vinham surgindo na ponta dos nomes, e Paris era uma torre ao lado de uma ponte e de um rio, a Inglaterra não se enxergava bem no nevoeiro, um esquimó, um condor surgiam misteriosamente, trazendo países inteiros. Então nasci. De repente nasci, isto é, senti necessidade de escrever.¹⁵²

Narra-se, portanto, a origem da escrita, ou pelo menos do desejo de escrita, em meio à descoberta do mundo, dos nomes das cidades e de sua enormidade. A escrita é alimentada pela grandeza para além da província, formando um mito “capaz de propiciar [...] uma abordagem adequada do internacionalismo ou do cosmopolitismo da poesia drummondiana, isto é, do seu 'sentimento do mundo'”¹⁵³, como escreve Murilo Marcondes. Mais à frente na análise, Marcondes destaca um dos pontos capitais para a presente análise:

A situação descrita no conto tem caráter épico: a abertura para o vasto, descortinado de uma sala de aula da pequena

¹⁵² ANDRADE, Carlos Drummond de. *Confissões de Minas*, 1944 *apud* MOURA, Murilo Marcondes de. Carlos Drummond de Andrade e o sentimento do mundo. In: *Caderno de leituras Carlos Drummond de Andrade: orientação para o trabalho em sala de aula*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 22.

¹⁵³ MOURA, Murilo Marcondes de. Carlos Drummond de Andrade e o sentimento do mundo. In: *Caderno de leituras Carlos Drummond de Andrade: orientação para o trabalho em sala de aula*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 22.

cidade e alimentado pela imaginação infantil. É nítido o desejo de superar a circunstância imediata e restritiva e abrir-se para uma visão mais larga de humanidade.

Trata-se de uma superação do provincianismo, não pela exclusão, mas pela sua transformação em lugar de conhecimento, de onde se efetua o trânsito para o grande, ou de onde é possível comunicar pontos afastados e realidades heterogêneas.¹⁵⁴

Lidar com aquilo que é o modelo e o original — a literatura europeia e os problemas da consciência humana — é sempre complicado, e, apesar da dificuldade, Silviano demonstra que “Carlos Drummond acata o cosmopolitismo literário como a uma arma de dois gumes”¹⁵⁵, na medida em que pode transformar as dívidas para com os estrangeiros em:

[...] pressuposto epistemológico que deixa a descoberto as mazelas da colonização europeia nos trópicos; [...] em instrumento de análise dos equívocos da nossa formação sociocultural, e [...] em lentes de longo alcance, que permitem a percepção da realidade do país como marginal ou periférica, como subdesenvolvida [...]¹⁵⁶.

Dessa maneira, com um certo rendimento, a filiação de Drummond ao cosmopolitismo literário e a leitura crítica feita por Silviano Santiago oferecem uma resposta que foge ao primado da imitação (macaqueação), no qual as produções periféricas teriam sempre uma dívida a ser paga com a literatura metropolitana, ou ainda que a força avassaladora do original (autêntico) só poderia produzir a imitação barata (inautêntica) das literaturas suplementares. Ora, nas palavras de Silviano, “coube a Drummond transformar o equívoco cosmopolita, gerado pela macaqueação do colono nos trópicos, em certeza inabalável, verdadeiro motor do

¹⁵⁴ MOURA, Murilo Marcondes de. Carlos Drummond de Andrade e o sentimento do mundo. In: *Caderno de leituras Carlos Drummond de Andrade: orientação para o trabalho em sala de aula*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 23.

¹⁵⁵ SANTIAGO, Silviano. “Convite à leitura dos poemas de Carlos Drummond de Andrade” In: *Ora (direis) puxar conversa!:* ensaios literários. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 25.

¹⁵⁶ SANTIAGO, Silviano. “Convite à leitura dos poemas de Carlos Drummond de Andrade” In: *Ora (direis) puxar conversa!:* ensaios literários. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 25-26.

seu fazer poético”¹⁵⁷, assim, apoiado no pressuposto da macaqueação e da fundamentação ontológica do original que Drummond vai assentar sua produção na maior “fraqueza” tropical, a inautenticidade, ou a dificuldade constitutiva de imitar com sucesso (como diria Paulo Emílio Sales Gomes), transformando-a positivamente em vantagem sobre os metropolitanos, em cópia transgressora. Quer dizer, se só podemos imitar, logo toda nossa produção advém da leitura, formando portanto uma escrita de segunda mão, que ao embeber-se dos significantes originais copia-os incessantemente, modificando-os e transformando-os em algo mais original que sua própria origem, invertendo o sentido da dívida. Por isso, a necessidade, segundo Drummond e Silviano, de uma formação cosmopolita, que permitisse o poeta caminhar pelas referências, colhendo citações e orientando-se no debate de alto nível do primeiro mundo, disputando em pé de igualdade com a literatura metropolitana¹⁵⁸. É o próprio Drummond quem dominou a leitura dos intelectuais cosmopolitas — nacionais e internacionais — para, assim, hospedar-se nas obras e elaborar as miudezas escondidas nos jogos do texto, como vai lembrar Silviano:

Carlos Drummond define bem o conhecimento que se depreende da leitura dos livros de grandes intelectuais estrangeiros. [...] São indispensáveis na primeira formação do intelectual. São perigosos se simplesmente macaqueados pelos jovens. São nocivos se tomados como palavra de ordem para a interpretação da realidade nacional. São, em suma, instrumentos que precisam ser utilizados com inteligência, imaginação e muita habilidade.¹⁵⁹

Nesse sentido em que a leitura se torna um pressuposto escritural, na medida em que escrita/leitura, assim imbricadas, formando um díptico, a todo momento tensiona os limites de seus próprios termos. O cabedal de narrativas e práticas dos

¹⁵⁷ SANTIAGO, Silviano. “Convite à leitura dos poemas de Carlos Drummond de Andrade” In: *Ora (direis) puxar conversa!*: ensaios literários. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 25.

¹⁵⁸ “A fatalidade da sólida formação intelectual provinciana torna-se a garantia de uma poesia cosmopolita” (SANTIAGO, Silviano. “Convite à leitura dos poemas de Carlos Drummond de Andrade” In: *Ora (direis) puxar conversa!*: ensaios literários. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 25).

¹⁵⁹ SANTIAGO, Silviano. Mário, Oswald e Carlos, intérpretes do Brasil. *ALCEU*, v.5, n.10, jan./jun. 2005, p. 12.

grandes autores é deglutido pelo autor provinciano, para então produzir, a partir delas, uma poética que esteja intimamente ligada aos problemas da província, sem com isso deixar de ser universal. Esse é precisamente o *métier* de Drummond, como aponta Silviano: “A incorporação orgânica da experiência do outro pela leitura de pensadores brasileiros cosmopolitas ou de escritores estrangeiros é, em primeiro lugar, praticada e defendida pelo poeta [...]”¹⁶⁰. O artifício da leitura como *parti pris* da escrita figura como um *modus operandi* da obra de Drummond, que, por sua vez, revela a maneira pela qual Silviano parece conceber seus livros — à luz também da série de conceitos mobilizados em sua produção crítica, tais como *enxertia*, *entre-lugar*, *hospedagem*, etc.

Da postura de Drummond de produzir poemas pessoais e contraditoriamente assimiláveis e transferíveis ao leitor à recepção e transformação deles na obra de Silviano está um caminho importante a ser reconstruído. É justamente da predisposição poética de Drummond que seus escritos acabam por se tornar caixa de ferramentas aplicável à literatura alheia, passo que acontece, em primeiro lugar, a partir do aconchego do leitor no seio do poema, como vai lembrar Silviano:

Através do trabalho de arte, o poeta traz o leitor para os dois dedos de prosa na sala de visitas do poema, ou para o bate-papo na esquina do livro. O poema mantém diálogo fecundo com o seu acompanhante, num diapasão de familiaridade que não deve ser confundido com a neutralidade consensual da conversa mole pra boi dormir, tipo cada um no seu canto.¹⁶¹

É possível, assim, especular sobre o encontro com Drummond na ficção. Silviano, apesar de provinciano como Drummond, sempre foi afeito ao deslocamento e a viagem, característica que pode nos remeter à sua origem imigrante e à errância de sua família. Ao contrário de Drummond, que viajou pouco, o formiguense teve o deslocamento geográfico como motor de escrita e impulsionador de experiências de vida. Assim, ao ler os poemas de Drummond, ao mesmo tempo sobre a vida

¹⁶⁰ SANTIAGO, Silviano. “Convite à leitura dos poemas de Carlos Drummond de Andrade” In: *Ora (direis) puxar conversa!:* ensaios literários. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 27.

¹⁶¹ SANTIAGO, Silviano. “Convite à leitura dos poemas de Carlos Drummond de Andrade” In: *Ora (direis) puxar conversa!:* ensaios literários. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 12.

interiorana e os desejos cosmopolitas, Silviano se percebeu familiarizado com a posição singular daquele autor — que, como revelou em *Menino sem passado*, tem lá suas discordâncias com a fase "decadente" da série memorialista de *Boitempo*. Em entrevista, intitulada “Los viajes de Silviano Santiago”, o crítico vai apontar a importância do deslocamento e da viagem na biografia de Drummond, marcando a virada poética da década de 1940, momento em que os temas do provincianismo são acoplados às discussões cosmopolitas das grandes cidades:

Em relação a Carlos Drummond, [...] a mudança ocorreu após sua saída de Itabira, primeiro para Belo Horizonte e depois para a Capital Federal, Rio de Janeiro, onde chegou em 1940. Nesse mesmo ano publicou *O sentimento do mundo*, livro que determina o descarrilamento. Até então Drummond escrevia uma poesia meio “caipira” ou provinciana ligada ao primeiro modernismo brasileiro (muito inspirada nas ideias de “abrasileiramento” e no primitivismo de Oswald de Andrade). No novo contexto, lança este livro extraordinário em que combina sua experiência provinciana com a do Rio de Janeiro e se abre para uma visão ampla e sentimental do mundo. Naquela época, o Brasil vivia o regime de Getúlio Vargas e, no mundo, a segunda grande guerra.¹⁶²

Atento às mudanças internas à obra de Drummond, além do contexto político-cultural em que elas ocorrem, Silviano destaca a maneira como o deslocamento geográfico acaba por conformar uma mudança poética, tudo isso provocado pela intrusão do cosmopolitismo enquanto tema e visão de mundo. Mais à frente, na mesma entrevista, Silviano vai aproximar o descarrilamento de Drummond e a viagem cosmopolita à sua própria biografia de constantes deslocamentos e viagens que, por sua vez, proporcionaram mudanças literárias que determinaram a inscrição de sua ficção no universo da literatura contemporânea:

¹⁶² “En cuanto a Carlos Drummond, [...] el cambio se produce a partir de su salida de Itabira, primero a Belo Horizonte y, luego a la Capital Federal, Rio de Janeiro, adonde llega en 1940. Este mismo año publica *O sentimento do mundo*, libro que determina el descarrilamiento. Hasta entonces Drummond escribía una poesía medio “caipira” o provinciana ligada al primer modernismo brasileño (muy inspirada en las ideas de “abrasileiramento” y en el primitivismo de Oswald de Andrade). En el nuevo contexto, lanza este libro extraordinario en que combina su experiencia provinciana con la de Rio de Janeiro y se abre para una visión amplia, sentimental, del mundo. En aquella época, Brasil vivía el régimen de Getúlio Vargas y, el mundo, la segunda gran guerra” (RAMOS, Julio. Los viajes de Silviano Santiago. Conversación con Julio Ramos. *Zama* - Revista del Instituto de Literatura Hispanoamericana, v. 4, n. 4, 2012, p. 186. Grifos do autor).

Saí de uma cidade tão pequena como Itabira, Formiga, fui para Belo Horizonte (onde fiz faculdade) depois fui para o Rio de Janeiro (onde me especializei em francês) e, de repente, estava em Paris com uma bolsa. Na França, recebo um convite de uma universidade dos Estados Unidos para lecionar em Novo México. Acho possível, então, traçar um paralelo entre a viagem de Drummond pelos sentimentos do mundo e a minha experiência: ser estudante e bolsista na França e, ainda, ser professor (muito jovem) nos Estados Unidos.¹⁶³

Nessa toada, avalizada pela comparação entre as duas viagens — diferentes apesar de análogas —, a figura de Silviano (e conseqüentemente de sua obra) ganhou uma conotação particular devido ao seu (entre-)lugar próprio como estrangeiro — às vezes duplamente estrangeiro — nas metrópoles. Além disso, em muitas das vezes, como é o caso do livro de poemas de 1978 (*Crescendo durante a guerra numa província ultramarina*) e as memórias de 2021 (*Menino sem passado*), Silviano se hospedou na escritura de Drummond, visando o tema da viagem pela leitura para compor sua própria narrativa autobiográfica que, assim como o itabirano, manteve-se distante da província em que nasceu e deslocou-se, pouco a pouco, criticamente às margens da cultura cosmopolita.

2.4 Cine Glória, Ponto Chic e o primo Donaldo

É possível ver em *Menino sem passado* a realização de um escritor em pleno domínio das suas faculdades literárias. Trata-se de um livro sobre o período entre 1936-1948, o momento da primeira infância, do nascimento em Formiga ao deslocamento para Belo Horizonte, que, pela própria natureza do recorte temporal,

¹⁶³ “Yo salí de una ciudad tan pequeña como Itabira, Formiga, fui a Belo Horizonte (donde hice la facultad) después fui a Rio de Janeiro (donde me especialicé en francés) y, de repente, estaba en París con una beca. En Francia, recibo la invitación de una universidad en Estados Unidos para dar clases en Nuevo México. Pienso que es posible, entonces, establecer un paralelo entre el recorrido que hizo Drummond a través del sentimiento del mundo y mi experiencia: ser estudiante y becario en Francia y, además, ser profesor (muy joven) en Estados Unidos” (RAMOS, Julio. Los viajes de Silviano Santiago. Conversación con Julio Ramos. *Zama* - Revista del Instituto de Literatura Hispanoamericana, v. 4, n. 4, 2012, p. 186).

de difícil recordação plena, afinal Silviano tinha poucos anos de vida, o livro é enxertado por períodos posteriores, já nos anos 1960 e 1970, numa espécie de *fast forward* combinado a *flashbacks*. O narrador é, portanto, um adulto, um escritor experiente no alto dos seus 80 e poucos anos, o que dá uma característica importante de memorialismo, como faz Drummond e Pedro Nava em seus escritos — que apesar de serem sobre a infância, são narrados por um adulto.

Aponto rapidamente uma aparente incoerência interessante que merece destaque. Em entrevista datada de 2007, portanto antes do projeto e da escrita dos seus últimos textos autobiográficos, no primeiro número da *Revista Escritos* ligada à Fundação Casa de Rui Barbosa, Silviano afirma categoricamente: “Não chegarei a escrever as minhas memórias por uma razão bem simples e muito complexa”¹⁶⁴. Aos olhos de hoje, a afirmativa soa um tanto quanto estranha, ainda mais quando confrontada ao depoimento recente, de 2020, quando Silviano ainda rascunhava o projeto de *Menino sem passado*: “Recentemente comecei a escrever minhas memórias”¹⁶⁵. A primeira entrevista, separada por 13 anos da segunda, tinha como pano de fundo a discussão acerca das diferenças entre autoficção e confissão¹⁶⁶, já debatidas na abertura desta dissertação. Portanto, poderíamos imaginar que a noção de “memória”, no caso da primeira afirmativa, estaria ligada ao purismo das autobiografias, ligado aos desígnios do factual e subordinadas à história da família e da herança patriarcal, como o fizeram os avatares do memorialismo mineiro. No caso da segunda, tendo já em vista a armação do projeto autobiográfico de Silviano, tem no substantivo “memórias” o objetivo de transgressão declarada à forma consagrada de rememoração da infância. Assim, como já foi demonstrado em outro momento neste trabalho, Silviano enxerta sua árvore genealógica de modo a pensar uma outra herança que o desvie dos ditames do patriarcalismo, já que sua história familiar é desviante, como afirma, logo depois, na entrevista de 2020: “conto como minha vida inicial foi acidentada. A perda de minha mãe, quando tinha 1 ano e meio

¹⁶⁴ ROUCHOU, Joëlle; GUIMARÃES, Júlio Castañon. Silviano Santiago. *Revista Escritos*, Ano 1, n.1, 2007, p. 267.

¹⁶⁵ QUEIROZ, Christina. Silviano Santiago: o literato cosmopolita. *Revista FAPESP*, São Paulo, 2020.

¹⁶⁶ Tema debatido em pelo menos dois textos: SANTIAGO, Silviano. “Meditação sobre o ofício de criar”. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, [S.l.], v. 18, dez. 2008, p. 173-179; e SANTIAGO, Silviano. “Epílogo em 1ª pessoa: eu e as galinhas d'angola”. In: *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

de idade, é o tema dominante”¹⁶⁷. Além da falta materna, Silviano também dá atenção à importância da bastardia, já que seu pai, ao fugir com a mãe e o padrasto — tomado por Silviano como avô —, carregará o fardo de ser filho de alguém que não é seu pai biológico. Dessa maneira, o aparente paradoxo das respostas dadas em entrevistas diferentes e separadas no tempo ganha uma complementaridade na medida em que examinamos a natureza crítica dos termos em disputa.

Passo rapidamente à abertura do livro, onde se lê:

Nos anos em que as tropas aliadas combatem as forças nazifascistas no mundo e os indignados cidadãos e cidadãs brasileiros sabotam a ditadura Vargas, moro na casa mandada construir por meu pai — ou pelo vovô Amarante — no número 31 da rua Barão de Pium-i, em Formiga, na região oeste do estado de Minas Gerais.¹⁶⁸

Um movimento do parágrafo é importante de ser grifado. Do começo, com as tropas aliadas em combate, até o interior de Minas, na rua Barão de Pium-i, nota-se já o gesto geral do livro. Da metrópole à província, Silviano aponta a importância de, a partir dos grandes centros do mundo, focar, numa espécie de *zoom-in*, a periferia.

Gilles Deleuze em seu abecedário com Claire Parnet vai definir o que não é ser de esquerda da seguinte maneira:

Não ser de esquerda é um pouco como um endereço postal: parte-se primeiro de si... a rua em que se está, a cidade, o país, os outros países e, assim, cada vez mais longe... Começa-se por si mesmo e, na medida em que se é privilegiado, em que se vive em um país rico, costuma-se pensar: “em como fazer para que esta situação perdure?”¹⁶⁹

¹⁶⁷ QUEIROZ, Christina. Silviano Santiago: o literato cosmopolita. *Revista FAPESP*, São Paulo, 2020.

¹⁶⁸ SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 13.

¹⁶⁹ “Ne pas être de gauche, c'est un peu comme une adresse postale : partir de soi... la rue où on est, la ville, le pays, les autres pays, de plus en plus loin... On commence par soi et, dans la mesure où l'on est privilégié et qu'on vit dans un pays riche, on se demande : ‘comment faire pour que la situation dure ?’” (DELEUZE, Gilles. *La gauche selon Deleuze. Palimpsestes*, avril, 2009).

Assim, ser de esquerda seria o contrário, seria começar pelo mundo, vindo o contorno, depois o continente, o país, a cidade, a rua, até chegar em você. Deleuze diz que é um fenômeno de percepção, onde “primeiro, percebemos o horizonte”¹⁷⁰. A abertura de *Menino sem passado* parece obedecer a essa caracterização, ela funciona de fato como o contrário de um endereço postal, partindo primeiro da Europa, aquilo que estaria fora do cerco nacional do autor, com as tropas que combatem o nazismo, e vai se estreitando até chegar à sua rua no interior de Minas Gerais, numa cidade provinciana da periferia do mundo. O livro parece se estabelecer nesse jogo entre o que acontece lá fora e como essas ideias são apreendidas no Brasil, em especial a partir do olhar infante do autor. É assim que Silviano vai abordar sua relação íntima com o cinema ainda na infância, quando, quase diariamente, começou a frequentar o Cine Glória, principal cinema de Formiga: “Minha imaginação se vê subitamente instruída pela imagem na tela do cinema”¹⁷¹. Não apenas o cinema, mas os gibis vendidos na banca de jornal Ponto Chic informam o autor da sociabilidade metropolitana: “Na banca de jornal se passa o mesmo que à entrada da sala de cinema. Voluntarioso e com as mãos vazias, caminho até a praça do Ponto Chic e, como por feitiço, apanho o novo gibi na banca de jornal”¹⁷², com seus super-heróis, tema devidamente apresentado em forma de poemas em *Crescendo durante a guerra numa província ultramarina* (1978).

Silviano chega a conceber a seguinte pergunta retórica: “Por que a cabecinha interiorana do menino se abriu necessitada e desocupada a fim de ser enxertada pelas novas e modernas mídias?”¹⁷³, que responde em seguida: “Não se recebe herança cultural por testamento da História, mas ela é ganha de cambulhada com mil outras experiências. É ganha pelo hábito da convivência cultural (imposta

¹⁷⁰ “On perçoit d'abord l'horizon” (DELEUZE, Gilles. *La gauche selon Deleuze. Palimpsestes*, avril, 2009).

¹⁷¹ SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 20.

¹⁷² SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 33.

¹⁷³ SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 52.

ou não) com uma descendência inesperada e singular de heróis contemporâneos”¹⁷⁴. Assinala o problema da herança, que parece também atravessar o livro, apontando ainda para a maneira como ela é formada, através das diversas experiências que (con)formam o cidadão do mundo, sem se restringir simplesmente aos bens materiais e simbólicos deixados pela família. Tal tema é anunciado numa das epígrafes do livro — que forma par com a do poema de Murilo Mendes homônimo ao livro — de René Char em *Feuillets d’Hypnos* que, por sua vez, é um aforismo citado por Hannah Arendt: “Nossa herança não é precedida de testamento algum”¹⁷⁵. O problema ganha profundidade quando descobrimos, nas notas ao final, que Silviano abre mão da herança paterna quando da morte de seu pai em 1968. À época, Silviano residia no exterior e solicitou apenas as abotoaduras de ouro vinte e quatro quilates confeccionadas pelo pai com as ferramentas de cirurgião dentista: “[...] com a broca do motor dentário, tinha escrito nas duas pequenas chapas douradas as letras S e S. Temos as mesmas iniciais”¹⁷⁶. Dessa forma, ao recusar a herança material do pai, recusando a reboque a herança cultural do patriarcalismo, Silviano opera uma transgressão ao memorialismo mineiro, redesenhando em seu livro sua própria herança, tributária das interações sociais cosmopolitas da primeira infância. É por esse caminho que Silviano reencena, ao seu modo, o cosmopolitismo de Drummond: “Friso: a seu tempo e lugar, os gibis e os filmes foram a formação por onde circulou a imaginação criativa anárquica do menino [...] em Formiga”¹⁷⁷. Enclausurado no interior de Formiga, Silviano se aproxima dos grandes acontecimentos do século — que, àquela altura, já haviam *acontecido*, fixando-se na memória como preocupação de além-mar do passado recente — a partir dos gibis, como recorda em entrevista: “Por meio deles [os gibis], vivi acontecimentos como a Segunda Guerra Mundial, enquanto morava em numa

¹⁷⁴ SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 52-53.

¹⁷⁵ CHAR, René. *Feuillets d’Hypnos*, 1946 *apud* SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 7.

¹⁷⁶ SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 463-464.

¹⁷⁷ SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 36.

cidade de 30 mil habitantes”¹⁷⁸. A pequena cidade acaba por se colocar no tempo do mundo da imaginação do menino mineiro, “[...] mero comparsa — silencioso e distante — na narrativa da História universal que transcorre e é escrita no hemisfério Norte”¹⁷⁹, assim, ao fim e ao cabo: “A realidade provinciana de Formiga é planetária”¹⁸⁰ na ficção própria de Silviano, mediada pelo cinema e os quadrinhos. Novamente em entrevista, Silviano vai recordar a importância dessas diferentes interfaces para sua construção pessoal:

[...] gibi e cinema são duas coisas que vão ser muito importantes pra mim, porque vão marcar — de maneira pretensiosa — certo espírito cosmopolita meu. Eu tinha o imaginário ligado ao que estava acontecendo no mundo, apesar de a cidade ser provinciana. Tinha, por exemplo, perfeita noção da Segunda Guerra Mundial, através dos personagens de gibi ou dos filmes.¹⁸¹

Se os poemas de Drummond são marcados pelos acontecimentos do século porque vividos em sua radicalidade — afinal, a juventude do poeta é contemporânea às guerras —, a infância de Silviano inscreve os horrores da guerra na memória e na especulação ficcional, assegurada pelas imagens produzidas em estúdio e devidamente importadas pelo circuito de cinema provinciano.

Um personagem da autobiografia que dará o devido tom de sobriedade aos devaneios ultramarinos do menino formiguense é o primo Donald, filho da tia materna de Silviano e funcionário concursado do Banco do Brasil, que durante a guerra foi convocado pela Força Expedicionária Brasileira (FEB) para lutar na Itália contra as tropas do Eixo. Com a justa consciência da distância dos acontecimentos

¹⁷⁸ QUEIROZ, Christina. Silviano Santiago: o literato cosmopolita. *Revista FAPESP*, São Paulo, 2020.

¹⁷⁹ SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 59.

¹⁸⁰ SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 66.

¹⁸¹ SANTIAGO, Silviano. Entrevista a Helena Bomeny e Lúcia Lippi Oliveira. *Estudos Históricos, Arte e História*, Rio de Janeiro, n.30, 2002/2, p. 150.

— “Na terra italiana recoberta pela neve, distante de casa, ele luta”¹⁸² —, Silviano, ao ver os jovens rapazes em Formiga se apresentarem para o serviço militar, percebe a realidade e a concretude das elucubrações apenas sonhadas através do cinema e dos gibis:

Um jorro de luz baixa da tela do Cine Glória e fulguram pelas ruas de Formiga os passos em marcha cadenciada dos atiradores convocados para participar da Força Expedicionária. Hoje, aqui; amanhã, lá. A guerra não é mapa de topônimos conhecidos e desconhecidos. Ela existe. É real. Soldados, pilotos e marinheiros inimigos são seres humanos, de carne e osso. Armas mortíferas destroem cidades e matam os inimigos. Emboscadas não são de mentirinha e tampouco o tá-tá-tá-tá dos tiros de metralhadora. Aviões bombardeiros voam nos céus. Submarinos lançam torpedos que deslizam pela superfície dos mares e explodem destróieres. Naufrágios. Mortes solitárias e coletivas — tampouco isso é invenção imaginosa dos gibis e dos filmes. Donaldo empresta nome próprio às cidades estrangeiras. Lá está o Donaldo. A vida se passa lá no Velho Continente. Um dia também porei os pés lá e observarei que sempre haverá guerra, soldados, pilotos, marinheiros e cidadãos inimigos. Famílias separadas pelas águas oceânicas e pela dor. E mortes solitárias e coletivas.¹⁸³

O deslumbramento de Silviano pelo primo expedicionário acaba por retrospectivamente conferir sentido ao desejo de deslocamento, sempre assombrado pelas suas agruras, ímpeto que norteia sua produção ficcional. Circunscrita no período da primeira infância, a viagem ocorre em grande medida pela leitura, pelo contato com a cultura cosmopolita insulada em território provinciano.

2.5 Poeta provinciano

A partir da noção de enxertia e leitura, Silviano se hospeda em outros textos

¹⁸² SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 70.

¹⁸³ SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 196-197.

e escritores, criando, a partir da sua própria empreitada literária, um livro que aglutina certa tradição do memorialismo mineiro, fazendo com que os jogos de intertextualidade sejam lidos a céu aberto, abrindo a possibilidade de leituras cruzadas. André Botelho e Lucas van Hombeeck, num ensaio sobre Pedro Nava, Murilo Mendes e Silviano Santiago, vão destacar a força dessa manobra poética:

[...] ganha destaque no projeto [*Menino sem passado*] a noção de “hospedagem”, segundo a qual tanto os textos se situam uns nos outros como, entre autor e leitor, possibilita-se um pacto pelo qual as memórias do segundo se hospedam na escritura do primeiro. Assim, no sentido político da escrita de si, o que se percebe naquelas memórias é uma urgência da comunicação, a necessidade da reescrita e o trabalho de automonitoramento reflexivo sobre a questão central da repetição com diferença.¹⁸⁴

Assim, a partir do uso da memória alheia — ou da sua elaboração ficcional —, Silviano acerta as contas com seu próprio passado realizando, mesmo que de maneira desviante e transgressora, o programa memorialístico assim como seus compatriotas mineiros. A armação conceitual de clara função poética e operativa parece residir justamente na noção de leitura, que resvala na de “hospedagem”¹⁸⁵, elaborada em outros textos, sobretudo em *Fisiologia da composição* (2020). Numa tentativa de sumarizar os diversos livros em que Silviano se hospeda, Botelho e Hombeeck vão mencionar alguns importantes:

Acontece que *Menino sem passado* (1936-1948) se hospeda em muitos textos. A começar pela poesia de Murilo Mendes, que dá título ao livro, e no memorialismo mineiro de Pedro Nava, especialmente *Bau de ossos* (1972) e *Balão cativo* (1973) e novamente de Murilo Mendes, agora de *A idade do serrote* (1968). Mas também, de modo muito especial, em *Crescendo durante a guerra numa província ultramarina*, livro de poemas de 1978 do próprio Silviano em

¹⁸⁴ BOTELHO, André; HOMBEECK, Lucas van. O balão, o serrote e o indivíduo: cosmopolítica do memorialismo modernista. *Revista Brasileira de Sociologia*, Vol 10, No. 25, Mai-Ago/2022, p. 53.

¹⁸⁵ Vale mencionar que a noção de “hospedagem” não é trabalhada — nem sequer mencionada — em *Menino sem passado*, apesar de percebermos o claro rendimento dela para a leitura das memórias de Silviano.

que é especialmente legível o trabalho sobre a questão do aprimoramento da subjetividade individual nos quadros da discussão da crise do ideal de Bildung — que a Segunda Guerra Mundial terminou por evidenciar tragicamente — e no qual, justamente por isso, a precariedade e a incompletude que restam ganham nos poemas do livro um sentido dialógico muito próprio com o leitor¹⁸⁶

Ressalto aqui a importância do livro *Crescendo durante a guerra numa província ultramarina* (1978), escrito, em grande medida, no começo de 1976 na biblioteca do Latin-American Institute, da *University of Texas*. O livro de 1978 tem como tema principal o imbricamento entre vida provinciana e cultura cosmopolita, como vai destacar Renato Cordeiros Gomes:

Neste livro de poemas de marca vanguardista à Oswald de Andrade, o olhar do poeta ancora-se no lugar de origem mas estende-se para mais além dos vínculos de parentesco, inclusive os laços mais formais da cidadania compartilhada, para além das fronteiras da nação. Desse lugar identitário, diferido e híbrido, a Província mira a Cosmópolis, contaminada pela cultura estrangeira mais ampla, um pé lá e outro cá.¹⁸⁷

Cordeiro Gomes sublinha o problema da transferência cultural, sem opor a identidade interiorana às grandes cidades do mundo, mas justamente colocando ambas em xeque na medida em que aponta a contaminação dessas posições na economia interna do livro. Dessa maneira, os poemas apontam para o xis da questão: a hibridização e o diferimento no contato, em princípio, assimétrico entre culturas. É assim que, num estilo vanguardista “à Oswald de Andrade”, Silviano faz a “Província mira[r] a Cosmópolis”, invertendo a posição do centro de poder e revelando a dívida dos metropolitanos com os periféricos. Em outro momento, Celia Pedrosa, especialista em poesia contemporânea e ex-orientanda de

¹⁸⁶ BOTELHO, André; HOMBEECK, Lucas van. O balão, o serrote e o indivíduo: cosmopolítica do memorialismo modernista. *Revista Brasileira de Sociologia*, Vol 10, No. 25, Mai-Ago/2022, p. 54.

¹⁸⁷ GOMES, Renato Cordeiro. "A cosmópolis na mira de uma província ultramarina". In: MELO MIRANDA, Wander (org). *Suplemento Literário Especial Silviano*, Belo Horizonte, maio /2017, p. 7.

Silviano¹⁸⁸, vai destacar a reconstrução da origem do passado do autor a partir de fragmentos e lacunas, como depois parece fazer também em *Menino sem passado*:

[...] Silviano focaliza a dinâmica anacrônica da memória poética, evidenciando toda origem como construção a posteriori, cujas lacunas e aporias são mesmo, e paradoxalmente, condição de uma historicidade feita com a continuidade irregular e intervalar de ondas, saltos e acenos de e para algo ainda por vir. Esse jogo entre origem e posterioridade se relaciona tanto à compreensão do autor como leitor quanto à do leitor/destinatário enquanto signo de uma tensão entre interioridade e extimidade constitutiva de toda subjetivação e de toda vontade de forma.¹⁸⁹

Crescendo durante a guerra numa província ultramarina traz, na sua capa, uma fotografia de Vargas num carro junto a marinheiros. O retorno da poética dos anos 1970 ao período dos anos 1940 é a tônica do livro, que, de uma certa forma, reaparece em *Menino sem passado*. O livro de poemas tem epígrafes na abertura e no fechamento, a primeira de Peter Handke e a segunda de Antonio Candido. Ambas as citações trazem a enunciação coletiva como uma dimensão essencial da literatura. Quer dizer, se as leio de maneira correta, os poemas reunidos no livro têm uma dimensão pessoal aparente que, por sua vez, se articula a uma experiência coletiva, cristalizando o sentimento provinciano, a deixar sempre à mostra seu débito com a cultura cosmopolita.

Em relação à guerra, temos pelo menos dois poemas que versam sobre o paradoxo da distância e da proximidade da experiência europeia no contexto provinciano. O primeiro é “Poema de lá”, em que se lê: “Dizem: guerra / lá na Europa, / como quem diz: / chove lá fora”¹⁹⁰. O segundo, “Brainwashing”, se encontra em Munique, em 1961, já distante da infância do autor: “Em 1961, pelas

¹⁸⁸ Em 1988, Celia Pedrosa defendeu uma tese — publicada em livro pela Editora da USP (EDUSP) e a Editora da UFF (EDUFF), em 1995, com prefácio de Silviano — sobre Antonio Candido, ver PEDROSA, Celia. *Antonio Candido: A Palavra Empenhada*. São Paulo/Niterói: EDUSP/EDUFF, 1995.

¹⁸⁹ PEDROSA, Celia. "A poesia como aceno e salto". In: MELO MIRANDA, Wander (org). *Suplemento Literário Especial Silviano*, Belo Horizonte, maio /2017, p. 14.

¹⁹⁰ SANTIAGO, Silviano. *Crescendo durante a guerra numa província ultramarina*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978, p. 26.

ruas de Munique, / procuro os tripulantes de destroyers e aviões, de sinistras risadas e monóculos ameaçadores // Munique está resguardada. / Todos tinham morrido nas páginas do Gibi”¹⁹¹. No poema, a experiência no solo em que ocorreu a Grande Guerra, já passados anos de seu fim, é suplementada pela leitura, ainda na província, dos gibis que tematizavam o confronto, dando densidade à experiência de assistir aos destroços deixados pelos bombardeios na Alemanha. Nesses dois poemas, a discussão sobre a longínqua guerra é informada a todo momento pela leitura dos quadrinhos e pelas imagens do cinema, interfaces que constituíram a imaginação do menino formiguense.

A escrita e a montagem do livro de poemas aconteceram durante o primeiro semestre de 1976, quando Silviano estava como professor visitante de Literatura brasileira e Teoria literária na pós-graduação da *University of Texas*, em Austin. Lembremo-nos que, desde 1974, Silviano havia voltado definitivamente ao Brasil, contratado como professor associado pela PUC-Rio. Assim, a viagem ao Texas, de volta aos Estados Unidos, era o primeiro retorno, como visitante, ao continente norte-americano. Na biblioteca do Latin-American Institute, na universidade no Texas, Silviano escreve seus poemas¹⁹², e, já naquele momento, dá o título enigmático, como descreve em *Menino sem passado*: “O título em português da coleção de poemas é tradução da língua inglesa que, então, me guiava pela fala incompreensível que se tornava compreensível ao ser descodificada nas legendas dos filmes de guerra: *Growing up during the War in an Overseas Province*”¹⁹³. O anglicismo das produções cinematográficas dos anos 1940, assistidas durante sua infância, é logo vertido para a língua materna, transportando, nessa inversão na língua, a experiência da guerra ao centro da trama provinciana, como tenta também fazer em seus poemas. Para ajudar a localizar-nos no tempo e no espaço, trago aqui o excerto de uma correspondência de Silviano ao amigo poeta Affonso Ávila, missiva datada de 6 de março de 1976:

¹⁹¹ SANTIAGO, Silviano. *Crescendo durante a guerra numa província ultramarina*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978, p. 24.

¹⁹² SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 52.

¹⁹³ SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 52.

Comecei finalmente a escrever umas coisas. Ainda não estou satisfeito, mas pelo menos me tira do impasse em que estava com relação a uma dicção mais popular e mais solta para o poema. É uma série a que estou dando o nome de “Crescendo durante a guerra numa província ultramarina”. Às vezes acho os poemas por demais Oswaldianos. Às vezes me sugerem mais uma visada original da minha parte. Em suma: ainda não estão no ponto. No ponto de bala.¹⁹⁴

No timbre do envelope em que se encontra a carta, lê-se "THE UNIVERSITY OF TEXAS AT AUSTIN / Department of Spanish and Portuguese / AUSTIN, TEXAS 78712", também com o carimbo "US POSTAGE / OFFICIAL BUSINESS STATE OF TEXAS". A demarcação espacial da escrita da carta recobre também as circunstâncias de escrita do livro de poemas em solo estrangeiro — norte-americano para ser mais específico. Importante também notar como desde a composição do livro, ainda nas mãos do autor, o parentesco oswaldiano aparece como característica primordial — e, de certa maneira, a ser evitada por Silviano —, marca também apontada pela crítica. À guisa de exemplo, em resenha do livro de Silviano para o *Jornal do Brasil*, datada de 31 de março de 1979, com o título “Colagem poética”, o escritor João Gilberto Noll descreve rapidamente os avanços de Oswald de Andrade em matéria de poesia. Seguindo o fio de Noll, a poética oswaldiana foi a que melhor sobreviveu, ganhando atualidade e uma certa continuação dentre as diversas vertentes da tradição moderna brasileira. Ao tentar se esquivar da sacralização da palavra, atributo esperado do poeta segundo a tradição, Oswald, ao fazer uso frequente do verso coloquial, acaba por figurar uma linguagem desdramatizada, numa poética que se aproxima da fala (popular). O juízo de Noll, apesar de um tanto clichê aos olhos de hoje, serve mais para identificar certas características da visada estilística de alguns modernistas — circunscrita, aqui, na figura de Oswald —, que, por sua vez, ecoa numa série de poetas do chamado Concretismo, de compositores do Tropicalismo no campo da música popular etc. Continua Noll: Oswald se distancia, portanto, da tendência do verso livre europeu, em direção ao deboche e à paródia, utilizando a sintaxe vulgar da fala corriqueira,

¹⁹⁴ SANTIAGO, Silviano. Carta a Affonso Ávila de 06/03/1976, Austin. Transcrição de Leandro Garcia Rodrigues.

aproximando-se do prosaico e virando as costas para o beletismo esperado da prática poética. Ao que o crítico de rodapé arremata, aproximando Silviano da cadência oswaldiana:

É esta perversão do poema que adota o prosaísmo (avesso à cadência tradicional do verso mas conservando, claro, o ritmo interno da poesia) que se torna a linha dominante de *Crescendo Durante a Guerra numa Província Ultramarina*, onde cada peça possui um tom de apenas comunicado preciso e neutro sobre ocorrências da província e das várias metrópoles que de alguma forma a determinam.¹⁹⁵

Sem entrar na minúcia da leitura que Noll faz, o importante é apresentar o parentesco, visto à olho nu pela crítica literária de jornal, entre sua forma poética e a de Oswald de Andrade. Mais ao fim da resenha, Noll traça a diferença entre essas duas poéticas — apesar das aproximações apontadas —, segundo ele, Silviano não gostaria simplesmente de transfigurar metaforicamente o real, mas de investigar, num exame atento do passado — no caso do livro, os anos 1940 —, aquilo que garante a sustentação das situações de subordinação colonial nos dias de hoje (leia-se, anos 1970).

Guardadas as devidas proporções, algo desse movimento aparece também, por exemplo, na poesia de Drummond, como aponta José Miguel Wisnik, em livro recente sobre o poeta e a mineração: “[a] combinação de acontecimento local, íntimo, preso às circunstâncias e às idiossincrasias de Itabira [...], com a teia maior da guerra e da expansão da indústria pesada em escala internacional [...], tudo se fazendo presente por ausência, in loco e à distância [...] dá à situação um caráter ao mesmo tempo circunscrito e exorbitante [...]”¹⁹⁶. Assim, tanto a poética de Drummond como a de Silviano, cada uma a sua maneira, fazem uso da matéria local da província, ao mesmo tempo em que se colocam no presente do mundo, aproximando micro e macro, local e universal, numa investigação do passado, uma rememoração da infância, dando concretude às experiências provincianas.

¹⁹⁵ NOLL, João Gilberto. Colagem poética. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 31/03/1979, p. 3.

¹⁹⁶ WISNIK, José Miguel. *Maquinação do Mundo: Drummond e a mineração*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 39.

No prefácio de *Crescendo durante a guerra numa província ultramarina*, o historiador Carlos Guilherme Mota — que, aliás, assina o prefácio e o data de dezembro de 1976, ano em que Silviano foi ao Texas no primeiro semestre —, nota que o livro, apesar de escrito nos anos 1970, é atravessado pelas questões dos anos 1950 e sobretudo pelas memórias — do autor e do mundo — dos anos 1940. Amigo do autor, Carlos Mota, provavelmente recebeu os originais dos poemas antes mesmo de terem sido enviados à editora, e, com a pressa da leitura, escreveu um prefácio que, por sua vez, foi enviado como manuscrito para o autor. A escrita à caneta, em papel que hoje se encontra arquivado no acervo pessoal de Silviano, nos permite imaginar a euforia com que os poemas foram lidos, exigindo uma imediatez e fazendo supor que o prefácio foi escrito no calor da hora, no respiro entre um poema e outro. Provavelmente imbuído do ar de vanguarda dos poemas, Mota enxergou algo de novo naquela poética, que a diferenciava dos poemas memorialísticos de Drummond e a colocava em uma nova chave diante do passado pessoal do autor e a condição coletiva da província. Dessa forma, seguindo a lógica do prefácio, Silviano, como confirma Mota, não opera um retorno ao seu passado, mas provoca a “emergência de uma nova linha de metáforas que, se já foi vislumbrada e ensaiada por C. Drummond de Andrade [...]”¹⁹⁷ não chegou a se concretizar em sua poética. Assim, na lógica do historiador, Silviano como que dá um passo à frente de Drummond, utilizando seu passado para catapultar as experiências que neutralizam a subordinação dos trópicos às metrópoles, numa crítica aos Impérios do Norte e à prática colonial.

2.6 Os argonautas do Novo Mundo

Em “Por que e para que viaja o europeu?”, publicado na seção final de *Nas malhas da letra* (1989), Silviano discute as diversas interpretações, informadas pelo eurocentrismo europeu, para explicar a descoberta do Novo Mundo pelo Velho Mundo. A primeira hipótese aponta para os argonautas portugueses através da

¹⁹⁷ MOTA, Carlos Guilherme. “Prefácio, nas asas do Panair”. In: SANTIAGO, Silviano. *Crescendo durante a guerra numa província ultramarina*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978, p. 13.

poesia de Camões, cujo sentido da viagem se sustentava pelo aclaramento dos povos bárbaros do mundo através do aportamento da Fé e do Império nos trópicos. Parte-se da viagem como princípio civilizatório e não mais como um interesse intelectual e de curiosidade com o diferente, num movimento que mais pareceria uma insatisfação do branco com a sua própria sociedade. Assim, os insatisfeitos com o Velho Mundo são os que ficaram no território europeu e aguentaram os ditames da Inquisição, como Michel de Montaigne, e não os navegantes colonizadores ligados às grandes viagens de “descobrimento”, como Vasco da Gama. Montaigne, por sua vez, sem ter saído da Europa, criou a partir do contato com as alteridades do Novo Mundo um pensamento que carregasse a força do descentramento pelo encontro, por exemplo, com os canibais das Américas. É dessa maneira que Silviano sublinha o programa da viagem colonial portuguesa de levar as formas civilizatórias ao resto do mundo. Distante de um deslumbramento com a diferença, "A colonização pela propagação da Fé e do Império é a negação dos valores do Outro"¹⁹⁸, como escreve Silviano no ensaio, revelando "[...] o efeito maior do gesto narcísico europeu que queria ver a sua imagem repetida por todo o universo"¹⁹⁹. A segunda formulação seria o de uma ética da aventura, que justificaria a colonização e a viagem a partir do paradigma do trabalho bem-intencionado e elevado do ponto de vista de sua natureza ligada à descoberta, seriam tributários deste tipo de boaaventurança figuras como Daniel Defoe, François-René de Chateaubriand e Joseph Conrad. Em sequência, a pergunta é reformulada para pensar a viagem dos norte-americanos, novos colonizadores cosmopolitas do século XX, que agora tomam o lugar de preponderância cultural, cujo domínio antes era apenas europeu. Por fim, um novo ator entra em cena e ganha certo rendimento neste ensaio: "Por que e para que viaja o habitante do Novo Mundo?"²⁰⁰.

Na esteira do argumento de Silviano, avalizado pelas discussões aqui presentes, a viagem do latino-americano tem, em primeiro lugar, o objetivo de deixar à mostra seu contorno europeu, apresentando aquilo que o colonizado *deve*

¹⁹⁸ SANTIAGO, Silviano. "Por que e para que viaja o europeu?". In: *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 225.

¹⁹⁹ SANTIAGO, Silviano. "Por que e para que viaja o europeu?". In: *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 226.

²⁰⁰ SANTIAGO, Silviano. "Por que e para que viaja o europeu?". In: *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 238.

ao colonizador, já que constituído a partir do contato. Como fizeram os grandes intérpretes do Brasil, a viagem ao exterior tem um objetivo educacional, de formação espiritual e de atualização diante das mais recentes tendências do mundo, para enfim apontar, no interior de suas escrituras, as devidas importações conceituais. Indo mais a fundo, como fez Silviano em seu texto, o latino-americano viaja para, no limite, descobrir sua identidade como *cópia*, que, portanto, aparece como identidade desidentificada, infundada por natureza. A cópia sempre deve a um original (no caso, ao europeu), para se estabilizar numa instabilidade ontológica por excelência. A aparente negatividade da cópia (ser aquilo que não é o original) é então revertida pelo latino-americano (e por Silviano) como uma positividade transgressora que lhe garante fundo e potência.

Nos termos que nos interessam, Silviano é um dos autores que toma essa condição como princípio ficcional e, portanto, hospeda-se em uma série de outros escritores, livros e objetos culturais cosmopolitas para compor seus próprios textos, como diz em entrevista, sobre a releitura de texto canônico: “[...] direi que estou sempre fazendo leituras. Estou sempre querendo dar sentido e forma à tradição.”²⁰¹. Nos poemas de *Crescendo durante a guerra numa província ultramarina* ou em *Menino sem passado*, Silviano, assim como o fez Drummond, escreve suas memórias de infância informado pela produção de autores cosmopolitas — sejam eles brasileiros ou estrangeiros —, projetando sua grafia-de-vida nos interesses e fórmulas alheias. Assim, ajustando na medida a apreensão e a leitura de outras obras, o crítico escreve seus textos a partir de outros textos, de remendos alheios, que, por sua vez, estão aprisionados em outros textos, numa *mise-en-abyme* própria do fundamento da literatura e da ficção. Negociando a todo momento com o universal e com a escritura original, é instado a dividir, na fina camada da letra, o lugar de autoria com suas próprias leituras, para logo mais usurpá-la, fazendo com que a cópia, posição identitária e uma das máquinas de guerra do Novo Mundo, se realize na sua fulgurosa condição desconstrutora.

²⁰¹ SANTIAGO, Silviano. Entrevista: Questões para Silviano Santiago. *Floema* - Ano IX, n. 11, jul./dez. 2015, p. 21.

3. Silvano avec Eneida: O professor e a aluna

*Passar a limpo o trajeto acadêmico e
a vida que se traduz em curriculum
vitae implica refazer gestos
inaugurais e retraçar a linha do
presente, pela construção de um
espaço de escrita*²⁰²

— Eneida Maria de Souza, *Tempo de
pós-crítica* (1995)

*À ce glossaire...; je vous en
remercie*²⁰³

— Jacques Derrida a Anamaria
Skinner (1994)

As duas epígrafes, quanto lidas juntas, parecem prefigurar o sentido deste pequeno ensaio. A primeira, escrita por Eneida Maria de Souza em seu memorial, sublinha a necessidade de “refazer os gestos inaugurais”, passando a limpo a vida e a escrita, para, assim, “retraçar a linha do presente” — já que os problemas formulados pela crítica não pertencem ao tempo histórico, mas são extemporâneos, abertos às virtualizações. Assim, os *gestos inaugurais* não dizem respeito simplesmente ao passado, mas estão implicados na espessura do presente, na sua reatualização e na emergência de questões latentes do mundo contemporâneo. No texto de Eneida, refazer esse caminho era retraçar sua trajetória na universidade e atualizar, a cada passo, problemas que lhe perturbavam no presente.

²⁰² SOUZA, Eneida Maria de. *Tempo de pós-crítica*. Belo Horizonte: Núcleo de Assessoramento à Pesquisa da Faculdade de Letras/UFMG, 1995, p. 16.

²⁰³ SKINNER, Anamaria. “Silvano e Derrida, contemporâneos radicais” In: SANTIAGO, Silvano. *Glossário de Derrida*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2020, p. 124.

Já a segunda epígrafe é um agradecimento do pensador franco-argelino Jacques Derrida endereçado a Anamaria Skinner, ex-aluna de Silviano Santiago, por ocasião da publicação do *Glossário de Derrida* (1976) — uma espécie de livro-homenagem organizado em colaboração com uma turma de mestrado em Literatura Brasileira da PUC-Rio como consequência de um seminário ministrado por Silviano na mesma universidade, do qual Anamaria Skinner foi aluna. O glossário é uma tentativa de sistematização (mesmo que impossível) de alguns *quase*-conceitos fulcrais da obra de Derrida (publicada até 1975). Esse esforço teórico, que culminou numa publicação, teve uma importância enorme na introdução do pensador no contexto latinoamericano. O agradecimento de Derrida ao trabalho-homenagem de Silviano e seus alunos vai nessa direção, retribuindo um gesto de hospedagem com um gesto de hospitalidade²⁰⁴.

Este ensaio tem como objetivo reconstituir um momento específico, o encontro entre Eneida e Silviano em 1972, como uma maneira de sublinhar a trajetória cruzada desses dois autores de peso, com o esforço de ambos em pensar a condição colonial e subalterna da literatura e da cultura brasileiras no contexto cosmopolita de globalização e de emergências políticas — problema que, como indica Eneida, sobrevive e se atualiza até os dias de hoje. O ensaio, de caráter introdutório, aponta tendências que se vão consolidar e complexificar, daí em diante, nas trajetórias dos dois intelectuais e em diferentes ambientes acadêmicos.

3.1 PUC-Rio, epicentro do estruturalismo

Gostaria de retroceder um pouco na biografia dos autores até o ano de 1972, há 50 anos, mais especificamente na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Este é o cenário do primeiro encontro desses autores. Na condição de professor visitante da PUC-Rio, Silviano retornava ao Brasil desde sua ida a Paris em 1961 para fazer seu doutorado em literatura francesa. Ainda nos anos 1960, ele

²⁰⁴ O jogo com os conceitos de *hospedagem* e *hospitalidade* é descrito em *Fisiologia da composição* (2020). Para encurtar o caminho, Diana Klinger, na resenha do livro, publicada no Blog BVPS, nos dá o mapa para entender esses dois conceitos-chave, ver KLINGER, Diana. Uma genealogia da generosidade. *BVPS: Blog da Biblioteca Virtual do Pensamento Social*, 2021.

havia também vivido uma longa temporada, primeiro, como professor de literatura brasileira e portuguesa e, depois, de literatura francesa em diversas universidades na América do Norte (Estados Unidos e Canadá). Eneida, por sua vez, vinha ao Rio de Janeiro vinda da graduação em Letras na Universidade Federal de Minas Gerais, para a realização da tão escassa, à época, pós-graduação, para ser orientada pelo professor e escritor Affonso Romano de Sant'Anna. Já neste pequeno quadro podemos ver a projeção mineira e sua relativa hegemonia no contexto carioca da formação dos estudos literários especializados, o que se agrava na medida em que descobrimos que essa tríade de mineiros — Eneida, Silviano e Affonso — foram todos formados pela UFMG. Também existe uma certa homologia dos deslocamentos geográficos neste ano de 1972, de Belo Horizonte e Paris ao Rio de Janeiro, Eneida como uma estudante recém-formada e Silviano retornando ao Brasil após mais de uma década no exterior; deslocamentos certamente diferentes em suas atribuições, porém análogos em seus movimentos.

O encontro, apesar de fortuito, foi representativo da trajetória intelectual e da filiação teórica de ambos os pesquisadores em questão. Silviano havia deixado a universidade brasileira no começo dos anos 1960, sido exposto a uma série de pensadores franceses identificados com o chamado pós-estruturalismo²⁰⁵, tido contato com o funcionamento da universidade norte-americana e com o surgimento *avant la lettre* dos chamados *Cultural Studies* nos departamentos de literatura, além de ter lecionado, a partir de 1962, literatura brasileira e portuguesa para alunos estrangeiros. Eneida, vinda de uma formação clássica, buscava na recente pós-graduação da PUC-Rio, com seus quadros mais alinhados ao cosmopolitismo das universidades norte-americanas e francesas, a verve do pensamento de autores

²⁰⁵ Colin Campbell em artigo no *The New York Times Magazine*, suplemento dominical do jornal *The New Times*, ensaia uma definição provisória do que é pós-estruturalismo e da conexão entre o pensamento de Derrida e as universidades norte americanas: "Post-estruturalismo" é um termo que agrupa vários pensadores franceses e de outras origens que escrevem como se quisessem derrubar estruturas filosóficas opressivas subvertendo a linguagem. [...] Em 1966, na Universidade Johns Hopkins, Derrida deu suas primeiras palestras nos Estados Unidos. O movimento tem incomodado pessoas e textos desde então [...] ["Post-structuralism" is a term that lumps together various French and other thinkers who write as though they want to overthrow oppressive philosophic structures by subverting language. [...] at Johns Hopkins University in 1966, Derrida delivered his first lectures in the United States. The movement has been upsetting people and texts since [...]] (CAMPBELL, Colin. "The tyranny of the Yale critics". *The New York Times Magazine*, Nova Iorque, 9 de fevereiro de 1986). É neste momento-chave da universidade francesa e norte-americana que Silviano se encontra lecionando em Departamentos de Estudos de Literatura no exterior.

como Claude Lévi-Strauss e Algirdas Julius Greimas, consequência da recente intrusão do estruturalismo no Brasil.

Silviano tornou-se professor efetivo da PUC apenas em 1974 e acompanhou Eneida até pelo menos a conclusão de sua dissertação de mestrado em 1975. Ao longo do período em que ela cursou as disciplinas do mestrado, Silviano Santiago ministrou uma série de seminários com abordagens inovadoras para os estudos literários de então. Munido de um arsenal *up to date*, os cursos mais célebres deste período de alguma forma miniaturizam a formação e a filiação teórica de Eneida. São eles o curso de introdução ao pensamento de Jacques Derrida²⁰⁶ — que, mais tarde, em 1976, culminará na publicação coletiva de *Glossário de Derrida*, sob a supervisão de Silviano — e o curso sobre os manifestos das vanguardas literárias de 1922 — além, é claro, do célebre “curso sobre a semente”. A produção dos dois pesquisadores caminhava para um interessante cruzamento, característico de alguns círculos intelectuais desse período: a união alegre da filosofia francesa contemporânea com a literatura brasileira. Importante salientar como um traço aparentemente burocrático e protocolar como as disciplinas ofertadas por Silviano Santiago são importantes para entender as tendências que o mundo da literatura estava enfrentando e que tipo de exposição os alunos do recém-criado Mestrado em Literatura Brasileira estavam experimentando. Nesse exato momento, o então chamado Departamento de Letras e Artes — atual Departamento de Letras — contava com um corpo docente composto por importantes teóricos, como Luiz Costa Lima e o próprio Affonso Romano de Sant’Anna, diretor do Departamento entre 1973-1976, momento em que realizou eventos importantes para a história cultural do Rio de Janeiro, como a *Expoesia I*²⁰⁷, que, no ano de 1973, reuniu trabalhos de mais de 600 poetas além de figuras como Jards Macalé, Gilberto Gil, João Cabral de Melo Neto, Ronaldo Bastos e Chico Buarque, em torno do debate

²⁰⁶ Evelina Hoisel em depoimento sobre o convívio, na condição de aluna e orientanda, com Silviano afirma que o nome do disciplina-seminário sobre Derrida inicialmente se chamava “A problemática da interpretação segundo alguns teóricos franceses” (HOISEL, Evelina. “Silviano Santiago e a disseminação do saber” In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo. *Navegar é preciso, viver: escritos para Silviano Santiago*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Salvador: EDUFBA; Niterói: EDUFF, 1997, p. 45).

²⁰⁷ Ver <https://jornalggn.com.br/noticia/o-encontro-do-expoesia-em-1973/> e <https://m.folha.uol.com.br/ilustrissima/2013/09/1337949-um-movimento-subversivo.shtml>

sobre poesia e música popular²⁰⁸ — considerado pela Serviço Nacional de Informações (SNI) como o movimento mais subversivo daquele ano. O evento seria um balanço da poesia brasileira daquele século, indo do modernismo, à geração de 45, vanguardas de 1956 até o tropicalismo, além, é claro, da poesia marginal, altamente contemporânea, o que fez do evento um marco ao trazer novos objetos para o campo dos estudos literários²⁰⁹. No mesmo ano, nesse caldo político e cultural em que o Departamento convida Michel Foucault para proferir as palestras entre 21 e 25 de maio de 1973²¹⁰, que, mais tarde, serão publicadas como *A Verdade e as Formas Jurídicas*, no número 16 dos Cadernos da PUC-Rio em 1974. É nesse sentido que, como conta Affonso, “o Departamento de Letras [...] tornou-se o epicentro de algumas transformações na área das ciências humanas e sociais. Havia um projeto em andamento que era repensar a literatura, o conhecimento e o inter-relacionamento transdisciplinar”²¹¹.

Em uma pequena resenha de *Crítica cult* (2002), livro de Eneida Maria de Souza, Silviano Santiago sublinha uma particularidade interessante do caminho do pós-estruturalismo até o Brasil. Segundo Silviano, “inicialmente na Universidade de Johns Hopkins e posteriormente nas universidades de Yale, Buffalo e Cornell, o pensamento francês pré-1968 e posterior se impõe como ferramenta teórica indispensável na formação dos pós-graduandos norte-americanos e, por extensão, do Ocidente americanizado”²¹². Quer dizer, se no começo da resenha, Silviano

²⁰⁸ Os resultados do evento foram devidamente descritos pelo próprio Affonso em SANT’ANNA, Affonso Romano de. *Música popular e moderna poesia brasileira*. São Paulo: Landmark, 2004.

²⁰⁹ Por tratar de temas novos para a universidade e para a pesquisa acadêmica, as renovações propostas pelo Departamento tiveram seus críticos, como, por exemplo, Wilson Martins que, em um artigo de jornal, escreve as seguintes frases: “A crer na entrevista de Silviano Santiago neste volume, já não existe na PUC do Rio [...] qualquer diferença entre o escritor consagrado (palavra claramente depreciativa nas intenções com que é proferida) e o colegial que acaba de datilografar o seu primeiro poema” (MARTINS, Wilson. Literatura de folhetos. Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil*, 07/06/1980, Caderno B, p. 11).

²¹⁰ Para mais detalhes sobre o evento e sua história ver LIMA, Matheus Ribeiro Alves de. *Michel Foucault: o intelectual enquanto superastro*. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2022, sobretudo o capítulo 3, “Entrevistas & Performance” e SANT’ANNA, Affonso Romano de. “Quando Foucault veio ao Rio”. In: *A sedução da palavra*. Brasília: Letra Viva, 2000.

²¹¹ SANT’ANNA, Affonso Romano de. “Foucault: 40 anos depois”. In: KIFFER, Ana; GUIMARAENS, Francisco de; ROCHA, Mauricio; ANDRADE, Paulo Fernandes Carneiro de. *Michel Foucault no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; NAU, 2015, p. 40.

²¹² SANTIAGO, Silviano. O sistema de pós-graduação norte-americano e a tradição francesa. *Cadernos de estudos culturais*, Campo Grande, MS, v. 1, jul./dez. 2014, p. 128-129.

relembra da chamada “americanização” do ensino superior, com a adesão ao sistema de Ph.D. em detrimento do doutorado de *troisième cycle à la française* (modelo seguido por Eneida e Silviano na Sorbonne, respectivamente em Paris IV e Paris VII), logo o caminho da *french theory* na universidade brasileira aconteceu a partir dos departamentos de literatura nos Estados Unidos. Silviano, como já comentamos, vinha de um longo período como professor nas universidades estadunidenses, um momento importante na formação intelectual do jovem professor. Assim, o texto-resenha de Silviano sobre o livro de Eneida parece criar um movimento coextensivo entre a teoria francesa e o deslocamento do professor. Silviano como que traz, metaforicamente, a *french theory* para o território brasileiro. Por mais que saibamos que a introdução de uma corrente de pensamento não acontece de maneira tão absolutizada, não é esse o meu interesse, pretendo marcar como num texto feito em interlocução entre os dois autores em questão, um movimento como esse é sugestionado.

O clima do começo dos anos 1970 na PUC-Rio, como já exemplificado, foi marcado pela agitação dos jovens professores. Essa nova abertura acontece, no caso da PUC, através da porosidade que o estruturalismo ganha graças ao seu tempestivo corpo docente. Faço uma pequena ressalva para lembrar também da presença na formação intelectual de Eneida e de parte dos mestrados da época de Dirce Côrtes Riedel, à época professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, mas convidada para lecionar cursos também na PUC-Rio — por exemplo, para mensurar a importância desse contato, poderia mencionar do primeiro contato de Eneida com um texto como *Logique du sens* (1969) de Gilles Deleuze num curso de Dirce²¹³. Dos professores mais simpáticos ao estruturalismo podemos citar²¹⁴ o caso de Luiz Costa Lima com a publicação em 1968 de *O Estruturalismo de Lévi-Strauss* e, posteriormente, em 1973, da sua tese de doutorado, *Estruturalismo e Teoria da Literatura*, defendida em 1972 na Universidade de São Paulo e orientada por Antonio Candido. O uso de Lévi-Strauss por Costa Lima é, digamos assim,

²¹³ Informação confirmada por Marília Rothier Cardoso, que veio em 1972, junto a Eneida, para o Rio de Janeiro cursar, também sob orientação de Affonso Romano, o mestrado na PUC-Rio. Ver também SOUZA, Eneida Maria de. Narrar é glosar, viver é narrar. *Matraga - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ*, [S.l.], v. 23, n. 39, dez. 2016, p. 49.

²¹⁴ SOUZA, Eneida Maria de. *Tempo de pós-crítica*. Belo Horizonte: Núcleo de Assessoramento à Pesquisa da Faculdade de Letras/UFMG, 1995, p. 34.

“científico”. Digo isso pois o interesse na articulação do estruturalismo com o discurso literário diz respeito a uma elaboração teórica, cujas bases lógicas e os desdobramentos analíticos estariam interessados numa melhor compreensão dos mecanismos formais de composição dos discursos. Outro exemplo vindo deste mesmo período é a publicação de *Análise estrutural de romances brasileiros* (1972) de Affonso Romano de Sant’Anna, livro dedicado aos alunos da primeira turma de Mestrado em Literatura Brasileira, grupo do qual Eneida fazia parte.

O cenário de franca expansão dos cursos de pós-graduação e de abertura para novos paradigmas das humanidades é relatado retrospectivamente por Eneida em *Tempo de pós-crítica*, memorial defendido para o posto de professora titular na UFMG:

Os discursos das ciências humanas, nos anos 70, ganhavam cada vez mais espaço no interior dos cursos de letras, obrigando a teoria da literatura a renovar seu instrumental teórico e a participar das transformações realizadas nas outras áreas. Os cursos de literatura brasileira, pautados por forte tendência teórica, não se limitavam a apresentar visões panorâmicas e historicistas da literatura; inclinavam-se para certo tipo de abordagem que privilegiava a análise das formas narrativas contemporâneas, as manifestações de vanguarda, ou a leitura de textos fundadores da literatura brasileira, com vistas à constituição de uma nova historiografia literária²¹⁵.

3.2 O amigo e o inimigo Lévi-Strauss

O caso de Silviano Santiago é um pouco diferente comparado ao de seus dois colegas de Departamento. Se para Affonso e Costa Lima o que está em jogo é o uso do estruturalismo lévi-straussiano como um operador do texto, de decodificação das camadas subterrâneas das estruturas formais e narrativas dos romances e da conseqüente reorganização dos mitemas de modo a produzir novas inteligibilidades do objeto literário, no caso de Silviano, sua atração pelo antropólogo e o uso que faz de sua obra se dão por outras entradas. Por uma questão

²¹⁵ SOUZA, Eneida Maria de. *Tempo de pós-crítica*. Belo Horizonte: Núcleo de Assessoramento à Pesquisa da Faculdade de Letras/UFMG, 1995, p. 47.

de recorte temporal, o livro a que me refiro é *Uma literatura nos trópicos*, publicado em 1978, do qual uma série de textos foram escritos durante sua experiência como professor da primeira turma da pós-graduação do Departamento de Artes e Letras da PUC. Lévi-Strauss aparece de maneira explícita em dois importantes ensaios que compõem o livro, o primeiro e o último — respectivamente “O entre-lugar do discurso latino-americano” e “Análise e interpretação” —, de modo a coroar — o começo e o fim do livro — o argumento da centralidade de Lévi-Strauss nos escritos desses professores-teóricos dos anos 1970. Se o interesse de seus colegas girava em torno da visada metodológica sincrônica da crítica histórica e das novas formas de se organizar a leitura dos textos, para Silviano o que importava era o seu caráter eminentemente etnológico. Não à toa o livro de Lévi-Strauss escolhido por Silviano para dar consistência ao seu *entre-lugar é Tristes tropiques* (1955), tornado *best-seller* quando publicado, texto menos teórico e carregado metodologicamente em relação aos seus outros escritos, mais próximo de um relato de viagem do que de um ensaio de antropologia *stricto sensu*. Em outro ensaio, Silviano faz uma espécie de balanço cultural do final da década de 1970 e aponta para uma certa substituição de influências do campo tanto teórico quanto da literatura ficcional, da sociologia a antropologia, momento em que parece haver algum abalo na hegemonia universitária paulista, escreve Silviano: “No momento da transição do século XX para o seu ‘fim’, a Sociologia e a velha geração de acadêmicos saíam de campo e tomavam lugar na arquibancada, para entrar em campo a Antropologia sob as ordens dos emergentes mapeadores das transformações culturais porque passava o país”²¹⁶.

De forma breve no que me cabe neste ensaio, “O entre-lugar do discurso latino-americano” abre a discussão com uma citação do famoso ensaio “Os canibais” de Michel de Montaigne no qual o ensaísta descreve o momento em que Pirro, rei de Épiro e da Macedônia, depara-se com o exército “bárbaro” romano na sua invasão à Itália²¹⁷. Diante daquele exército que, até o momento, era tido como de um povo “inferior”, Pirro constata, através das palavras de Montaigne, que não

²¹⁶ SANTIAGO, Silviano. “Democratização no Brasil (1979-1981): Cultura versus Arte” In: *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004, p. 141.

²¹⁷ SANTIAGO, Silviano. “O entre-lugar do discurso latino-americano” In: *Uma literatura nos trópicos*. Recife: Cepe, 2019, p. 9-10.

se tratava de um povo bárbaro, mas sim de uma organização militar tão sofisticada quanto a grega. Esse tipo de reversão ou de simetrização entre um povo “inferior” e outro “superior” interessa bastante a Silviano Santiago naquele momento, já que seu texto gira em torno do lugar da produção periférica e colonial latino-americano diante da literatura metropolitana do centro do mundo, dos países colonizadores. Nessa mesma seara, Silviano introduz algumas passagens marcantes de *Tristes tropiques* para reencenar o gesto inaugural de Montaigne à luz dos problemas contemporâneos do contato entre países colonizados com suas respectivas metrópoles. Por exemplo, narra a enquete psicossociológica da Ordem de São Jerônimo²¹⁸ que reproduz o argumento tido como senso comum entre os gregos acerca da inferioridade dos romanos, e, depois, a famosa anedota das Antilhas²¹⁹, — história que Lévi-Strauss em um texto anterior ao *Tristes tropiques* utiliza para embasar seu argumento sobre a universalidade do etnocentrismo²²⁰. Nesta anedota, como descrita pelo antropólogo, o afogamento de espanhóis por populações ameríndias a fim de saber se, afinal, os colonizadores eram deuses ou não, apesar de violenta, guardava uma diferença ética importante em relação às mortes, religiosamente justificadas, de nativos pelos espanhóis, com intuito de descobrir se aqueles bárbaros tinham alma ou não. A diferença ética deixa entrever uma inversão civilizatória entre europeu e nativo, na medida em que a assimetriação das posições de sujeito e objeto naquela cena violenta se revelava, no caso indígena, mais humana e, conseqüentemente, “superior” da dos europeus. Enquanto os índios acreditavam que os europeus podiam ser deuses, os europeus achavam que os índios poderiam ser animais; ambos duvidavam da humanidade de seus diferentes, porém

²¹⁸ SANTIAGO, Silviano. “O entre-lugar do discurso latino-americano” In: *Uma literatura nos trópicos*. Recife: Cepe, 2019, p. 12.

²¹⁹ SANTIAGO, Silviano. “O entre-lugar do discurso latino-americano” In: *Uma literatura nos trópicos*. Recife: Cepe, 2019, p. 12-13.

²²⁰ “Nas Grandes Antilhas, alguns anos após a descoberta da América, enquanto os espanhóis enviavam comissões de investigação para verificar se os nativos possuíam ou não uma alma, estes últimos se esforçavam para imergir brancos presos com o objetivo de verificar, por meio de uma vigilância prolongada, se seus corpos estavam sujeitos ou não à putrefação” [Dans les Grandes Antilles, quelques années après la découverte de l'Amérique, pendant que les Espagnols envoyaient des commissions d'enquête pour rechercher si les indigènes possédaient ou non une âme, ces derniers s'employaient à immerger des blancs prisonniers afin de vérifier par une surveillance prolongée si leur cadavre était, ou non, sujet à la putréfaction] (LÉVI-STRAUSS, Claude. *Race et histoire: suivi de L'œuvre de Claude Lévi-Strauss par Jean Pouillon*. Paris: Folio, 1987, p. 21-22). Este texto também pode ser encontrado como um capítulo do livro *Anthropologie structurale II* publicado pela editora Plon em 1973.

em direções opostas, com o sinal trocado. Esse processo de reversão aparecerá tanto em Derrida, quanto, mais à frente, no próprio texto de Silviano, avalizado também por Derrida.

Assim, Silviano faz um uso estratégico dos relatos de Lévi-Strauss, utilizando-os como antídoto²²¹ para as querelas do contato com as alteridades nos regimes coloniais, nos imbrólios de dependência cultural, nas acusações de mimetização como escreve no seguinte depoimento: “No meu caso, a etnologia — então sendo desbravada pelo extraordinário trabalho de Claude Lévi-Strauss em *Tristes tropiques* (1955) — conduzia à abordagem multicultural no exame do vírus colonial, e se impunha como ferramenta auxiliar”²²². O uso da etnologia e do estruturalismo, no caso de Silviano, é antes de tudo político e multicultural.

Passando do primeiro para o último ensaio de *Uma literatura nos trópicos*, parece que a maneira como Lévi-Strauss é agenciado com uma série de outros autores aponta para uma mudança de postura de Silviano em relação à sua aparente simpatia com o estruturalismo. Isso porque, como foi defendido anteriormente, a atração de Silviano pelo antropólogo se dá menos pela análise estrutural do que pela posição oblíqua do sujeito na antropologia, sobretudo em *Tristes tropiques*; quer dizer, o interesse seria apenas “aparente” pelo estruturalismo, revelando-se mais atraído pela prática etnográfica e pelo estilo de Lévi-Strauss em trabalhos mais romanescos. O texto de encerramento do livro é basicamente uma revisão geral do método estruturalista — especificamente na literatura, a partir de Roland Barthes —, passando finalmente para as diversas objeções e problematizações colocadas pelos chamados pós-estruturalistas, quer dizer, autores que leram a obra de Lévi-Strauss se enquadrando fora do escopo estrutural e universalizante cuja hegemonia dominava as universidades francesas de então. Pelo contexto exíguo deste ensaio, não posso me demorar no raciocínio de Silviano e o caminho que faz do estruturalismo até o pós-estruturalismo, mas gostaria, aqui, de sublinhar o

²²¹ Expressão de João Camillo Penna mobilizada para pensar tanto o texto de Lévi-Strauss quanto o célebre ensaio de Montaigne sobre os canibais, contrapondo-os à cena primitiva da Carta de Pero Vaz Caminha e à imagem da primeira missa (PENNA, João Camillo. *Formações do sujeito colonial: suplemento, dependência, cosmopolitismo*. *Alea*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, dez. 2012, p. 299).

²²² SANTIAGO, Silviano. “A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial — Um depoimento” In: NOLASCO, Edgar Cézár; MEDEIROS, Pedro Henrique Alves de. *Um livro para Silviano Santiago: entre-lugares críticos e literários*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020, p. 39-40.

movimento do texto que, por sua vez, parece figurar o escrutínio crítico de Silviano enquanto intelectual e que, de certa forma, aparece espelhado na formação de Eneida Maria de Souza.

O método estrutural é resumido num trabalho bifásico cujos termos vêm de Roland Barthes: *découpage* e *agencement*²²³. Isso é, o objeto de análise é primeiro desmontado, desconstruído e depois reorganizado em um novo arranjo de modo a mostrar suas estruturas internas e ocultas — esse gesto remonta os trabalhos citados de Costa Lima e Affonso Romano. A inflexão da crítica de Silviano é mediada pelo aparecimento de outros textos — algo como um “texto de apropriação”, que sempre remete e demanda outros textos — identificados com uma crítica ao estruturalismo, seja no próprio Barthes mais tarde em *S/Z* (1970), Derrida em *L'écriture et la différence* (1967) ou Deleuze em *Nietzsche et la philosophie* (1962), todos os livros representantes deste mesmo momento da crítica francesa que emergia. Apoiado também na *lecture symptomale* anunciada por Louis Althusser em *Lire le capital* (1965), no qual, a partir de uma leitura cruzada, Althusser tenta ler Adam Smith a partir do texto de Marx, a ideia é fugir da leitura demasiadamente imanente do estruturalismo rumo a uma intertextualidade. Nas palavras do próprio Althusser, opondo essa leitura sintomal a uma leitura imediata:

Eu havia indicado ao mesmo tempo que precisávamos submeter o texto de Marx não a uma leitura imediata, mas a uma leitura "sintomal", para discernir, na aparente continuidade do discurso, as lacunas, os espaços vazios e as falhas de rigor, os lugares onde o discurso de Marx é apenas o não dito de seu silêncio, surgindo em seu próprio discurso.²²⁴

²²³ SANTIAGO, Silviano. “Análise e interpretação” In: *Uma literatura nos trópicos*. Recife: Cepe, 2019, p. 235.

²²⁴ “J'avais en même temps indiqué que nous devons soumettre le texte de Marx non pas à une lecture immédiate, mais à une lecture « symptomale », pour y discerner, dans l'apparente continuité du discours, les lacunes, les blancs et les défaillances de la rigueur, les lieux où le discours de Marx n'est que le non-dit de son silence, surgissant dans son discours même” (ALTHUSSER, Louis; BALIBAR, Étienne. *Lire le Capital I*. Paris: Éditions Maspéro, 1968, p. 183).

Ou seja, o abandono de uma prática crítica que remetia a uma purificação em direção a leituras cruzadas, genealógicas e que têm como objetivo encontrar as marcas e rastros de outros textos.

Silviano Santiago enxerga em Jacques Derrida e em Gilles Deleuze as duas fontes de resistência ao estruturalismo²²⁵, por indicarem a totalização cultural como seu problema crucial. A referência de saída para as objeções é a tese de doutorado de Lévi-Strauss, *Les structures élémentaires de la parenté*, de 1948 — em especial os dois capítulos de abertura. A hipótese do antropólogo, de maneira resumida, é que a proibição do incesto seria um dado universal, aquilo que funda a própria ideia de cultura, e sua origem estaria no ato de uma proibição, de uma negatividade entendida como tabu. O pulo do gato, neste caso, seria que, apesar da universalidade do tabu do incesto, as relações de parentesco mudariam de acordo com cada sociedade. E é aí que a análise estrutural entraria, de modo a reorganizar as relações *desconstruindo-as* e depois rearranjando-as em outra ordem, produzindo, ao fim e ao cabo, um simulacro, que, apesar de parecido com o real, não é seu espelhamento. Esse tipo de totalização será atacada de frente por autores como Derrida e Deleuze, cujo argumento girava em torno do lapso de *diferença* nos debates teóricos estruturalistas: “Foi a partir sobretudo de Deleuze e de Derrida que se tornou capital, dentro do pensamento francês contemporâneo, uma releitura das primeiras manifestações estruturalistas”²²⁶.

O itinerário do livro, do começo até o seu final, deixa ver também a posição de Silvano Santiago enquanto intelectual, cuja viagem de Paris aos Estados Unidos representaria também a viagem, no livro, do seu primeiro ensaio ao último, isto é, do estruturalismo ao pós-estruturalismo. Se no primeiro capítulo o herói do texto é o etnólogo de *Tristes tropiques*, no último o antropólogo se torna o grande “adversário estrutural” de *Les structures élémentaires de la parenté* e do grande projeto *Les Mythologiques*²²⁷. Os personagens de destaque em ambos os ensaios

²²⁵ Para retomar, em tom de blague, obviamente, o título de um importante texto de Lévi-Strauss “Les trois sources de la résistance au développement”, publicado em *Anthropologie structurale II*.

²²⁶ SANTIAGO, Silvano. “Análise e interpretação” In: *Uma literatura nos trópicos*. Recife: Cepe, 2019, p. 246.

²²⁷ KATRI MORITZ SCHWARCZ, Lilia. Silvano Santiago: elogio e crítica a Lévi-Strauss, ou Lévi-Strauss como texto e bom pretexto. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, [S. l.], v. 30, n. 1, 2020, p. 91.

acabam por serem também autores como Derrida, que aparece de uma maneira criativa no primeiro ensaio e ganha um protagonismo no último junto a Deleuze e Foucault. Assim, o caminho de Lévi-Strauss aos pós-estruturalistas é também da ordem da convivência, na medida em que, apesar das críticas, não existe um ultrapassamento, uma superação absolutizante. O convívio destas figuras se dá no texto a partir de articulações potentes nas múltiplas elaborações sintáticas e estilísticas.

Essa distinção de métodos e filiações teóricas não tem por intuito escolher um como correto ou mais bem sucedido no campo dos estudos de literatura. O sentido dessa explanação é o de simplesmente apontar para as proximidades e diferenças das diversas leituras dos intelectuais franceses pelos professores ligados ao Departamento de Letras e Artes da PUC-Rio, como era então chamado o atual Departamento de Letras. Assim, não é porque o uso de Lévi-Strauss por Costa Lima e Affonso Romano é diferente do de Silviano que necessariamente é um uso ruim, errado ou fraco. Até porque, como veremos, a saída que Eneida Maria traça em sua dissertação de mestrado é justamente o cruzamento desses dois usos distintos da herança lévi-straussiana, característica constitutiva de seu pensamento que será depois incorporada à sua prática docente e seu trabalho enquanto orientadora.

3.3 O partido do estruturalismo

A dissertação de Eneida, orientada por Affonso Romano de Sant'Anna e defendida em fevereiro de 1975, *A barca dos homens: a viagem e o rito*, é marcada de maneira mais evidente pelo estruturalismo de Lévi-Strauss. Essa é a sua referência mais importante ao longo do texto em termos de metodologia e abordagem da obra literária. O trabalho é uma análise do romance *A barca dos homens* (1961) do escritor mineiro Autran Dourado. A dissertação propõe pensar a *viagem* enquanto um procedimento ficcional, *viagem da escrita*, e o *rito* que se instala nesse procedimento. O título do trabalho formulado a partir de uma espécie de díptico já nos induz a traçar um certo parentesco com o estruturalismo, uma vez que tanto a ideia de *viagem* como a de *rito* estão ligadas aos debates da antropologia, quer dizer, do deslocamento, da transformação e da passagem. Poderíamos lembrar

rapidamente de títulos ligados à antropologia como *Le Cru et le cuit* (1964), *Du miel aux cendres* (1966) e *Race et histoire* (1952) de Lévi-Strauss, *Le harem et les cousins* (1966) de Germaine Tillion, *La violence et le sacré* (1972) de René Girard e *Purity and Danger* (1966) da antropóloga britânica Mary Douglas.

Na introdução do texto, Eneida disserta um pouco sobre o “método” — e sua diversidade — utilizado para a análise do romance e descreve também a instabilidade do estruturalismo para a intelectualidade da época:

Em relação ao método a ser usado neste trabalho, algumas considerações iniciais deverão ser aqui colocadas. Com efeito, a grande diversidade de correntes de análise estrutural da literatura constitui, talvez, a maior ameaça àqueles que pretendem ou não segui-los. A intranquilidade tende a gerar recusas ou, pelo contrário, impulsiona o estudo sério e o endosso de uma situação que nada traz de definitivo ou pacífico. O estruturalismo continua sendo, ainda, motivo de controvérsias e palco de disputas as mais variadas, inclusive as de caráter pessoal. Neste sentido, a escolha de um determinado método corre por conta da necessidade em buscar, mesmo que a passos titubeantes, um modo razoável de interpretar os textos.²²⁸

Antevendo as possíveis objeções de seus leitores, Eneida também se refere às diversas polêmicas em torno dos usos do estruturalismo pela crítica literária daquele momento. Deduzi que a referência de Eneida é a série de debates ocorridos nos jornais e no meio especializado dos anos 1970 acerca da pertinência da teoria na crítica literária²²⁹, conversa que conclamou um amontoado heterogêneo de interlocutores em torno dessas problemáticas²³⁰. São exemplos dessa querela os textos: “O estruturalismo dos pobres” de José Guilherme Merquior publicado no *Jornal do Brasil* em 1974; “Quem tem medo da teoria?” de Luiz Costa Lima publicado no jornal *Opinião* em 1975; “A morte da literatura” de Lêdo Ivo

²²⁸ SOUZA, Eneida Maria de. *A barca dos homens: a viagem e o rito*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1975, p. 2-3.

²²⁹ Parto também do capítulo intitulado “A miséria da crítica” do memorial de Eneida no qual esse debate público é retomado. SOUZA, Eneida Maria de. *Tempo de pós-crítica*. Belo Horizonte: Núcleo de Assessoramento à Pesquisa da Faculdade de Letras/UFMG, 1995, p. 61-65.

²³⁰ NEVES, Jefferson Expedito Santos. *A crítica em devir: uma análise da trajetória intelectual de Eneida Maria de Souza*. Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA, 2017, p. 26-28.

publicado no jornal *O Globo* em maio de 1975; "Há alguma teoria com medo da prática?" de Carlos Nelson Coutinho; "Bota na conta do Galileu, se ele não pagar nem eu" de Antônio Carlos Brito, mais conhecido como Cacaso; "19 princípios para a crítica literária" de Roberto Schwarz publicado em 1976²³¹; e "Professores contra a parede", de Ana Cristina Cesar, publicado em novembro de 1975 pelo jornal *Opinião*.

O pequeno trecho citado da dissertação confirma a influência bibliográfica de Eneida ao estilo de Affonso Romano e a filiação ao método de Costa Lima, ambos seus mestres. Também irá sublinhar que a arrumação da leitura dos textos carece de "originalidade", tendo sido usada num sentido mais instrumental, característica que atribui aos esforços de Costa Lima, pioneiro no Brasil, segundo a autora, na introdução desse tipo de discussão nos estudos de literatura. Além disso, deixa claro também que a inteligibilidade do estruturalismo ocorreu a partir da leitura de *Le cru et le cuit*, primeiro volume das *Les Mythologiques*, trabalho de análise estrutural *tout court*, no qual Lévi-Strauss revisita uma série de mitos ameríndios conectando-os entre si e revelando suas estruturas e a lógica interna que os ordenam.

Também nessa glosa metodológica, a diversidade de abordagens estruturalistas naquele trabalho — transbordando suas leituras do horizonte simplesmente lévi-straussiano — exigia uma convivência de diferentes abordagens da literatura no corpo do texto. A articulação entre as diversas escolas tem algo de uma predisposição teórica e contemporânea de Eneida para o agenciamento — nem sempre harmônico — das teorias heterogêneas que precisam se haver no texto. Anos mais tarde, em seu memorial, lembrando do período da escrita da dissertação, a autora nos conta:

[...] utilizo uma bibliografia relativa à análise dos mitos e rituais, como Van Gennep (*Les Rites de Passage*), Girard (*La Violence et le Sacré, Mensonge Romantique et Verité Romanesque*), Douglas (*De la Souillure*), Foucault (*Histoire*

²³¹ Acerca desse debate em jornais em torno do uso da teoria na crítica literária, conferir as seguintes páginas de Jefferson Mello sobre a obra de Luiz Costa Lima nos anos 1970, ver MELLO, Jefferson. Os estudos literários brasileiros nos anos 1970 e o lugar da teoria no trabalho de Luiz Costa Lima. *Remate de Males*, Campinas, SP, v. 40, n. 2, 2020, p. 698-709.

de la Folie), Roberto da Matta (*Ensaio de Antropologia Social*). Esses autores, embora usando métodos um pouco distintos, fornecem ajuda valiosa para o estudo do rito no romance, principalmente no que diz respeito ao estatuto referente à sujeira, que mantém íntima relação com a natureza ritualística do comportamento humano.²³²

Assim, Eneida ao longo dos capítulos parece reproduzir o uso que seus mestres faziam do estruturalismo, dissecando as estruturas internas do romance e revelando as funções dos mitemas, suas articulações com outros e usando o comparatismo para garantir a inteligibilidade da obra de Autran Dourado. São, ao todo, cerca de onze textos específicos de Lévi-Strauss que constam na bibliografia da dissertação, isso sem contar os outros comentadores e textos satélites desse debate quente da época²³³. O uso por exemplo de planilhas, cartografias e de todo um arsenal gráfico²³⁴ para dar visibilidade aos debates, remetendo aos complexos quadros sinópticos elaborados por Lévi-Strauss e seus discípulos nas mais canônicas análises estruturais, revela o teor “tradicional” — do ponto de vista do estruturalismo — da dissertação de mestrado de Eneida.

Silviano Santiago em recente troca de e-mails sugere uma explicação alternativa para o uso da bibliografia estruturalista lévi-straussiana no trabalho de mestrado de Eneida. Fugindo de uma argumentação mais sociológica e institucional pensando nas influências dos mestres e suas respectivas “escolas”, Silviano acredita que a opção pelo estruturalismo está, antes de mais nada, numa demanda específica do objeto literário de Eneida, escreve Silviano: “[...] Eneida tinha toda a razão em usar uma metodologia lévi-straussiana para ler a obra do Autran. Ele seguia a composição romanesca que desconstruía a História social como suporte da trama para se apoiar na Mitologia, seguindo as pegadas de leitura de T. S. Eliot de Ulisses, romance de Joyce”²³⁵. O texto citado é "Ulysses, Order, and Myth" de T.S Eliot

²³² SOUZA, Eneida Maria de. *Tempo de pós-crítica*. Belo Horizonte: Núcleo de Assessoramento à Pesquisa da Faculdade de Letras/UFMG, 1995, p. 55-56.

²³³ NEVES, Jefferson Expedito Santos. *A crítica em devir: uma análise da trajetória intelectual de Eneida Maria de Souza*. Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA, 2017, p. 24.

²³⁴ SOUZA, Eneida Maria de. *A barca dos homens: a viagem e o rito*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1975, p. 40, 55, 61-62, 66, 70, 77, 81-82, 90, 92, 97-98, 120, 123, 124, 133, 134, 143.

²³⁵ SANTIAGO, Silviano. E-mail ao autor de 25/04/2022.

publicado em novembro de 1923 na revista *The Dial*, uma espécie de resenha crítica do livro de *Ulysses* (1920) de James Joyce. Para Eliot, o uso dos mitos antigos e a repetição deles em cenas “contemporâneas”, cotidianas e corriqueiras é uma assinatura de Joyce que garante a originalidade e a autenticidade deste texto fundador²³⁶. Na resenha, Eliot escreve sobre o “método” de unir as mitologias antigas ao contexto presente:

Ao utilizar o mito, ao manipular uma continuidade paralela entre contemporaneidade e antiguidade, Joyce está perseguindo um método que outros devem perseguir depois dele. [...] É simplesmente uma forma de controlar, de ordenar, de dar forma e significado ao imenso panorama de futilidade e anarquia que é a história contemporânea.²³⁷

Tanto o texto de Eliot sobre Joyce como a própria obra de Autran Dourado reaparecem em um pequeno ensaio de Silviano chamado “Questão de perspectiva”, reunido no livro *Nas malhas da letra* (1989). O texto retoma a análise de Eliot e a coloca em diálogo com a obra de Autran Dourado, autor brasileiro que “reproduz” ou “imita” o método de Joyce, atualizando os mitos arcaicos, repetindo-os em diferença nas cenas do cotidiano. O argumento de Silviano é que:

Nos seus romances mais significativos, Autran Dourado utiliza o método mítico, mas não se vale dele apenas para a constituição do indivíduo na história contemporânea. Ele alarga o campo do drama para uma compreensão da história social brasileira [...]. Nesse tipo de projeto, Autran foge do específico joyceano (o mito como estruturador de um material que escapa à "história" contemporânea) e se adentra para o passado patriarcal da sociedade brasileira, com uma devida maturação da obra de William Faulkner.

Assim sendo, Autran combina o social (no nível do devir histórico da sociedade patriarcal brasileira, isto é, no nível da sucessão de gerações no tempo) com o individual (no nível

²³⁶ Uso *texto* pois, segundo Eliot, o livro/narrativa não se enquadraria no usual *novel*.

²³⁷ “In using the myth, in manipulating a continuous parallel between contemporaneity and antiquity, Mr Joyce is pursuing a method which others must pursue after him. [...] It is simply a way of controlling, of ordering, of giving a shape and a significance to the immense panorama of futility and anarchy which is contemporary history” (ELIOT, Thomas Stearns. "Ulysses, Order, and Myth". *The Dial*, Volume LXXV, Number 5. November, 1923, p. 483).

das relações familiares que se dão no mesmo lugar e tempo)²³⁸.

Assim, em coerência com sua própria obra, a sugestão de Silviano parece ter algum respaldo — mesmo que inconsciente, uma vez que Eneida não menciona o ensaio de Eliot —, já que a própria estrutura dos textos de Autran Dourado, como nos lembra, à guisa de exemplo, os títulos dos livros, parecem demandar um arsenal teórico próprio da análise mitológica e estruturalista. Quer dizer, existe uma exigência do objeto que induz um uso particular da crítica por parte de Eneida, autora da dissertação, de modo a construir uma análise própria do tempo e da especificidade do mito.

3.4 Ética da convivência

De maneira um tanto quanto contraditória, um ator surge na cena de um modo estranho aos olhos da universidade de hoje. Gilles Deleuze é convocado, ainda na introdução da dissertação, como uma das bases de seu referencial teórico, filiado, por Eneida, ao estruturalismo: “Quanto à parte teórica, a melhor ajuda foi dada por Gilles Deleuze, talvez um dos melhores teóricos do estruturalismo, apesar de não se considerar um representante da corrente”²³⁹. A opção pelo *Différence et répétition* (1968) e *Logique du sens* (1969), textos de Gilles Deleuze anteriores à parceria com Félix Guattari, parece apontar, mesmo que de uma maneira um pouco oblíqua, para o movimento anunciado na própria estrutura — palavra usada aqui no sentido corrente — de *Uma literatura nos trópicos* de Silviano Santiago, no qual Lévi-Strauss aparece no começo do livro para “realizar” seu descolamento etnológico, mas que logo é substituído pela nova geração de autores franceses que começam a esquentar os debates sobre a pertinência do método estruturalista. O

²³⁸ SANTIAGO, Silviano. “Questão de perspectiva” In: SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 163.

²³⁹ SOUZA, Eneida Maria de. *A barca dos homens: a viagem e o rito*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1975, p. 3.

giro realizado por Eneida se confirma parcialmente por uma nota de rodapé²⁴⁰, na qual a autora confirma as novas tendências teóricas que apareciam nos cursos lecionados no Rio de Janeiro por seus professores, e que também verifica sua leitura já no começo da década de 1970 de “Análise e interpretação”, citado na forma de apostila, texto que se tornará o último capítulo de *Uma literatura nos trópicos*.

Dois exemplos breves, porém, ilustrativos dessa articulação aparecem no segundo tópico do primeiro capítulo da dissertação, na qual, partindo da ideia de “mediação” em Lévi-Strauss, Eneida afina seus apontamentos suplementando a leitura com a noção de “paradoxo” vinda de *Logique du sens* de Deleuze, garantindo contornos mais frescos para a dura argumentação do antropólogo²⁴¹. Se em Lévi-Strauss a *mediação* entre *significado* e *significante* — que garante a consistência do *signo* — está balizada numa oposição complementar, já a noção de *sentido* em Deleuze parece explodir essa dualidade, localizando-se na superfície, exterior às oposições²⁴². Ou, por exemplo, ainda, na relação estabelecida entre a *estrutura* de Lévi-Strauss e a *repetição* de Deleuze na síntese da discussão sobre a noção de *ritual*²⁴³.

Longe da dureza e do rigor catedrático das grandes universidades francesas, Eneida, avalizada pelo corpo docente e pela diversidade metodológica em voga na época — talvez por uma incipiência do campo intelectual ou por uma fragilidade teórica constitutiva das universidades brasileiras da época —, consegue conjugar diferentes correntes num texto que articula, de maneira engenhosa, a velha e a jovem guardam da teoria francesa. Este é também um dado que aparece impresso na sua dissertação: “A participação efetiva dos Professores do Curso de Mestrado da PUC/RJ possibilitou o amadurecimento das ideias, pela abertura assumida nos

²⁴⁰ SOUZA, Eneida Maria de. *A barca dos homens: a viagem e o rito*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1975, p. 44.

²⁴¹ SOUZA, Eneida Maria de. *A barca dos homens: a viagem e o rito*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1975, p. 9.

²⁴² Esse exemplo será, mais tarde, retomado por Eneida em seu memorial (SOUZA, Eneida Maria de. *Tempo de pós-crítica*. Belo Horizonte: Núcleo de Assessoramento à Pesquisa da Faculdade de Letras/UFMG, 1995, p. 56).

²⁴³ SOUZA, Eneida Maria de. *A barca dos homens: a viagem e o rito*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1975, p. 19.

debates e o questionamento dos limites e perigos causados pelo radicalismo em desprezar ou defender com paixão, este ou aquele aparato metodológico”²⁴⁴.

Num artigo publicado no *Jornal do Brasil* com o título “Esses jovens mestres e suas teses maravilhosas (Quem as entende?)”, a jornalista Norma Couri pretendia cobrir o IV Encontro Nacional de Professores de Literatura, realizado na PUC-Rio, financiado pela CAPES e coordenado pelos professores Silviano Santiago e Cleonice Berardinelli. O encontro de 1977, e como já denuncia o título, tinha como objetivo colocar em discussão os trabalhos de pesquisa dos alunos — é preciso lembrar que a pós-graduação em literatura brasileira, na PUC, havia acabado de ser inaugurada. Para além das entrevistas e depoimentos dos professores — a saber o trio Costa Lima, Affonso e Silviano — o artigo é aberto com uma anedota que serviria de mote para discutir as principais questões que atravessaram as conferências:

O escritor Autran Dourado levantou timidamente o dedo em meio a mestres e professores e perguntou:

— O autor tem o direito de opinar sobre seu livro?

A tese em discussão, sobre a *Barca dos Homens (A viagem e o rito)*, era de Eneida Maria de Souza [...] ²⁴⁵

Surpreende-se quem ao ler a reportagem vê a dissertação de mestrado de uma jovem pesquisadora estampada num dos maiores jornais cariocas. Eneida, no primeiro dia do evento, apresentou sua pesquisa depois do intervalo de almoço, às 16:00, com plateia interessada. O estranhamento em ver a menção à pesquisa de Eneida vem em primeiro lugar pelo fato do relativo isolamento da universidade, sobretudo nos anos 1970, e em segundo pela especificidade do evento descrito no jornal, quer dizer, um encontro de especialistas em literatura brasileira que discutem, junto a alguns autores, as pesquisas de estudantes e pesquisadores em formação. Não é mentira que a anedota dá consistência ao ambiente de franca expansão pós-

²⁴⁴ SOUZA, Eneida Maria de. *A barca dos homens: a viagem e o rito*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1975, p. 3.

²⁴⁵ COURI, Norma. Esses jovens mestres e suas teses maravilhosas (Quem as entende?). Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil*, 14/11/1977, Caderno B, p. 1.

estruturalista, com a voga da tese da morte do autor e a perda de espaço da autoria enquanto dispositivo privilegiadamente hermenêutico. Para além dos dados teóricos, um aspecto de fundo sociológico a ser levantado é a sobrevivência e amplitude de um trabalho de caráter formativo e um tanto quanto escolar, como aparentemente deve ser uma dissertação de mestrado, ainda mais num ambiente um tanto quando capenga como eram os anos 1970. Quer dizer, o que vem à tona é a força desse trabalho que, em 1977, anos depois de sua defesa, ainda ecoa no debate público, colocando na ordem do dia questões basilares — como a autoria, as metáforas, a interpretação literária — à crítica. A exclusão do autor da significação de sua obra tem um lado pós-estruturalista, com a emergência da leitura, e outro estruturalista, que acaba por privilegiar a análise imanente do texto, na qual o crítico se detém aos aspectos formais da obra. Certamente, Eneida em sua dissertação se filia aos dois modelos, cada um à sua maneira, deixando ver a forma como deglutiui a forte expressão teórica departamental da PUC.

Se explicitamente os mestres eleitos por Eneida são Costa Lima e Affonso Romano, Silviano Santiago aparece como um mestre "secundário", porém não menos importante. Ele não aparece nominalmente, a não ser em algumas notas de rodapés nas apostilas produzidas no curso de pós-graduação. Não obstante, as afinidades entre o pensamento de Eneida e de Silviano mostraram-se logo, e prova disso é, em primeiro lugar, o convite dele para que ela escrevesse o prefácio a seus contos a serem publicados com o título de *O banquete* (1970); e, em segundo lugar, a inclinação pós-estruturalista de Eneida aliada ao uso que faz, em dado momento, do debate sobre colonização e o suposto barbarismo brasileiro, elaborações que parecem sugerir uma certa filiação aos usos que Silviano ensejou desde pelo menos o final da década de 1960. O exemplo mais explícito aparece no subtópico acerca d'“A narrativa de viagem”²⁴⁶, na qual Eneida se volta para a Carta de Pero Vaz de Caminha — assinatura de Silviano e sua recente introdução nos anos 1970 deste debate, com o célebre “curso sobre a semente” — junto aos *Poemas da Colonização* de Oswald de Andrade. Eneida também vai recordar da paródia que Mário de Andrade faz da Carta em capítulo de *Macunaíma* (1928), ajustando, na medida, o discurso literário às urgências coloniais. É no jogo entre o barbarismo e a civilidade

²⁴⁶ SOUZA, Eneida Maria de. *A barca dos homens: a viagem e o rito*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1975, p. 34.

que Silviano Santiago parece ressoar na dissertação de Eneida, como se pudéssemos entrever os textos e aulas que garantiram a tessitura deste tipo de debate nos anos 1970 na PUC-Rio.

Assim, apesar de nitidamente filiada ao uso do estruturalismo tal qual seus mestres, Eneida parece ter uma simpatia especial pelo uso desviante e pós-colonial *avant la lettre* que Silviano faz dos debates acerca da etnologia, além, é claro, da presença explícita de autores como Deleuze e Derrida, a ponta de lança da teoria francesa eleita por Silviano no capítulo de fechamento de *Uma literatura nos trópicos*.

Esse impacto do estruturalismo e do pós-estruturalismo é absorvido por Eneida²⁴⁷ durante a realização de seu mestrado, no campo da escrita e formulação acadêmicas, e transposto para sua didática no seu retorno à UFMG em 1974 com a incorporação do léxico e da *práxis* estruturalista e pós-estruturalista na sala de aula, como escreve em seu memorial:

Os efeitos não se restringem à redação de um texto acadêmico para obtenção do título de Mestre, mas se fizeram sentir nas atividades didáticas, através de cursos assumidos por mim na época do retorno à UFMG, em 1974. Cumpri, na verdade, o papel de divulgadora de um pensamento teórico que era novidade tanto para os alunos quanto para os colegas, além de reelaborar cursos e projetos de ensino na Instituição²⁴⁸

O importante efeito desse tipo de abertura de frentes é o da generosidade teórica e da ampliação de horizontes para os ingressantes nos cursos de Letras na UFMG. Em “Imagens da memória da Faculdade de Letras”, Rachel Esteves Lima retraza a história daquela Faculdade de Letras tendo como princípio analítico uma espécie de história intelectual, de modo a recompor genealogicamente as associações teóricas, os empréstimos e as aderências referenciais, formulando, assim, um quadro que parece ilustrar tanto o estado da arte da teoria literária daquele

²⁴⁷ SOUZA, Eneida Maria de. Luiz Costa Lima: crítica em palimpsesto. *Cadernos de Pesquisa*, Belo Horizonte, n. 7, p. 12, nov. 1992, p. 9-10.

²⁴⁸ SOUZA, Eneida Maria de. *Tempo de pós-crítica*. Belo Horizonte: Núcleo de Assessoramento à Pesquisa da Faculdade de Letras/UFMG, 1995, p. 51.

momento, como uma história departamental ainda em andamento. Reportando-se ao final dos anos 1970, destaca que “naquele momento, a a-historicidade do estruturalismo já começava a ser minada pela difusão da obra de Mikhail Bakhtin, retomada e reatualizada por Julia Kristeva e Roland Barthes, e de autores pós-estruturalistas, como Foucault e Deleuze”²⁴⁹. Em nota de rodapé, um lembrete importante: é Eneida Maria, vinda do Rio de Janeiro, que promove o intercâmbio e a decantação desse tipo de debate na UFMG: “Deve-se ressaltar que as teorias estruturalistas e pós-estruturalistas foram difundidas na UFMG pela Profa. Eneida Maria de Souza, que cursara o Mestrado na PUC do Rio de Janeiro”²⁵⁰. De modo um tanto quanto curioso e espelhado, a conjugação na dissertação de Eneida desses autores estruturalistas e pós-estruturalistas parece atroar também na sua prática acadêmica enquanto orientadora e professora, criando um ambiente fértil para a convivência de diferentes correntes teóricas, como anota Rachel Lima: “Aqueles trabalhos se alimentaram, dessa maneira, da *mélange* desses autores com o estruturalismo antropológico de Lévi-Strauss e, algumas vezes, com teóricos sociológicos como Lukács, Goldmann, Gramsci e Antonio Candido”²⁵¹. Em entrevista a Rachel Esteves Lima, Eneida fala das dificuldades de se fazer a história da crítica literária de um país como o Brasil, uma vez que existe uma tendência de filiação automática e compulsória ao “mais contemporâneo”. O que, para ela, evidentemente é uma bobagem. Segundo Eneida, o importante é o encontro entre as teorias, indo de longe para perto do texto e da adjacência com essa materialidade para fora dela. Esse movimento de vai e vem com a escritura, de encontro das abordagens, é a tarefa de um bom crítico, diz a autora: “Nós não podemos abandonar, mesmo que estejamos trabalhando, por exemplo, com o Pós-Estruturalismo, os Estudos Culturais e com a própria Literatura Comparada, esse apelo ao texto, esse apego à análise textual, de modo que ela é o ponto de partida, pois sem essa acuidade com o texto nós não chegamos a nada”²⁵². Unindo, num

²⁴⁹ LIMA, Rachel Esteves. Imagens da memória da Faculdade de Letras. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, [S. l.], v. 18, n. 2, 2008, p. 99.

²⁵⁰ LIMA, Rachel Esteves. Imagens da memória da Faculdade de Letras. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, [S. l.], v. 18, n. 2, 2008, p. 99.

²⁵¹ LIMA, Rachel Esteves. Imagens da memória da Faculdade de Letras. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, [S. l.], v. 18, n. 2, 2008, p. 99.

²⁵² LIMA, Rachel Esteves; SOUZA, Eneida Maria de. ENTREVISTA com Eneida Maria de Souza. *Cadernos de estudos culturais*, Campo Grande, MS, v. 1, jul./dez. 2014, p. 136.

mélange, autores da semiologia, da antropologia, da psicanálise e da filosofia²⁵³, as conexões entre o trabalho enquanto aluna fazem sentido também quando Eneida torna-se professora.

Se Silviano teve um importante papel na introdução de autores como Deleuze e Derrida, além de um uso particular multicultural da etnologia de Lévi-Strauss, na universidade carioca, Eneida parece, anos mais tarde, proporcionar uma abertura análoga à universidade mineira. Sabemos que ninguém realiza essas inflexões sozinho e é por isso que gostaria de ratificar a opção pela biografia cruzada desses autores, e como essa série de encontros fortuitos entre pessoas, instituições e textos acaba por mostrar o solo fértil em que certas ideias proliferaram no Brasil. Apresentar, assim, a costura enigmática entre a vida e obra destes intelectuais, retrazando caminhos e reconstituindo encontros, parece-me a forma mais produtiva para trabalhar com esses dois autores que tanto se demoraram no imbróglia vida-obra.

Esta parte da dissertação procurou, a partir da reconstrução, mesmo que artificial, de um gesto inaugural — o primeiro contato entre Eneida Maria de Souza e Silviano Santiago —, pensar a origem dos diversos encontros potentes que, a partir da biografia cruzada desses dois autores, produziram um *corpus* crítico de importância ímpar para a consolidação da literatura comparada e dos estudos culturais no Brasil. Este ensaio se valeu desse primeiro encontro para prestar uma espécie de homenagem, tal qual o glossário organizado por Silviano, e também um agradecimento, tal qual a fala de Derrida a Anamaria Skinner — gestos cristalizados nas duas epígrafes deste ensaio. Do local ao global, as respectivas obras tiveram tanto um impacto na formação das instituições de ensino superior e pós-graduação no Rio de Janeiro e em Minas Gerais, quanto na profissionalização e no estabelecimento da literatura comparada enquanto um campo da área de Letras, decantando uma série de debates e dando consistência às elaborações no campo teórico. É importante lembrar que esse encontro de 1972 foi reativado e atualizado em uma série de outros encontros ao longo de 50 anos. Vale ressaltar também pelo menos dois momentos salutares nos quais virtualmente esse impacto inicial foi

²⁵³ SOUZA, Eneida Maria de. *Tempo de pós-crítica*. Belo Horizonte: Núcleo de Assessoramento à Pesquisa da Faculdade de Letras/UFMG, 1995, p. 40.

retomado: a participação de Silviano Santiago na banca de doutorado de Eneida em Paris, com sua tese de *3ème cycle de sémiologie* sobre a rapsódia *Macunaíma* de Mário de Andrade, orientada por Julia Kristeva na *Université de Paris VII*²⁵⁴ — arguição feita em 3 de dezembro de 1982; e, mais recentemente, com o lançamento do primeiro volume da autobiografia de Silviano, *Menino sem passado* (2021), no qual Eneida reencontra seu mestre, agora na condição de “objeto”, para analisar seu livro sob a luz da tradição do memorialismo mineiro, tema em que a pesquisadora se demorou ao longo de quase toda sua vida.

Que a rememoração desses encontros potentes continue a pipocar tanto na forma de um agradecimento, como de uma homenagem, para iluminar os gestos inaugurais e, assim, garantir o traçado da linha do presente, porque os problemas do passado a ele pertencem e certamente pertencerão ao futuro.

²⁵⁴ SOUZA, Eneida Maria de. *Des mots, des langages et des jeux: une lecture de Macunaíma de Mário de Andrade*. 1982. Tese (Doutorado de 3o ciclo) - Université de Paris VII, Paris, 1982.

4. A intrusão dos franceses: A boca da história morde a cauda do mito

*De Silviano Santiago, conheço apenas a boa prosa [...] e certos artigos de crítica. Destes, alguns [...] revelam inegável espírito crítico; porém outros, como seus artigos acerca de, ou inspirados por Derrida ou Barthes, são singularmente passivos: deslumbramentos provincianos ante as últimas piruetas ideológicas de Paris*²⁵⁵

— José Guilherme Merquior, *Da arte de desentender* (1973)

*[...] a etnologia só teve condições para nascer como ciência no momento em que um descentramento pode ser operado: no momento em que a cultura europeia [...] foi deslocada, expulsa de seu lugar, deixando de ser considerada como cultura de referência.*²⁵⁶

— Jacques Derrida, *L'écriture et la différence* (1967)

²⁵⁵ MERQUIOR, José Guilherme. Da arte de desentender. Minas Gerais, *Suplemento Literário*, 29/12/1973.

²⁵⁶ “[...] l'ethnologie n'a pu naître comme science qu'au moment où un décentrement a pu être opéré : au moment où la culture européenne — et par conséquent l'histoire de la métaphysique et de ses concepts — a été *disloquée*, chassée de son lieu, devant alors cesser de se considérer comme culture de référence.” (DERRIDA, Jacques. *L'écriture et la différence*. Paris: Éditions du Seuil, 1967, p. 414. Grifo ao autor).

4.1 Encontro com Derrida

Após um longo período nos Estados Unidos, desde 1962, Silviano retornou a Paris em finais de 1967 para terminar sua tese de doutorado na Sorbonne, iniciada em 1961, sobre a gênese de *Les Faux-monnayeurs* (1925), a *magnum opus* de André Gide. Porém, a escrita da tese havia sido interrompida por urgências financeiras, quando, por indicação do colega Heitor Martins²⁵⁷, prestou concurso para dar aulas de literatura brasileira e portuguesa na *University of New Mexico*, em 1962. Reside entre Albuquerque e Nova Jérsei até, em 1967, retornou a Paris, em estada custeada pelo salário de docente, hospedando-se num pequeno quarto na *Rue Cujas*, nos arredores da *Université de Paris* (Sorbonne) no *5th arrondissement*, rua que dá vista para o importante *Boulevard Saint-Michel*. Correndo contra o calendário, já que se tinha ausentado das atividades como pesquisador em literatura francesa para dar lugar às suas pesquisas sobre literatura brasileira, o crítico acertou as contas com o tempo perdido e finalizou, com louvor, seu extenso trabalho sobre Gide, com o título *La génèse des Faux-Monnayeurs d'André Gide*. Neste período, passa o Natal de 1967 em viagem de carro pelo norte da Itália com outros quatro amigos brasileiros, hospedados na *Cité Universitaire*²⁵⁸. No ano seguinte, Silviano entregou sua tese finalizada, em janeiro, ao seu orientador Pierre Moreau e aguardou o momento da defesa, prevista para fins de março, pouco antes dos importantes acontecimentos de maio de 1968. Em documento oficial da *Faculté des Lettres et Science Humaines* da *Université de Paris*, assinado em 25 de março de 1968, Silviano é agraciado com o título de doutor em literatura francesa "avec la mention très honorable", como se lê no documento. É nesse interregno entre a entrega do texto redigido e a última etapa para obtenção do título de doutor, que aproveitou

²⁵⁷ Integrente, assim como Silviano, da chamada *Geração Complemento*, dos anos 1950 em Belo Horizonte.

²⁵⁸ SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 70.

para se inteirar das novidades do cenário do pensamento francês²⁵⁹. Já havia tido contato com o chamado *estruturalismo formal* desde sua primeira — e curta — experiência em Paris, além de ter testemunhado o burburinho causado pela vinda do chamado pós-estruturalismo aos Estados Unidos. Porém, é apenas em Paris, nesse período que descrevo, que Silviano leu os primeiros livros de Jacques Derrida, *De la grammatologie* e *L'écriture et la différence*, ambos publicados em 1967.

Em 2006, no colóquio internacional *Sur les traces de Jacques Derrida*, realizado em Argel nos dias 25 e 26 de novembro, Silviano relembra do dia em que conheceu Derrida. Foi em 1971, quando professor na *State University of New York* (SUNY), em Buffalo, que Silviano o encontrou pessoalmente, período em que Derrida era mestre-conferencista da *John Hopkins University*. Vale recordar que o sistema universitário norte-americano vivia um momento particular com a vinda do pensamento francês, sobretudo nos departamentos de estudos literários. O pós-estruturalismo entrava pela porta dos fundos da universidade americana, digamos assim, já que, por mais que seus principais avatares viessem de uma formação clássica em filosofia *à la française*, seus textos desembarcavam em departamentos de literatura. Então, Silviano foi a Baltimore prestigiar o pensador franco-argelino na condição de editor da revista *Modern Languages Notes*, que promovia um número especial sobre a *narrative analysis*, o estruturalismo e a semiologia, mais especificamente acerca das críticas de Algirdas Julius Greimas e seus discípulos ao estruturalismo lévi-straussiano²⁶⁰. Àquela altura, Silviano farejava, no rastro desconstrutor de Derrida, a verve de uma inteligência que daria nervo ao seu empenho em repensar a história da literatura brasileira — que, então, já caminhava para a crítica cultural.

Traquejado no jargão desconstrutor, afinal “[...] já tinha lido seus primeiros livros; os mais literários, aliás”²⁶¹, foi recebido por Derrida e sua esposa, Marguerite

²⁵⁹ As seguintes informações biográficas podem ser lidas e averiguadas na importante entrevista dada a Raphael Meciano, ver MECIANO, Raphael. Silviano Santiago e a desconstrução: entrevista com Silviano Santiago. *Remate de Males*, Campinas, SP, v. 38, n. 1, 2018, p. 437-441.

²⁶⁰ A introdução do número desta revista pode ser lida em SANTIAGO, Silviano. Ouroboros. *Modern Language Notes*, Dec., 1971, Vol. 86, No. 6, p. 790-792.

²⁶¹ SANTIAGO, Silviano. A terceira margem proposta pelos escritos de Jacques Derrida. *BVPS: Blog da Biblioteca Virtual do Pensamento Social*, 2020.

Derrida, junto a Eugenio Donato e Richard Macksey, amigos importantes deste período de sua vida universitária. O primeiro, Donato, foi quem convidou Silviano para proferir a palestra — que originou o célebre ensaio “O entre-lugar do discurso latino-americano” — na *Université de Montreal*, em 1971, esse mesmo amigo, a quem o ensaio é dedicado ao lado da esposa Sally, é que lhe teria soprado a expressão *the space in-between*. Ao lado de Richard, conhecido por Silviano pelo apelido de Dick Macksey²⁶², os dois amigos foram responsáveis pela organização, anos antes, do importante simpósio internacional *The Languages of Criticism and the Sciences of Man*, também na *John Hopkins University*, em fins de 1966, que contou com a participação de figuras eminentes como Paul de Man, Roland Barthes, Jacques Lacan e Jacques Derrida — este último tendo apresentado sua importante crítica ao estruturalismo antropológico lévi-straussiano, com o título “La structure, le signe et le jeu dans le discours des sciences humaines”, em 31 de outubro. Como é de se esperar, Silviano foi decisivamente impactado pelos louros daquele período, materializados na publicação das palestras em *The Structuralist Controversy*, editado pela *Johns Hopkins University Press*, em 1970, que conta com um texto de abertura assinado pelos organizadores intitulado “The Space Between”. Tal texto descreve a importância desse pensamento emergente dentro de uma espécie de sociologia do conhecimento francês, na qual a nova geração (Deleuze, Derrida e Foucault) figuraria como uma substituta, de inspiração nietzschiana, do impacto que, nas décadas anteriores, teve a filosofia alemã, sobretudo aquela ligada à recepção da obra de Hegel, com nomes como Alexandre Koyré, Jean Hyppolite, Georges Canguilhem e Alexandre Kojève²⁶³. Assim, a filosofia francesa deglutiu a alemã, que, por sua vez, foi aos Estados Unidos e, por último, aportou na periferia do mundo, em terras brasileiras, pela mão de teóricos cosmopolitas.

De volta ao encontro com Derrida, Silviano, em seu depoimento, permite-nos imaginar o contexto em que a conversa ocorreu, na qual o jovem filósofo, Derrida, ainda antes de ser alçado à categoria de *superastro*²⁶⁴, dá ouvidos ao

²⁶² SANTIAGO, Silviano. A terceira margem proposta pelos escritos de Jacques Derrida. *BVPS: Blog da Biblioteca Virtual do Pensamento Social*, 2020.

²⁶³ DONATO, Eugenio; MACKSEY, Richard. *The Structuralist Controversy*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1972, p. xii.

²⁶⁴ Para uma aproximação entre a figura pública de Michel Foucault e a categoria de *superastro* tal qual formulada por Silviano em seu texto sobre Caetano Veloso, ver LIMA, Matheus Ribeiro Alves

inquieta professor latino em solo americano, que, como ele, vive num entre-lugar. Se Derrida foi formado junto aos maiores quadros do pensamento francês, um *bourgeois normalien* por excelência, e não poderia deixar de lado sua ascendência judaica e sua origem argelina, Silviano, por sua vez, lecionava num prestigioso departamento de literatura francesa, agora não mais enclausurado no exotismo particularista dos estudos brasileiros e portugueses, sem, com isso, deixar de lembrar que nasceu na América Latina, fardo que carregará como uma das mil faces de sua identidade espectral. Com isso, a partir dessa identificação mútua de ângulo afetivo, além de uma afinidade de leituras, Silviano abre o flanco e explora suas próprias hipóteses acerca da obra de Derrida: “[...] O francês estava evidentemente interessado em escutar o brasileiro. E vice-versa”²⁶⁵. Em carta ao colega Affonso Ávila, datada de 22 de outubro de 1971, Silviano escrevia, de Buffalo, acerca do encontro com Derrida: “Tive encontro sensacional com Jacques Derrida. Por causa do número de *Modern Languages Notes* que estou organizando tive que dar uma descida até Baltimore, e ele está dando aulas lá durante o primeiro semestre”²⁶⁶. Confirmando certas informações dadas no depoimento posterior — a organização do número da revista e a estada de Derrida em Baltimore —, Silviano menciona ainda a aula que assiste e ao contexto da conversa propriamente dita: “Assisti a uma das suas aulas sobre Freud e o princípio do prazer e à noite tive jantar com ele”²⁶⁷. A cena do jantar logo nos leva a pressupor o arranjo do encontro, no qual, sentado à mesa, discutem, de maneira relativamente despretensiosa, sobre alguns assuntos. Silviano, de maneira atenta, conta na carta a Ávila que discutiu brevemente seu interesse em torno da leitura política da obra do filósofo — como ficaria claro nos textos posteriores de Silviano —, ao que conta: “Falamos sobre a possibilidade de uma interpretação política do seu pensamento, concorda discordando [...]”²⁶⁸. Tal preocupação, certamente embutida nos debates que fazia à época sobre a

de. *Michel Foucault: o intelectual enquanto superastro*. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2022.

²⁶⁵ SANTIAGO, Silviano. *Ruptura e tradição: Uma literatura nos trópicos 40 anos*. Entrevista concedida a Andre Bittencourt e Maurício Hoelz. Blog BVPS, [S. l.], 09 set. 2018.

²⁶⁶ SANTIAGO, Silviano. Carta a Affonso Ávila de 22/10/1971, Buffalo. Transcrição de Leandro Garcia Rodrigues.

²⁶⁷ SANTIAGO, Silviano. Carta a Affonso Ávila de 22/10/1971, Buffalo.

²⁶⁸ SANTIAGO, Silviano. Carta a Affonso Ávila de 22/10/1971, Buffalo.

colonização e papel da literatura na leitura desse imbróglio, aparece atravessada na conversa com Derrida. Os usos que Silviano fez da obra do filósofo certamente apontam para essa leitura, como fica evidente, por exemplo, em “A palavra de Deus”, onde o fono-logo-centrismo é acionado para pensar o problema da catequese e da filiação religiosa dos índios tanto em *Iracema* (1865) de José de Alencar como nos sermões de Padre Antônio Vieira. Na medida em que a conversa com Derrida avança, podemos especular que outros assuntos vêm à tona, deixando, por enquanto, a obra do filósofo de lado e alcançando leituras comuns aos interlocutores. Assim, “em certo momento da conversa, o jovem filósofo demonstrou viva curiosidade acerca de meu olhar de leitor brasileiro”²⁶⁹, sobretudo no que se refere à obra do antropólogo francês Claude Lévi-Strauss, em especial o livro *Tristes tropiques* (1955), que conta o período em que viajou pelo Brasil:

Sob o pretexto de responder a uma pergunta que, na verdade, Derrida não tinha formulado, eu lhe disse que havia um aspecto menos estudado de seu pensamento que me seduzia enormemente; e que, de certo modo, esse aspecto era a principal razão de meu vivo interesse por seus escritos. Em sua crítica do estruturalismo *formalista* (assim caracterizado porque excluía de suas análises a *força* de que fala Nietzsche), em sua leitura crítica dos escritos de Jean Rousset (“Forme et signification”), Michel Foucault (“Cogito et histoire de la folie”) e Claude Lévi-Strauss (“La structure, le signe et le jeu dans le discours des sciences humaines”) e na segunda parte de *De la grammatologie*, percebia eu um desejo de tornar pública uma ideia cujo principal interesse não era a desconstrução do fono- e do logocentrismo, e sim do etnocentrismo. A desconstrução deste último apresentava-se como extremamente importante para a discussão de um tema que sempre me seduziu enquanto cidadão brasileiro – a diferença colonial.²⁷⁰

Ao glosar algumas das hipóteses e pontos de pujança do esforço teórico de Derrida, Silviano rapidamente direcionou a conversa para o campo que lhe convinha. Vale ressaltar que os livros mencionados, que garantiram o solo comum para puxar

²⁶⁹ SANTIAGO, Silviano. A terceira margem proposta pelos escritos de Jacques Derrida. *BVPS: Blog da Biblioteca Virtual do Pensamento Social*, 2020.

²⁷⁰ SANTIAGO, Silviano. A terceira margem proposta pelos escritos de Jacques Derrida. *BVPS: Blog da Biblioteca Virtual do Pensamento Social*, 2020.

conversa, têm como unidade temática discussões vindas da etnologia. Por exemplo, o capítulo de *L'écriture et la différence* se detém nos textos mais técnicos de Lévi-Strauss, mais especificamente o primeiro volume das *Les Mythologiques*, intitulado *Le cru et le cuit* (1964); já a segunda parte de *De la grammatologie*, num recorte que nos interessa, vai discutir o importante capítulo "Leçon d'écriture" de *Tristes tropiques*. Havia alguns anos que Silviano lecionava em departamentos de literatura brasileira e portuguesa, se havendo com a tradição da literatura colonial, indo até a Carta de Caminha em seus cursos para alunos estrangeiros. Ali, Silviano encontrou a longa discussão sobre conversão, catequese e violência colonial, tudo devidamente escrutinado no ensaio "A palavra de Deus"²⁷¹, publicado na revista *Barroco* no mesmo ano do encontro com Derrida.

Silviano diz que, durante a conversa, Derrida demonstrava um interesse particular pelo que o professor brasileiro tinha a dizer acerca de *Tristes tropiques*. Derrida estava, segundo conta Silviano, "muito interessado num dos mais importantes livros escritos sobre a diferença colonial enquanto força viva na cultura brasileira"²⁷². Dessa maneira, vemos que o interesse pelo diálogo não é de mão única, mas correspondido pelo pensador, já que ambos estavam implicados no problema colonial. Devemos lembrar, à guisa de exemplo, que a cicatriz gerada pela Guerra da Argélia era bastante recente no imaginário francês daquele momento — período, aliás, vivenciado a ferro e fogo pelos dois intelectuais. Assim, para o interesse deste ensaio, o encontro soa quase como um mito fundador a lantejoular as aproximações propostas.

4.2 Encontro com Lévi-Strauss

Particularmente, acreditava que o contato de Silviano com os textos lévi-straussianos havia se dado via Derrida, ou seja, após a publicação de *L'écriture et la différence*, em 1967, cujo capítulo "La structure, le signe et le jeu dans le discours

²⁷¹ SANTIAGO, Silviano. "A palavra de Deus". *Barroco*, n. 3, Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1971, p. 7-13.

²⁷² SANTIAGO, Silviano. A terceira margem proposta pelos escritos de Jacques Derrida. *BVPS: Blog da Biblioteca Virtual do Pensamento Social*, 2020.

des sciences humaines”, havia sido apresentado na conferência de outubro de 1966 na *John Hopkins University* (Baltimore). Porém, em uma recente troca de e-mails acerca desse período, Silviano esclarece que o interesse por *Tristes tropiques* surge, na verdade, em 1962, anos antes da publicação do livro de Derrida. Naquele ano — e até 1964 —, apesar de doutorando em literatura francesa em Paris, Silviano se vê, por força do destino, obrigado a dar aulas de literatura brasileira e portuguesa na *New Mexico University*, oportunidade que surge após o término de sua bolsa de estudos na França. Lançado em solo desconhecido, Silviano diz, por e-mail: “Tive de refazer um caminho que não tinha sido feito academicamente, dado o fato que não estava preparado para dar as aulas que tinha de dar”²⁷³. Não apenas isso, mas as especificidades dos cursos exigidos pela universidade demandavam uma certa envergadura teórica e crítica do professor em formação, com o manuseio de documentos históricos até então desconhecidos por ele. Como teve contato com a produção dos escritores africanos e com a onda anticolonial na França, Silviano ensaia uma leitura, para integrar o programa dos cursos, que se alinhava ao tempo do mundo, afinada com as demandas políticas do momento, atravessando a carta de Caminha e a literatura colonial com lentes pós-coloniais, numa visada *avant la lettre* dos *Cultural Studies*. Escreve Silviano sobre essa complexidade:

[...] na ementa do ‘survey’ de literatura brasileira entrava literatura colonial no Brasil e lá estava eu às voltas com a necessidade de ensinar não só textos literários mas também o que chamamos de documentos históricos. O primeiro choque foi o ensino da Carta de Pero Vaz Caminha. O que fazer? A edição que circulava por lá era a do Cortesão, etnocêntrica a perder de vista.²⁷⁴

Nesse desejo de ampliação da bibliografia acerca da construção do Brasil como nação e da presença dos povos originários, a obra de Lévi-Strauss parecia preencher a lacuna, quer dizer, a recepção, de fato, se dá pelo teor etnográfico e relativista da prosa de Lévi-Strauss e não pelo seu método de análise mitológica. Daí já podemos

²⁷³ SANTIAGO, Silviano. E-mail ao autor de 23/04/2022.

²⁷⁴ SANTIAGO, Silviano. E-mail ao autor de 23/04/2022.

ter alguma ideia de como, mais tarde na vida intelectual de Silviano, após o contato com Derrida, ocorreu a releitura dos textos do antropólogo francês:

Portanto, minha leitura de Lévi-Strauss tinha mais a ver com o período colonial no Brasil do que com as possibilidades metodológicas abertas por sua leitura de mitos. Além do mais, já na época da PUC, 1972, sendo derridiano e tendo voltado a ensinar literatura francesa em Buffalo, não poderia aceitar o ‘centramento’ que Lévi-Strauss opera em sua leitura, descartando a possibilidade de jogo na apreciação da estrutura.²⁷⁵

Ainda na troca de e-mails, Silviano relembra os tempos em Belo Horizonte, no começo da sua carreira intelectual, quando ainda, junto aos companheiros do CEC (Centro de Estudos Cinematográficos), aprendia sobre a arte de escrever e conta da importância do amigo e historiador Francisco Iglésias²⁷⁶ para um aumento gradativo do teor sociológico de seu ensaísmo: “o professor Francisco Iglésias costumava me puxar a orelha, dizendo que o que escrevia era bom mas que precisava ler livros das ciências sociais, e me indicou o célebre trio dos anos 30, Gilberto, Sérgio e Caio”²⁷⁷, referindo-se aos “demiurgos do Brasil contemporâneo”²⁷⁸, respectivamente Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior. O conselho, apesar de meritório para a formação ainda exordial do jovem escritor mineiro, serviu-lhe apenas mais tarde quando precisou se defrontar, no estrangeiro, com o Brasil enquanto tema. É aí que Lévi-Strauss

²⁷⁵ SANTIAGO, Silviano. E-mail ao autor de 23/04/2022.

²⁷⁶ Silviano, em entrevista concedida em 2016 e publicada anos depois no site do *Projeto Minas Mundo*, conta da sua proveitosa relação com Iglésias, a quem deve o contato com as ciências sociais: “Eu tive algumas das minhas melhores aulas de História dadas pelo Francisco Iglésias na Camponesa. Um dia ele me puxou a orelha e falou: “você está muito preocupado com a estética, tem uma coisa importante que é a história”. E foi ótimo porque eu passei a ler sobre os intérpretes do Brasil e isso fez parte da minha formação. Mas eu não lia absolutamente nada de história, porque o que nós aprendíamos na escola era horrível, um livro de história do Brasil do Joaquim Silva da edição Melhoramentos. Depois eu fui ler história mesmo, *Casa-grande & senzala*, uma experiência fora do manual escolar que eu devo ao Francisco Iglésias” (SANTIAGO, Silviano. Silviano 8½. *Projeto MinasMundo*, 2020).

²⁷⁷ SANTIAGO, Silviano. E-mail a Gabriel Martins de 23/04/2022.

²⁷⁸ A expressão é do sociólogo Francisco de Oliveira, que diz ter tomado de Antonio Candido, ver OLIVEIRA, Francisco de. *Viagem ao Olho do Furacão: Celso Furtado e o Desafio do Pensamento Autoritário Brasileiro. Novos Estudos Cebrap*, São Paulo - SP, v. 48, 1997, p. 19.

retorna, através das lentes de um interessado pela construção do país, em especial sob a égide do discurso, como confirma Silviano: “Voltei a ler os livros indicados pelo Iglésias e acrescentei outros à lista, entre eles os *Tristes trópicos*”²⁷⁹.

Com as arestas devidamente aparadas, e de volta ao encontro com Derrida, Silviano estava munido de uma série de questões que aparecem no Lévi-Strauss romanesco e que ressoam obliquamente o esforço derridiano da desconstrução. Ora, o uso estratégico da etnologia em diversos textos de Derrida não serve simplesmente para desconstruir o fono-logo-centrismo, mas, de certa maneira, para reposicionar o sujeito colonial diante da diferença cultural, desconstruindo o etnocentrismo a reboque. Essa dobra foi o que encantou Silviano no pensamento de Derrida; escreve o brasileiro: “a desconstrução [...] apresentava-se como extremamente importante para a discussão de um tema que sempre me seduziu enquanto cidadão brasileiro – a diferença colonial”²⁸⁰. Esse é também o tipo de apropriação que lhe será útil no texto de abertura de *Uma literatura nos trópicos* (1978), “O entre-lugar da literatura latino-americana”, quer dizer, um uso político de Lévi-Strauss e da etnologia a partir do contato com as alteridades indígenas e o descentramento do próprio antropólogo a partir da perspectiva de Derrida, tomada do lugar colonial franco-argelino, judeu, escolarizado, letrado etc. A política pronominal entre o *eu* e o *ele(s)*, entre o colonizador e o colonizado e os diversos descentramentos criados por esse contato, interessam Silviano na articulação entre literatura, antropologia e filosofia. Essa inquietação nasce, me parece, de uma certa afinidade entre a discussão sobre o descentramento operado na histórica da metafísica e a crítica ao etnocentrismo construída por e através de Lévi-Strauss, ancorada nos seus relatos de viagem pelo Brasil. Exemplificando, ressalto brevemente uma passagem de *Tristes tropiques* que coloca em debate justamente a questão do descentramento do etnógrafo, posição de instabilidade essencial para a prática antropológica, como pode ser lido ao final do livro:

[...] como o etnógrafo pode escapar da contradição que resulta das circunstâncias de sua escolha? Tem diante dos olhos, tem

²⁷⁹ SANTIAGO, Silviano. E-mail a Gabriel Martins de 23/04/2022.

²⁸⁰ SANTIAGO, Silviano. A terceira margem proposta pelos escritos de Jacques Derrida. *BVPS: Blog da Biblioteca Virtual do Pensamento Social*, 2020.

à sua disposição uma sociedade: a sua; por que resolve menosprezá-la e reservar a outras sociedades — escolhidas dentre as mais longínquas e as mais diferentes — uma paciência e uma dedicação que sua determinação recusa aos concidadãos?²⁸¹

Lévi-Strauss, ao analisar a obra de Marcel Mauss, em especial a noção de *fato social total*, vai reconhecer que a antropologia é “[...] uma ciência em que o observador é da mesma natureza que seu objeto, *o observador é ele próprio uma parte de sua observação*”²⁸². Dessa maneira, se tanto o sujeito quanto o objeto do trabalho etnográfico são, eles mesmos, seres humanos, ou seja, por definição sujeitos, então “[...] a observação etnológica traz inevitavelmente [modificações] ao funcionamento da sociedade na qual se exerce [...]”²⁸³. Assim, cabe à antropologia objetivar os sujeitos, transformando outros seres humanos em tema de estudo “científico”, na medida em que precisa também subjetivar os objetos, tornando-os parte interessada naquilo que se produz. Além disso, o sujeito (antropólogo) precisa, de alguma maneira, tornar-se objeto, já que a prática etnográfica exige, de saída, um convívio com o grupo estudado. Essa é a constituição da antropologia enquanto área do conhecimento, sendo assim uma das disciplinas em que o objeto de estudo pode dizer algo ao sujeito que pesquisa. Mais à frente no texto, ao tratar do desempenho da etnografia em meio às ciências do homem em outros países para além da França, Lévi-Strauss vai defini-la “[...] como inspiradora de um novo humanismo [...]”²⁸⁴, mesmo humanismo que, em outro

²⁸¹ “[...] comment l’ethnologue peut-il se tirer de la contradiction qui résulte des circonstances de son choix? Il a sous les yeux, il tient à sa disposition une société: la sienne,; pourquoi décide-t-il de la dédaigner et de réserver à d’autres sociétés — choisies parmi les plus lointaines et les plus différentes — une patience et une dévotion que sa détermination refuse à ses concitoyens?” (LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes tropiques*. Paris: Librairie Plon, 1955, p. 442).

²⁸² “[...] une science où l’observateur est de même nature que son objet, *l’observateur est lui-même une partie de son observation*” (LÉVI-STRAUSS, Claude. « Introduction à l’œuvre de Marcel Mauss » In: MAUSS, Marcel. *Sociologie et anthropologie*; Précédé d’une Introduction à l’œuvre de Marcel Mauss par Claude Lévi-Strauss. Paris: PUF, 1950, p. 15. Grifos do autor).

²⁸³ “[...] l’observation ethnologique apporte inévitablement [modifications] au fonctionnement de la société où elle s’exerce [...]” (LÉVI-STRAUSS, Claude. « Introduction à l’œuvre de Marcel Mauss » In: MAUSS, Marcel. *Sociologie et anthropologie*; Précédé d’une Introduction à l’œuvre de Marcel Mauss par Claude Lévi-Strauss. Paris: PUF, 1950, p. 15).

²⁸⁴ “[...] comme inspiratrice d’un nouvel humanisme [...]” (LÉVI-STRAUSS, Claude. « Introduction à l’œuvre de Marcel Mauss » In: MAUSS, Marcel. *Sociologie et anthropologie*; Précédé d’une Introduction à l’œuvre de Marcel Mauss par Claude Lévi-Strauss. Paris: PUF, 1950, p. 16).

contexto, vai atribuir a Jean-Jacques Rousseau, tomando-o como fundador das ciências humanas. Dessa forma, Rousseau foi o primeiro a descrever o programa etnológico por excelência, que, por um lado, participa da construção do *cogito*²⁸⁵, mas, por outro, tende a transgredi-lo, como se lê em *Essai sur l'origine des langues* (1781), de Rousseau, citado por Lévi-Strauss em seu texto: “Quando se quer estudar os homens, é preciso olhar perto de si; mas para estudar o homem, é preciso aprender a dirigir para longe o olhar; para descobrir as propriedades, é preciso primeiro observar as diferenças”²⁸⁶.

Em outro momento, um dos alunos mais célebres de Lévi-Strauss, Pierre Clastres, num texto chamado “Entre silence et dialogue”²⁸⁷, vai defender a antropologia como um dos únicos saberes capaz de estabelecer algum tipo de relação com aqueles deixados de lado pelo Ocidente e pelo Império da Razão. Segundo Clastres, tanto o louco, a criança como o selvagem, foram excluídos do diálogo e alienados da faculdade do juízo racional. Assim, a partir de uma breve recapitulação dos autores clássicos do pensamento francês que criaram pontes e experimentaram uma relação potente com as alteridades indígenas — Michel de Montaigne, Jean de Léry, Denis Diderot e Jean-Jacques Rousseau —, ele demonstra que a etnologia enquanto uma disciplina que é tanto uma ciência quanto outra coisa — quer dizer, uma ciência que, por definição, estuda a não-ciência —, ela constituir-se-ia como uma das poucas ferramentas que ainda poderiam estabelecer um diálogo ao invés de ignorar ou se manter em silêncio diante dos selvagens. Não à toa, ao final do texto, Clastres atribui o pontapé inicial dessa façanha ao seu mestre Lévi-Strauss, num gesto que começaria no contato real e eficaz com os indígenas e terminaria por transformar o pensamento ocidental.

De volta a Derrida, não poderia deixar de lado a sua preocupação com o etnocentrismo enquanto componente basilar das discussões filosóficas, como

²⁸⁵ Sem contar a origem colonial do discurso antropológico, não podemos esquecer. Acerca da relação paradoxal e ambígua da antropologia tanto com o colonialismo como com a pretensão de neutralidade axiológica ver ASAD, Talal. “Introdução à *Anthropology and the Colonial Encounter*”. *Revista Ilha*, v. 19, n. 2, 2017, p. 313-327.

²⁸⁶ ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Essai sur l'origine des langues*, cap. VIII apud LÉVI-STRAUSS, Claude. "Jean-Jacques Rousseau, fundador das ciências do homem" In: *Antropologia estrutural dois*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1993, p. 43.

²⁸⁷ CLASTRES, Pierre. “Entre Silence et Dialogue”. In: BELLOUR, Raymond; CLÉMENT, Cathérine (orgs.). *Claude Lévi-Strauss*. Paris: Gallimard, p. 33-38.

podemos notar no glossário organizado por Silviano, em 1976, em que um dos verbetes trata diretamente desse problema. Como o livro coordenado por Silviano foi resultado direto do trabalho coletivo da primeira turma de mestrado em Literatura Brasileira na PUC-Rio, esforço oriundo de um curso ministrado por Silviano acerca do problema da interpretação entre pensadores franceses contemporâneos, o glossário acaba por se configurar como um arquivo, que mostra, a partir da organização de seus verbetes, os possíveis expedientes da leitura de Derrida no Brasil. Assim, como notamos no depoimento de Silviano sobre sua conversa pessoal com Derrida nos anos 1970, o problema do etnocentrismo, que Derrida agarra de Lévi-Strauss, consolidou-se como uma tônica de leitura. No verbe a que me refiro há uma definição relativamente clássica do etnocentrismo aos olhos de seus primeiros críticos, seja de Franz Boas em *The mind of primitive man* (1911) e *The limitations of the comparative method of anthropology* (1896) ou do próprio Lévi-Strauss em *Race et histoire* (1952) e *Race et culture* (1971). O que interessa aqui é o fechamento do verbe, que parece integrar o problema do etnocentrismo aos outros imbróglis fundamentais da metafísica da presença: “O etnocentrismo se constitui, portanto, como um dos elementos estruturantes do pensamento ocidental, que comanda uma cadeia de centramentos — logocentrismo, fonocentrismo — e que é denunciado pela desconstrução e pelo descentramento”²⁸⁸. Dessa maneira, sem tratar o etnocentrismo como condição universal, como o faz Lévi-Strauss, e nem como um problema de lapso de conhecimento histórico, como o quer Franz Boas, Silviano e seus alunos, ao lerem Derrida, encontram o etnocentrismo dentro de uma cadeia mais ampla e complexa de centramentos que, de certa maneira, são produzidos e servem como sustentáculo para a metafísica filosófica, nos termos já convencionais e orientadores dos nossos modos de vida. Tal constatação, por localizar as fontes e as estruturas em que residem os inimigos a serem combatidos, garante que o antídoto elaborado por Derrida, a desconstrução, ataque de frente o etnocentrismo. O etnocentrismo, como um verbe autônomo no livro organizado por Silviano, integra-se ao todo na medida em que nos damos conta do “[...] espaço de atuação do Glossário, que desmonta peça por peça textos dos

²⁸⁸ SANTIAGO, Silviano. *Glossário de Derrida*; trabalho realizado pelo Departamento de Letras da PUC/RJ, supervisão geral de Silviano Santiago. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976, p. 37.

mais herméticos, sem perder a solidariedade do todo"²⁸⁹, como escreveu um jornalista no *Jornal do Brasil*, em 1976, apresentando de que maneira “cada palavra é malha numa rede, unindo-se a várias outras pelos nós”²⁹⁰. Dessa forma, os textos do pensador franco-argelino servem como um operador teórico capaz de desconstruir, desde o ponto de vista colonial, os livros e autores brasileiros sobre que Silviano se debruçava enquanto professor e ensaísta, constituindo a verve que garantiu que ele encontrasse intercessores potentes, com a força que desloca as áreas e arrebenta com as tradições.

4.3 Estrutura e desconstrução

Como sabemos, a entrada do estruturalismo nos estudos literários no Brasil ocorreu, em grande medida, via o corpo docente do Departamento de Letras e Artes — atual Departamento de Letras — da PUC-Rio, ao longo da década de 1970. Foi no início dessa década que, como já mencionado, Silviano deslocou-se dos Estados Unidos ao Brasil, em 1972, na condição de professor visitante pelas mãos de outro mineiro, Affonso Romano de Sant’Anna, à época, diretor do departamento. Enquanto visitante, Silviano deveria colaborar com o quadro recente de professores para formar a primeira geração de pós-graduandos em literatura brasileira da PUC. Por mais que a entrada de Silviano tenha introduzido diversos conceitos e práticas investigativas, como os que tento apontar aqui (desconstrução, teoria francesa e leitura pós-colonial da literatura brasileira), é difícil negar a pujança intelectual de feição estruturalista da neófito pós-graduação. Assim, apesar (e com) a presença de alguém com as referências teóricas como as de Silviano, é inegável a corporatura estruturalista. O formalismo russo e o estruturalismo eram temas de mesa de bar, tamanha a naturalidade com que o assunto fluía corredores a fora, confirmando a maneira como aqueles debates encontraram solo fértil em território carioca, como descreve Affonso em tom de anedota: “falava-se de ‘corte epistemológico’ como

²⁸⁹ SANTOS, Jair Ferreira dos. Um guia para penetrar no mundo intencionalmente obscuro de Derrida. Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil*, 14/11/1976, p. 11.

²⁹⁰ SANTOS, Jair Ferreira dos. Um guia para penetrar no mundo intencionalmente obscuro de Derrida. Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil*, 14/11/1976, p. 11.

se fosse de Coca-Cola”²⁹¹. Isto se devia, em grande medida, à criação da pós-graduação (o mestrado em Literatura Brasileira) no início dos anos 1970, culminando no desejo de se trabalhar “[...] com uma visão nova da literatura, da história, do *corpus* literário e outra maneira de interpretar o fenômeno literário”²⁹². É nessa vontade de renovação que “a estilística e a filologia dos anos 1950 e 1960 recebiam agora o influxo de várias correntes, seja do recém-descoberto formalismo russo, seja daquilo que surgia sob o confuso nome de estruturalismo e pós-estruturalismo”²⁹³, relembra Affonso acerca desse período.

De maneira um tanto apressada, simplificarei o debate avultando a presença de dois professores fundamentais na leitura do estruturalismo no território das letras: Luiz Costa Lima e o próprio Affonso Romano. Apesar da semelhança do uso de método, uma ressalva é importante: Costa Lima traz uma contribuição ampla e complexa à incorporação do estruturalismo de Lévi-Strauss aos estudos de literatura, numa abordagem concentrada na obra do antropólogo, como se confirma na coletânea organizada *O Estruturalismo de Lévi-Strauss* (1968); já o trabalho de Affonso, ao que pese sua importância, é mais ligeiro, limitado ao jogo de oposições e paralelismos e à quantificação de dados, como pode ser visto em *Análise estrutural de romances brasileiros* (1972). Para o que interessa neste exíguo ensaio, gostaria de me deter no primeiro: Costa Lima.

No começo da pós-graduação em literatura brasileira — cuja primeira turma data do ano de 1972 —, o jovem professor estava às voltas com o debate acerca do estruturalismo de matriz antropológica, mais especificamente com a obra de Lévi-Strauss e sua relação com o campo da crítica e da análise literária, reflexão que culminará no seu doutoramento, defendido em 1972 e publicado no ano seguinte com o título *Estruturalismo e Teoria da Literatura*. Em “Os estudos literários brasileiros nos anos 1970 e o lugar da teoria no trabalho de Luiz Costa Lima”, o

²⁹¹ SANT’ANNA, Affonso Romano de. “Foucault: 40 anos depois”. In: KIFFER, Ana; GUIMARAENS, Francisco de; ROCHA, Mauricio; ANDRADE, Paulo Fernandes Carneiro de. *Michel Foucault no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; NAU, 2015, p. 41.

²⁹² SANT’ANNA, Affonso Romano de. “Foucault: 40 anos depois”. In: KIFFER, Ana; GUIMARAENS, Francisco de; ROCHA, Mauricio; ANDRADE, Paulo Fernandes Carneiro de. *Michel Foucault no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; NAU, 2015, p. 40. Grifo do autor.

²⁹³ SANT’ANNA, Affonso Romano de. “Foucault: 40 anos depois”. In: KIFFER, Ana; GUIMARAENS, Francisco de; ROCHA, Mauricio; ANDRADE, Paulo Fernandes Carneiro de. *Michel Foucault no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; NAU, 2015, p. 41.

pesquisador da Universidade de São Paulo Jefferson Mello esmiúça a opção de Costa Lima por Lévi-Strauss e pelo estruturalismo e não por outras correntes do pensamento francês que começavam a aportar no Brasil nos anos 1970:

O esforço de Costa Lima é, assim, o de contribuir para a evolução dos estudos literários, pensando a teoria literária mais próxima da filosofia, da psicanálise e da antropologia do que da própria literatura. É como se, para que esta fosse lida adequadamente, o analista, como um cientista, necessitasse tomar distância dela. Nesse sentido, não é nada aleatória, no rol de referências possíveis do estruturalismo, a opção por Lévi-Strauss (e não, por exemplo, por Roland Barthes) como possível interlocutor, cuja obra, consagrada na França e no Brasil, passa a fazer parte mais do campo científico do que do literário.²⁹⁴

Um pouco antes da abertura da pós-graduação no Departamento de Letras e Artes, Costa Lima havia lecionado no Departamento de Sociologia e Política da mesma universidade — atual Departamento de Ciências Sociais. Isso porque, após trabalhar como professor de literatura na Universidade Federal de Pernambuco e colaborar junto a Paulo Freire no Serviço de Extensão Cultural (SEC), depois do golpe de 1964, mais especificamente em outubro daquele ano, descobriu que seu nome constava na lista em que incidia o *Ato Institucional n.º 1* (AI-1). Assim, afastado do serviço público por ameaçar a segurança nacional — como mandava o Ato Institucional —, é acolhido, em 1965, pela Sociologia da PUC-Rio²⁹⁵. Como tinha experiência e contato com a área de Letras, apesar da sua formação inicial em Direito, ficou encarregado das cadeiras de Sociologia da Comunicação de Massa e de Sociologia da Literatura. Perante o acaso e a violência política autoritária, Costa Lima moldou sua formação e sua experiência docente a partir de seus interesses pessoais e da circunstância em que se encontrava. É nesse contexto que, através da sua relação com a sociologia da literatura, Lévi-Strauss entra, com suas análises

²⁹⁴ MELLO, Jefferson. Os estudos literários brasileiros nos anos 1970 e o lugar da teoria no trabalho de Luiz Costa Lima. *Remate de Males*, Campinas, SP, v. 40, n. 2, 2020, p. 716.

²⁹⁵ As informações biográficas e de contexto podem ser lidas no texto COSTA LIMA, Luiz. *Fios do Tempo. Sou um comparatista? Ateliê de Humanidades*, 2021.

mitológicas, garantindo a inteligibilidade dos objetos artísticos a partir de um cabedal antropológico, "científico" e instrumental.

A amplitude e a novidade de Lévi-Strauss trazidas por Luiz Costa Lima para a universidade carioca podem ser exemplificadas pelo relato do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, cujo primeiro contato com a obra de Lévi-Strauss e sua guinada em direção à etnologia ocorreu graças aos seminários ministrados por Costa Lima quando ainda professor de Sociologia da Literatura na PUC-Rio, em fins de 1960. Nesse período, Costa Lima se preparava para a escrita da tese orientada por Antonio Candido sobre a relação entre teoria literária e estruturalismo. Assim, textos de Lévi-Strauss eram lidos e debatidos com os alunos — e suas diversas articulações com o campo da literatura —, além de acompanhar de perto os lançamentos, em francês, da tetralogia *Les Mythologiques* (1964-1971). A recapitulação de Viveiros de Castro consta em um ensaio sobre Clarice Lispector, Guimarães Rosa e Oswald de Andrade, no qual tenta retratar seu primeiro contato “acadêmico” com o mundo das letras e sua aproximação especial com os textos de Guimarães Rosa — autor sobre o qual realiza um trabalho de análise estrutural (“Esboço de análise de um aforismo de G. Rosa”), ainda enquanto aluno de graduação em ciências sociais, posteriormente publicado em livro organizado por Costa Lima, *A metamorfose do silêncio* (1974). Segue o relato de Viveiros de Castro:

Virei etnólogo em função de um interesse por Lévi-Strauss, que me foi despertado por Luiz Costa Lima, meu grande mestre nos anos da graduação, que me aconselhou a fazer pós em antropologia. Trabalhei como seu assistente por algum tempo sobre a obra de Guimarães Rosa, contribuindo para a análise que Costa Lima fez do ‘Buriti’, uma das novelas de Corpo de baile. E com ele também tive vários cursos sobre as Mitológicas de Lévi-Strauss²⁹⁶.

Poucos anos mais tarde, em 1973, Viveiros de Castro, já como antropólogo e aluno da pós-graduação em Antropologia do Museu Nacional da UFRJ, publicou

²⁹⁶ VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Rosa e Clarice, a fera e o fora. *Revista Letras*, [S.l.], v. 98, nov. 2019, p. 12

“As categorias de sintagma e paradigma nas análises míticas de Lévi-Strauss” na edição de número 32 da revista *Tempo Brasileiro* intitulada “A linguística hoje”. No texto, Viveiros procura discutir de que maneira alguns conceitos são transportados do campo da linguística para o da antropologia, tendo como base a análise mítica de Lévi-Strauss. Ao longo do texto, as referências à tese de doutorado de Costa Lima²⁹⁷, à época ainda inédita, mostra a repercussão que as aulas do professor teve na vida intelectual de uma série de pesquisadores em formação, de modo a garantir a inteligibilidade do estruturalismo lévi-straussiano ao mesmo tempo que inserindo-o em outros debates para além dos propriamente antropológicos.

Nessa mesma coletânea de ensaios, surge Silviano Santiago com o texto “Desconstrução e descentramento”, uma espécie de varredura geral da obra de Derrida publicada até aquele momento. O ensaio tinha sua origem didática, já que, ao ministrar o primeiro curso sobre a obra de Derrida no Brasil, Silviano redigiu uma apostila para os alunos da turma de mestrado, material que circulou na comunidade acadêmica como uma introdução ao estudo de Jacques Derrida²⁹⁸. Depois, o mesmo texto foi aceito como artigo e publicado na coletânea organizada por Eduardo Portella, em 1973, no mesmo número em que consta o texto de Viveiros citado brevemente acima. No início, Silviano identifica três conceitos básicos da metafísica ocidental que Derrida propõe-se a questionar: o fonocentrismo, o logocentrismo e o etnocentrismo, “os três colocados como origem e como centro da Filosofia; os três sendo os elementos estruturantes do pensamento ocidental”²⁹⁹. Silviano aponta, portanto, a centralidade da discussão sobre etnocentrismo para repensar os pilares da filosofia — e, portanto, o pensamento que ordena o mundo —, atento aos empréstimos de Lévi-Strauss sem perder de vista as críticas levantadas por Derrida. É também no seio dessa reflexão que Silviano recorda a maneira como Lévi-Strauss, ao tentar fraturar as bases do etnocentrismo,

²⁹⁷ VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “As categorias de sintagma e paradigma nas análises míticas de Lévi-Strauss”. In: PORTELLA, Eduardo. *A linguística hoje*. Tempo Brasileiro, (32). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973, p. 114.

²⁹⁸ MECIANO, Raphael. Silviano Santiago e a desconstrução: entrevista com Silviano Santiago. *Remate de Males*, Campinas, SP, v. 38, n. 1, 2018, p. 443

²⁹⁹ SANTIAGO, Silviano. “Desconstrução e descentramento”. In: PORTELLA, Eduardo. *A linguística hoje*. Tempo Brasileiro, (32). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973, p. 76.

toma parte na discussão, quer dizer, ao tratar o etnocentrismo como fenômeno universal, coloca-se dentro da própria querela que ensaia desmontar. Nessa toada, Silviano recorda de uma passagem de Derrida, em que o autor afirma a necessidade de se brigar com a filosofia sem deixá-la de lado, fazendo com que o próprio pensamento ocidental se sufoque e beba do seu próprio veneno ou remédio, propriedade ambígua do *phármakon*: “O que pretendo acentuar é que a passagem para além da Filosofia não consiste em virar a página da Filosofia [...] mas em continuar a ler de *uma certa maneira* os filósofos”³⁰⁰. Sem renunciar à linguagem da filosofia, o desconstrutor deve desdobrar-se, dentro do pensamento filosófico, e atacar sua matriz. A lição de Derrida, herdada de Lévi-Strauss, ecoa na maneira pela qual Silviano irá repensar o cânone literário e a história da literatura apenas cinco anos depois, em *Uma literatura nos trópicos*. Ao se deparar com a tradição literária do primeiro mundo, cuja dívida a literatura brasileira ainda precisaria pagar, faz com o que as diversas leituras que encaminham a noção de fonte e influência para o centro do debate sejam repensadas dentro dos seus próprios termos, ou seja, problematizando a dívida da literatura periférica com a produção metropolitana. Por exemplo, é a partir de Gustave Flaubert que Silviano, em “Eça, autor de Madame Bovary”, vai repensar a dívida de Eça de Queirós com *Madame Bovary* em *O primo Basílio*. Dessa forma, Derrida herda o pensamento de Lévi-Strauss, traindo-o, pelo expediente de romper com a razão binária, ainda atuante na obra do antropólogo. Derrida insere um terceiro termo, a *différence* é tensionada pela *différance*, instaurando uma brecha na oposição simples, que põe em questão a escolha segura de um dos termos. Nesse caso, é Flaubert que “deve” a Eça de Queirós, uma vez que o romance português insere um terceiro termo aos pares opositivos “verdade/ilusão” e “fidelidade/traição”, com a inclusão de uma peça teatral, na sequência narrativa, que levanta outras possibilidades, complexificando e rasurando o clássico enredo da traição. Pela problematização da suposta dívida dos colonizados com o colonizador, por via da paródia ou da devoração antropofágica, Silviano procura denunciar o etnocentrismo da crítica e escapar

³⁰⁰ DERRIDA, Jacques. *L'écriture et la différence*, p. 243 *apud* SANTIAGO, Silviano. “Desconstrução e descentramento”. In: PORTELLA, Eduardo. *A linguística hoje*. Tempo Brasileiro, (32). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973, p. 77.

dele³⁰¹. A inversão da cópia e do original, elegendo, por sua vez, um outro original, um outro percurso, parece estar no centro da discussão de Silviano, quando coloca tanto Eça quanto Machado — via *Dom Casmurro* — como anunciadores e antecessores de Flaubert, como vai lembrar em entrevista:

Portanto, o precursor [...] é o que controla a cronologia às avessas, mostrando o raro sentido do passado no presente, com vistas ao futuro. Eça é precursor de Flaubert, assim como Machado de Assis é precursor de Flaubert e de Eça. O precursor desencaminha a seta do tempo para que ela, contemplando carinhosamente o que tinha deixado pelo meio do caminho, ilumine-o com o facho de luz que ela própria continua a produzir, independente da vontade do seu criador original e graças à sensibilidade dos sucessivos criadores. A leitura do precursor não satisfaz a vontade do criador original; satisfaz a vontade da obra criada por ele³⁰²

Assim, tanto a importância de não se posicionar fora do pensamento dominante, utilizando sua linguagem e seus termos para combatê-lo, quanto a centralidade da discussão sobre o etnocentrismo, parecem estar, em certa medida, na leitura que Silviano faz da obra de Derrida.

4.4 Entre-lugar, etnocentrismo e pós-estruturalismo

Não é mentira que a presença de Lévi-Strauss e Derrida — além de outros avatares do pós-estruturalismo francês — é evidente em *Uma literatura nos trópicos* (1978). Como foi dito, o itinerário da leitura de Lévi-Strauss se apresenta na própria composição dos capítulos — dispostos como ensaios independentes, mas que guardam uma raiz comum na escolha dos objetos e seu respectivo método de análise —, na medida em que o primeiro e o último capítulo têm como intercessor primordial o antropólogo francês, lido, lado a lado, com textos de Derrida. Se no

³⁰¹ Ver SANTIAGO, Silviano. “Análise e interpretação” In: *Uma literatura nos trópicos*. Recife: Cepe, 2019.

³⁰² SANTIAGO, Silviano. Entrevista: Questões para Silviano Santiago. *Floema* - Ano IX, n. 11, jul./dez. 2015, p. 21.

primeiro capítulo acerca do entre-lugar, Lévi-Strauss figura como um interlocutor de Derrida, que continua e aprofunda seu ponto, sobretudo no que diz respeito ao problema do etnocentrismo; já no último, acerca da interpretação segundo autores franceses, Lévi-Strauss, lido como pai do método estrutural a deixar à vista algumas incoerências universalizantes, aparece como inimigo de Derrida e companheiros de linhagem neonietzschiana, Michel Foucault e Gilles Deleuze. No primeiro capítulo, Lévi-Strauss surge à luz das discussões a respeito do etnocentrismo, sobretudo em *Tristes tropiques*, quando, a fim de discutir o lugar da produção latino-americana em face dos textos metropolitanos europeus, relembra a enquete psicossociológica dos monges da Ordem de São Jerônimo e a anedota das Antilhas, ambas reanimadas para defender a simetrização dos sujeitos coloniais. Partindo de fragmentos narrativos recolhidos por Lévi-Strauss, Silviano constrói, ao lado da contribuição de Derrida no que se refere ao fonocentrismo e à escritura — e de Borges e Cortázar ao problema da autoria e tradução —, um embasamento em literatura comparada que não reduza a relação entre Europa e América ao paradigma da influência e da fonte, mas que esteja engajado numa leitura não-etnocêntrica da literatura, na qual se pudesse comparar as produções dos dois continentes em pé de igualdade. Assim, os relatos etnográficos de Lévi-Strauss e as reflexões teóricas de Derrida servem como antídoto às imposições do imaginário colonial da imitação.

Tomando por princípio o procedimento desconstrucionista de Derrida, Silviano volta-se para a literatura com olhos treinados para ver a hierarquização — sempre assimétrica — dos valores da sociedade. Por exemplo, se para Derrida a história da filosofia prestigiou a *fala* em detrimento da *escrita* — é sob esta distinção que todo o trabalho do filósofo nos anos 1960 vai se assentar —, Silviano, por sua vez, repensou a história da literatura brasileira, e, conseqüentemente, a própria sociedade dos trópicos, à luz de uma hierarquização que fundou a história universal — ou estabeleceu um conceito de cultura — a partir do pressuposto inquestionado da superioridade dos valores europeus. Maurício Hoelz, em texto sobre o conceito de entre-lugar, defende que “a ocupação dos trópicos permitiu tanto alargar as fronteiras visuais e econômicas da Europa quanto transformar a história europeia em História universal [...], instaurando um processo de

uniformização/ocidentalização das diferentes civilizações existentes”³⁰³, corroborando com o nosso ponto. Logo em seguida, Hoelz vai recordar uma passagem de “Apesar de dependente, universal” de Silviano, na qual, apoiado nas observações pós-coloniais *avant la lettre* e atento aos problemas de hierarquização, vai dizer que: “A cultura oficial assimila o outro, não há dúvida, mas, ao assimilá-lo, recalca, hierarquicamente, os valores autóctones ou negros que com ela entram em embate. No Brasil, o problema do índio e do negro, antes de ser a questão do silêncio, é a da hierarquização de valores”³⁰⁴. É dessa maneira que vai discutir o engodo basilar do problema da desigualdade e da invisibilização das minorias no Brasil e, de alguma forma, se filiar ao *parti pris* metodológico de que falam Derrida e Lévi-Strauss: para se combater algo, é preciso falar sua própria língua, disputar seus próprios significantes, em outras palavras, trabalhar com a tradição — com a “cultura oficial” — para, a partir dela, revelar seu próprio avesso.

Vale, rapidamente, uma incursão rápida ao momento de composição de “O entre-lugar do discurso latino-americano”, cuja dinâmica singular oferece uma das entradas para a sua leitura. A convite do colega Eugenio Donato, que estava como professor visitante no Canadá, o texto foi primeiro apresentado em francês na *Université de Montréal*, com o título *L'entre-lieu du discours latino-américain*, no dia 18 de março de 1971, mesmo ano em que Silviano conhece Derrida pessoalmente. Silviano foi o terceiro *lecturer* do seminário, antecedido por René Girard, seu colega de departamento, e Michel Foucault, à época já uma figura importante do pensamento francês. Donato, que considerava o título da palestra um tanto enigmática, havia sugerido um outro: *Naissance du sauvage, Anthropophagie Culturelle et la Littérature du Nouveau Monde*, título esse que revelaria alguns dos intercessores ocultos na fala de Silviano, que, por sua vez, ressoavam o resgate do debate sobre a antropofagia no modernismo paulista e sua reabilitação no ambiente crítico brasileiro à época. Em 1973, o texto foi traduzido para o inglês por dois alunos de Silviano, Steve Moscov e Judith Mayne, e publicado como *The Latin-American Literature: the Space in between*, pelo professor Albert Michaels numa

³⁰³ HOELZ, Maurício. “Cosmopolítica do entre-lugar”. In: BOTELHO, André; HOELZ, Maurício; BITTENCOURT, Andre. *A sociedade dos textos*. Belo Horizonte: Relicário, 2022, p. 224.

³⁰⁴ SANTIAGO, Silviano. “Apesar de dependente, universal”. In: *Vale quanto pesa: ensaios sobre questões político-teóricas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 17.

plaquete do *Latin American Studies Center* da universidade em que lecionava. E, finalmente, anos mais tarde, traduzido para o português para compilação no livro *Uma literatura nos trópicos*, de 1978, momento em que Silviano já se tornara professor efetivo da PUC-Rio e já havia se desligado do departamento de francês em Buffalo³⁰⁵. A constituição do próprio texto entre línguas obrigou Silviano a negociar tanto com a palavra como com a língua em que é estrangeiro, a qual, no limite, leva-o à despersonalização, como anota em sua autobiografia: “Ao me comunicar em língua francesa, inglesa ou espanhola, já nem mais sei quem sou eu [...] Reconheço-me falante do português [...]”³⁰⁶. Outro ponto importante a ser ressaltado é que, quando proferiu a palestra, o Canadá vivia um momento peculiar com a perda da hegemonia francófona, que dava lugar à anglofonia. A palestra proferida em Montréal, maior província do Québec, epicentro da franja francesa canadense, ecoa, em certa medida, o debate sobre bilinguismo e dominação presente no texto de Silviano, na medida em que o problema do letramento dos nativos no território colonial brasileiro soava familiar aos ouvidos dos que tinham o francês como língua materna e que se encontravam num ambiente de franca substituição cultural em relação à avassaladora hegemonia inglesa. Não apenas isso, mas o Canadá, naquele momento, tinha como primeiro-ministro um representante do “lado francês”, Pierre Trudeau, pai do atual primeiro-ministro canadense Justin Trudeau. Esses não são dados triviais na feitura do ensaio, pontapé inicial de uma série de textos que culminaram no livro de 1978.

Silviano Santiago, em comemoração aos 40 anos da publicação de *Uma literatura nos trópicos*, relembra que a primeira versão do livro, imaginada no final dos anos 1960 com o título *Retórica e ruptura: ensaio sobre o romance brasileiro do século XIX*, na verdade seria uma reunião de ensaios sobre o romance oitocentista. Embebido dos debates pós-coloniais e de uma leitura que tentava fugir do etnocentrismo, Silviano recorda o encontro com a obra de Lévi-Strauss, mais tarde agenciado com a leitura de Derrida:

³⁰⁵ A biografia do texto, com os devidos itinerários, está descrita em SANTIAGO, Silviano. “O entre-lugar do discurso latino-americano” In: *Uma literatura nos trópicos*. Recife: Cepe, 2019, p. 29-30.

³⁰⁶ SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 183.

O questionamento do etnocentrismo no discurso da cultura brasileira – já presente na versão do livro de 1970 – veio embasado inicialmente por leitura cuidadosa de *Tristes trópicos*, de Lévi-Strauss (1955) e, a partir de 1968, o será pelo ensaio ‘A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas’, de Jacques Derrida, em *A escritura e a diferença* (1967)³⁰⁷.

A passagem de um texto ao outro, de um autor ao outro, de um francês filósofo a um filósofo francês, não é gratuita. Segundo o próprio Silviano, “a passagem de *Tristes trópicos* a *A escritura e a diferença* ajuda a explicar a diferença entre a reunião dos meus ensaios em *Tradição e ruptura* e em *Uma literatura nos trópicos*”³⁰⁸. Quer dizer, a aparente divisão interna do livro — ensaios sobre o século XIX e outros sobre a cultura pop da segunda metade do século XX — pode ser explicada pela visada pós-estruturalista do autor a partir de suas leituras de teóricos franceses que visitaram a obra de Lévi-Strauss, cada um ao seu modo. E continua, acerca do seu deslocamento profissional e universitário norte americano e suas afinidades teóricas da época: “o pós-colonialismo que vinha caminhando desde Albuquerque encontra em Buffalo o pós-estruturalismo”³⁰⁹. Isso é, desde seu incurso como professor de literatura brasileira, em 1962, até a conclusão de seu doutorado na Sorbonne, em 1968, quando torna-se professor de literatura francesa, ocorre aí uma virada, um encontro importante de leituras que determinará, anos depois, a curadoria de textos que compuseram seu livro de 1978 e sua envergadura crítica.

4.5 Ouroboros

³⁰⁷ SANTIAGO, Silviano. *Ruptura e tradição: Uma literatura nos trópicos 40 anos*. Entrevista concedida a Andre Bittencourt e Maurício Hoelz. Blog BVPS, [S. l.], 09 set. 2018.

³⁰⁸ SANTIAGO, Silviano. *Ruptura e tradição: Uma literatura nos trópicos 40 anos*. Entrevista concedida a Andre Bittencourt e Maurício Hoelz. Blog BVPS, [S. l.], 09 set. 2018.

³⁰⁹ SANTIAGO, Silviano. *Ruptura e tradição: Uma literatura nos trópicos 40 anos*. Entrevista concedida a Andre Bittencourt e Maurício Hoelz. Blog BVPS, [S. l.], 09 set. 2018.

Como foi dito, durante o primeiro encontro pessoal com Derrida, Silviano era editor de um número especial da revista de literatura comparada *Modern Language Notes*, publicada pela *The Johns Hopkins University Press*. A edição, que contava com um texto de Eugenio Donato, foi publicada em dezembro de 1971. O texto de abertura, assinado por Silviano e intitulado “Ouroboros”, tinha o objetivo de apresentar a seção temática sobre Greimas, suas críticas ao estruturalismo e sua relativa aproximação com os intelectuais pós-estruturalistas. Como não poderia deixar de ser, a epígrafe da introdução³¹⁰ é retirada de Derrida: uma frase do primeiro parágrafo do primeiro capítulo de *De la grammatologie*, em que se discute a generalização e difusão do *problema da linguagem*, embaraço que começou a ordenar e determinar todos os problemas do mundo em que vivemos. Silviano abre a apresentação da revista descrevendo o mito egípcio de Ouroboros, cuja origem remonta um texto funerário encontrado na tumba do imperador Tutancâmon. Segue a descrição: “Na floresta dos símbolos gnósticos, encontra-se representada a figura de uma cobra que, quando chega a um terreno aberto, em vez de rastejar em um caminho reto ou sinuoso, para e volta sobre si mesma até que, com sua cabeça tocando a cauda, forma um círculo perfeito”³¹¹. Em outro momento, num capítulo do livro sobre Sérgio Buarque de Holanda e Octavio Paz, *As raízes e o labirinto da América Latina* (2006), em que Silviano Santiago trata do poeta mexicano, a imagem de Ouroboros volta à cena com as seguintes frases impactantes: “A flecha da história se volta para o início dos tempos. Semelhante à serpente Ouroboros, a boca da história morde a cauda do mito”³¹². Com a devida descontextualização do sentido da frase na economia do livro, ela traz a força para arrematar este ensaio sobre a relação de Silviano com dois autores franceses. Se a história foi percebida durante muito tempo como uma linha reta, impondo uma linearidade que reverbera o lastro colonial das discussões do século XIX sobre a evolução cultural dos povos,

³¹⁰ “[...] uma época histórico-metafísica *deve* determinar enfim como linguagem a totalidade de seu horizonte problemático” [(...) une époque historique-métaphysique *doit* déterminer enfin comme langage la totalité de son horizon problématique] (DERRIDA, Jacques. *De la grammatologie*. Paris: Les éditions de Minuit, 1967, p. 15, grifos do autor).

³¹¹ “In the forest of gnostic symbols one finds re-presented the figure of a snake, which, when it comes upon open ground, instead of crawling ahead in either a straight or sinuous path, stops, and turns back upon itself until, with its head touching its tail, it forms a perfect circle” (SANTIAGO, Silviano. *Ouroboros*. *Modern Language Notes*, Dec., 1971, Vol. 86, No. 6, p. 790).

³¹² SANTIAGO, Silviano. *As raízes e o labirinto da América Latina*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006, p. 216.

no contexto em que Silviano estabeleceu contato com as teorias metropolitanas, as ideias importadas poderiam soar com um certo objetivo iluminador. A partir da conveniente instrumentalização do arcabouço do primeiro mundo, as civilizações “atrasadas”, tal qual as latino-americanas, pouco a pouco chegariam ao compasso do mundo, abandonando seu estado de letargia, para não dizer de barbarismo. Ora, como pudemos perceber, a deglutição da desconstrução e da etnologia francesas têm uma forma própria em território brasileiro. Isso se deve, ao fim e ao cabo, pelo teor, em certa medida, revolucionário do empreendimento intelectual dos autores metropolitanos — seu empenho em se apresentar como seu próprio avesso, a negatividade da Europa — e pela perspicácia do crítico provinciano. A história, que ordenava a economia letrada dos povos, é agora retorcida na forma de um círculo, como uma serpente. A cabeça da cobra — que a essa altura pode ser tanto nós quanto eles, afinal, como lembra nosso poeta antropófago, “sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem”³¹³ — morde seu próprio rabo, alcançando a *diferença* num gesto canibal típico das amarrações modernistas. O descompasso entre “atrasados” e “avançados” é neutralizado pela importação desviante e inventiva das ideias europeias, colocando-as no seu devido lugar, revelando o rendimento da inscrição brasileira da desconstrução no território das letras.

³¹³ ANDRADE, Oswald de. “Manifesto Antropófago” In: *A utopia antropofágica*. São Paulo: Globo, 2011, p. 68.

5. A composição de *Em liberdade*: Encontro em mise-en-abyme

*É tão válido representar um modo de
aprisionamento por outro quanto
representar qualquer coisa que de
fato existe por alguma coisa que não
existe*

— Daniel Defoe, *Robinson Crusóe*
(1719)

*E enquanto uns continuavam a sua
vidinha e se adaptavam à clausura,
para outros, pelo contrário, a única
ideia foi, a partir desse momento,
evadirem-se dessa prisão*

— Albert Camus, *A peste* (1947)

5.1 O sonho e a prisão

Em 26 de fevereiro de 1937, Graciliano Ramos encontra Manuel Bandeira e João Alphonsus na Rua do Ouvidor. O objetivo da conversa era combinar, entre amigos, uma viagem a São Paulo. Naquele momento, Graciliano era um escritor marcado politicamente, havia sido prefeito de Palmeira dos Índios, em Alagoas, depois da prisão tornou-se um comunista declarado e opositor público do governo Getúlio Vargas. Dessa forma, havia uma dificuldade em se recolocar no mercado de trabalho após sua saída da prisão, sobretudo na capital da República. Seu nome estava malvisto no meio literário e na imprensa carioca, ambiente que havia frequentado no passado, trabalhando como copidesque em jornais. Além disso, enfrentava dificuldades para escrever graças ao trauma do cárcere — tema que retornaria, anos depois, no livro póstumo *Memórias do cárcere* (1953) —,

dificuldade de formalizar, em palavras, a violência do cerceamento da liberdade, a violência política do regime de controle e de neutralização das oposições.

Retomando o encontro de Graciliano com amigos escritores, nota-se que a reunião ocorria poucas semanas após a saída do alagoano da Casa de Detenção, na rua Frei Caneca³¹⁴, onde havia sido, por dez meses, preso político do governo Vargas. O escritor passava o período imediatamente após a prisão no Rio de Janeiro primeiro na casa do escritor José Lins do Rego e depois em uma pensão no Catete. Naquele dia 26 de fevereiro, ao chegar no clássico bar Vermelhinho no Centro do Rio, Graciliano se aproximava quando os amigos se atualizavam sobre novidades pessoais e profissionais. Bandeira narrava a dificuldade de redigir o guia de Ouro Preto³¹⁵, encomenda do então Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), que sairia numa publicação do próprio Ministério da Educação e Saúde, à época sob às ordens de Gustavo Capanema³¹⁶. A encomenda havia sido feita pessoalmente por Rodrigo Melo Franco de Andrade³¹⁷, diretor do SPHAN, como conta Bandeira em passagem de sua autobiografia *Itinerário de Pasárgada* (1954)³¹⁸. O poeta descreve a dificuldade de resumir a história política de Ouro Preto em quatro laudas, como ditava a exigência do SPHAN, uma vez que se tratava de um guia turístico. O impasse da concisão era gerado pelas inúmeras controvérsias históricas, palco de diversas disputas importantes da formação política brasileira, em particular com a chamada Inconfidência Mineira. Num tiro

³¹⁴ Antes de ser transferido para a Casa de Detenção na capital, Graciliano Ramos passa os maiores traumas do período encarcerado na Colônia Correccional de Dois Rios, na Ilha Grande.

³¹⁵ Publicado em 1937 como BANDEIRA, Manuel. *Guia de Ouro Preto*. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Saúde, 1938.

³¹⁶ O ministério Capanema é uma espécie de ovo de Colombo do governo Vargas. Mais especificamente o Estado Novo, apesar de claramente autoritário em diversos aspectos — para não lembrarmos da prisão política do próprio Graciliano —, permitiu que muitos intelectuais participassem do governo, a maioria de mineiros e alocados nos departamentos desse ministério, como foi o caso de Mário de Andrade, Carlos Drummond — que foi chefe do gabinete de Capanema —, além do próprio Bandeira. A relação complexa — e, por vezes, paradoxal — entre intelectuais e Estado foi mapeada pelo sociólogo Sérgio Miceli no estudo já célebre *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil* (MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*, São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 209).

³¹⁷ A proximidade entre o diretor do SPHAN e Bandeira era tanta que o poeta pernambucano havia se tornado padrinho de crisma do filho de Rodrigo Melo Franco, Joaquim Pedro de Andrade, que, mais tarde, tornar-se-ia um dos expoentes do chamado Cinema Novo, além de ter filmado a célebre cinebiografia de Bandeira, *O poeta do castelo* (1959).

³¹⁸ BANDEIRA, Manuel. *Manuel Bandeira: seleta de prosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, p. 346.

curto, Bandeira pede para que seu amigo mineiro João Alphonsus, profundo conhecedor da história de seu Estado, conte-lhe mais sobre a morte misteriosa de Cláudio Manuel da Costa, poeta árcade e figura de destaque do final do século XVIII em Minas. A conversa é interrompida bruscamente pela presença muda de Graciliano. À mesa, apenas escutava a reclamação do colega e o papo solto de bar. A falação logo toma o rumo sério e pragmático do encontro: a ida a São Paulo e os contatos necessários com os círculos intelectuais de lá. Graciliano passou aparentemente incólume pelo tema da morte de Cláudio Manoel da Costa, apesar de ressoar surda e interiormente. Um poeta assassinado pelo Estado-colônia e registrado como suicida lhe lembrava algo, o arranjo lhe soava familiar. O velho Graça era um perseguido do varguismo, um escritor-opositor declarado. Algo daquela situação, apesar de encapsulada no século XVIII e restrita geograficamente a Minas, parecia lhe dizer respeito pessoalmente como intelectual, excedendo o localismo que a questão parece suscitar *a priori*.

No dia 3 de março, logo após seu retorno ao Rio de Janeiro, Graciliano toma nota sobre a viagem a São Paulo. Foi um fracasso, os contatos não foram feitos, muito se especulou, mas o resultado foi decepcionante. Alguns encontros não aconteceram, as tentativas de aproximação com diversos intelectuais foram falhas e os *rendez-vous* não corresponderam às expectativas dos escritores. Três dias de tempo perdido. Porém, um motivo ganhou destaque nas páginas do diário. Graciliano tem um sonho perturbador na noite de sábado para domingo, depois de exagerar no whisky e no champagne dos paulistas. O sonho retoma o tema da conversa interrompida na Rua do Ouvidor com seus dois amigos, assombrando-o durante toda a estada em São Paulo e acompanhando-o de volta ao Rio de Janeiro.

Vamos ao sonho. Tudo começa em Vila Rica, durante a devassa de 1789, palco de uma das célebres noites da Inconfidência Mineira, revolta separatista contra a prática da derrama conduzida pelo domínio português na então capitania de Minas Gerais. Graciliano sonha ser Cláudio Manoel da Costa em seu último dia de vida antes de ser executado e tornado mártir da revolta. Sonha estar trancado em um quarto — transformado em cela — na hoje conhecida Casa dos Contos³¹⁹, lugar

³¹⁹ Na época, casa do Real Contrato das Entradas. A construção, atribuída ao Mestre Antônio de Souza Calheiros, é um dos monumentos mais importantes do barroco mineiro, cuja obra foi concluída na segunda metade do século XVIII.

onde *de facto* aconteceu a morte do poeta árcade. O sonho começa numa mesa de madeira, com pena na mão. Como não tem papel, escreve na própria mesa. Graciliano/Cláudio (neste momento já é indiscernível a diferença entre os dois) é tomado por grafomania. O desejo de escrita é maior do que os materiais disponíveis para escrever, a escrita excede a própria materialidade de que dispõe. O quarto/cela é precário, remonta à cela onde Graciliano ficou preso na Colônia Correcional de Dois Rios, na Ilha Grande, ao mesmo tempo em que lembra também o quarto vazio que agora se hospeda, em liberdade, na pensão de Dona Elvira, no Catete. No sonho, existe uma necessidade de contar o que se passa naquelas últimas horas de vida, uma vontade de atrasar a morte, postergá-la, ao mesmo tempo em que se quer grafar a vida, registrar que, ali, esteve vivo, resistiu, agonizou. Em dado momento, consegue escrever e desata a escrever sem parar, frases e mais frases, até que o desejo de escrita fosse finalmente saciado. Porém, tem pavor do que escreve, horror às frases que são formuladas de maneira quase automática, como se a mão já não pertencesse mais ao seu corpo. São os nomes de seus companheiros de conjuração, uma espécie de delação, confissão covarde. Rasga as folhas num rompante ao mesmo tempo raivoso e assustado.

Então, uma personagem macabra adentra o sonho. A Morte aparece para levá-lo e pede sua assinatura ao fim da confissão escrita, afinal, são seus últimos momentos em vida. O medo cruzado da morte, de delatar os colegas e de desarticular a conjuração figuram no sonho tenebroso de Graciliano. Por um olhar mais atento aos seus diários, percebe-se que o autor enfrentava uma dificuldade de escrever após a prisão. A experiência do cárcere foi decisiva para uma espécie de dupla castração: libidinal e escriturária. Na cadeia, os bloqueadores hormonais são racionalmente administrados aos presos, castrando-lhes o desejo sexual. Por outro lado, a *experiência*, reduzida a uma baixa rotação pela interdição da liberdade, acaba por enferrujar a máquina escritural. Enfrentando esta dupla castração, o sonho — prato cheio para os versados nas análises psicanalíticas — parece trazer à tona o desejo de escrever, rapidamente suprido pela viagem onírica a Minas Gerais do século XVIII, no corpo de um dos vitimados pelo Estado português.

O escritor, após dias digerindo o sonho perturbador, logo percebe que aquilo é matéria mais do que atual para sua prosa por vir. Naquele período, assistia-se o julgamento “público” de Luís Carlos Prestes, um acirramento dos entraves políticos

do varguismo, um clima pré-guerra na Europa e a ascensão dos fascismos. O sonho e a experiência política mineira ativaram o desejo de escrita e dali surge um novo projeto literário: escrever um conto sobre a morte do poeta inconfidente.

Colocado no lugar da primeira vítima da conjuração, Graciliano se vê na encruzilhada do intelectual com o Estado, da difícil tarefa de sobreviver de seu ofício, de manter uma posição autônoma e combativa diante dos mandos e desmandos das autocracias e da tarefa de escrever o vivido, o trauma. No sonho, transposto nas anotações do diário, Graciliano alcança uma multiplicidade. Ele é, ao mesmo tempo, o escritor alagoano na década de 1930, preso político recém-liberto, e também o poeta do arcadismo, dissidente da Monarquia, inimigo público da Coroa no século XVIII, um dos líderes das primeiras revoltas no Cone Sul explicitamente influenciadas pela *Aufklärung*. Esta é provavelmente a mesma multiplicidade do escritor e do intelectual de que fala Graciliano em seu diário, da quantidade de paus podres com que se faz a canoa, da sua polivalência e das muitas facetas que pode ter: jornalista, romancista, político, pai de família solteiro, trabalhador³²⁰ ... No limite, a viagem a São Paulo o faz descobrir que também é Cláudio Manoel da Costa, que pode enfrentar seus últimos dias, lastimado pelos amigos após ser vítima do Estado policialesco e autoritário. Nesse ínterim, Graça se descobre poeta da resistência, em cuja força também descobre a matéria de sua prosa, aquilo que irá mover a engrenagem da escritura, que o fará voltar ao *métier* de literato. Animado e assombrado pelo sonho de São Paulo, Graciliano resolve escrever um conto — que, ao longo das anotações do diário, pode vir a ganhar contornos de romance — sobre a morte de Cláudio Manoel da Costa, seus últimos momentos antes do assassinato e de toda a trama que, apesar de localizada na Minas Gerais do século XVIII, diz respeito a um certo movimento duradouro na história brasileira, matizada na relação bélica entre intelectual e Estado que parece se atualizar e ganhar novas estratégias com a maturação do processo formativo brasileiro.

³²⁰ As facetas são anotadas em SANTIAGO, Silvano. *Em liberdade: uma ficção de Silvano Santiago*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013, p. 214.

5.2 A descoberta do *arcade*

A história contada acima poderia ser verdadeira, poderia corresponder ao que de fato aconteceu com Graciliano Ramos após a saída da prisão. A história *falsa*, tal qual descrita por mim, apesar de verossímil e recheada de dados biográficos, é a segunda parte do romance *Em liberdade* (1981), do escritor Silviano Santiago. A exposição desta parte do livro não é gratuita, prestando-se simplesmente à verborragia, mas figura como nó górdio do experimentalismo ficcional de Silviano, a membrana³²¹ que amarra — mesmo que fragilmente — os diversos núcleos narrativos que convivem e competem na prosa. Um texto que aglutina, de uma só tacada, o escritor Graciliano Ramos, o poeta Cláudio Manoel da Costa e, como vamos observar, o jornalista Vladimir Herzog e o próprio autor Silviano Santiago. De maneira a tentar reconstituir a composição do livro, devemos remontar ao momento em que a ideia do romance emerge no horizonte ficcional de Silviano, de que maneira as instâncias narrativas foram concebidas, planejadas e montadas.

Em 1975, em plena ditadura militar, Silviano decide escrever um diário íntimo apócrifo de um escritor brasileiro cujo mote fosse o corpo encarcerado. O autor, após um longo período como professor nos Estados Unidos, andava às voltas com o romance *La peste* (1947) do escritor franco-argelino Albert Camus. A célebre epígrafe do livro tinha sua origem anglófona, vinda do romance *Robinson Crusóé* (1719) do escritor Daniel Defoe, em que se lê: “É tão válido representar um modo de aprisionamento por outro, quanto representar qualquer coisa que de fato existe

³²¹ O uso da expressão *membrana* não é trivial, ela é uma possível tradução para o *hymen* de que fala Derrida, quer dizer, aquilo que aparece como indecível, que une e que separa, que, no encontro de heterogeneidades, não permite que elas se tornem a mesma coisa e nem que se mantenham estanques em suas singularidades: “No limite do ser, o meio da membrana nunca se torna uma mediação [...] ele contraria todas as ontologias, todos os filosofemas, dialéticas por todos os lados. Ele os contraria e, novamente como meio e como tecido, envolve-os, revira-os e inscreve-os” [“Au bord de l’être, le médium de l’hymen ne devient jamais une médiation [...] il déjoue toutes les ontologies, tous les philosophèmes, les dialectiques de tous les bords. Il les déjoue et, comme milieu encore et comme tissu, il les enveloppe, les retoune et les inscrit”] (DERRIDA, Jacques. “La double séance”. In: *La dissémination*. Paris: Seuil, 1972, p. 244).

por alguma coisa que não existe”³²². O corpo aprisionado, portanto, deveria ser o motivo fundador do texto experimental.

O primeiro personagem que lhe vem à cabeça é o poeta mineiro Cláudio Manuel da Costa, figura importante do arcadismo para a formação da literatura brasileira³²³. O que certamente atraiu os olhos do crítico foi a morte do poeta — àquela altura, preso político sob a guarda do Estado-colônia e réu da Inconfidência Mineira no século XVIII —, cujas versões soavam contraditórias de acordo com os *Autos de devassa*: nos registros feitos no Rio de Janeiro, em 1789, o poeta seria suicida, já nos documentos vindos das instâncias embarcadas em Lisboa, teria sido morto. Além disso, o auto de corpo de delito dava margem a questionamentos e dúvidas acerca de sua morte, como anota Laura de Mello e Souza em um perfil biográfico do poeta: “[...] a descrição do cadáver encontrado consta de um dos documentos mais discutidos da história da Inconfidência Mineira”, e continua, “[sob o aspecto] da autenticidade — seria forjado — à verossimilhança — seria mentiroso, relatando um suicídio para, na verdade, encobrir um assassinato”³²⁴. Quer dizer, tratava-se de um escritor que, assim como Silviano à época, construía sua obra sob um regime de exceção.

Como era residente no exterior, Silviano viveu o golpe de 1964 e o recrudescimento da ditadura em terras estrangeiras. Longe da celeuma política, os acontecimentos-chave da vida nacional militarizada o afetaram ainda de longe, em exílio voluntário, fato que se majorou pelo convívio, na França, com intelectuais apossados pela ditadura brasileira. Somado a isso, seu irmão caçula, Haroldo, militante atuante do Partido Comunista em Belo Horizonte, foi preso e torturado em 1975, no mesmo ano em que o jornalista Vladimir Herzog foi morto pelas forças da ordem num suicídio forjado. Assim, após seu retorno definitivo ao Brasil, quando se tornou professor do recém-criado Mestrado em Literatura Brasileira da PUC-Rio, a ditadura acertou Silviano em cheio, chamando-o a pensar seu tempo

³²² CAMUS, Albert. *A peste*; tradução de Valerie Rumjanek Chaves. Rio de Janeiro: Record, 1996, p. 5.

³²³ CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000, p. 84-102.

³²⁴ SOUZA, Laura de Mello e. *Cláudio Manuel da Costa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 190.

histórico e, no limite, posicionar-se diante dos acontecimentos que o cercavam politicamente e o implicaram do ângulo biográfico. Na percepção da equivalência relativa entre os eventos, Silviano encontrou a forma adequada de tratamento da relação violenta entre Estado e intelectuais. Em *Fisiologia da composição* (2020), retoma o impulso disparador do romance ao remontar o primeiro projeto de escrita, deixando explícito seu jogo de composição:

O poeta [Cláudio Manuel da Costa] emprestaria grafia-de-vida e voz à personalidade recente na história da ditadura militar no Brasil [Herzog]. Pela interposta figura do árcade, a caneta do jornalista Vladimir Herzog estaria a anotar, em 1975, seus últimos dias de vida, na condição de preso a ser suicidado pelas forças da repressão militar, nos porões do Doi-Codi paulista.³²⁵

A forma literária, assim desenvolvida, marcaria uma distância da narrativa realista e “engajada” ou *confessional*³²⁶, quer dizer, a pergunta que ecoava era: como tratar da violenta relação entre Estado e intelectual sem necessariamente produzir uma literatura realista, explicitamente engajada e comprometida com a *verdade* dos fatos?

5.3 Literatura engajada

Os anos finais da década de 1970 foram marcados pela volta dos guerrilheiros e pelo surgimento da literatura dos resistentes à ditadura, cujas narrativas, de caráter testemunhal e de denúncia, não interessavam a Silviano por implicações ideológicas e de estilo³²⁷ — veja-se o livro de maior expressão do

³²⁵ SANTIAGO, Silviano. *Fisiologia da composição*. Recife: Cepe, 2020, p. 44.

³²⁶ Para uma discussão pormenorizada da categoria *confissão* em literatura, e sua respectiva distinção da chamada *autoficção*, ver artigo do autor SANTIAGO, Silviano. “Meditação sobre o ofício de criar”. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, [S.l.], v. 18, dez. 2008, p. 173-179.

³²⁷ SANTIAGO, Silviano. “A democratização no Brasil (1979-81): Cultura versus arte” In: *35 ensaios de Silviano Santiago: seleção e introdução* Italo Moriconi. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, pp. 424-425.

período, *O que é isso, companheiro?* (1979), de Fernando Gabeira, lido, aqui, como *tipo ideal* dessa safra literária³²⁸. O livro de Gabeira é lançado no ano da sanção da Lei de Anistia, mecanismo aprovado graças à pressão popular mas que, ao que consta, apesar de trazer de volta parte dos exilados e presos políticos, favoreceu à impunidade dos militares, que se safaram dos julgamentos e condenações após a abertura política. Produziu-se, dessa maneira, uma redemocratização conservadora, quer dizer, branda no que diz respeito à reformulação das estruturas burocráticas altamente afetadas pela presença dos militares durante mais de duas décadas no poder, além de uma ausência quase total, à época, de um acerto de contas com os algozes da ditadura, deixando uma série de feridas abertas que parecem ecoar nos dias de hoje. Assim, outros livros lançados a reboque do de Gabeira funcionaram quase como uma antídoto à tímida reabertura, comprometendo-se em contar a *verdade* que não havia sido assentada pelo Estado. Apenas para exemplificar alguns livros elaborados a partir do ângulo documental, que buscava relatar aos leitores a experiência pessoal durante a ditadura, podemos citar: *Cartas da prisão* (1977) de Frei Betto, *A Festa* (1976) de Ivan Ângelo, *Reflexos do Baile* (1976) de Antonio Callado. *Em liberdade* se insere dentro e fora desse quadro, já que, apesar de tentar responder às mesmas questões, ele as responde de maneira diferente.

Como foi dito, o livro de Gabeira é publicado logo após a Anistia, como anota o autor no prefácio datado de 1996³²⁹, o relato autobiográfico ganha uma dimensão histórica que serve a um desenlace específico arrolado pela crítica literária. À guisa de exemplo, poderia citar a leitura feita pelo sociólogo Leopoldo Waizbort em “Fernando Gabeira e sua trilogia do retorno”, quando, em certo momento, tenta imaginar qual seria o público leitor do livro à época de sua publicação, seccionando-o em três partes: os leitores da mesma faixa etária de Gabeira, que não viveram a experiência da luta armada ou do exílio; a geração mais velha, já que o livro apresentaria as novas maneiras de se fazer política no Brasil, logo após os sinais claros de esgotamento do regime militar; e, por último, os mais jovens, que veriam em Gabeira a figura do “novo militante”, distante do terrorista

³²⁸ Para o que interessa aqui, gostaria de mencionar, em tom de coincidência, o artigo de crítica de Affonso Romano Sant’Anna, à época colega de Silviano, acerca do livro de Gabeira, em que compara-o ao esforço de Graciliano Ramos com *Memórias do Cárcere*. Ver SANT’ANNA, Affonso Romano de. “É isso aí, companheiro”. Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil*, 25/11/1979, Especial, p. 1.

³²⁹ GABEIRA, Fernando. *O que é isso, companheiro?* São Paulo Companhia das Letras, 2009, p. 9.

dos anos 1960, do militante anticapitalista violento da Guerra Fria, e mais próximo do intelectual interessado em pautas contemporâneas, isto é, o meio ambiente, a questão homossexual, o problema racial, a emancipação da mulher, etc. As alcunhas criadas pela mídia para descrever e vender a imagem de Gabeira são ligadas a essas novidades, sintetizadas em adjetivações como “o político do prazer”³³⁰ ou “o escritor da abertura”³³¹. Sublinho essa topologia pois ela, de certa maneira, apresenta os três possíveis grupos de leitores do livro de 1979 a partir de seu aspecto informativo, com um intuito de “contar a aventura coletiva da resistência à ditadura militar no Brasil”³³², nas palavras do autor, ou, como escreve Waizbort, como uma espécie de “informe político”³³³. Assim, *O que é isso companheiro?* se transformou, à luz de seu autor e de seu público leitor, numa experiência literária que traduziria o momento de liberação da abertura, abarcando o desejo represado pelos anos de chumbo e o manancial de palavras de ordem ligadas aos direitos sociais que ecoavam no mundo.

As ficções ditas confessionais ou documentais tendiam a se enclausurar no tempo histórico, cristalizadas como um documento de época, revelando um certo esgotamento diante das mudanças dos arranjos políticos e sociais. Apesar do desejo de escrever algo que estivesse intimamente ligado ao engajamento contra o regime militar, Silviano não tinha interesse no registro jornalístico de tendência testemunhal dos livros em alta. Sua mirada artística tinha outros alvos que fossem menos explícitos em seu modo de apresentar-se e mais engenhosos do ponto de vista da composição. Em relação a esse tipo de literatura produzida em fins de 1970, Silviano parece distanciar-se propositalmente das características de composição e escrita apontadas também por Waizbort na obra de Gabeira:

É sempre um narrador homogêneo e claro quem fala — e, melhor ainda, sabemos que o Gabeira autor assume a forma do narrador. Essa aproximação [...] cria um laço de

³³⁰ SÁ CORRÊA, Marcos. O Político do Prazer. *Veja*, p. 122-125, nº 585, 21/11/1979.

³³¹ Como ficou descrito na capa da Revista *Veja* nº 651 de 25 de fevereiro de 1981.

³³² GABEIRA, Fernando. *O que é isso, companheiro?* São Paulo Companhia das Letras, 2009, p. 9.

³³³ WAIZBORT, Leopoldo. “Fernando Gabeira e sua trilogia do retorno” In: MICELI, Sérgio; MYERS, Jorge. *Retratos latino-americanos: a recordação letrada de intelectuais e artistas do século XX*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2019, p. 142.

aproximação com o leitor, nas proximidades do “pacto autobiográfico”. O estilo de Gabeira não provoca nem quer provocar tensões nesse pacto, e o leitor não encontra obstáculos: seja na leitura propriamente dita, seja no equacionamento narrador-autor-Gabeira, seja no teor de verossimilhança daí advindo.³³⁴

Assim, justamente por não colocar em xeque o dito “pacto autobiográfico”, tal qual formulado por Philippe Lejeune, ou seja, a coincidência nominal entre autor-narrador-personagem³³⁵, a obra ganha abrangência do ponto de vista de mercado, mas perde em qualidade literária. Isso tudo se agrava e se confirma se levarmos em conta o epicentro da composição de *Em liberdade*, quer dizer, justamente o problema da autoria e sua consequente atribuição. Dessa forma, o texto de Silviano, inscrito em um outro registro, buscava anacronicamente aproximar diferentes cenas da história do Brasil, ganhando uma expressão rica e uma embocadura singular para um livro de literatura publicado sob uma ditadura militar.

Durante entrevista ao *Jornal de Letras* em novembro de 1975, Silviano responde a algumas questões sobre a sua, ainda incipiente, carreira como ficcionista. O crítico já tinha alcançado certa notoriedade nos círculos de literatura e crítica de cinema de Belo Horizonte antes dos anos 1960, uma relativa projeção como teórico e ensaísta graças aos seus textos publicados ainda quando professor no exterior e algum destaque como professor na PUC-Rio, com a recente vinda da *french theory* de solo norte-americano. Porém, sua carreira como ficcionista estava desabrochando. Ao final da conversa, Silviano é perguntado sobre os projetos de escrita que estavam sendo gestados, momento em que conta um pouco dos seus desejos mais imediatos como escritor: “Planos de criação propriamente, tenho-os e muitos. O tempo para executá-los é que vai se encurtando. Gostaria de terminar uns

³³⁴ WAIZBORT, Leopoldo. “Fernando Gabeira e sua trilogia do retorno” In: MICELI, Sérgio; MYERS, Jorge. *Retratos latino-americanos: a recordação letrada de intelectuais e artistas do século XX*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2019, p. 143.

³³⁵ Lejeune ensaia uma definição para autobiografia que supõe o pacto como pressuposto: “Narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz da sua própria existência, quando ela se concentra em sua vida individual, sobretudo a história de sua personalidade” [“Récit rétrospectif en prose qu'une personne réelle fait de sa propre existence, lorsqu'elle met l'accent sur sa vie individuelle, en particulier sur l'histoire de sa personnalité”] (LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Éditions du Seuil, 1975, p. 14).

contos que tenho na gaveta [...], e de realmente começar um romance sobre o século XVIII mineiro (e adjacências como, por exemplo, o nosso próprio século)”³³⁶. Em meio a outros projetos deste período, o crítico destacou sua vontade de escrever algo — à época, um romance — sobre o passado mineiro. O interesse pelo período não se restringia simplesmente ao passado, mas a uma (des)continuidade extemporânea que o conectava com o presente, com “o nosso próprio século”, implicado nele, empreitada que parece se realizar no seu *Em liberdade*, anos depois.

Então, o projeto ganhou concretude ainda nos anos 1970 e, logo, mais de trinta páginas do diário íntimo ficcional do poeta inconfidente foram escritas³³⁷. No entanto, Silviano desistiu. Aquele texto o desagradava. A linguagem ambígua e a confusão histórica não lhe pareciam interessantes. A distância entre o século XVIII mineiro e a recente morte de Herzog no DOI-Codi paulista pela ditadura militar criava uma lacuna difícil de ser preenchida no espaço ficcional. Além disso, a distância poderia tornar a associação entre os dois períodos históricos e suas respectivas implicações com a vida intelectual demasiadamente cifrada ou sutil para os leitores de então, constatação que veio à tona em conversa com o poeta Geraldo Carneiro, à época aluno de Letras da PUC-Rio, onde Silviano lecionava³³⁸. Portanto, faltava algo ao projeto.

5.4 O preso político dos anos 1930

Em abril de 2022, *Em liberdade* é relançado, agora pela editora Companhia das Letras, após quarenta anos desde sua primeira edição. O livro é comemorado num lançamento *online* promovido pela editora e pela Academia Mineira de Letras³³⁹. A *live* conta com a presença do crítico e pesquisador Wander de Melo Miranda, do escritor e jornalista Rogério Faria Tavares, além do próprio autor do

³³⁶ SANTIAGO, Silviano; COELHO, Frederico. *Encontros: Silviano Santiago* / organização Frederico Coelho. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2011, p. 17.

³³⁷ SANTIAGO, Silviano. *Fisiologia da composição*. Recife: Cepe, 2020, p. 45.

³³⁸ Como confessado pelo próprio Silviano em *live* de relançamento de *Em liberdade* pela Companhia das Letras em 2022.

³³⁹ Ver https://www.youtube.com/watch?v=SOIR_Crz1Es&t=3s

livro, todos membros da Academia Mineira de Letras. Já no início do lançamento, incitado por uma provocação de Wander, Silviano conta a trajetória da ideia do livro antes propriamente de sua redação. Reconta, digamos assim, o *backstage* da composição, aquilo que vinha sendo gestado durante anos na cabeça do escritor até atingir a maturação correta para, enfim, tornar-se obra. Em primeiro lugar, foi por ocasião do trabalho de Silviano como professor nos Estados Unidos que Graciliano Ramos entrou no seu radar ainda no começo dos anos 1960. Após chegar a Paris, em 1961, para realizar seu doutorado em literatura francesa, Silviano recebe do governo francês uma bolsa de valor insuficiente que não permite seu pleno sustento. Na primeira oportunidade, prestou concurso para a cadeira de literatura brasileira e portuguesa, em Albuquerque, nos Estados Unidos. Já como professor na *University of New Mexico*, entre 1962 e 1964, o brasileiro precisou montar alguns cursos para as turmas de que ficou encarregado. Como conta Silviano na *live*, é aí que surge a ideia de ministrar uma disciplina que cruzasse *A Rosa do Povo* (1945), de Carlos Drummond de Andrade, e *Memórias do cárcere* (1953), de Graciliano Ramos. A junção entre os dois autores brasileiros e seus diferentes livros — inclusive em estilo e gênero — foi oportuna pois, ao final do curso, um aluno, filho de pais mexicanos, diz que deseja escrever sua dissertação de mestrado sobre o livro de Graciliano Ramos. O aluno era Carlos E. Cortés, hoje especialista em questões latino-americanas e professor emérito do Departamento de História da *University of California*, em Riverside. Numa recente troca de e-mails, Cortés conta que conhece Silviano no outono de 1962, em Albuquerque — durante o primeiro ano do brasileiro como professor³⁴⁰. Naquela época, Cortés realizava um mestrado em português e espanhol e um doutorado em história, que defenderá respectivamente em 1965 e 1969. Silviano acompanhou seu aluno até meados de 1964³⁴¹, quando se tornou professor na *Rutgers University*, em Nova Jérsei, universidade que lecionou até 1967, antes de terminar a redação de sua tese de doutorado.

³⁴⁰ CORTÉS, Carlos. E-mail ao autor de 28/07/2022.

³⁴¹ Uma informação curiosa sobre a experiência de Silviano como professor nos Estados Unidos é contada por Cortés no mesmo e-mail: “Suas aulas sobre literatura brasileira eram particularmente empolgantes pela maneira como ele integrava percepções de outras literaturas, principalmente francesas” [“His classes on Brazilian literature were particularly exciting because of the way that he integrated insights from other literatures, particularly French”] (CORTÉS, Carlos. E-mail ao autor de 28/07/2022).

Um registro cronologicamente anterior aparece em *Menino sem passado* (2021), quando Silviano relembra a leitura, quando mais moço, de *Infância* (1945) de Graciliano. Ali, chama a atenção do jovem leitor a figura de Dona Maria, professorinha que se aparenta à dona Luluta, ou Lucinda Santos, professora primária de Silviano, que fazia as vezes de figura materna no universo sentimental da criança mineira³⁴². Reportando-se à leitura, ao encontrar verossimilhança na prosa alheia, Silviano ensaia o roubo de traços dessa grafia, técnica que lhe será útil anos mais tarde, e toma para si a metáfora da *perua*, utilizada por Graciliano ao se referir a Dona Maria, para, assim, descrever sua própria relação com a professora primária dona Luluta³⁴³. Graciliano, já aqui, ocupa um lugar importante no universo de leitura do jovem Silviano, gesto que, ao que tudo parece, irá se repetir aos montes na formação crítica do autor.

Dessa forma, está definida de maneira mais ou menos precisa a gênese da discussão sobre Graciliano Ramos na biografia de Silviano, sobretudo a leitura, nos anos 1960, de *Memórias do cárcere*, o que permitirá, anos mais tarde, que Graciliano retorne ao seu imaginário ficcional dando sobrevida ao projeto interrompido de *Em liberdade*.

Já nos anos 1970, mais especificamente 1975, Graciliano é acionado para resolver os impasses criados na escrita do diário apócrifo de um escritor brasileiro encarcerado³⁴⁴. Assim, muda-se o ator principal do livro, que agora será Graciliano, é dele que Silviano toma emprestada a voz. A coincidência dos eventos políticos — a Inconfidência, o Estado Novo e a ditadura militar — e seu alinhamento macabro na macropolítica brasileira (a insistente perseguição às oposições letradas e a tentativa de sua neutralização) sopram nos ouvidos atentos de Silviano a força necessária para seu projeto engavetado.

³⁴² SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 440.

³⁴³ SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 440-441.

³⁴⁴ Para uma discussão mais precisa acerca do estatuto do corpo e sua respectiva relação com o aprisionamento e a memória em Graciliano Ramos, ver KIFFER, Ana. Corpo, memória, cadeia: o que pode o corpo escrito?. *Alea: Estudos Neolatinos* [online], v. 8, n. 2, 2006, p. 263-280 e KIFFER, Ana. *Do porão ao mar: o corpo em Memórias do Cárcere*. Dissertação de Mestrado em Letras. Pontifícia Universidade Católica. Rio de Janeiro, 1995.

Então, após muito matutar, o xeque-mate foi dado: a ideia formalizada era escrever um diário apócrifo de Graciliano Ramos, suposto último capítulo perdido de *Memórias do cárcere*, que narrasse o período imediatamente após a saída da prisão, em 1937, no Rio de Janeiro, momento em que o Graciliano precisaria se haver com a estranha liberdade reconquistada. Assim, o escritor, Silviano narraria a experiência da liberdade aprisionado na grafia-de-vida de Graciliano, amordaçado pelo seu estilo ríspido e preciso. Trocando em miúdos, Silviano faria um pastiche de Graciliano Ramos, demorando-se no estudo da sua escrita, imitando-a e falando a partir de sua embocadura³⁴⁵, tal como havia aprendido com Marcel Proust, em *Pastiches et mélanges* (1919), durante sua formação *à la française*. Estava desenhado o projeto definitivo de *Em liberdade*.

Silviano realizou durante seis meses uma pesquisa exaustiva sobre a escrita de Graciliano para, assim, copiá-la. Quer escrever um diário que nunca foi escrito e, para isso, precisa escrevê-lo *como* Graciliano. Em um pequeno ensaio publicado no *blog* da *Suplemento Pernambuco*, quase 40 anos depois da publicação do livro, Silviano esbanja seu conhecimento da biografia e estilo de Graciliano. Provavelmente valendo-se do período em que se debruçou sobre o estudo da gênese da obra — algo próximo também da crítica genética —, o escritor aponta para alguns traços importantes de estilo do alagoano:

Ao acertar o passo dos propósitos contraditórios de uma escrita literária capaz de abrir espaço para uma sociedade futura, Graciliano encontra uma forma trabalhosa: ao borrar os desacertos sentimentais do passado, melhor se enxergam os caminhos iluminados do futuro. Ao borrar a palavra apressada que lança na folha de papel, o artista sai em busca da palavra certa para o lugar certo. Tanto a depuração da experiência que fundamenta a memória, quanto a depuração do estilo que alicerça a narrativa têm o fim de não deixar o cidadão e o artista caírem nas ciladas armadas pelos poderosos do momento e pelos pares pequenos burgueses [...].³⁴⁶

³⁴⁵ O relato da construção do pastiche, do período de estudo do fraseado de Graciliano e da inspiração vinda de Proust aparecem em entrevista feita por ocasião da nova edição de *Em liberdade*, em 2022. Ver BARILE, João Pombo. Silviano Santiago revisita o clássico 'Em liberdade', que ganha nova edição. *Estado de Minas*, 22/04/2022.

³⁴⁶ SANTIAGO, Silviano. Graciliano Ramos e a criação de uma linguagem original. *Suplemento Pernambuco*, 2018.

O próprio estilo do escritor acaba por ser motivo do diário ficcional³⁴⁷. Em entrevista para a nova edição do livro, em 2022, para o jornal *Estado de Minas*, Silviano conta um pouco sobre esse esforço de pesquisa: “Não era suficiente a narrativa dos fatos, banais na aparência. Tinha de conhecer bem todos os personagens que o rodearam. [...] Entreguei-me à pesquisa em documentos e jornais. Reli a obra dos romancistas nordestinos. Anotei detalhes”³⁴⁸. O projeto exigia um cuidado com os fatos para que o efeito ficcional fosse bem sucedido, o que lançava a composição do livro num paradoxo importante. Apesar de alicerçado numa ficção declarada — um diário apócrifo —, o livro precisava ser o mais verossímil possível, dado que demandou um cuidado dobrado, com *close reading* de guias da cidade e revistas de época, com anotações sobre percursos de ônibus, bondes, os tipos de árvores em cada bairro, etc. E continua na entrevista quando perguntado sobre o período de preparação para a escrita do romance:

Este formiguense [Silviano], nascido em 1936, precisava conhecer bem a capital federal, no ano de 1937. Dois meses e meio era tempo suficiente para fazer um perfil. Um perfil de ativista político que ganha novo colorido e outro ideário pela experiência de vida que o corpo ferido ganhou na cadeia e continuará a ganhar, à sua saída, pela fatalidade do Estado Novo. O diário anuncia o próximo livro, “Vidas secas”. E aborda outras sombras terríveis da história política brasileira. No passado, o “suicídio” de Cláudio Manoel da Costa na Casa dos Contos, em Ouro Preto. No futuro, o “suicídio” de Vladimir Herzog nos porões do DOI-Codi paulista. Competia-me escrever o diário de Graciliano no próprio estilo dele. Um pastiche respeitoso, à maneira do jovem Marcel Proust. O narrador nasce no estilo único do personagem.³⁴⁹

³⁴⁷ SANTIAGO, Silviano. *Em liberdade: uma ficção de Silviano Santiago*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013, p. 29-30. Nesta passagem especificamente, Silviano/Graciliano abre uma discussão dentro do próprio diário para pensar a composição do fraseado, permitindo entrever os esforços de Silviano para desvendar os mistérios da escrita de Graciliano.

³⁴⁸ BARILE, João Pombo. Silviano Santiago revisita o clássico 'Em liberdade', que ganha nova edição. *Estado de Minas*, 22/04/2022.

³⁴⁹ BARILE, João Pombo. Silviano Santiago revisita o clássico 'Em liberdade', que ganha nova edição. *Estado de Minas*, 22/04/2022.

Em uma outra entrevista, uma das que recobre a maior parte da obra e formação de Silviano, o crítico conta um pouco sobre o processo de pesquisa para a escrita do livro: “Eu me enfurnei na Biblioteca Nacional, no Instituto Histórico e Geográfico, para ler os jornais da época, livros etc., e ia tomando notas. Lia revistas também, mesmo as de segunda categoria, *Ilustração Brasileira*, *Careta*, *Fon-Fon* etc., para tirar fotos, tirar piadas, informações do cotidiano carioca, para poder entrar melhor no clima do período”³⁵⁰. Assim, vai registrando informações até então triviais, como o clima de cada dia, o que aconteceu em cada um deles, as manchetes de jornal, os filmes em exibição, medindo, dessa maneira, a extensão e fundura do romance. À guisa de exemplo, Silviano conta, na mesma entrevista, como a anotação dessas minúcias ordinárias e prosaicas deram sustentação e profundidade literária para sua empreitada:

De repente, o detalhe de que tal dia chovia acabou sendo importantíssimo. No dia em que Graciliano saiu da casa de José Lins do Rego e foi para a pensão no Catete, naquele dia, caiu um pé d’água no Rio de Janeiro. Para mim foi ótimo, porque eu queria manter a prisão como metáfora. Mesmo estando ele fora da cadeia, ainda con-tinuava prisioneiro. O personagem é obrigado a fechar todas as janelas porque estava chovendo demais. Não me ocorreria essa *mise-en-scène*, se não soubesse que naquele dia tinha chovido tanto³⁵¹

Repetindo-em-diferença *Memórias do cárcere*, suplementando sua leitura, Silviano desenvolve uma escrita-pastiche e escreve, ao estilo de Graciliano, as páginas do diário apócrifo. *Em liberdade* e *Memórias do cárcere* são livros gêmeos, bivitelinos, irmãos em estilo, gestados no mesmo útero, apesar da célula vital ser diferente. Assim, escreve Silviano recentemente por ocasião do lançamento de *Fisiologia da composição* (2020), outro livro onde a obra de Graciliano é um dos temas:

³⁵⁰ SANTIAGO, Silviano. Entrevista a Helena Bomeny e Lúcia Lippi Oliveira. *Estudos Históricos, Arte e História*, Rio de Janeiro, n.30, 2002/2, p. 166.

³⁵¹ SANTIAGO, Silviano. Entrevista a Helena Bomeny e Lúcia Lippi Oliveira. *Estudos Históricos, Arte e História*, Rio de Janeiro, n.30, 2002/2, p. 166.

Em liberdade (1981) é um romance hospedado por seu autor nas *Memórias do cárcere* (1953), de Graciliano Ramos. Livro hospedado, diário íntimo, e livro hospedeiro, memórias, são ambos escritos na primeira pessoa do singular e ambos são, ainda que o primeiro não o seja, “de” Graciliano Ramos. A obra que acolhe ostenta estilo original e a que nela se aloja passageiramente, estilo homológico. Este não foi, ponhamos, conquistado naturalmente; foi primeiro apreendido pelo autor do livro hospedado na leitura de obra alheia. Em seguida, foi aprendido e repetido como cópia, atividade a não ser tomada no sentido meramente decorativo do vocábulo [...]. No processo de composição do romance/hóspede, a lei do usucapião é soberana: a posse de Silviano contra a propriedade (estilística) de Graciliano³⁵².

Então, Graciliano é ensanduichado por Cláudio Manoel e Herzog, preenchendo a lacuna temporal e de linguagem que incomodava Silviano, reduzindo o espaço entre as experiências históricas alusivas e garantindo uma outra inteligibilidade para o romance em confecção. Em *Menino sem passado* (2021), Silviano escreve sobre essa relação complexa e rica entre a prisão de Graciliano e o seu próprio aprisionamento no estilo alheio para compor *Em liberdade*:

Se durante quase um ano Graciliano sofre na carne a prisão no Estado Novo, eu, durante a ditadura militar de 1964, vivencio por alguns anos mais as agruras de escrever como se fosse minha a experiência de vida alheia, de a imitar e a assumir como se fosse uma forma de prisão real para o exercício da minha imaginação criadora. Biografia, estilo, sintaxe e vocabulário do outro, Graciliano, redundam, na pesquisa e redação por mim duma autobiografia apócrifa, encarcerada na *forma-prisão* em que meu corpo participante, salvaguardado do cárcere na ditadura militar de 1964, se exercita a fim de performar uma escrita literária de resistência política.³⁵³

Já com um relativo controle da obra de Graciliano, Silviano resolve escrever o período imediatamente após a saída da prisão. É ali que reside o nó górdio da grafia-de-vida de Graciliano, o ponto oculto, nunca trabalhado pelo autor, e que,

³⁵² SANTIAGO, Silviano. Sobre ser hóspede de Graciliano Ramos. *Suplemento Pernambuco*, 2020.

³⁵³ SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 35.

justamente por isso, torna-se tão potente. Justamente por esse vácuo literário na obra do alagoano, Silviano pôde projetar sua imaginação nesta negatividade, produzindo, a partir dela, uma outra história — apesar de falsa —, alicerçada em dados biográficos, garantindo a verossimilhança do texto, tanto em estilo como em fatos.

Memórias do cárcere é redigido anos depois da saída da prisão, um livro, portanto, fruto da memória, fruto do trabalho de anamnese do trauma, feito a duras penas. Entre a redação do livro e o evento em si, existe uma lacuna que pode ser preenchida — mesmo que ficcionalmente. A ausência de texto sobre a experiência do cárcere no imediato após a prisão é, inclusive, tema da própria construção do diário apócrifo, quer dizer, a dificuldade de escrever e formular sobre aquela vivência. Além disso, não há, segundo Silviano, nenhum indício, na obra de Graciliano, sobre o momento de liberdade do autor, quando ele sai da prisão e precisa se habituar com as diversas dificuldades emocionais, financeiras e políticas. É nessa toada que Silviano escreveu recentemente sobre a condição aparentemente paradoxal de prisioneiro: “A liberdade do prisioneiro político não depende apenas da vontade do homem. [...] Fora do cárcere, o prisioneiro continuará prisioneiro”³⁵⁴, e continua arrematando o raciocínio incluindo a liberdade nessa dimensão paradoxal: “Não terá a liberdade que julga poder usufruir na condição de interno que se julga inocente. Ser prisioneiro é consequência da condição linguística, e sociopolítica e econômica, do humano”³⁵⁵.

5.5 A rasura cortante da cena escritural

Silviano, naquele período, horrorizado pela barbárie da ditadura com o assassinato covarde do jornalista Herzog, precisava se manifestar politicamente. Sua intenção, porém, não se alinhava às opções estilísticas dos chamados romances de testemunho, em alta na época, como já mencionei. Politicamente, Graciliano tinha algo de um engajamento pela escrita. Seu trabalho como político aparecia

³⁵⁴ SANTIAGO, Silviano. Sobre ser hóspede de Graciliano Ramos. *Suplemento Pernambuco*, 2020.

³⁵⁵ SANTIAGO, Silviano. Sobre ser hóspede de Graciliano Ramos. *Suplemento Pernambuco*, 2020.

mediado pelo procedimento escritural, seja numa dimensão burocrática da redação de relatórios³⁵⁶ obrigatórios nas funções públicas, seja no engajamento explícito de sua obra, mais tomada pela dimensão *social* de fundo dito *realista*. Assim, dentro de um quadro específico da ficção brasileira e interessado em mecanismos formais e de criação literária próprios, Silviano acaba por fazer um uso do passado e presente políticos como matéria de composição artística, tal como precisa o crítico e professor Wander de Melo Miranda:

O recuo estratégico de *Em liberdade* ao passado funciona como um recurso eficaz e inventivo do qual o autor lança mão para ampliar a repercussão do seu testemunho da história recente do Brasil, indo além do registro imediato dos fatos concretos, mediante sua contextualização num decurso temporal mais abrangente e num espaço de configuração literária mais amplo e complexo.³⁵⁷

O livro de Silviano parece suprir a vontade de se manifestar politicamente através de um uso abalizado da ferramenta escritural, produzindo, dessa maneira, um engajamento a partir da forma, da realização do estilo literário, do domínio da palavra e do fraseado alheio. Vale ressaltar que a expressão *littérature engagée*, cujo interesse primordial é o de aproximar o escritor do engajamento, no caso de alguém como Silviano, versado na crítica e na literatura francesas, tem um importante lastro sartriano, que remonta ao ensaio de introdução e abertura da revista *Les Temps Modernes*, criada em outubro de 1945 por Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir. O termo é mobilizado no texto “*Présentation des Temps modernes*”, mais tarde publicado no livro *Situations II* (1948), no qual se lê, ao final: “Gostaria de lembrar que na 'literatura engajada', o engajamento não deve, em caso algum, fazer-nos esquecer a literatura e que a nossa preocupação deve ser servir à literatura, infundindo-lhe sangue novo, assim como servir à coletividade, tentando dar-lhe a

³⁵⁶ Ver FREITAS, Eber. Os relatórios de Graciliano Ramos, ou o Político que nós queremos. *Livreiro Nômade*, 2015.

³⁵⁷ MIRANDA, Wander Melo. *Corpos Escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009, p. 18.

literatura que lhe convém”³⁵⁸. Ora, parece que Silviano se viu atento a esse programa que, num sentido, não renuncia à autonomia da arte e do literário e, por outro, não deixa de olhar para as demandas políticas do presente, alinhando a invenção artística às urgências sociais.

Em “Mestre Graça não é piedade”, texto de 2013 publicado no jornal *O Globo*, Silviano, ao discutir a *política* na obra e na biografia de Graciliano, sublinha a dimensão inseparável entre escrita e política para o alagoano, na qual o engajamento ou a força política não pode existir se não numa dimensão escritural:

Em Graciliano, a política é senhora de poucas palavras e mãe de muitos equívocos linguísticos que, lançados na folha de papel, devem ser imediatamente borrados e corrigidos pelo escritor atento e reflexivo. A política não pertence à família dos GPS, que querem direcionar a vida e a obra do cidadão. Ela é infatigável exercício das mãos e da caneta, unidas às evidências da criação literária, em que os defeitos/qualidades da vida cidadã e social, da vida histórica e econômica da nação, são postos à prova na folha de papel em branco.³⁵⁹

Há aqui um detalhe importante a ser sublinhado. É no mesmo ano decisivo para a escrita do *Em liberdade*, 1975, que Silviano, já na condição de professor efetivo da PUC-Rio, oferece um curso de introdução a diversos autores franceses — identificados com o que ficou conhecido como pós-estruturalismo. Ao fim, o curso termina por se tornar uma espécie de introdução à obra de Jacques Derrida, filósofo que Silviano conhecera em Baltimore quando professor nos Estados Unidos. O curso, tornado uma espécie de grupo de estudos ou laboratório de escrita, tem como resultado, no fim do semestre, a partir de uma proposta visionária do próprio Silviano, um glossário “conceitual” do pensamento de Derrida — obviamente, no que diz respeito à obra do filósofo publicada até meados de 1975. No ano seguinte, *Glossário de Derrida* (1976) é publicado pela editora Francisco

³⁵⁸ “Je rappelle, en effet, que dans la « littérature engagée », l’engagement ne doit, en aucun cas, faire oublier la littérature et que notre préoccupation doit être de servir la littérature en lui infusant un sang nouveau, tout autant que de servir la collectivité en essayant de lui donner la littérature qui lui convient” (SARTRE, Jean-Paul. « Qu’est-ce que c’est la littérature? ». In: *Situations II*. Paris: Gallimard, 1948, p. 30).

³⁵⁹ SANTIAGO, Silviano. Mestre Graça não é piedade. Edição Especial Prosa e Verso, Jornal *O Globo*, 20/07/2013, p. 3.

Alves, um dos marcos dos estudos sobre Derrida fora da França, além de constar como um documento sobre a recepção do pensamento do filósofo na América Latina, em especial no Brasil. O primeiro livro apresentado para aquela turma de mestrandos em literatura brasileira foi *La pharmacie de Platon* (1968), texto que trata da relação entre fala e escrita e entre escrita e verdade, a partir do *Fedro* de Platão. Em outubro de 2014, junto com uma série de outros textos que tratam da presença do pensamento de Derrida no Brasil, o jornal *O Globo* publicou um artigo de Anamaria Skinner, intitulado “Os outros”. Ela fez parte do grupo de alunos que participou da feitura do *Glossário de Derrida* na década de 1970. A então jovem pesquisadora tinha bom domínio do francês e foi fundamental na leitura e tradução dos trechos de Derrida citados no glossário. Mais tarde, ela se tornaria uma das mais importantes tradutoras do pensamento francês para o português — com um currículo que vai do próprio Derrida a autores como Roland Barthes e Jean Baudrillard. No seu artigo para o jornal, Anamaria Skinner conta, à luz dos acontecimentos políticos da época, a importância de Silviano para o florescimento de um público leitor do filósofo franco-argelino no Brasil, além de esquadrihar rapidamente uma hipótese sobre a fertilidade de certas ideias derridianas em solo brasileiro:

Se tivesse de imaginar motivos para o sucesso de Derrida nos estudos literários, ressaltaria, sobretudo, esse primeiro contato com a filosofia, contada em prosa por Derrida, e o gesto preciso de Silviano diante do momento político brasileiro, em 1975: apresentar aos estudantes de Letras um texto em que é encenado o poder subversivo da escrita. Já que é disto que se trata.³⁶⁰

Assim, tanto a leitura de Derrida como a confecção de *Em liberdade* são mediadas pelo problema da ditadura, da exceção, da brutalidade e das formas de resistências possíveis num ambiente governado sob a égide da barbárie. Não apenas isso, mas uma resistência que estivesse intimamente ligada à escrita, às formas literárias de composição, aos desdobramentos dessas formas e às contaminações da experiência escritural. Assim como a política em Graciliano Ramos, a política em

³⁶⁰ SKINNER, Anamaria. Os outros. Prosa e Verso, Jornal *O Globo*, 04/10/2014, p. 3.

Derrida também precisaria estar mediada pelo gesto da escrita. Precisamos ter em mente que, em termos concretos, a *palavra* é o instrumento de luta do personagem/narrador de *Em liberdade*, já que, no momento da “falsa” feitura do diário, Graciliano ainda se via como um trabalhador do jornal, um operário da palavra, que usa a escrita — ainda que ceticamente — como modo de sobreviver e lutar. Já na primeira entrada do diário existe uma importante discussão sobre o estatuto da palavra nos meios de comunicação tradicionais dos anos 1930 e sua relativa liberdade³⁶¹. Graciliano via que, já comprometido politicamente, não conseguia espaço para se sustentar. Além do mais, tudo o que fosse escrito precisaria passar pelo crivo dos patrões, que, em última instância, determinava o que seria ou não publicado. Dessa forma, a “liberdade” e o consequente combate que deriva da atividade laboral de escrita estariam fadados a girar em falso, uma vez que obedeceriam ideologicamente — não simplesmente *de direito*, mas *de fato* — os ditames dos detentores dos meios sociais de produção — para todo efeito, a saber, os meios de comunicação. Acredito que, tendo em vista o período de formação em que estamos nos demorando, não é de se ignorar a presença de um autor como Derrida no horizonte crítico de Silviano no momento de elaborar um diário apócrifo. Ou seja, se na frase de abertura, tornada célebre, de *La pharmacie de Platon*³⁶² Derrida insiste na condição de todo texto cifrar sua própria lei de composição e as regras do *seu* jogo, um livro como *Em liberdade* parece realizar de maneira integral o programa derridiano. Um livro que se propõe um diário apócrifo, de início parricida já que falsifica a autoria, ao mesmo tempo, oculta diversos subtextos que precisam ser escavados e desvendados no nível da composição, evidenciando-se como o tipo de expediente que Derrida parece demandar da escritura.

³⁶¹ SANTIAGO, Silviano. *Em liberdade: uma ficção de Silviano Santiago*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013, p. 34.

³⁶² Lê-se: “Um texto só é um texto se oculta ao primeiro olhar, ao primeiro que chega, a lei da sua composição e a regra do seu jogo” [“Un texte n'est un texte que s'il cache au premier regard, au premier venu, la loi de sa composition et la règle de son jeu”] (DERRIDA, Jacques. *La pharmacie de Platon*. Paris: Éditions Flammarion, 1995, p. 257).

5.6 Arquivo de André Gide, diário de Graciliano Ramos

Todo o projeto de *Em liberdade* é baseado nos supostos capítulos finais de *Memórias do cárcere*. A chamada “Nota do Editor do Manuscrito”, assinada por Silviano Santiago — que, na economia interna do romance, “tratou” os manuscritos perdidos de Graciliano —, escrita na abertura do livro, explica justamente a origem daquilo que se apresenta na forma de diário. Graciliano, alguns anos antes de morrer, teria oferecido a um amigo aqueles originais, solicitando-lhe que só fossem revelados ao público vinte e cinco anos após a sua morte. Anos depois, em 1952, às vésperas de sua morte, quando já padecia de câncer no pulmão, Graciliano teria escrito para o mesmo amigo pedindo-lhe que queimasse os originais deixados, remontando ao gesto de Franz Kafka a Max Brod. Alinhado a Brod, o amigo ocultado de Graciliano não queima os papéis e preserva-os. Anos mais tarde, a família do amigo teria entrado em contato com Silviano, à época professor na *Rutgers University* nos Estados Unidos, confiando-lhe aqueles originais. A escolha por Silviano se deve ao fato de ele já ter trabalhado com o tratamento de manuscritos. A nota, apesar de ficcional, tem lastro na biografia de Silviano.

Ainda quando graduando em Letras Neolatinas na Universidade Federal de Minas Gerais, Silviano é indicado pelo seu professor Damien Saunal para estudar na *Maison de France*, no Rio de Janeiro, no *Centre d'Études Supérieures de Français*, durante o biênio 1960-1961, curso organizado pela CAPES, que concedeu uma bolsa a Silviano para custear sua estada no Rio³⁶³. O curso de especialização era uma espécie de preâmbulo para o doutorado no exterior, já que a pós-graduação estava ainda engatinhando em solo brasileiro. Durante esse período, aproxima-se de Alexandre Eulálio — figura importante na trajetória de Silviano —, que lhe conta da existência de um manuscrito inédito da *chef-d'oeuvre* do escritor francês André Gide, *Les faux-monnayeurs* (1925), no Rio de Janeiro. Informado por Eulálio, Silviano vai atrás dos manuscritos, seu passaporte de entrada para o mundo francófono e para a pesquisa genética em literatura. Por um período de seis meses durante o curso de especialização, Silviano irá se ater a

³⁶³ SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 181-182.

pesquisa daquele manuscrito. Examinando de perto os inéditos, o autor toma gosto pelo estudo da gênese da obra e das formas de composição. O resultado parcial do período no Rio de Janeiro foi publicado, anos mais tarde, na *Revista do Livro* — criada por Alexandre Eulálio —, intitulado “Fragmento de *Les faux-monnayeurs*: (Edição de um manuscrito inédito)”³⁶⁴, no qual transcreve os documentos encontrados e ensaia algumas incursões na composição gideana. O doutorado realizado posteriormente terá esse problema como centro, intitulado *La g n se des Faux-Monnayeurs d’André Gide*³⁶⁵ e defendido em abril de 1968 na *Université de Paris* (Sorbonne), sob supervisão do professor catedrático Pierre Moreau. O período no Rio de Janeiro e o de doutoramento podem ser entrevistados no livro de 1981, como sugere a nota do editor, peça fundamental para sua compreensão.

Em artigo escrito para o jornal *Folha de São Paulo* em 2007, Silviano, apresentando os mecanismos da obra de André Gide, explica o conceito criado para designar a chamada “estrutura em abismo” (*mise-en-abyme*), usada também para descrever sua própria obra:

Do ponto de vista retórico, a estrutura de “Os Moedeiros Falsos” se inspira [...] na composi o de brasões. A peça de nobreza pode trazer no seu interior, em miniatura, o desenho global. O todo se confunde com a parte. A parte se confunde com o todo. Questão de perspectiva. Em heráldica, a técnica se chama “em abismo”. Em retórica pop, o procedimento se encontra na lata de aveia Quaker. Um religioso vestido a caráter mostra uma lata de aveia. Nesta, está estampado um religioso que mostra a mesma lata de aveia. E assim infinitamente. A estrutura em abismo é comum nas obras de arte do Ocidente. Apenas os historiadores a desconheciam até a anota o de Gide no próprio diário íntimo. Lembremos alguns exemplos. “Hamlet”, de Shakespeare, em que há uma peça dentro da peça, “As Meninas”, de Velásquez, em que a pintura retrata o ato de pintar, e ainda “O Primo Basílio”, em que o personagem Ernestinho escreve uma peça sobre adultério, em tudo semelhante à trama criada por Eça de Queir s³⁶⁶

³⁶⁴ SANTIAGO, Silviano. “Fragmento de *Les faux-monnayeurs*: (Edi o de um manuscrito inédito)”. *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, a. 9, n. 29-30, 1966.

³⁶⁵ SANTIAGO, Silviano. *Biografia de um romance: Os moedeiros falsos, de André Gide*. Tradu o de Anamaria Skinner, revista pelo autor. Manuscrito, 1968.

³⁶⁶ SANTIAGO, Silviano. André Gide por Silviano Santiago. *Folha de São Paulo*, São Paulo, domingo, 30/09/2007.

De modo a ainda recuperar sua primeira ideia de livro, Silviano, ao estilo de André Gide, objeto de sua tese de doutorado na *Université de Paris* (Sorbonne), planejou a segunda metade do romance em *mise-en-abyme*, fazendo com que o seu Graciliano escrevesse um conto narrado Cláudio Manoel da Costa, num interessante jogo de espelhos, como tentei apresentar na primeira seção deste ensaio. Dessa maneira, surge, ao longo do livro, um livro dentro de um livro, no qual Graciliano, ao sonhar ser o poeta mineiro, vê-se identificado com a figura do inconfidente perseguido que, por sua vez, ressoa ainda a imagem de Herzog nos anos 1970. A morte trágica do poeta mineiro se torna musa literária do diário íntimo — desde pelo menos a entrada de 3 de março, dentro do romance — do narrador/personagem Graciliano Ramos que sonha ser Cláudio Manuel da Costa³⁶⁷. O projeto do diário apócrifo é repensado mantendo, ao mesmo tempo, as referências a Cláudio Manuel da Costa e Vladimir Herzog. Quer dizer, o livro sobre Cláudio Manoel da Costa aparece dentro do livro sobre Graciliano que, ao mesmo tempo, contém a morte de Herzog e sua respectiva discussão histórica e política. Um livro dentro do livro, texto duplicado, estrutura em abismo. A discussão sobre a ditadura militar, por sua vez, aparece cifrada nas querelas com o governo Vargas, espelhadas também nas tensões da Inconfidência Mineira com a Monarquia portuguesa. Escrito num sábado, dia 20 de março, lê-se em *Em liberdade*: “Cláudio será Graciliano. Graciliano redige, mas quem escreve é Cláudio”³⁶⁸. Os personagens são também duplicados, performando um e outro, confundindo-se na prosa. É neste ponto que a engenhoca *Em liberdade* ganha um estatuto político e estilístico interessante. Numa só tacada “o projeto alegórico inicial se transforma numa espécie de grande painel da história do Brasil. Em três épocas distintas, três intelectuais brasileiros padecem nas mãos de governos paranoicos, autoritários e violentos. Final do século XVIII (Cláudio falece no dia 4 de julho de 1789); década de 1930 (Graciliano passa preso

³⁶⁷ SANTIAGO, Silviano. *Em liberdade: uma ficção de Silviano Santiago*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013, p. 215.

³⁶⁸ SANTIAGO, Silviano. *Em liberdade: uma ficção de Silviano Santiago*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013, p. 252.

o ano de 1936); década de 1970 (Herzog é suicidado no dia 25 de outubro de 1975)”³⁶⁹, como se lê num trecho de *Fisiologia da composição* (2020).

Não é de se assustar que o “gênero” escolhido por Silviano nessa empreitada seja o diário. Sabemos que seu grande mentor é Gide, como demonstrado nas associações feitas neste ensaio com a sua obra. Silviano, em *Menino sem passado* (2021), escreve: “Apesar de discípulo de André Gide, nunca fui capaz de manter um diário”³⁷⁰. Uma das maiores práticas de Gide como escritor foi cultivar o costume de escrever diários, que se estende por quase toda a sua obra, recobrando mais de cinquenta anos de sua produção. Silviano conclui seu raciocínio iniciado na sua autobiografia, recolocando-se, mesmo que obliquamente, na esteira de Gide: “Escrevi, sim, um diário íntimo *falso*, o romance *Em liberdade*, publicado em 1981”³⁷¹. Um dos mais célebres de Gide é justamente o *Journal des Faux-monnayeurs*, diário em que anota os passos da composição de seu grande livro, objeto da tese de doutorado de Silviano. A estrutura de *Em liberdade* parece ecoar também o sentido literário do diário de Gide, quer dizer, contar, de uma maneira ou de outra, a composição do próprio Graciliano e também do livro contido dentro do livro, o conto sobre Cláudio Manoel da Costa.

5.7 A sociedade secreta dos biógrafos

Se Silviano buscou procurar na biografia e nos escritos de Graciliano Ramos — e Cláudio Manoel da Costa — algo que dissesse sobre o corpo, entre vendo a forma de compor o texto, caçando as intermitências da escrita, este pequeno ensaio buscou também, na composição de Silviano, nos seus textos ficcionais, a forma pela qual investigou a composição de Graciliano e investiu na escrita alheia. Portanto, o trabalho de escavação das formas de sublimação do corpo no texto foi apenas iniciado aqui, de modo que o que falta ser feito é tentar, num trabalho de mais

³⁶⁹ SANTIAGO, Silviano. *Fisiologia da composição*. Recife: Cepe, 2020, p. 46.

³⁷⁰ SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 34.

³⁷¹ SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 34.

fôlego, entrever a grafia-de-vida de Silviano nos escritos que, em princípio, nada têm a ver com sua biografia — como *Em liberdade*. Tal tarefa parece anunciada, numa espécie de pista cifrada, pelo próprio autor, em entrevista de 2022. Agora, no alto dos seus mais de oitenta anos, o escritor, que por acaso também é um importante crítico brasileiro, lança as linhas mestras que devem orientar o trabalho de depuração de sua ficção pela comunidade literária, garantindo as bases de um bom exercício reflexivo que, assim como ele o fez, enxergue os processos de composição e a maneira como a vida é transformada em obra de arte e vice-versa:

A vida afetiva e sentimental da família de Graciliano Ramos está evidentemente escorada pela minha vida afetiva e sentimental no plano familiar. Há diálogos meus com meu pai e com dois irmãos meus, mais novos, o Haroldo e o Rodrigo, que foram ativistas políticos durante a ditadura de 1964. Esses diálogos talvez não tenham existido sob a forma de palavra, mas são eles que estão transpostos no trabalho que executo, de pé, nas plataformas dos andaimes do romance “Em liberdade”. É delas, do lado de fora da obra, que enxergo os personagens, no lado de dentro do romance, e os caracterizo com maior precisão, rigor e verossimilhança. Costumo usar outra comparação para explicar o processo de caracterização de personagem. Entra sempre o estilo e também a estilização da realidade. O bom estofador é o operário que transforma um móvel que é normalmente idealizado para o conforto do usuário em algo de necessário, útil e belo. Não há diferença entre estofar bem uma poltrona e armar com cuidado e carinho a personalidade de personagens numa trama romanesca³⁷².

Tentei, aqui, pensar o emaranhado de circunstâncias que estavam ao redor da composição do livro *Em liberdade*, encontrar os pontos essenciais na biografia do autor para a constituição deste trabalho tão singular em sua carreira. Quer dizer, retrocedendo alguns anos da publicação, ir até 1975, onde parece estar o início de tudo, e escavar os acontecimentos e textos que o circundaram no período da composição. Assim, descrever como as ideias se formaram e se transformaram no cruzamento com a história, as instituições, os textos e as pessoas, garantindo uma

³⁷² BARILE, João Pombo. Silviano Santiago revisita o clássico 'Em liberdade', que ganha nova edição. *Estado de Minas*, 22/04/2022.

melhor compreensão da longevidade desse livro que já completou mais de quarenta anos e que continua muitíssimo atual.

Silviano Santiago em “A sociedade secreta dos biógrafos”, relembra de uma passagem de *Historia Universal de La Infamia* (1935) de Jorge Luis Borges, na qual o escritor argentino diz fazer parte, junto a outros escritores, de uma espécie de “sociedade secreta” de devotos de Marcel Schwob, autor de *Vies imaginaires* (1896). Isso porque Schwob figuraria como o primeiro a retirar o gesto biográfico de um registro simplesmente histórico, de coleção de dados e comprometido com a *verdade* enquanto finalidade da literatura. Schwob realizou uma série de minibiografias e as eternizou no livro de 1896, no qual não estabelece uma distinção entre grandes figuras e personagens medíocres da história, e até de criminosos. Todos são passíveis de serem biografados. Não apenas isso, mas o ponto de partida dos perfis biográficos não é calcado num universalismo que daria conta de maneira absolutizante das figuras em questão, mas são antes incitadas por pequenas curiosidades, esquisitices triviais que, combinadas ao estilo do escritor e a uma certa dose de fatos *reais*, conseguem compor um quadro satisfatório que faz as vezes do gênero clássico da biografia. Assim, Borges seria um autor herdeiro de Schwob, que produz genealogias bastardas, biografias inventadas, que constitui sua prosa desafiando os limites entre a ficção e o mundo. Ao final do pequeno texto, após descrever alguns mecanismos de composição biográfica e apresentar de que maneira diversos autores se colocam junto a Schwob como seus herdeiros, arremata colocando-se, ele mesmo, ao lado do autor, como seu herdeiro também: “ao publicar o romance *Em liberdade*, assinei ficha de inscrição na sociedade secreta a que Borges se refere”³⁷³.

³⁷³ SANTIAGO, Silviano. "A sociedade secreta dos biógrafos". In: *Aos sábados, pela manhã: sobre autores & livros*; organização e prefácio de Frederico Coelho. Rio de Janeiro: Rocco, 2013, p. 98.

Reabertura do Museu da Ideologia Francesa

*Baixinho, digo para os meus botões
como se fosse um segredo de
polichinelo: ao lançar palavras no
papel, sempre tive a pachorra de
deixar a lógica da língua construir as
ambiguidades que quero trabalhar.*³⁷⁴

— Silviano Santiago, *Viagem ao
México* (1995)

*O medo de vê-lo acrescentar uma
mentira a um roubo me segurou*³⁷⁵

— André Gide, *Les faux-monnayeurs*
(1925)

Diante da fragmentação imposta pelos ensaios aqui reunidos, a conclusão desta dissertação não poderia vir à tona de outra forma. Optei, de maneira um tanto quanto desabusada, para dizer o mínimo, por apontar algumas dificuldades em se trabalhar com o material da dissertação, os dilemas envolvidos na escrita, além de meditar um pouco sobre o solo movediço em que minha leitura patinou nos últimos anos de pesquisa. Digo desabusada pois, em se tratando de uma dissertação, que é submetida a uma banca avaliadora, como manda a rito universitário, o gesto de antecipação das críticas ou de explicitação dos pontos fracos parece-me algo que beira a desonestidade. Porém, meu gesto não se obstina a esse fim, ao que mais pareceria chorar lágrimas de crocodilo, mas o de apontar, como parte constituinte e como uma espécie de cartada final, as tribulações de uma pesquisa que se debruçou

³⁷⁴ SANTIAGO, Silviano. *Viagem ao México*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995, p. 14.

³⁷⁵ “La crainte de le voir ajouter à un vol un mensonge, m’a retenue”. (GIDE, André. *Les faux-monnayeurs*. Paris: Gallimard, Collection Folio (n° 879), 1972, p. 271).

sobre um tipo de texto tão buliçoso e escorregadio como o são os de Silviano Santiago. Parto para a explanação.

A questão essencial que surgiu no caminho de elaboração deste trabalho foi uma *questão de método*, digamos assim. Já que falamos de uma investigação que pretende se localizar na fronteira entre a sociologia e os estudos de literatura, qual a melhor maneira de acomodar essas diferentes abordagens? O desafio era pensar um trabalho, que assim como eu (o pesquisador que escreve), é formado e informado por duas disciplinas que apresentam e desenvolvem problemas de maneira tão distintas. Além disso, durante a formulação da dissertação, havia um interesse principal: investigar a obra de Silviano em cruzamento com sua biografia e seu contexto intelectual. Nessa toada, advertido por meus pares, o resultado me parecia claro, apesar do percurso tortuoso. Quer dizer, não gostaria de realizar um trabalho que fosse simplesmente uma investigação das formas literárias, mirando o interior do texto numa empreitada que soava um tanto mofada, sobretudo num estudo sobre Silviano Santiago, altamente afetado pelo seu presente. Por outro lado, não gostaria também de me deter simplesmente ao contexto, de modo a esmagar a literatura, tratando-a como simples reflexo do mundo. Assim, meu desejo era me afastar, num só tempo, do positivismo que lembraria um marxismo vulgar e do formalismo de tom russo — exagero no argumento ao criar espantalhos apenas para fins retóricos, de modo a simplificar minha explanação. Na tentativa de não emparedar ou isolar o literário, a esquadrinhadura desta pesquisa andou a trancos e barrancos, apresentando seus problemas ao longo da escrita, na tentativa de unir o social, a história e o contexto às técnicas de composição, às formas literárias e às referências por vezes cifradas da obra.

Ora, se Silviano escreveu sob uma ditadura ou em solo estrangeiro, seus textos também tomaram formas muito particulares, como a autobiografia memorialística, o diário apócrifo ou o ensaio teórico de verve vanguardista. A união da forma e do social surgiu como desafio basilar da presente pesquisa, instigando-me a equilibrar as pontas desunidas, laçando-as e tentando, aos poucos, atar alguns nós — e, é claro, logo mais, desatando-os. Não é gratuita a atenção redobrada às formas e aos manejos da composição, sempre intercalada e perquirida por um exame histórico que buscasse mostrar de que maneira a forma literária respalda uma forma social e vice-versa. Se houve um impulso subjetivo em submeter meu

“objeto” ao método que descrevi, não é mentira que isso surgiu, ao longo das leituras, como uma exigência própria do “objeto”, na medida em que me deparava com intertextualidades que desbaratavam qualquer simplificação grosseira. Os exemplos saltam: o fato de Carlos Drummond de Andrade ser interlocutor de primeira ordem de *Menino sem passado* (2021) e *Crescendo durante a guerra numa província ultramarina* (1978), além de figurar como um autor que Silviano se deteu como teórico, exigiu um retorno aos textos do mineiro, correndo atrás das referências e descobrindo, ao fim, por exemplo, que a sociogênese pela leitura tinha origem na própria tradição poética mineira; que Silviano se hospedava em Drummond para escrever suas memórias; que os diversos cruzamentos de textos franceses como os de Jacques Derrida e Claude Lévi-Strauss podiam ser entrevistados na dissertação de Eneida Maria de Souza, que, por sua vez, ecoavam a relação institucional que Silviano iniciou na PUC-Rio, logo após seu retorno ao Brasil; que, ao seu modo, chamava atenção para os diversos expedientes de leitura em solo estrangeiro, com a descoberta da literatura brasileira, do problema colonial e do pós-estruturalismo; que, também sob uma ditadura, Silviano escreveu seu primeiro grande livro de ficção, *Em liberdade* (1981), que tratava justamente da relação belicosa entre intelectual e Estado, revés latente do Brasil.

Soma-se a essa intuição metodológica a dificuldade de trabalhar com a obra de Silviano Santiago, especificamente no que incide justamente sobre o ponto que discutimos. Quer dizer, como utilizar os textos de Silviano como registro, com teor de verdade, se trata de um autor que a todo momento finge e que, por definição, é um falso mentiroso? Que está radicalmente implicado num compromisso de invenção ficcional da literatura e que, de maneira desabusada, foge do registro meramente documental? Essas foram questões que me assombraram no desenrolar da pesquisa, despertadas através dum aviso em tom de lição que devo ao meu orientador Júlio Diniz. O justo puxão de orelha serviu para realinhar a caminhada e aguçar a prudência diante dos textos mais escorregadios. Minha solução — que mais parece um exercício de bricolagem — foi me esquivar rapidamente desse objetivo colegial de tratar a obra como documento, abroquelando-se na noção de *verossimilhança*, que encontrei durante as leituras de textos importantes de Silviano, usada para ler momentos decisivos da obra de Machado de Assis. A expressão, que tem sua dívida com o *Fedro* de Platão e a leitura feita por Derrida,

localiza-se justamente ao redor da noção de verdade, sem nunca alcançar seu centro. Um pouco embebido nesse espírito que tentei me arrojar na investigação dos textos literários, atento aos possíveis percalços da escrita movediça de Silviano, amparando-me também em refúgio teórico sob às ordens do rigor sociológico que tenta enxergar, para além de um conteudismo primário, os ditames da forma, que, por sua vez, informam sobre o mundo ao redor.

Silviano, ao ler *Dom Casmurro* (1899), de Machado de Assis, vai propor uma nova interpretação do livro. Antes, a questão que norteava o debate crítico e do público leitor em geral era o da traição (ou não) de Capitu, companheira do personagem-narrador Bentinho. Seguindo novas interpretações para o clássico da literatura brasileira, Silviano irá reposicionar a questão colocando Bentinho no centro do problema e não mais Capitu. Quer dizer, se o romance é narrado em primeira pessoa, assume-se que o ponto de vista de todo o desenrolar do livro dá-se desde Bentinho, figura que, como foi demonstrado, tem interesse na acusação da traição de Capitu. Não apenas isso, mas Silviano irá sublinhar a formação do personagem como advogado e seminarista, ocupações que têm como princípio a faculdade da persuasão, seja ela jurídica ou religiosa. Assim, filiando Bentinho à prática do sofismo e da retórica, Silviano pôde colocar em dúvida a voz do narrador, já que, na esteira do pensamento grego, ele não conduziria necessariamente à verdade, como Silviano vai apontar contrapondo-o à figura de Sócrates: “[...] ao método dialético [...], vai se opor o ensino e o sistema retóricos dos sofistas, que visam, não à inscrição délfica na sua pureza original, mas a adestrar o jovem para convencer o ouvinte, levando-o ao ‘conhecimento’ pela verossimilhança”³⁷⁶. Dessa maneira, a retórica, solo comum de Bentinho, seria não a da persuasão para alcançar a verdade, mas aquela que culmina em algo que *parece* verdade, que é aparente e provável, propriedade por excelência da verossimilhança. Ao longo de *Dom Casmurro*, Bentinho, o tipo ideal do bom moço brasileiro, tenta a todo custo incriminar Capitu sem nunca de fato testemunhar o crime imputado, apresentando argumentos que jogam com o convencimento a partir do probabilismo, levantando

³⁷⁶ SANTIAGO, Silviano. “Desconstrução e descentramento”. In: PORTELLA, Eduardo. *A linguística hoje*. Tempo Brasileiro, (32). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973, p. 92.

dúvidas sobre a moralidade de sua amada a partir de artifícios retóricos para convencimento do leitor.

Levando a leitura às últimas consequências e aplicando-a à própria escrita de Silviano Santiago, a figura da *retórica da verossimilhança* parece ganhar certo rendimento diante de seus textos de caráter autobiográfico. Apesar de amparados na sua grafia-de-vida e de se apresentarem como portadores da verdade, a leitura precisa tomar certa distância e levar em conta o *métier* propositalmente enganador de Silviano, que se apresenta, na esteira de Protágoras, como um sofista de mão de cheia, como aquele que recheia seus escritos de detalhes e histórias que, apesar de *parecerem* reais, transgridam o mero realismo e são lançados à invenção ficcional. Silviano estaria engajado em persuadir seu leitor diante do convencimento retórico da verdade do escrito — ressalto que a acusação de retórico ou sofista é positivada aqui, na esteira das reflexões de fundo nietzschiano que animaram a filosofia francesa cuja leitura Silviano se embebeu. Assim, a união entre o vivido e o inventado, entre o fato e a ficção — ou a insuficiência dessas duas dimensões se tomadas como princípios isolados para a escrita literária — aparece em Machado (2016) de Silviano: “Tudo só vivido seria monótono; tudo só imaginado seria cansativo”³⁷⁷. Essa espécie de *parti pris* metodológico foi privilegiada no decorrer da pesquisa e escrita desta dissertação, apesar de não trabalhada de maneira explícita ao longo dos capítulos, tomando-a como um ponto cego que garantisse a lógica oculta dos meandros da argumentação. Tal omissão precisa ser lida mais como uma estratégia de escrita do que como uma falta de explicitação do método, já que a feitura da dissertação não se furtou a dissolver o tenso limite entre ficção e vida, numa jogada de panos quentes sobre a mágica da invenção, mas esteve interessada e comprometida com a mecânica ficcional que orienta os escritos de Silviano. O que quero dizer é que as diversas urgências acaçapadas nos textos urgem por um tratamento que lhes garanta força de expressão, para que possam emergir na cena da escrita. Ao fim, o que parecia uma simples predisposição de um aluno e pesquisador que se queria atento, acaba por soar como uma demanda dos livros e dos textos que, a partir dum certo momento, começam a falar por si só.

³⁷⁷ SANTIAGO, Silviano. *Machado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 51.

Por último, é justo ressaltar a inscrição do presente trabalho num campo amplo e diverso denominado pensamento social brasileiro. Isso porque, o autor que me deti, leitor dos grandes ensaístas ainda quando moço, apresenta-se como um interessado na reflexão sobre e a partir do Brasil. Encarado como ponto de vista, o lugar latino-americano, e, portanto, brasileiro, acaba por revelar uma angulatura privilegiada para uma leitura global — como consequência daquilo que poderíamos chamar de “brasilianização do mundo”. Quer dizer, mesmo os textos ficcionais de Silviano podem facilmente ser descritos sob a alcunha de interpretação do Brasil, como tentei demonstrar ao longo dos capítulos, pensando como Silviano põe em discussão as agruras do tempo presente e da matéria brasileira.

Questões para o futuro

Agora, ao final da dissertação, comentarei brevemente o enigma do título. Apesar de classificado, por mim, como *enigma*, aos leitores mais atentos que conseguiram captar as referências e alusões ao longo do trabalho, ele se revela mais como um segredo de polichinelo, que, ao ser revelado, não surpreenderá tanto assim. O sentido de tal explanação presta-se a lançar questões ao futuro, destacando problemas que ficaram latentes na escrita da dissertação e que perturbaram as noites de sono do pesquisador. O mal-estar da teoria, que assombra os visitantes assíduos das bibliotecas, no rastro de textos perdidos ou na arqueologia dos arquivos empoeirados, e a febre de resolução dos problemas da crítica bate à porta daqueles fascinados pela história das ideias, sobretudo num país periférico como o Brasil. Para além da realidade patusca em que certas “novidades” são aclimatadas em solo nacional, o toma lá dá cá das reflexões de caráter teórico e político acabam por ser o xis da questão, como deve ser qualquer uma que se preste. A maneira como essas ideias aparecem, são negociadas, transmutadas, transportadas, criticadas pelas mais diversas correntes, que brigam, cruzam-se, reconciliam-se e se rechaçam foi pilar importante dos questionamentos que motivaram a pesquisa e a escrita desta dissertação.

Continuando, o título, em tom de *boutade*, prestou-se à engenhosidade de conjugar, num só tempo, duas tradições da crítica brasileira, em princípio,

irreconciliáveis. Afastando-me ao máximo que posso de um comentário autoelogioso, tenho a justificativa, na ponta da língua, de que os expedientes de leitura dessas duas “escolas” proporcionaram — ou ajudaram a predispor —, tanto no nível da forma e da matéria crítica quanto do fraseado, os pressupostos para a realização deste trabalho. Assim, acamado nessas leituras, *Um crítico na província ultramarina* tenta saldar, mesmo que de um ângulo cifrado, *Uma literatura nos trópicos* (1978), de Silviano Santiago, e *Um mestre na periferia do capitalismo* (1990), de Roberto Schwarz.

Do primeiro, informado pela desconstrução e pela *french theory*, é óbvia: trata-se de um trabalho sobre a obra e a figura de Silviano Santiago. Em seu livro, o título dá contorno ao amontoado de temas tratados nos ensaios reunidos, dando-lhes alguma unidade. Isso porque, bipartido, *Uma literatura nos trópicos* aborda problemas ligados ao romance do século XIX e questões referentes ao universo pop e cosmopolita do Brasil da segunda metade do século XX. Assim, o artigo indefinido “Uma” revela, em primeiro lugar, a fundamentação não-universalista do objeto tratado (literatura), dando a ver sua impropriedade constitutiva, já que parte dos ensaios tratam de temas não-literários numa primeira leitura desatenta — a música brasileira, a contracultura etc. Além disso, o livro se propõe a ler alguns clássicos da literatura brasileira do século XIX, literatura essa confinada nos rincões da província, de um país dependente culturalmente, que não pode deixar de prestar suas contas com a literatura do primeiro mundo — essa sim a literatura, com artigo definido, aos olhos da literatura comparada *mainstream*, a que Silviano se contrapõe. Antes de afirmar que os brasileiros já têm uma literatura formada, à altura da universalidade, o artigo indefinido marca uma posição de incerteza ao se deparar com essa fundamentação ontológica, uma postura que prefere titubear diante de categorias já formadas e estabilizadas. Já o “nos”, que substitui o esperado “dos”, ecoa e completa negativamente o sentido de indefinição do artigo, revelando, paradoxalmente, sua verdade. Se a *literatura dos trópicos* é aquela que, por definição, é marcada como não-universal — não precisaríamos dizer que o que se escreve na Europa é literatura europeia, afinal, como já inscrita como absoluta, toda literatura europeia é, de saída, literatura —, aquela que, ao mesmo tempo, distancia-se e aproxima-se do modelo europeu, já que é produzida fora daquele território, por mais que se esforce para se assentar nele; a *literatura nos trópicos* pretende-se

universal, apesar de “residente” em outro lugar, quer dizer, na medida em que Honoré Balzac escreve literatura na França, esta entidade universal que encontra sua expressão em território nacional, Machado de Assis — que voltaremos mais à frente —, por exemplo, escreve literatura (também universal) *no* Brasil. Portanto, se o artigo indefinido tenta criar uma instabilidade da literatura enquanto um território já formado, o “nos” produz uma simetrização das literaturas do mundo, garantindo um solo comum em que o que se escreve no Brasil possa fazer parte do que se produz no mundo. Para o que importa neste trabalho, Silviano Santiago não é um crítico e ficcionista que escreve sobre o que acontece *aqui dentro* e imita aquilo que se faz *lá fora*, mas está, de uma maneira ou de outra, implicado em disputar a narrativa daquilo que acontece *lá fora*, sem deixar de pensar aquilo se faz *aqui dentro*.

Do segundo autor, que aqui é tanto Roberto Schwarz quanto Machado de Assis — e, conseqüentemente, a leitura que o primeiro faz do segundo —, temos a constatação de que o grande escritor (no caso, brasileiro) é aquele que consegue, a partir do material nacional que dispõe, revelar as contradições que se apresentam na realidade, produzindo uma obra que se comunica com a literatura enquanto categoria universal. Em outras palavras, o escritor, apesar de confinado nos trópicos longínquos, não reduz seus escritos a um mero exotismo, mas disputa um lugar ao sol no cânone universal, embebendo-se da forma social local. A primeira formulação desta hipótese aparece no próprio Machado de Assis, num texto de crítica literária publicado em março de 1873, no jornal *O Novo Mundo*, onde se lê: “O que se deve exigir do escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço”³⁷⁸. É neste texto em que Machado defende que Shakespeare, antes de um gênio universal, é um autor inglês, geometrizando o tom ao mesmo tempo nacional e inventivo do ponto de vista literário. Dessa maneira, Machado coloca o escritor brasileiro em pé de igualdade com os grandes avatares da literatura universal, diante dos quais se conjuga as opções da escrita e da forma social. Mais tarde, é Antonio Candido que vai identificar em Machado, a partir das suas próprias constatações e hipóteses, a inventividade e envergadura de sua literatura diante do

³⁷⁸ ASSIS, Machado de. “Instinto de nacionalidade” In: *Obra completa*. Vol.III. Org. Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992, p. 804.

quadro brasileiro³⁷⁹. Por assim dizer, Machado operou a realização do programa formativo³⁸⁰, na medida em que "deu universalidade ao seu país pela exploração, em nosso contexto, dos temas essenciais"³⁸¹, como lembra Candido da posição de Roger Bastide, um dos primeiros a fazer tal leitura da obra de Machado. Em sequência temos um continuador do projeto dialético de Candido, que o retoma em chave diferente, Roberto Schwarz de maneira oblíqua a hipótese operando um corte de classe que reverbera sua formação lukacsiana, deixando clara a disposição de Machado em pensar o universal sob o prisma do local: "Trata-se literalmente da universalização dos esquemas de conduta da classe dominante brasileira, ou seja, da construção de seus efeitos — calamitosos — sobre as grandes linhas da civilização contemporânea, para além do contexto empírico imediato"³⁸². Assim, a transcendentalidade dos problemas do espírito humano é dissolvida no provincianismo brasileiro, dando consistência à cor local e lançando-a no radar da literatura mundial.

Por mais que exista uma distância entre as leituras que Schwarz, Candido e Silviano fazem de Machado, para não falar na diferença aguda também da literatura produzida por Machado e Silviano³⁸³, o que me presto a fazer aqui é mostrar uma proximidade lateral entre as leituras críticas de Machado e a produção teórico-ficcional de Silviano. Machado foi um autor lido por parte da tradição, sobretudo aquela ligada ao debate dialético, como um autor que conseguiu conjugar a universalidade da instituição literária, os desejos humanos transcendentais com a

³⁷⁹ Não apenas isso, mas Candido demonstra a relativa projeção, na segunda metade do século XX, da obra de Machado fora do Brasil: "O fato de sua obra encontrar atualmente [meados dos anos 1970] certo êxito no Exterior parece mostrar a capacidade de sobreviver, isto é, de se adaptar ao espírito do tempo, significando alguma coisa para as gerações que leram Proust e Kafka, Faulkner e Camus, Joyce e Borges" (CANDIDO, Antonio. "Esquema de Machado de Assis" In: *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011, p. 17).

³⁸⁰ CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000, p. 680-681.

³⁸¹ CANDIDO, Antonio. "Esquema de Machado de Assis" In: *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011, p. 21.

³⁸² SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades; Editora. 34, 2012, p. 174.

³⁸³ Ao que pese a comparação feita pelo próprio Silviano em *Machado*: "Machado & eu somos duas faces diferentes, impressas numa moeda ainda desprovida de valor simbólico. A escapada do passado em direção ao futuro, ou a viagem do futuro em busca do passado, transfigurará aos dois na cara duma moeda única chamada Literatura. Duas caras, uma só coroa" (SANTIAGO, Silviano. *Machado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 57).

picuinha e a patuscada das classes dominantes brasileiras, respondendo às demandas do primeiro mundo com uma dose de ironia tropical. Num movimento análogo, Silviano, nascido no interior de Minas Gerais e confinado até a mocidade numa sociabilidade relativamente provinciana, conseguiu se comunicar com o que se produziu de mais avançado em matéria teórica. Não apenas adiantando o debate pós-colonial em território norte-americano, mas trazendo (e aclimatando) a querela pós-estruturalista para solo brasileiro, fazendo com que as ideias vindas de outro continente respondam às questões específicas da historiografia literária, do período colonial e da generalização do processo de mundialização. Na infância, Silviano vidrava-se nos filmes dos poucos cinemas de Formiga, sua cidade natal, além de leitor assíduo dos super-heróis de gibi. Assim, alimentado pela cultura de massa internacional, Silviano manteve relação com aquilo que tinha palco no primeiro mundo, com o fim da Segunda Guerra Mundial e o acirramento da Guerra Fria, transportando as experiências heroicas norte-americanas para a realidade provinciana mineira; ou ainda, levando a infância formiguense para o centro do mundo. É nesse sentido que alguma conexão entre a leitura crítica da obra de Machado parece soar familiar ao leitor da obra de Silviano, que não titubeia em puxar conversa com a literatura universal, com os grandes titãs da crítica cultural e da filosofia, sem baixar a guarda ou falar fino.

Se, naturalmente, a tradição crítica brasileira e Silviano Santiago foram posicionados como inimigos, ou, pelos menos, como se contassem do lado oposto um do outro, hoje, podemos tentar investigar tal imbróglio sem criar, ao que me parece, um equívoco de leitura. Com uma dose de boa vontade, além de uma leitura cerrada do contexto histórico e das proposições de ambas as “tradições”, alguns pontos de contato e alianças são possíveis. Rapidamente, gostaria de apresentar pequenos momentos decisivos nos quais uma aproximação é bem-vinda.

Roberto Schwarz, em texto primeiramente apresentado na *Yale University* em 1994 e depois reunido no livro *Sequências brasileiras* (1999), vai discutir, a partir da derrocada do projeto nacional-desenvolvimentista, o período que vai nomear como o da desmobilização, ou o “nosso fim de século”³⁸⁴. Com o declínio

³⁸⁴ SCHWARZ, Roberto. “Fim de século” In: *Sequências brasileiras: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 194.

da modernidade, o tempo do mundo parece, pouco a pouco, aproximar-se da filosofia postulada pelos franceses. O diagnóstico de Schwarz é de que a ideologia francesa, os autores ligados à formação de Silviano e à *intelligentsia* brasileira maturada à reboque, tornaram-se pensamento e avatares do período de desmobilização: “a desestabilização dos sujeitos, das identidades, dos significados, das teleologias — especialidades enfim do exercício de leitura pós-estruturalista — adquiriu uma dura vigência prática”³⁸⁵. Assim, o teor movediço do desconstrucionismo, sobretudo aquele por aportar em solo brasileiro — já deglutido pelos norte-americanos —, acaba por revelar a verdade do nosso tempo histórico a partir do seu avesso. Ou seja, o fim do regime soviético, a generalização da forma mercadoria, a consumação da hegemonia neoliberal, a desintegração das utopias no horizonte político surge, na leitura de Schwarz e continuada por Paulo Arantes³⁸⁶, como realização da ideologia francesa, da desconstrução. Ao fim e ao cabo, a realidade acaba por imitar a filosofia, na medida em que a teoria francesa termina por figurar como a lógica cultural do capitalismo avançado. O real se torna conceito e o conceito se torna real, como poderia dizer Arantes, numa formulação de fundo hegeliano³⁸⁷. Lembremos rapidamente que o diagnóstico de Schwarz dar-se-ia muito mais a pensar a condição brasileira do que a filosofia e o quadro geral das ideias na França, produzindo algo próximo do que Arantes denominou “História concisa da Ideologia Francesa contada por brasileiros”³⁸⁸ em *Formação e desconstrução: Uma visita ao Museu da Ideologia* (2021). Dessa forma, precisaríamos, antes de ler e julgar Foucault, Deleuze e Derrida, pensar de que maneira a importação dessas ideias ganha ou não um respaldo material na concretude brasileira, quer dizer, como essas ideias, lidas no Brasil, encontram um

³⁸⁵ SCHWARZ, Roberto. “Fim de século” In: *Sequências brasileiras: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 194-195.

³⁸⁶ ARANTES, Paulo Eduardo. *O fio da meada: Uma conversa e quatro entrevistas sobre Filosofia e Vida Nacional*. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 220-221.

³⁸⁷ ARANTES, Paulo Eduardo. *Formação e desconstrução: Uma visita ao Museu da Ideologia Francesa*. São Paulo: Editora 34, 2021, p. 20-21.

³⁸⁸ ARANTES, Paulo Eduardo. *Formação e desconstrução: Uma visita ao Museu da Ideologia Francesa*. São Paulo: Editora 34, 2021, p. 84.

fundo histórico e a que tipo de forças elas se situam contra — afinal, como nos ensina Santiago, “falar, escrever, significa: falar contra, escrever contra”³⁸⁹.

Ora, se o inimigo declarado da tradição crítica foi explicitado no debate público, com os irmãos Campos, em especial Haroldo, que lugar tem Silviano nessa disputa?

Ainda em “Fim de século”, Schwarz, após apresentar a hipótese que sedimenta nossa argumentação, faz uma ressalva importante. Ele lembra que Silviano — que, aliás, estava na plateia assistindo ao seminário — escreveu o primeiro grande ensaio que conjuga Derrida e a matéria brasileira e sublinha, ainda, que o feito de Silviano é anterior à desmobilização — nessa altura, Schwarz se referia à “O entre-lugar do discurso latino-americano”. Assim, utilizando o léxico desconstrucionista para atacar de frente tanto o colonialismo que ainda palpitava no coração da história da literatura quanto o autoritarismo de Estado (a ditadura militar), o pensamento de Silviano, que ajudou a aclimatar a teoria francesa à sua maneira, não se pendurava no ar, mas estava intimamente enfronhado nas questões concretas do presente. Ou ainda, longe de um conformismo tosco, não buscava na discussão exaustiva sobre o discurso e a linguagem o refúgio para com as questões materiais que o cercavam. Schwarz faz a prescrição:

Naquela oportunidade a desconstrução servia como objeção ao paroxismo autoritário da ditadura, assim como à rigidez da esquerda envolvida na luta armada, além de incluir um ligeiro toque de reivindicação latino-americanista, quando questiona o primado do centro sobre a periferia³⁹⁰.

Somado a isso, conseguimos encontrar, por exemplo, na entrevista que fecha a coletânea de textos *Vale quanto pesa* (1982), de Silviano Santiago, um aceno à produção de Schwarz e uma indicação da sobrevida das fórmulas de Antonio

³⁸⁹ SANTIAGO, Silviano. “O entre-lugar do discurso latino-americano” In: *Uma literatura nos trópicos*. Recife: Cepe, 2019, p. 18.

³⁹⁰ SCHWARZ, Roberto. “Fim de século” In: *Sequências brasileiras: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 195.

Candido para a crítica literária³⁹¹, numa clara afinidade intelectual — ou, pelo menos, um reconhecimento da amplitude e da importância de tal tradição.

Em entrevista de 2004, Roberto Schwarz é perguntado sobre seus críticos, em especial Haroldo de Campos, de modo a reviver polêmicas que envolviam a poesia concreta e as críticas feitas por Roberto em jornal, além das denúncias de Haroldo sobre o historicismo de Antonio Candido³⁹². Em dado momento, a figura de Silviano aparece pela voz do entrevistador como alguém que faria a “síntese” entre a tradição crítica e os concretistas, ao que Schwarz retoma a ressalva feita no texto exposto anteriormente, “Fim de século”, lembrando do pioneirismo de Silviano no uso de Derrida para pensar o Brasil e sublinhando novamente as instâncias externas ao texto que, de alguma maneira, clareiam sua leitura de Derrida: “[...] aqui não se tratava só de linguagem, pois o ensaio [sobre o entre-lugar], até onde vejo, deveu a repercussão aos poderes a que se opunha”³⁹³, quer dizer: a ditadura militar, o imperialismo norte-americano, o autoritarismo da esquerda e nosso sentimento de inferioridade cultural diante dos grandes centros. Portanto, amparado por rigor intelectual e honestidade crítica, Schwarz, com a devida distinção entre leitores de Derrida, parece realocar Silviano para longe de *O sequestro do barroco na formação da literatura brasileira* (1989), de Haroldo de Campos, indo em direção a alguém que, apesar da construção do argumento divergir do quadro geral em que a tradição dialética se insere, não perde de vista os problemas materiais que se impõe na realidade brasileira.

Se a aclimação das ideias é um problema essencial para a literatura brasileira desde pelo menos Machado de Assis, em fins do século XIX, a vinda do pós-estruturalismo não escapa deste estorvo. Como tentei precisar, nesta dissertação, Silviano trouxe, em seus textos, o primado de autores como Foucault e Derrida mediado pela leitura de escritores brasileiros — canônicos e contemporâneos —, sua atividade como professor em solo estrangeiro, seu esforço

³⁹¹ SANTIAGO, Silviano. “Entrevista” In: *Vale quanto pesa: ensaios sobre questões político-culturais*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 194-196.

³⁹² SCHWARZ, Roberto. “Na periferia do capitalismo” In: *Martinha versus Lucrecia: Ensaio e entrevistas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 295-298.

³⁹³ SCHWARZ, Roberto. “Na periferia do capitalismo” In: *Martinha versus Lucrecia: Ensaio e entrevistas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 299.

de deslocamento como pesquisador em um campo que lhe era nacionalmente estranho, além de estar no olho do furacão das disputas políticas. Portanto, a recepção das ideias vindas de fora, como demonstrei, foi amplamente balizada pela experiência histórica e podada pelas demandas dos objetos escrutinados, a saber a literatura brasileira e a cultura de massa, além de constar como pedra angular ao passar a limpo sua própria vida, enredando sua grafia-de-vida em questões concretas e jogando-a num entre-lugar.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

ALTHUSSER, Louis; BALIBAR, Étienne. *Lire le Capital I*. Paris: Éditions Maspero, 1968.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Nova reunião: 23 livros de poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ANDRADE, Oswald de. “Manifesto Antropófago”. In: *A utopia antropofágica*. São Paulo: Globo, 2011, p. 67-74.

ARANTES, Paulo Eduardo. *Formação e desconstrução: Uma visita ao Museu da Ideologia Francesa*. São Paulo: Editora 34, 2021.

ARANTES, Paulo Eduardo. *O fio da meada: Uma conversa e quatro entrevistas sobre Filosofia e Vida Nacional*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

ASAD, Talal. “Introdução à *Anthropology and the Colonial Encounter*”. *Revista Ilha*, v. 19, n. 2, 2017, p. 313-327.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2016.

ASSIS, Machado de. “Instinto de nacionalidade” In: *Obra completa*. Vol.III. Org. Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.

BANDEIRA, Manuel. *Guia de Ouro Preto*. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Saúde, 1938.

BANDEIRA, Manuel. *Manuel Bandeira: seleta de prosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

BARILE, João Pombo. Silvano Santiago revisita o clássico 'Em liberdade', que ganha nova edição. *Estado de Minas*, Minas Gerais, 22/04/2022. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2022/04/22/interna_pensar,1361562/silvano-santiago-revisita-o-classico-em-liberdade-que-ganha-nova-edicao.shtml

BELING, Romar. Todos os tempos de Silviano Santiago. *Gazeta do Sul (GAZ)*, Santa Cruz do Sul, 04/04/2021. Disponível em: <https://www.gaz.com.br/entrevista-todos-os-tempos-de-silviano-santiago/>

BOMENY, Helena; OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Entrevista com Silviano Santiago. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, nº 30, 2002, p. 147-173. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/336.pdf>

BOTELHO, André. Penetrável esquecimento: Estudo para retrato inacabado de Silviano Santiago. *BVPS: Blog da Biblioteca Virtual do Pensamento Social*, 2021. Disponível em: <https://blogbvps.wordpress.com/2021/04/29/penetravel-esquecimento-estudo-para-retrato-inacabado-de-silviano-santiago-por-andre-botelho/>

BOTELHO, André. “A Paixão segundo Nava”. In: BOTELHO, André; HOELZ, Maurício; BITTENCOURT, Andre. *A sociedade dos textos*. Belo Horizonte: Relicário, 2022, p. 161-176.

BOTELHO, André. “Cosmopolitismos e interpretações do Brasil. Puxando conversa com Silviano Santiago e Mário de Andrade”. In: MELO MIRANDA, Wander (org). *Suplemento Literário Especial Silviano*, Belo Horizonte, maio /2017.

BOTELHO, André. “Dois estudos para retrato inacabado de Silviano Santiago”. In: BOTELHO, André; HOELZ, Maurício; BITTENCOURT, Andre. *A sociedade dos textos*. Belo Horizonte: Relicário, 2022, p. 201-216.

BOTELHO, André; HOMBEECK, Lucas van. O balão, o serrote e o indivíduo: cosmopolítica do memorialismo modernista. *Revista Brasileira de Sociologia*, Vol 10, No. 25, Mai-Ago/2022, p. 36-62.

CALDWELL, Helen. *The Brazilian Othello of Machado de Assis*. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 1960.

CAMPBELL, Colin. “The tyranny of the Yale critics”. *New York Times*, Nova Iorque, 9 de fevereiro de 1986. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1986/02/09/magazine/the-tyranny-of-the-yale-critics.html?module=Search&mabReward=relbias%3Aw%2C%7B%22%22%3A%22RI%3A15%22%7D>

CAMUS, Albert. *A peste*; tradução de Valerie Rumjanek Chaves. Rio de Janeiro: Record, 1996.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. “Esquema de Machado de Assis” In: *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011, p. 15-35.

CARON, Jean-Pierre. “Vertigens da referência sobre *Formação e desconstrução de Paulo Arantes*”. *Revista Estilhaço*, Janeiro de 2023. Disponível em <https://www.xn--estilhao-y0a.com.br/vertigensdareferencia>

CLASTRES, Pierre. “Entre Silence et Dialogue”. In: BELLOUR, Raymond; CLÉMENT, Cathérine (orgs.). *Claude Lévi-Strauss*. Paris: Gallimard, p. 33-38.

COSTA LIMA, Luiz. Fios do Tempo. Sou um comparatista? *Ateliê de Humanidades*, 2021. Disponível em <https://ateliedehumanidades.com/2021/11/11/fios-do-tempo-sou-um-comparatista-por-luiz-costa-lima/>

COUCHOT, Hervé. Autobiographie et philosophie mêlées — Notes sur un « entretien impossible » de Michel Foucault avec Claude Bonnefoy. *Bulletin of the Faculty of Foreign Studies*, Sophia University, No.47, 2012, p. 99-136.

COURI, Norma. Esses jovens mestres e suas teses maravilhosas (Quem as entende?). Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil*, 14/11/1977, Caderno B, p. 1.

DELEUZE, Gilles. La gauche selon Deleuze. *Palimpsestes*, avril, 2009. Disponível em http://palimpsestes.fr/gauche/deleuze_gauche.html#reprise

DELEUZE, Gilles. *A ilha deserta: e outros textos*; edição preparada por David Lapoujade. São Paulo: Iluminuras, 2006.

DERRIDA, Jacques. "La double séance". In: *La dissémination*. Paris: Seuil, 1972, p. 199-317.

- DERRIDA, Jacques. *De la grammatologie*. Paris: Les éditions de Minuit, 1967.
- DERRIDA, Jacques. *L'écriture et la différence*. Paris: Éditions du Seuil, 1967.
- DERRIDA, Jacques. *La dissémination*. Paris: Seuil, 1972 [E-PUB].
- DERRIDA, Jacques. *La pharmacie de Platon*. Paris: Éditions Flammarion, 1995.
- DOUBROVSKY, Serge. « Les points sur les ‘i’ » In: *Genèse et autofiction*, Jean-Louis Jeannelle et Catherine Viollet (dir.), Louvain-la-Neuve, Academia-Bruylant, coll. « Au coeur des textes », n°6, 2007.
- DUARTE, Mateus Sanches. “Cinemanguear”. In: CAVOUR, Diogo; BARAT, Aïcha; FISZON, Feiga; SILVA, Gabriel Martins da. (Org.). *Ecos de 1922: Modernismo no cinema brasileiro*. Rio de Janeiro: CCBB, 2022, p. 215-230.
- DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU/Editora PUC-Rio, 2009.
- ELIOT, Thomas Stearns. "Ulysses, Order, and Myth". *The Dial*, Volume LXXV, Number 5. November, 1923, p. 480-483.
- ERIBON, Didier. *Michel Foucault, 1926-1984*; tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- ESCRITORES e livros. *Correio da manhã*, Rio de Janeiro, 01/08/1964, 2º Caderno, p. 4.
- ESTUPIÑÁN, Mary Luz; FREIRE, Raúl Rodríguez. “Crítica y diferencia. Entrevista a Silvano Santiago”. In: SANTIAGO, Silvano. *Una literatura en los trópicos*. Ensayos de Silvano Santiago. Santiago de Chile: Escaparate ediciones, 2012, p. 257-277.
- FOUCAULT, Michael. *Le beau danger: Entretien avec Claude Bonnefoy*. Édition établie et présentée par Philippe Artières. Paris: éditions EHESS, 2011.
- FOUCAULT, Michel. « Qu’est-ce qu’un auteur ? », *Dits et écrits*, vol. I, 1954-1975. Paris: Gallimard, 2001.

FREITAS, Eber. Os relatórios de Graciliano Ramos, ou o Político que nós queremos. *Livreiro Nômade*, 2015. Disponível em: <http://www.livreironomade.com.br/2015/06/os-relatorios-de-graciliano-ramos-ou-o.html>

GABEIRA, Fernando. *O que é isso, companheiro?* São Paulo Companhia das Letras, 2009.

GIDE, André. *Les faux-monnayeurs*. Paris: Gallimard, Collection Folio (nº 879), 1972.

GOMES, Renato Cordeiro. "A cosmópolis na mira de uma província ultramarina". In: MELO MIRANDA, Wander (org). *Suplemento Literário Especial Silviano*, Belo Horizonte, maio /2017, p. 7-9.

HOELZ, Maurício. "Cosmopolítica do entre-lugar". In: BOTELHO, André; HOELZ, Maurício; BITTENCOURT, Andre. *A sociedade dos textos*. Belo Horizonte: Relicário, 2022, p. 217-237.

HOISEL, Evelina. "Silviano Santiago e a disseminação do saber" In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo. *Navegar é preciso, viver: escritos para Silviano Santiago*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Salvador: EDUFBA; Niterói: EDUFF, 1997, p. 43-49.

KATRI MORITZ SCHWARCZ, Lilia. Silviano Santiago: elogio e crítica a Lévi-Strauss, ou Lévi-Strauss como texto e bom pretexto. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, [S. l.], v. 30, n. 1, p. 83–94, 2020.

KIFFER, Ana. Corpo, memória, cadeia: o que pode o corpo escrito?. *Alea: Estudos Neolatinos* [online], v. 8, n. 2, 2006, p. 263-280.

KIFFER, Ana. *Do porão ao mar: o corpo em Memórias do Cárcere*. Dissertação de Mestrado em Letras. Pontifícia Universidade Católica. Rio de Janeiro, 1995.

KLINGER, Diana. Uma genealogia da generosidade. *BVPS: Blog da Biblioteca Virtual do Pensamento Social*, 2021. Disponível em: <https://blogbvps.wordpress.com/2021/02/17/uma-genealogia-da-generosidade-por-diana-klinger/>

KOFMAN, Sarah. *L'enfance de l'art: Une interprétation de l'esthétique freudienne*. Paris: Éditions Galilée, 1985.

KOFMAN, Sarah. *Lectures de Derrida*. Paris: Éditions Galilée, 1984.

LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Éditions du Seuil, 1975.

LÉVI-STRAUSS, Claude. "Jean-Jacques Rousseau, fundador das ciências do homem". In: *Antropologia estrutural dois*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1993, p. 41-51.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Race et histoire: suivi de L'œuvre de Claude Lévi-Strauss par Jean Pouillon*. Paris: Folio, 1987.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes tropiques*. Paris: Librairie Plon, 1955.

LÉVI-STRAUSS, Claude. « Introduction à l'œuvre de Marcel Mauss » In: MAUSS, Marcel. *Sociologie et anthropologie*; Précédé d'une Introduction à l'œuvre de Marcel Mauss par Claude Lévi-Strauss. Paris: PUF, 1950, p. 2-33. Disponível em http://palimpsestes.fr/textes_philo/levi_strauss/surmauss.pdf

LIMA, Luiz Costa. *Estruturalismo e teoria da literatura*. Petrópolis: Vozes, 1973.

LIMA, Luiz Costa. *O Estruturalismo de Lévi-Strauss*. Petrópolis: Vozes, 1970.

LIMA, Matheus Ribeiro Alves de. *Michel Foucault: o intelectual enquanto superastro*. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2022.

LIMA, Rachel Esteves. Imagens da memória da Faculdade de Letras. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, [S. l.], v. 18, n. 2, 2008, p. 91–104.

LIMA, Rachel Esteves; SOUZA, Eneida Maria de. ENTREVISTA com Eneida Maria de Souza. *Cadernos de estudos culturais*, Campo Grande, MS, v. 1, jul./dez. 2014, p. 135-150.

LOPES, Adília. *Aqui estão as minhas contas: antologia poética de Adília Lopes*; prefácio e seleção Sofia de Sousa Silva. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

MARTINS, Wilson. Como diz Derrida.... Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil*, 16/06/1979, Livro, p. 2.

MARTINS, Wilson. Literatura de folhetos. Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil*, 07/06/1980, Caderno B, p. 11.

MCE suaviza linha e vai reduzir taxas nas relações com terceiros. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 31/07/1962, 1º Caderno, p. 7.

MECIANO, Raphael. Silviano Santiago e a desconstrução: entrevista com Silviano Santiago. *Remate de Males*, Campinas, SP, v. 38, n. 1, p. 437-453, 2018.

MELLO, Jefferson. Os estudos literários brasileiros nos anos 1970 e o lugar da teoria no trabalho de Luiz Costa Lima. *Remate de Males*, Campinas, SP, v. 40, n. 2, 2020, p. 697–722.

MERQUIOR, José Guilherme. Da arte de desentender. Minas Gerais, *Suplemento Literário*, 29/12/1973.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*, São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MIRANDA, Wander Melo. *Corpo Escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

MORICONI, Italo. O século biográfico. *REVISTA Z CULTURAL* (UFRJ), Ano XVI, v. 2, 2021. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/o-seculo-biografico/>

MOTA, Carlos Guilherme. “Prefácio, nas asas do Panair”. In: SANTIAGO, Silviano. *Crescendo durante a guerra numa província ultramarina*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978, p. 11-14.

MOURA, Murilo Marcondes de. Carlos Drummond de Andrade e o sentimento do mundo. In: *Caderno de leituras Carlos Drummond de Andrade: orientação para o trabalho em sala de aula*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 19-37.

MURICY, Katia. “Ecce homo: a autobiografia como gênero filosófico”. In: *Figuras da verdade: Nietzsche, Benjamin e Foucault*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Belo Horizonte: Relicário, 2020, p. 11-36.

NANCY, Jean-Luc. *L'Intrus*. Paris: Éditions Galilée, 2000.

NEVES, Jefferson Expedito Santos. *A crítica em devir: uma análise da trajetória intelectual de Eneida Maria de Souza*. Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA, 2017.

NIETZSCHE, Friederich. *Crepúsculo dos ídolos*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. Nietzsche / Ecce Homo (1888) Préface et Introduction. *La philosophie à Paris* 8, 2010. Disponível em: <https://www.la-philosophie.fr/article-nietzsche-ecce-homo-1888-preface-introduction-63821690.html>

NOLL, João Gilberto. Colagem poética. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 31/03/1979, p. 3.

OLIVEIRA, Francisco de. Viagem ao Olho do Furacão: Celso Furtado e o Desafio do Pensamento Autoritário Brasileiro. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo - SP, v. 48, 1997, p. 3-19.

PEDROSA, Celia. "A poesia como aceno e salto". In: MELO MIRANDA, Wander (org). *Suplemento Literário Especial Silviano*, Belo Horizonte, maio /2017, p. 13-15.

PEDROSA, Celia. *Antonio Candido: A Palavra Empenhada*. São Paulo/Niterói: EDUSP/EDUFF, 1995.

PEIXOTO, Mariana. "Política é invenção", defende o escritor e crítico Silviano Santiago. *Estado de Minas*, Minas Gerais, 17/02/2021. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2021/02/17/interna_cultura,1238489/politica-e-invencao-defende-o-escritor-e-critico-silviano-santiago.shtml

PENNA, João Camillo. Formações do sujeito colonial: suplemento, dependência, cosmopolitismo. *Alea*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 295-306, dez. 2012.

PRADO JR., Bento. "O relativismo como contraponto". *Folha de São Paulo*, São Paulo, 26/06/1994. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/6/26/mais!/5.html>

PRADO, Paulo. “Poesia Pau-Brasil”. In: ANDRADE, Oswald de. *Poesias reunidas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 15-19.

QUEIROZ, Christina. Silviano Santiago: o literato cosmopolita. *Revista FAPESP*, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/silviano-santiago-o-literato-cosmopolita/>

RAMOS, Julio. Los viajes de Silviano Santiago. Conversación con Julio Ramos. *Zama - Revista del Instituto de Literatura Hispanoamericana*, v. 4, n. 4, 2012, p. 185-196.

ROUCHOU, Joëlle; GUIMARÃES, Júlio Castañon. Silviano Santiago. *Revista Escritos*, Ano 1, n.1, 2007, p. 259-284.

SÁ CORRÊA, Marcos. O Político do Prazer. *Veja*, p. 122-125, nº 585, 21/11/1979.

SANT’ANNA, Affonso Romano de. *Análise estrutural de romances brasileiros*. São Paulo: Ed. Unesp, 2012.

SANT’ANNA, Affonso Romano de. *Música popular e moderna poesia brasileira*. São Paulo: Landmark, 2004.

SANT’ANNA, Affonso Romano de. “É isso aí, companheiro”. Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil*, 25/11/1979, Especial, p. 1.

SANT’ANNA, Affonso Romano de. “Foucault: 40 anos depois”. In: KIFFER, Ana; GUIMARAENS, Francisco de; ROCHA, Mauricio; ANDRADE, Paulo Fernandes Carneiro de. *Michel Foucault no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; NAU, 2015, p. 39-51.

SANT’ANNA, Affonso Romano de. “Quando Foucault veio ao Rio”. In: *A sedução da palavra*. Brasília: Letra Viva, 2000.

SANTIAGO, Silviano. *35 ensaios de Silviano Santiago*: seleção e introdução Italo Moriconi. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTIAGO, Silviano. A quarta-feira de cinzas da humanidade. *Suplemento Pernambuco*, 2020. Disponível em:

<http://suplementopernambuco.com.br/artigos/2460-a-quarta-feira-de-cinzas-da-humanidade.html>

SANTIAGO, Silvano. A terceira margem proposta pelos escritos de Jacques Derrida. *BVPS: Blog da Biblioteca Virtual do Pensamento Social*, 2020. Disponível em: <https://blogbvps.wordpress.com/2020/10/01/a-terceira-margem-proposta-pelos-escritos-de-jacques-derrida-por-silviano-santiago/>

SANTIAGO, Silvano. A viagem de Lévi-Strauss aos trópicos. *Scripta*, v. 4, n. 8, p. 85-97, 9 mar. 2001.

SANTIAGO, Silvano. André Gide por Silvano Santiago. *Folha de São Paulo*, São Paulo, domingo, 30/09/2007. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs3009200707.htm>

SANTIAGO, Silvano. *Aos sábados, pela manhã: sobre autores & livros*; organização e prefácio de Frederico Coelho. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

SANTIAGO, Silvano. *As raízes e o labirinto da América Latina*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

SANTIAGO, Silvano. *Biografia de um romance: Os moedeiros falsos, de André Gide*. Tradução de Anamaria Skinner, revista pelo autor. Manuscrito, 1968.

SANTIAGO, Silvano. *Carlos Drummond de Andrade*. Petrópolis: Editora Vozes, 1976.

SANTIAGO, Silvano. *Cheiro forte*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

SANTIAGO, Silvano. *Crescendo durante a guerra numa província ultramarina*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

SANTIAGO, Silvano. *De cócoras*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

SANTIAGO, Silvano. Drummond: mito de começo, mito de origem. *Suplemento Pernambuco*, 2020. Disponível em: <https://suplementopernambuco.com.br/artigos/2574-drummond-mito-de-come%C3%A7o,-mito-de-origem.html?tmpl=component&print=1&page=>

SANTIAGO, Silviano. *Em liberdade: uma ficção de Silviano Santiago*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

SANTIAGO, Silviano. Entrevista: Questões para Silviano Santiago. *Floema* - Ano IX, n. 11, jul./dez. 2015, p. 11-21.

SANTIAGO, Silviano. *Fisiologia da composição*. Recife: Cepe, 2020.

SANTIAGO, Silviano. *Glossário de Derrida*; trabalho realizado pelo Departamento de Letras da PUC/RJ, supervisão geral de Silviano Santiago. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976.

SANTIAGO, Silviano. Graciliano Ramos e a criação de uma linguagem original. *Suplemento Pernambuco*, 2018. Disponível em: <http://www.suplementopernambuco.com.br/artigos/2159-graciliano-ramos-e-a-cria%C3%A7%C3%A3o-de-uma-linguagem-original.html>

SANTIAGO, Silviano. Literatura e confinamento, a solidão. *Suplemento Pernambuco*, 2020. Disponível em: <http://suplementopernambuco.com.br/artigos/2489-literatura-e-confinamento,-a-solid%C3%A3o.html>

SANTIAGO, Silviano. *Machado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SANTIAGO, Silviano. Mário, Oswald e Carlos, intérpretes do Brasil. *ALCEU*, v.5, n.10, jan./jun. 2005, p. 5-17.

SANTIAGO, Silviano. *Menino sem passado: (1936-1948)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

SANTIAGO, Silviano. Mestre Graça não é piedade. Edição Especial Prosa e Verso, *Jornal O Globo*, 20/07/2013.

SANTIAGO, Silviano. *Mil rosas roubadas*: romance. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*: ensaios. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

SANTIAGO, Silviano. *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

SANTIAGO, Silviano. O sistema de pós-graduação norte-americano e a tradição francesa. *Cadernos de estudos culturais*, Campo Grande, MS, v. 1, jul./dez. 2014, p. 125-135.

SANTIAGO, Silviano. *Ora (direis) puxar conversa!/: ensaios literários*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

SANTIAGO, Silviano. Ouroboros. *Modern Language Notes*, Dec., 1971, Vol. 86, No. 6, p. 790-792.

SANTIAGO, Silviano. *Ruptura e tradição: Uma literatura nos trópicos 40 anos*. Entrevista concedida a Andre Bittencourt e Maurício Hoelz. Blog BVPS, [S. l.], 09 set. 2018. Disponível em: <https://blogbvps.wordpress.com/2018/09/09/ruptura-e-tradicao-uma-literatura-nos-tropicos-40-anos-entrevista-com-silviano-santiago/>

SANTIAGO, Silviano. Silviano 8½. *Projeto MinasMundo*, 2020. Disponível em <https://projetominasmundo.com.br/memoria/silviano-8-1-2/>

SANTIAGO, Silviano. Silviano Santiago. *Literatura e Sociedade*, [S. l.], v. 14, n. 11, 2009, p. 52-53. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/l/article/view/24635>.

SANTIAGO, Silviano. Sobre ser hóspede de Graciliano Ramos. *Suplemento Pernambuco*, 2020. Disponível em: <http://www.suplementopernambuco.com.br/in%C3%A9ditos/2589-silviano-santiago-sobre-ser-h%C3%B3spede-de-graciliano-ramos.html>

SANTIAGO, Silviano. *Stella Manhattan: romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. Recife: Cepe, 2019.

SANTIAGO, Silviano. *Vale quanto pesa: ensaios sobre questões político-culturais*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SANTIAGO, Silviano. *Viagem ao México*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

SANTIAGO, Silviano. “A literatura brasileira da perspectiva pós-colonial — Um depoimento” In: NOLASCO, Edgar César; MEDEIROS, Pedro Henrique Alves de. *Um livro para Silviano Santiago: entre-lugares críticos e literários*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020, p. 31-51.

SANTIAGO, Silviano. “A palavra de Deus”. *Barroco*, n. 3, Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1971, p. 7-13.

SANTIAGO, Silviano. “Anatomia da formação”. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 7 de setembro de 2014. Ilustríssima. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrissima/184397-anatomia-da-formacao.shtml#:~:text=Levava%20o%20t%C3%ADtulo%20de%20%22A,de%20empr%C3%A9stimo%20a%20Joaquim%20Nabuco>

SANTIAGO, Silviano. “Desconstrução e descentramento”. In: PORTELLA, Eduardo. *A linguística hoje*. Tempo Brasileiro, (32). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973, p. 76-97.

SANTIAGO, Silviano. “Fragmento de *Les faux-monnayeurs*: (Edição de um manuscrito inédito)”. *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, a. 9, n. 29-30, 1966.

SANTIAGO, Silviano. “Meditação sobre o ofício de criar”. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, [S.l.], v. 18, dez. 2008, p. 173-179.

SANTIAGO, Silviano; COELHO, Frederico. *Encontros: Silviano Santiago* / organização Frederico Coelho. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2011.

SANTOS, Jair Ferreira dos. Um guia para penetrar no mundo intencionalmente obscuro de Derrida. Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil*, 14/11/1976, p. 11.

SARTRE, Jean-Paul. *Les mots*. Paris: Gallimard, 1995.

SARTRE, Jean-Paul. *Situations II*. Paris: Gallimard, 1948.

SCHWARZ, Roberto. *Martinha versus Lucrecia: Ensaios e entrevistas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SCHWARZ, Roberto. *Sequências brasileiras: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012.

SILVA, Gabriel Martins da. “Silviano Santiago confinado”. *Alter / Revista de filosofia e cultura da PUC-Rio*, v. 16, n. 1, p. 140-144, 2022.

SKINNER, Anamaria. “Silviano e Derrida, contemporâneos radicais” In: SANTIAGO, Silviano. *Glossário de Derrida*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2020, p. 115-125.

SKINNER, Anamaria. Os outros. Prosa e Verso, Jornal *O Globo*, 04/10/2014.

SOUZA, Eneida Maria de. *A barca dos homens: a viagem e o rito*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1975.

SOUZA, Eneida Maria de. *Des mots, des langages et des jeux: une lecture de Macunaíma de Mário de Andrade*. 1982. Tese (Doutorado de 3o ciclo) - Université de Paris VII, Paris, 1982.

SOUZA, Eneida Maria de. Luiz Costa Lima: crítica em palimpsesto. *Cadernos de Pesquisa*, Belo Horizonte, n. 7, p. 12, nov. 1992, p. 1-44.

SOUZA, Eneida Maria de. Narrar é glosar, viver é narrar. *Matraga - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ*, [S.l.], v. 23, n. 39, dez. 2016, p. 47-59.

SOUZA, Eneida Maria de. *Pedro Nava: o risco da memória*. Juiz de Fora: FUNALFA Edições, 2004.

SOUZA, Eneida Maria de. Silviano, autor de Derrida. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, [S. l.], v. 30, n. 1, p. 65–81, 2020.

SOUZA, Eneida Maria de. *Tempo de pós-crítica*. Belo Horizonte: Núcleo de Assessoramento à Pesquisa da Faculdade de Letras/UFMG, 1995.

SOUZA, Eneida Maria de. “A crítica biográfica” In: *Janelas indiscretas: ensaios de crítica biográfica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 17-26.

SOUZA, Eneida Maria de. “A traição autobiográfica”. *Margens / Márgenes: Revista de Cultura (2002-2007)*, [S.l.], n. 06/07, 2005, p. 24-31.

SOUZA, Laura de Mello e. *Cláudio Manuel da Costa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Rosa e Clarice, a fera e o fora. *Revista Letras*, [S.l.], v. 98, nov. 2019, p. 9-30.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “As categorias de sintagma e paradigma nas análises míticas de Lévi-Strauss”. In: PORTELLA, Eduardo. *A linguística hoje*. Tempo Brasileiro, (32). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973, p. 112-131.

WAIZBORT, Leopoldo. “Fernando Gabeira e sua trilogia do retorno” In: MICELI, Sérgio; MYERS, Jorge. *Retratos latino-americanos: a recordação letrada de intelectuais e artistas do século XX*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2019, p. 140-153.

WISNIK, José Miguel. *Maquinação do Mundo: Drummond e a mineração*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.